



**MINISTÉRIO DA DEFESA
EXÉRCITO BRASILEIRO
COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES**

**CADERNO DE INSTRUÇÃO
COMPANHIA DE FUZILEIROS**

**1ª Edição
2025**



**MINISTÉRIO DA DEFESA
EXÉRCITO BRASILEIRO
COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES**

**CADERNO DE INSTRUÇÃO
COMPANHIA DE FUZILEIROS**

**1ª Edição
2025**

PORTARIA COTER/C Ex Nº 605, DE 07 DE OUTUBRO DE 2025

EB: 64322.024318/2025-92

Aprova o Caderno de Instrução CI 3.7-100 -
Companhia de Fuzileiros, 1ª Edição, 2025.

O **CHEFE DO PREPARO DA FORÇA TERRESTRE**, no uso da atribuição que lhe confere o inciso VII do art. 6 do Regulamento do Comando de Operações Terrestres (EB10-R-06.001), aprovado pela Portaria do Comandante do Exército nº 914, de 24 de junho de 2019, e de acordo com o que estabelecem os artigos 5º, 12 e 44 das Instruções Gerais para as Publicações Padronizadas do Exército (EB10-IG-01.002), aprovadas pela Portaria do Comandante do Exército nº 770, de 7 de dezembro de 2011, e alteradas pela Portaria do Comandante do Exército nº 1.266, de 11 de dezembro de 2013, resolve:

Art. 1º Fica aprovado o Caderno de Instrução CI 3.7-100 - Companhia de Fuzileiros, 1ª Edição, 2025, que com esta baixa.

Art. 2º Fica revogado o Manual de Campanha C 7-10 - COMPANHIA DE FUZILEIROS, 2ª Edição, aprovado pela Portaria nº 163-EME, de 27 SET 1973.

Art. 3º Esta portaria entrará em vigor a partir de sua publicação.

Gen Bda ALEXANDRE PFAENDER JUNIOR
Chefe do Preparo da Força Terrestre

(Publicada no Boletim do Exército nº 42, de 17 de outubro de 2025)

FOLHA REGISTRO DE MODIFICAÇÕES (FRM)

NÚMERO DE ORDEM	ATO DE APROVAÇÃO	PÁGINAS AFETADAS	DATA

ÍNDICE DOS ASSUNTOS

	Pag
CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO	
1.1 Finalidade	1-1
1.2 Considerações iniciais	1-1
1.3 A Companhia de Fuzileiros	1-1
 CAPÍTULO II - PRINCÍPIOS DA AERODINÂMICA	
2.1 Considerações iniciais	2-1
2.2 Responsabilidades funcionais	2-1
2.3 Ligações e comunicações na Companhia de Fuzileiros	2-6
2.4 planejamento e condução das operações	2-9
2.5 Sincronização	2-11
 CAPÍTULO III – APOIO DE FOGO	
3.1 Considerações iniciais	3-1
3.2 Classificação dos fogos	3-4
3.3 Meios de apoio de fogo	3-4
3.4 Formas de emprego	3-5
3.5 Coordenação do apoio de fogo	3-6
3.6 Emprego tático de fumígenos	3-25
 CAPÍTULO IV – LOGÍSTICA	
4.1 Considerações iniciais	4-1
4.2 Logística na Companhia de Fuzileiros	4-1
4.3 Função logística suprimento	4-7
4.4 Função logística saúde	4-12
4.5 Função logística manutenção	4-12
4.6 Função logística transporte	4-14
4.7 Função logística recursos humanos	4-14
 CAPÍTULO V – MOVIMENTOS DE TROPAS	
5.1 Considerações iniciais	5-1
5.2 Planejamento e execução	5-2
5.3 Estacionamentos	5-4

CAPÍTULO VI – OFENSIVA

6.1 Considerações iniciais	6-1
6.2 Tipos de Operações	6-2
6.3 Marcha para o Combate	6-3
6.4 Reconhecimento em Força	6-18
6.5 Ataque	6-19
6.6 Ataque de Infiltração	6-39
6.7 Ataque noturno ou sob condições de visibilidade limitada	6-46
6.8 Ataque em ambiente urbano	6-51
6.9 Aproveitamento do êxito	6-55
6.10 Perseguição	6-56
6.11 Outras Ações Ofensivas	6-57

CAPÍTULO VII – DEFENSIVA

7.1 Considerações iniciais	7-1
7.2 Tipos de operações defensivas	7-2
7.3 Defesa de área	7-5
7.4 Tática e técnicas especiais de defesa	7-32
7.5 Defesa móvel	7-39
7.6 Retraimento	7-40
7.7 Ação retardadora	7-47

CAPÍTULO VIII – ESTABILIZAÇÃO

8.1 Considerações iniciais	8-1
8.2 Características	8-2
8.3 Tipos de operações	8-4

CAPÍTULO IX – OPERAÇÕES COMPLEMENTARES

9.1 Considerações iniciais	9-1
9.2 Reconhecimento	9-1
9.3 Operações de Segurança	9-3
9.4 Substituição de unidades em combate	9-4
9.5 Movimento de Tropas	9-11
9.6 Operações com características especiais	9-11
9.7 Dissimulação	9-22
9.8 Operações de informação	9-23
9.9 Junção	9-23

CAPÍTULO X - OPERAÇÕES DE MOLDAGEM

10.1 Considerações gerais	10-1
---------------------------------	------

CAPÍTULO XI - AÇÕES COMUNS ÀS OPERAÇÕES TERRESTRES

11.1 Considerações iniciais	11-1
11.2 Controle de Danos	11-1
11.3 Inteligência, Reconhecimento, Vigilância e Aquisição de Alvos	11-2
11.4 Proteção de Civis	11-4
11.5 Busca, Resgate e Salvamento	11-4

CAPÍTULO XII – PELOTÃO DE APOIO

12.1 Considerações iniciais	12-1
12.2 Comandante	12-1
12.3 Grupo de Comando	12-2
12.4 Seção de Morteiro	12-2
12.5 Seção Anticarro	12-6
12.6 Comando e Controle	12-8
12.7 Logística	12-10

ANEXO A - EXEMPLO DE ESCALONAMENTO DOS FOGOS NO ATAQUE	A-1
---	------------

ANEXO B - EXEMPLO DE ESCALONAMENTO DOS FOGOS NA DEFESA	B-1
---	------------

ANEXO C - MODELO DE ROTEIRO DA SEÇÃO ANTICARRO	C-1
---	------------

ANEXO D - TABELA DE DISTÂNCIA ESTIMADA DE RISCO	D-1
--	------------

ANEXO E - MODELO DE LISTA E CALCO DE ALVOS DE MORTEIRO	E-1
---	------------

ANEXO F - MODELO DE CARTÃO DE ALCANCE DO CSR	F-1
---	------------

ANEXO G - EXEMPLO DE ORDEM DE OPERAÇÕES DE ATAQUE	G-1
--	------------

ANEXO H - EXEMPLO DE ORDEM DE OPERAÇÕES DE DEFESA	H-1
--	------------

ANEXO I - EXEMPLO DE MATRIZ DE SINCRONIZAÇÃO	I-1
---	------------

REFERÊNCIAS	R-1
--------------------------	------------

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1.1 FINALIDADE

1.1.1 Este caderno de instrução (CI) tem como finalidade apresentar uma orientação doutrinária para o emprego das Companhias de Fuzileiros (Cia Fuz) nos Batalhões de Infantaria (Btl Inf) do Exército Brasileiro (EB), considerando os preceitos doutrinários dos manuais de campanha MC 3.0 OPERAÇÕES (6ª Edição, 2025), EB70-MC-10.335 BATALHÕES DE INFANTARIA (1ª Edição, 2023) e EB20-MC-10.203 MOVIMENTO E MANOBRA (1ª Edição, 2015).

1.1.2 Fornecer elementos para padronizar a instrução militar na Força Terrestre (F Ter).

1.2 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1.2.1 A doutrina que será apresentada destina-se, de forma geral, às Companhias de Fuzileiros incorporadas aos Batalhões de Infantaria Motorizado (BI Mtz), Batalhões de Infantaria de Montanha (BI Mth), Batalhões de Infantaria Paraquedista (BI Pqdt), Batalhões de Infantaria Aeromóvel (BI Amv), Batalhões de Caçadores (BC) e Batalhões de Fronteira (B Fron). Também se destina às Companhias de Infantaria isoladas, respeitando-se as peculiaridades dessas OM.

1.2.2 A doutrina referente ao emprego peculiar das Subunidades (SU) dos Batalhões de Infantaria de Selva (BIS), Batalhões de Infantaria Mecanizados (BI Mec) e Batalhões de Infantaria de Blindados (BIB) será abordada em produtos doutrinários específicos.

1.2.3 Este CI deve ser utilizado em conjunto com outros produtos doutrinários, especialmente aqueles específicos dos diversos escalões da arma e os que regulam os conceitos de operações de moldagem, operações básicas, operações complementares, ações comuns às operações terrestres e emprego em ambientes especiais.

1.3 A COMPANHIA DE FUZILEIROS

1.3.1 DEFINIÇÃO

- A Cia Fuz, independentemente de seu tipo e natureza, é uma tropa de valor SU, apta a realizar combate aproximado, utilizando meios de transporte terrestres, aéreos ou aquáticos para seu deslocamento, com capacidade de operar em qualquer terreno e sob condições meteorológicas adversas.

1.3.2 MISSÕES BÁSICAS

1.3.2.1 Nas Operações Ofensivas (Op Ofs), a Cia Fuz tem como missão cerrar sobre o inimigo para destruí-lo ou capturá-lo, utilizando fogo, movimento e combate aproximado.

Pelo fogo, procura neutralizar o inimigo, permitindo o movimento de suas peças de manobra.

1.3.2.1.1 Pela combinação de fogo e movimento, a Cia Fuz coloca-se nas melhores condições possíveis em relação às posições inimigas.

1.3.2.1.2 Por meio do combate aproximado, a Cia Fuz concretiza o cumprimento da missão, lançando-se violentamente sobre o inimigo pelo assalto, a fim de finalizar sua destruição ou captura.

1.3.2.2 Nas Operações Defensivas (Op Def), a Cia Fuz tem a missão de manter o terreno, impedindo, resistindo, detendo ou repelindo o ataque inimigo por meio do fogo e do combate aproximado, e expulsando ou destruindo o inimigo pelo contra-ataque.

1.3.2.3 Nas Operações de Estabilização, a Cia Fuz tem a missão de contribuir para a defesa dos interesses nacionais, realizando ações cooperativas e/ou coercitivas, a fim de manter ou restabelecer o controle e a segurança de uma determinada área, provendo serviços essenciais e prestando a ajuda humanitária necessária.

1.3.3 CARACTERÍSTICAS DE EMPREGO

1.3.3.1 A Cia Fuz é o menor escalão de combate (Esc Cmb) da infantaria com funções táticas e administrativas. Opera, normalmente, enquadrada em um Btl Inf, que proverá apoio de fogo e logístico

1.3.3.2 Excepcionalmente, poderá combater isoladamente, necessitando para isso receber elementos de apoio de fogo, apoio logístico e apoio ao combate.

1.3.3.3 A Cia Fuz, de qualquer tipo e natureza, deve estar apta a combater a pé.

1.3.3.4 O emprego da Cia Fuz segue a base doutrinária do Btl Inf do qual é orgânica, conforme previsto no EB70-MC-10.335 BATALHÕES DE INFANTARIA (1ª Edição, 2023).

1.3.3.5 As características, possibilidades de limitações da Cia Fuz estão de acordo com o tipo e natureza do BI do qual é orgânica, como especifica o EB70-MC-10.335 BATALHÕES DE INFANTARIA (1ª Edição, 2023).

1.3.4 ORGANIZAÇÃO

1.3.4.1 A Cia Fuz é constituída por uma Seção de Comando (Seç Cmdo), três Pelotões de Fuzileiros (Pel Fuz) e um Pelotão de Apoio (Pel Ap).

1.3.4.2 Eventualmente, a Cia Fuz pode ser reforçada ou apoiada por elementos de manobra, apoio de fogo e apoio ao combate.

1.3.4.3 Cada Pel Fuz é constituído por 3 (três) Grupos de Combate (GC) e um Grupo de Apoio (Gp Ap).

1.3.4.4 O Pel Ap é constituído por uma Seção de Morteiros (Seç Mrt) e uma Seção Anticarro (Seç AC).

1.3.4.5 É importante salientar que os detalhes da organização, da dotação de material e dos cargos de pessoal da Cia Fuz podem variar, dependendo do Quadro de Organização (QO) do Btl Inf da qual é orgânica.

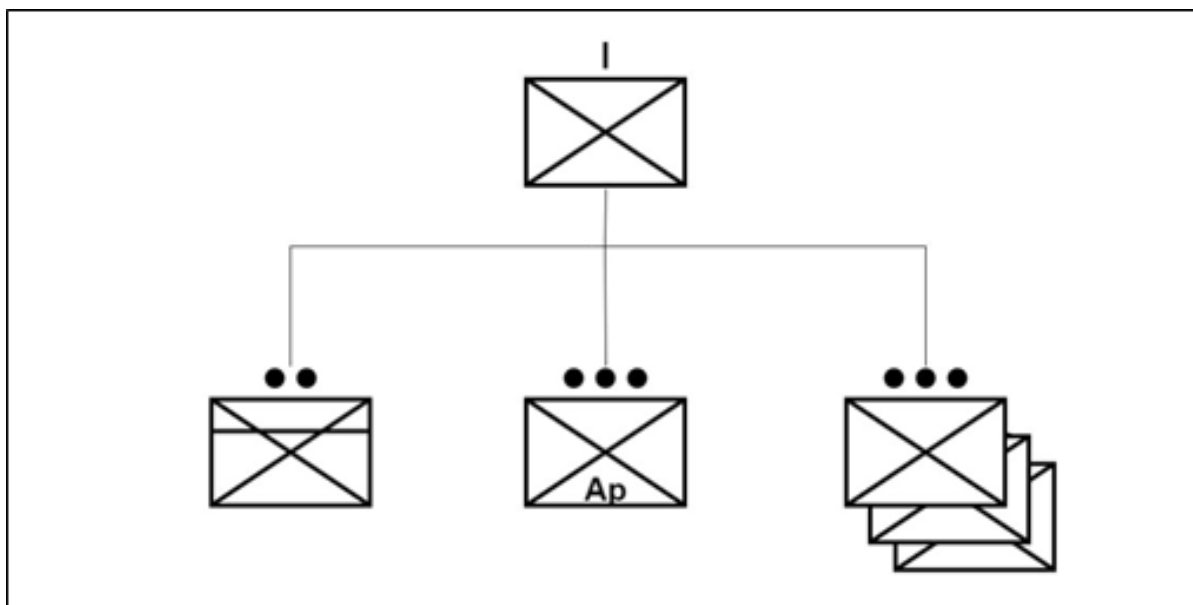


Fig 1-1 - Estrutura Organizacional da Cia Fuz

CAPÍTULO II

COMANDO E CONTROLE

2.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

2.1.1 Comando e Controle (C2) é um processo pelo qual as atividades da Cia Fuz são planejadas, coordenadas, sincronizadas e conduzidas para cumprir a missão.

2.1.2 Abrange pessoal, equipamento, comunicações, instalações e procedimentos necessários para obtenção e análise de informações para o planejamento, expedição de ordens, fiscalização e condução das operações.

2.2 RESPONSABILIDADES FUNCIONAIS

2.2.1 COMANDANTE DA COMPANHIA DE FUZILEIROS

2.2.1.1 O Comandante da Companhia de Fuzileiros (Cmt Cia Fuz) é responsável por tudo o que a SU faz ou deixa de fazer. Desempenha suas atribuições realizando planejamentos, tomando decisões oportunas, emitindo ordens eficientes e exercendo a supervisão e o comando.

2.2.1.1 Seus deveres exigem que tenha um completo conhecimento sobre o emprego tático da SU, técnica do material orgânico, e as possibilidades e limitações de todos as frações subordinadas, bem como sobre os elementos de outras armas que possam reforçar ou apoiar a companhia, ou ainda integrá-la, quando constituir uma Força-Tarefa (FT).

2.2.1.3 O Cmt Cia deve imprimir energia à sua ação de comando, mantendo a disciplina e bem-estar dos integrantes da SU. Ao designar tarefas aos comandantes subordinados, deve levar em conta as suas aptidões e personalidades, além de buscar desenvolver as competências que aprimorarão sua liderança.

2.2.1.4 É por meio da cadeia de comando que Cmt Cia Fuz exerce sua autoridade e estabelece diretrizes, missões e normas para a companhia.

- O funcionamento eficiente da cadeia de comando exige que um grau suficiente de liberdade seja atribuído aos subordinados, para que possam realizar suas tarefas.

2.2.1.5 O Cmt Cia Fuz deve assegurar que suas determinações estejam sendo executadas por meio de fiscalização frequente realizada por ele, pelo SCmt e pelos demais comandantes de frações.

- A eficiência combativa da Cia Fuz somente pode ser aperfeiçoada por uma contínua avaliação das manifestações de aprimoramento técnico-profissional, disciplina, espírito de corpo, iniciativa, liderança, moral e resistência.

2.2.1.6 O Cmt Cia Fuz deve utilizar todos os meios disponíveis para cumprir sua missão, coordenando as atividades da companhia com as demais SU do Btl.

2.2.1.8 Durante os briefings de retorno (*backbriefings*) e ensaios, o Cmt certifica-se que todos os subordinados compreenderam a missão e sua intenção, realizando as correções e ajustes necessários.

2.2.1.9 Durante o cumprimento das missões, o Cmt Cia Fuz deve posicionar-se de forma a otimizar a direção, o controle e a capacidade de intervir nas operações.

2.2.1.10 Em geral, ele se localiza próximo à fração que executa a ação tática principal. No entanto, pode também ocupar um Posto de Observação (PO) ou qualquer outro local em sua zona de ação (Z Aç) onde sua presença seja necessária para melhor coordenar as ações.

2.2.2 SUBCOMANDANTE DA COMPANHIA DE FUZILEIROS

2.2.2.1 O Subcomandante da Companhia de Fuzileiros (SCmt Cia Fuz) é o principal auxiliar e assessor do Cmt Cia Fuz, sendo seu substituto eventual.

2.2.2.2 Deve manter-se constantemente a par da situação e dos planos futuros, a fim de estar em condições de assumir o comando da companhia em qualquer ocasião.

2.2.2.3 É o coordenador da logística da companhia, integrando e sincronizando os planejamentos da logística do pessoal e do material à manobra e ao apoio ao combate, permitindo ao Cmt concentrar-se na condução das ações táticas da companhia.

2.2.2.3 As principais atribuições do SCmt Cia Fuz são:

- a) Verificar se as instruções da tropa estão conforme as diretrizes e os planos do Cmt Cia Fuz;
- b) Coordenar as medidas de segurança adotadas pela Cia Fuz em zona de reunião (Z Reu);
- c) Confeccionar a matriz de sincronização, por ocasião da elaboração de uma ordem de operações;
- d) Assegurar-se da instalação e exploração eficiente dos meios de comunicações da Cia Fuz, para manutenção das ligações necessárias;
- e) Fiscalizar os preparativos da Cia Fuz após a emissão da ordem do Cmt Cia Fuz;
- f) Coordenar a autodefesa antiaérea da companhia, verificando a adoção das medidas passivas (camuflagem, dispersão, ocultação e disfarce) e ativas (posicionamento do armamento antiaéreo orgânico e estabelecimento de sistema de alarme); e
- g) Coordenar a realização dos ensaios das operações.

2.2.2.4 Durante o combate, permanecerá onde o Cmt Cia julgar mais importante, em condições de auxiliá-lo na condução das operações ou substituí-lo caso necessário.

2.2.2.5 Poderá, eventualmente, estar próximo ao Cmt, junto à reserva ou em um dos pelotões de primeiro escalão, ou próximo aos trens da companhia, acompanhando a ação da mesma a partir de um posto de observação.

2.2.3 ENCARREGADO DE MATERIAL

2.2.3.1 O Encarregado de Material (Enc Mat) é o comandante da Seção de Comando da Cia Fuz.

2.2.3.2 As principais atribuições do Enc Mat são:

- a) Auxiliar o SCmt Cia nas tarefas de coordenação da logística de material da SU;
- b) Coordenar o desdobramento e operação da ATSU;
- c) Coordenar o fluxo logístico da SU, em todas as classes de suprimento;
- d) Coordenar a manutenção do MEM da SU;
- e) Coordenar a confecção e distribuição da ração da SU, quando as cozinhas do Btl estiverem desdobradas na ATSU;
- f) Confeccionar a documentação relativa à logística de material da SU; e
- g) Realizar as ligações técnicas necessárias com a 4ª Seção do Btl.

2.2.3.3 Durante o combate, permanecerá na Área de Trens da SU (ATSU), coordenando as tarefas da Seção de Comando naquela instalação.

2.2.4 SARGENTEANTE

2.2.4.1 O Sargenteante (Sgte) é o comandante do Grupo de Comando/Seção de Comando da Cia Fuz.

2.2.4.2 As principais atribuições do Sgte são:

- a) Auxiliar o SCmt Cia nas tarefas de coordenação da logística de pessoal da SU;
- b) Coordenar a evacuação de mortos e feridos da SU;
- c) Controlar os destinos e efetivo da SU;
- d) Confeccionar a documentação relativa ao pessoal da SU;
- e) Distribuir o pessoal recebido como recompletamento; e
- f) Realizar as ligações técnicas necessárias com a 1ª Seção do Btl.

2.2.5 FURRIEL

2.2.4.1 O Furriel é o comandante da Turma de Suprimento/Grupo de Logística/Seção de Comando da Cia Fuz.

2.2.4.2 As principais atribuições do Furriel são:

- a) Operar o Posto de Remuniciamento da Cia Fuz na ATSU; e
- b) Auxiliar o Enc Mat nas tarefas de execução do fluxo logístico da SU, com prioridade para o Sup da classe V (Mun).

2.2.5 SARGENTO MECÂNICO DE VIATURAS

2.2.5.1 O sargento Mecânico de Viaturas (Mec Vtr) é o comandante da Turma de Manutenção/Grupo de Logística/Seção de Comando da Cia Fuz.

2.2.5.2 As principais atribuições do Sgt Mec Vtr são:

- a) Auxiliar o Enc Mat nas tarefas de manutenção da Cia Fuz;
- b) Operar a Área de Manutenção da SU na ATSU;
- c) Empenhar-se em manter as viaturas e o armamento com o maior índice de disponibilidade possível, sendo apoiado nessa tarefa pelos auxiliares de mecânico de viaturas e armamento; e
- d) Auxiliar o Enc Mat nas tarefas de execução do fluxo logístico da SU, com prioridade para o Sup das classes III, V (Armt) e IX.

2.2.6 AUXILIAR DE COMUNICAÇÕES

2.2.6.1 O Auxiliar de Comunicações (Aux Com) é o comandante da Grupo de Comunicações/Seção de Comando da Cia Fuz.

2.2.6.2 As principais atribuições do Aux Com são:

- a) Instalar, explorar e manter as comunicações no âmbito da Cia Fuz;
- b) Coordenar e fiscalizar o cumprimento das Instruções para Exploração das Comunicações no âmbito da SU, especialmente as medidas de proteção eletrônica e cibernética;
- c) Empenhar-se em manter o material Classe VII com o maior índice de disponibilidade possível; e
- d) Auxiliar o Enc Mat nas tarefas de execução do fluxo logístico da SU, com prioridade para o Sup da classe VII.

2.2.7 OBSERVADOR AVANÇADO DE ARTILHARIA

2.2.7.1 O Observador Avançado de Artilharia (OA Art) é o principal assessor do Cmt Cia Fuz em relação ao planejamento dos fogos, integrando e sincronizando os fogos orgânicos da SU com o apoio de fogo do Btl Inf, de artilharia e aéreo.

2.2.7.2 As principais atribuições do OA Art são:

- a) Assessorar o Cmt Cia Fuz em todos os assuntos referentes ao Ap F na SU;
- b) Planejar, coordenar e executar o apoio de fogo na Cia Fuz;
- c) Integrar o plano de fogos com o esquema de manobra da SU e abordar com os membros da célula de fogos as tarefas de apoio de fogo, através de ensaios (SFC);
- d) Assessorar o Cmt SU na elaboração da Matriz Guia de Fogos (MGF);
- e) Alocar os observadores de pelotão e os representantes dos fogos aéreo e naval para manter a vigilância de alvos e de áreas de interesse à manobra da Cia Fuz;
- f) Iniciar pedidos de fogos em alvos inopinados e executar fogos em alvos planejados de acordo com o planejamento;
- g) Assessorar o Cmt Cia Fuz sobre a escolha do meio de Ap F mais adequado ao cumprimento dos pedidos de tiro;
- h) Monitorar as condições dos meios de Ap F disponíveis;
- i) Solicitar, ajustar e direcionar todos os tipos de apoio de fogo disponíveis, conforme necessário;
- j) Confeccionar a lista de alvos de Art e consolidar com a lista de alvos de Mrt, eliminando as duplicações;

- k) Direcionar o esforço de aquisição de alvos da SU, de acordo com os meios disponíveis e conforme solicitação do Cmt Cia Fuz;
- l) Reunir-se com o S-2, antes de apresentar-se na SU a ser apoiada, para ter instruções mais específicas acerca do direcionamento do esforço de obtenção de informação;
- m) Estar em condições de realizar análise de crateras e instruir o pessoal do CCAF nessa atividade; e
- n) Contribuir com a função de combate inteligência.

2.2.7.3 Durante o cumprimento das missões, deve posicionar-se junto ao Cmt Cia Fuz, de maneira a assessorá-lo oportunamente.

2.2.8 COMANDANTES DOS PELOTÕES DE FUZILEIROS

2.2.8.1 Os Comandantes de Pelotão de Fuzileiros (Cmt Pel Fuz) são responsáveis pela instrução, disciplina, bem-estar, emprego tático e manutenção do MEM distribuído à sua fração.

2.2.8.2 Assim como o Cmt Cia, devem ter um completo conhecimento sobre o emprego tático do Pel e sobre a técnica do material orgânico.

2.2.8.3 Sempre que possível, assessoram o Cmt Cia Fuz durante o Trabalho de Comando.

2.2.8.4 Após receberem qualquer ordem de alerta, ordem de operações ou ordem fragmentária, devem realizar o trabalho de comando, de modo a contribuir com as operações conduzidas pela Cia Fuz.

2.2.9 COMANDANTE DO PELOTÃO DE APOIO

2.2.9.1 O Comandante do Pelotão de Apoio (Cmt Pel Ap) é responsável pela instrução, disciplina, bem-estar, emprego tático e manutenção do MEM distribuído à sua fração.

2.2.9.2 Assim como o Cmt Cia, deve ter um completo conhecimento sobre o emprego tático do Pel e sobre a técnica do material orgânico.

2.2.9.3 Outras atribuições do Cmt Pel Ap:

- a) Confeccionar a lista de alvos de Mrt para apoiar a manobra da Cia Fuz;
- b) Auxiliar o Cmt Cia Fuz no planejamento, sincronização e coordenação dos fogos da SU;
- c) Confeccionar o Plano de Defesa Anticarro da SU; e
- d) Auxiliar o OA Art na consolidação do Plano de Apoio de Fogo da SU.

2.2.8.4 Após receber qualquer ordem de alerta, ordem de operações ou ordem fragmentária, deve realizar o seu trabalho de comando, de modo a contribuir com as operações conduzidas pela Cia Fuz.

2.3 LIGAÇÕES E COMUNICAÇÕES NA COMPANHIA DE FUZILEIROS

2.3.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

2.3.1.1 As características do combate moderno levam à necessidade de um sistema de comunicações confiável, de grande capacidade de tráfego e flexível, permitindo imediata e contínua transmissão de mensagens.

2.3.1.2 As Comunicações no âmbito da Cia Fuz têm por objetivo prestar ao Cmt Cia Fuz informações sobre as ações das tropas subordinadas, das tropas amigas, das atividades do inimigo, das alterações no terreno, das condições meteorológicas e das considerações civis, permitindo-lhe tomar decisões adequadas e oportunas.

2.3.1.3 O sistema de C² depende da eficácia das comunicações, o que o torna alvo primordial do esforço de busca do inimigo, objetivando dificultar a execução de seu ciclo decisório.

2.3.1.4 O sistema de comunicações da Cia Fuz deve ser estabelecido segundo a rígida observância do fator segurança, tendo em vista a proximidade com o inimigo. Maior segurança será obtido pela diversificação dos meios de comunicações, pelo uso restrito do meio rádio e pela priorização do uso dos circuitos físicos, de sinais convencionados e mensagens preestabelecidas.

2.3.1.5 Todos os componentes da Cia Fuz devem ter a noção exata de que, devido às ações de guerra eletrônica e guerra cibernética, não basta negar ao inimigo o conteúdo das mensagens, é preciso também ocultar a sua própria transmissão. Durante as operações, deve ser proibido o acesso e utilização de meios de comunicações particulares por parte da tropa, a fim de evitar sua localização.

2.3.1.6 Todas as ordens e diretrizes do escalão superior (Esc Sp) sobre a instalação e exploração dos meios de comunicações, bem como as prescrições a serem observadas na operação em curso, devem constar das Instruções para Exploração das Comunicações (IECom) e da Ordem de Operações da Cia Fuz.

2.3.2 POSTO DE COMANDO

2.3.2.1 Posto de Comando (PC) é o local onde se instala o comando da Cia Fuz para planejar e conduzir as operações. Nele são reunidos os meios necessários ao exercício do comando, incluindo a coordenação e controle dos elementos de combate e de apoio.

2.3.2.2 No nível Cia Fuz, o PC só existe como instalação em ações estáticas, como uma defesa de área ou durante a ocupação de uma Z Reu. Durante a execução de operações que exigem movimento, o Cmt Cia Fuz desloca-se constantemente com os integrantes do PC, posicionando-se onde melhor possa conduzir as ações e exercer efetivo comando e controle.

2.3.2.3 Os movimentos do PC, para fazer frente às necessidades de apoio cerrado e segurança, devem estar previstos e planejados com antecedência, de modo que se possam realizar os reconhecimento necessários e selecionar os locais adequados tecnicamente.

2.3.2.4 Normalmente, integram o PC:

- a) Cmt Cia Fuz;
- b) Cmt Pel Ap;
- c) OA Art;
- d) OA Mrt/Pelotão de Morteiro; e
- e) Aux Com.

2.3.2.5 A critério do Cmt Cia Fuz, outros elementos poderão integrar o PC.

2.3.2.6 Sempre que possível, o Cmt Cia Fuz deve planejar uma posição principal, alternativa, contingencial e emergencial para o seu PC.

2.3.2.7 Na escolha do local do PC, o Cmt Cia Fuz deve considerar os mesmos fatores estabelecidos para o PC Btl: situação tática, terreno, segurança e comunicações.

- Esses fatores estão detalhados no manual de campanha EB70-MC-10.335 BATALHÕES DE INFANTARIA (1ª Edição, 2023).

2.3.3 SITUAÇÕES DE COMANDO**2.3.3.1 Reforço:**

- É a situação em que uma fração de Fuz, apoio de fogo ou apoio ao combate, não orgânica da SU, por determinação do Esc Sp, é colocado diretamente subordinado à companhia.
- A relação de comando decorrente é a mesma que a Cia Fuz mantém com seus elementos orgânicos.

2.3.3.2 Integração:

- É a situação semelhante ao reforço, que se verifica quando a Cia Fuz recebe uma fração de manobra de natureza distinta à sua, passando a compor uma FT.

2.3.3.3 Controle operacional:

- É a situação em que uma fração fica temporariamente subordinada à Cia Fuz para cumprir somente missões ou tarefas específicas.
- O Cmt Cia Fuz não possui autoridade para empregar separadamente os componentes dos elementos em questão, tampouco a responsabilidade sobre o controle administrativo dos mesmos.
- No escalão SU esta situação ocorre, por exemplo, no contexto de operações aeromóveis, quando a Cia Fuz recebe uma fração de helicópteros para apoiar a execução de um assalto aeromóvel.

2.3.4 LIGAÇÕES NECESSÁRIAS

2.3.4.1 As ligações necessárias da Cia Fuz são os contatos que devem ser assegurados entre a SU e os demais elementos envolvidos na operação.

2.3.4.2 As necessidades são levantadas pelo Cmt Cia Fuz em face da situação. O atendimento dessas necessidades é feito pelas comunicações. Assim, as ligações são um fim, e as comunicações são o meio.

2.3.4.3 Ao planejar as ligações necessárias, o Cmt Cia Fuz deve considerar:

- a) O exercício do comando e a troca de informações;
- b) A inserção na cadeia de comando do Esc Sp; e
- c) A ligação com elementos subordinados, vizinhos, em apoio, apoiados e em reforço/integração.

2.3.4 RESPONSABILIDADES DE LIGAÇÃO

2.3.4.1 O Btl Inf é responsável pelo estabelecimento e pela continuidade das suas comunicações com a Cia Fuz.

2.3.4.2 A Cia Fuz é responsável pelo estabelecimento e pela continuidade das comunicações com seus pelotões orgânicos e frações em reforço, integração e/ou controle operacional.

2.3.4.3 As comunicações com as tropas vizinhas são estabelecidas e mantidas conforme determinado pelo comando superior a que ambas estiverem subordinadas.

- Na ausência de instruções específicas, a Cia Fuz é responsável pelo estabelecimento e pela continuidade das comunicações com seu vizinho da direita, considerando o observador posicionado com a frente voltada para o inimigo.

2.3.5 SISTEMAS DE COMUNICAÇÕES

2.3.5.1 O sistema rádio:

- É composto pelas redes externas e internas necessárias à Cia Fuz para o exercício da ação de comando, controle e coordenação, por meio de meios rádio.

2.3.5.1.1 Redes típicas externas:

- a) Rede do Cmt Btl - Ligação direta do Cmt Btl Inf com os Cmt Cia Fuz;
- b) Rede de Comando do Btl - Usada para ligação do S-3/Btl Inf com as Cia Fuz e demais frações para assuntos operacionais;
- c) Rede logística - Usada para ligação do S-4/Btl Inf com as Cia Fuz e demais frações para assuntos logísticos;
- d) Rede de apoio de fogo de artilharia - Usada para pedidos e coordenação de fogos entre os O Lig Art, OA Art e Grupos de Artilharia de Campanha. No âmbito da Cia Fuz, o OA Art designado participa dessa rede-rádio; e
- e) Rede de apoio de fogo de morteiro - Usada para pedidos e coordenação de fogos entre o OA Mrt/Btl designado e o Pelotão de Morteiros do Batalhão. No âmbito da Cia Fuz, o OA Mrt designado participa dessa rede-rádio.

2.3.5.1.2 Redes típicas internas:

- a) Rede do Cmt Cia Fuz - Ligação direta do Cmt Cia Fuz com o SCmt Cia, Enc Mat, Cmt Pel Fuz e Cmt Pel Ap; e
- b) Rede de Apoio de Fogo - Usada para ligação entre o OA Art, OA Mrt/Btl, Cmt Pel Fuz e Cmt Pel Ap.

2.3.5.2 O sistema físico:

2.3.5.2.1 Deve ser utilizado sempre que a situação permitir, por ser mais seguro que o sistema rádio em face de interferências inimigas.

2.3.5.2.2 A decisão de instalar um sistema físico deve considerar o tempo necessário para as tarefas de lançamento de fios duplos telefônicos, cabos coaxiais, fibra ótica ou outros tipos de cabos de rede.

2.3.5.2.3 Deve ser empregado para garantir as ligações entre o Cmt Cia Fuz, Cmt Pel e Seq Cmdo, bem como entre observadores avançados e centrais de tiro.

2.3.5.3 O sistema de mensageiros:

2.3.5.3.1 Constitui-se no meio mais seguro, utilizado sempre que necessário ou quando os demais meios não forem eficazes.

- Todos os militares combatentes recebem instrução de mensageiro e podem ser empregados como tal.

2.3.5.3.2 A Cia Fuz poderá estabelecer uma escala de mensageiros, de acordo com as necessidades, ou empregar mensageiros especiais.

2.3.5.4 Os meios acústicos, visuais e outros:

2.3.5.4.1 São utilizados conforme previsto em ordens e instruções. Incluem bandeirolas, pirotécnicos, fumígenos, sinalizadores infravermelhos, entre outros.

2.3.5.4.2 Pode ser utilizado para identificação de tropa amiga, suspensão ou transporte de fogo, desencadeamento de fogos, marcação de objetivos e alvos, auxílio à navegação, comunicação com aeronaves, identificação mútua em operações de junção, entre outros fins.

2.4 PLANEJAMENTO E CONDUÇÃO DAS OPERAÇÕES**2.4.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

- O Manual de Campanha EB70MC-10.211 Processo de Planejamento e Condução das Operações Terrestres (PPCOT), 2ª Edição, 2020, define que nas Op Ter, há três metodologias/métodos para o Plj a serem utilizadas:

- a) Metodologia para o componente conceitual do planejamento (MCOE), que pode ser

utilizada por todos os escalões que possuem EM no comando;

b) Exame de situação, que deve ser utilizada por todos os escalões que possuem EM no comando; e

c) Trabalho de Comando, utilizado por subunidades e escalões inferiores.

2.4.2 EXAME DE SITUAÇÃO

2.4.2.1 O Exame de Situação do Comandante é um método de planeamento interativo que proporciona ao tomador de decisão a compreensão da situação, a missão e a formulação de solução para um problema militar, desenvolvendo linhas de ação para a decisão do comandante e a produção de planos ou ordens.

2.4.2.2 Embora não seja uma atribuição imediata, o Cmt Cia Fuz pode ser convocado para participar da atividade, assessorando o Estado-Maior da OM.

2.4.2.3 As Cia Fuz isoladas, que possuem Estado-Maior em sua organização, poderão utilizar o Estudo de Situação para planeamento das operações.

2.4.2.4 O exame de situação está detalhado no Manual de Campanha EB70MC-10.211 Processo de Planeamento e Condução das Operações Terrestres (PPCOT).

2.4.3 TRABALHO DE COMANDO

2.4.3.1 Trabalho de Comando é o ciclo de atividades realizadas pelos Cmt SU e escalões inferiores, que tem início com o recebimento da missão. Compreende a preparação da tropa, o planeamento, a execução e a avaliação da operação.

2.4.3.2 É um processo dinâmico alinhado ao Exame de Situação, guardado o nível de detalhamento adequado à SU. Na Cia Fuz todo o encargo de planeamento e execução é do Cmt Cia.

2.4.3.3 O Trabalho de Comando não é uma série de regras inflexíveis. Na verdade, constitui-se em um guia que o Cmt Cia Fuz deve aplicar de acordo com a situação vivida, sua experiência e a de seus comandantes subordinados.

2.4.3.4 Essas normas constituem um lembrete e contribuem para que o Cmt Cia Fuz tire o máximo proveito do tempo disponível, coordenando suas ações com as de seus subordinados.

2.4.3.5 O Cmt Cia Fuz pode realizar o trabalho de comando sozinho ou pode haver um pequeno grupo para auxiliá-lo na solução de problemas táticos. Por exemplo, o OA Art e os Cmt Pel podem assessorá-lo durante o processo.

2.4.3.6 O trabalho de comando não se encerra com a emissão da Ordem de Operações. Deve ser continuamente revisto e atualizado por meio de avaliação contínua, o que pode levar à adoção de novas condutas.

2.4.3.7 A aplicação do Trabalho de Comando está detalhada em documento específico do tema (Caderno de Instrução).

2.5 SINCRONIZAÇÃO

2.5.1 GENERALIDADES

2.5.1.1 Sincronização é o arranjo das atividades de todas as funções de combate no tempo, no espaço e na finalidade, visando a potencializar o poder de combate.

2.5.1.2 O objetivo é usar cada meio disponível onde, quando e da maneira que melhor possa contribuir para obter a superioridade no lugar e momento decisivos. Inclui o efeito de emassar o poder de combate no local decisivo, embora não se limite a ele.

2.5.1.3 Ela acontece a partir da concepção da operação pelo Cmt Cia, quando este planeja que ações realizar e como estas deverão ocorrer no tempo e no espaço, para atingir seu objetivo. Visa a fazer com que os efeitos da ação das diversas frações se façam sentir, de maneira total, no momento e no local desejados.

2.5.1.4 Uma das melhores formas de se garantir a sincronização dos elementos de manobra com as atividades de combate e apoio ao combate é a execução de detalhados ensaios.

2.5.2 MATRIZ DE SINCRONIZAÇÃO

2.5.2.1 É o documento elaborado pela Cia Fuz e empregado na visualização e ensaio de todas as ações a serem executadas. Esse documento não é padronizado e pode ser criado de acordo com a operação a ser conduzida, complementando o calco de operações e ordens verbais. Nos escalões SU e inferiores, em caso de tempo reduzido, poderá substituir a ordem de operações para o cumprimento da missão.

2.5.2.2 Normalmente, é uma tabela onde são lançadas as frações e Elm da SU, bem como as ações e tarefas a realizar, sincronizadas no tempo e espaço (ver anexo B).

2.5.2.3 Também pode ser elaborada com meios tecnológicos, que permitam a visualização sobre imagens satelitais ou cartas topográficas, ilustrando, passo-a-passo, onde cada fração ou elemento estará posicionado e qual(is) tarefa(s) desempenhará.

2.5.2 PROCESSO DE SINCRONIZAÇÃO

2.5.2.1 A sincronização na companhia é desenvolvida em três fases: durante o planejamento, durante os ensaios e durante o combate propriamente dito.

2.5.2.2 Durante o planejamento, o Cmt Cia Fuz garante a sincronização através de seu trabalho de comando, planejando: “o quê” fazer (ações e tarefas a realizar); “quem” irá executar as tarefas; “quando” cada fração vai executar as tarefas; e a sequência das ações e tarefas. No âmbito da Cia Fuz, a principal sincronização será realizada entre o fogo e a manobra.

2.5.2.3 Após a emissão da ordem de operações, é realizado um ensaio da matriz de sincronização, conduzido pelo SCmt e com a presença dos Cmt Pel, OA Art, OA Mrt/Btl, Enc Mat, Aux Com e Elm em apoio ou em reforço. Nesse ensaio, todas as ações previstas para o combate são interagidas com a linha de ação do inimigo mais provável,

possibilitando a inserção de modificações que venham a contribuir para o aperfeiçoamento do planejamento preliminar.

2.5.2.4 A finalidade do ensaio da matriz de sincronização, além de aperfeiçoar o planejamento, é garantir que todos conheçam a intenção do comandante, compreendam o conceito da operação, saibam o que fazer em todas as fases do combate e quais as missões das outras frações.

2.5.2.5 Durante o combate, o Cmt Cia Fuz acompanha o desencadeamento das ações planejadas, avaliando a situação. Ele pode introduzir modificações no planejamento inicial, acelerando, atrasando ou modificando as ações e tarefas das frações subordinadas, em razão de mudanças na situação tática ou logística.

CAPÍTULO III

APOIO DE FOGO

3.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

3.1.1 GENERALIDADES

3.1.1.1 Os fogos desencadeados por armas ou unidades em apoio, para auxiliar ou proteger uma unidade em combate, são denominados apoio de fogo.

3.1.1.2 O fogo é um dos principais meios à disposição do comandante da Cia Fuz para intervir no combate.

3.1.1.3 O fogo e o movimento são os elementos fundamentais da manobra. Na ofensiva o fogo permite o movimento das peças de manobra, que são colocadas em posições vantajosas em relação ao inimigo de forma a gerar, em conjunto, o maior poder de combate onde e quando seja necessário.

3.1.1.4 Na defensiva o fogo é empregado para deter o ataque inimigo. Em caso de penetração do inimigo em nossas posições, o fogo é utilizado para limitar a progressão da força inimiga, isolá-la, desgastá-la e apoiar nossos contra-ataques visando a sua destruição.

3.1.2 DEFINIÇÕES

3.1.2.1 Fogos

- Aplicação de artefatos cinéticos ou emprego de atuadores cinéticos e não cinéticos sobre alvos designados. Têm por objetivos causar:

- a) danos materiais;
- b) baixas em pessoal;
- c) avarias nos sistemas eletrônicos; e
- d) impacto no moral das forças inimigas, em seu esforço de combate ou em sua estrutura de defesa

3.1.2.2 Alvo

- Designação genérica que se dá a qualquer elemento físico, ponto, linha ou área que se deseja detectar, acompanhar, reconhecer, neutralizar, destruir, iluminar, bloquear, interditar, suprimir ou inquietar.
- Entidade (pessoa, lugar ou coisa) considerada para possível engajamento ou ação, para alterar ou neutralizar a função que ela desempenha para o adversário.

3.1.2.3 Alvos de Alto Valor (AAV)

- Meios inimigos, entendidos como alvos, que compõe ou sustentam o poder de combate

do inimigo e são identificados a partir de uma avaliação do banco de dados, do calco doutrinar, de sua narrativa de sustentação e do uso do julgamento tático.

- São levantados pelo Cmt Cia Fuz durante o estudo detalhado do inimigo.

3.1.2.4 Alvos Altamente Compensadores (AAC)

- São alvos cuja perda pelo inimigo contribui de forma significativa para o sucesso da operação.

- Precisam ser identificados, buscados e engajados com êxito para o sucesso da missão.

- São selecionados pelo Cmt Cia Fuz, entre os AAV, durante o confronto entre sua(s) linha(s) de ação e a linha de ação do inimigo. A prioridade de engajamento dos AAC também deve ser estabelecida pelo CAF.

3.1.2.5 Fogos de Apoio

- São aqueles desencadeados em proveito das U e SU em contato cerrado com o inimigo e contra alvos pouco profundos que ameacem os elementos em 1º escalão.

- Normalmente, esses fogos são realizados pelo Grupos de Artilharia de Campanha (GAC) orgânico da Brigada.

- Nos escalões U e SU, são realizados pelos meios orgânicos. São exemplos de alvos pouco profundos: elementos inimigos em 1º escalão, armas automáticas, armas anticarro, radares, postos de observação e passagens obrigatórias.

3.1.2.6 Preparação

- Intenso fogo previsto, desencadeado de acordo com um horário estipulado, em apoio a um ataque, a fim de interromper as comunicações do inimigo, desorganizar as suas defesas e neutralizar seus meios de apoio de fogo.

- Os fogos de preparação podem ser iniciados antes ou depois da hora do ataque até cumprir o horário previsto ou serem suspensos a pedido da força apoiada.

3.1.2.7 Contrapreparação

- Intenso fogo previsto, desencadeado na iminência de um ataque inimigo, destinado a romper as suas formações, desorganizar seu sistema de comando, comunicações e observação, diminuir a eficiência de sua preparação de artilharia e enfraquecer o seu espírito ofensivo.

3.1.2.8 Intensificação de fogos

- Fogos planejados e realizados, normalmente no escalão brigada ou batalhão, com a finalidade de aumentar o volume de fogos em proveito de uma força, durante determinadas fases de uma operação ou quando o tempo, os meios disponíveis e a insuficiência de alvos não permitem a montagem de uma preparação ou contrapreparação.

3.1.2.9 Concentração

- É o volume de fogos sobre um determinado alvo, a qual deve ser numerada para referência no planejamento e coordenação dos fogos. É a forma mais usual de emprego

dos fogos terrestres.

3.1.2.10 Barragem

- É um sistema de tiros previsto de forma linear, destinado a proteger as tropas e instalações amigas, impedindo a progressão do inimigo para ou através das linhas ou áreas defensivas.

3.1.2.11 Plano de Fogos (PF)

- É um documento baseado no conceito da operação do comandante e contém informações e instruções específicas para o emprego dos fogos, que devem ser difundidas a todos os elementos subordinados, por meio do CCAF/SU.

3.1.2.12 Plano de Fogos Específicos

- São apêndices ao PF, específicos de determinados meios de apoio de fogo. No âmbito da Cia Fuz, podem ser produzidos os PFE de metralhadoras e anticarro, por exemplo.

3.1.2.13 Distância Estimada de Risco (DER)

- É a distância de segurança estimada que deve ser mantida para proteger a tropa contra os efeitos dos estilhaços provenientes de munições de tiro indireto, como morteiros e artilharia.

3.1.2.14 Alvos sensíveis

- Alvos cuja falha no engajamento pode interferir no efeito final desejado; gerar potenciais repercussões negativas nas dimensões informal ou humana; ou, ainda, causar danos ambientais de longo prazo.

3.1.2.15 Alvos restritos

- Alvos que possuem critérios que restringem seu engajamento para redução de efeito colateral.

- Como exemplo de restrições temos: a impossibilidade de ataque durante determinado período do dia; o emprego exclusivo de munições e armas mais precisas para ataque; e a necessidade de meio de busca de alvos, visualizando o alvo para seu engajamento.

3.1.2.16 Alvos proibidos

- Alvos localizados em locais de alto valor histórico e cultural protegidos dos efeitos das operações, devido a normas ou leis internacionais, como o Direito Internacional dos Conflitos Armados (DICA), regras de engajamento ou outras considerações do Comando.

- Esses alvos só poderão ser engajados se a solicitação de fogos for proveniente do Comando da Força que o estabeleceu, ou com a autorização deste Comando para que outro escalão efetue os fogos.

3.2 CLASSIFICAÇÃO DOS FOGOS

3.2.1 OS FOGOS DE APOIO SÃO CLASSIFICADOS DE ACORDO COM:

- o efeito procurado;
- a forma;
- a observação; e
- o grau de previsão entre outras classificações.

3.2.2 Quanto ao efeito procurado, temos os de regulação, neutralização, destruição, interdição, inquietação e outros efeitos (realizados com munição especial).

3.2.3 Quanto à forma, eles são concentrações, barragens e tiros por peça.

3.2.4 Quanto à observação, eles são observados ou não observados.

3.2.5 Quanto ao grau de previsão, podem ser previstos ou inopinados.

3.3 MEIOS DE APOIO DE FOGO

3.3.1 MEIOS DE APOIO DE FOGO ORGÂNICOS

3.3.1.1 A Cia Fuz dispõe dos seguintes meios de apoio de fogo orgânicos: metralhadoras leves, médias e pesadas; morteiros leves e médios; canhões sem recuo; e lança rojões.

3.3.1.2 A distribuição desse armamento nas frações da Cia Fuz é determinada pelo QO do respectivo Btl Inf.

3.3.1.3 Os fogos de morteiros são normalmente empregados para destruir ou neutralizar tropas e armas coletivas, complementando os fogos da artilharia, particularmente quando não houver possibilidade ou disponibilidade de Ap F de artilharia.

3.3.1.4 Os morteiros também podem realizar fogos iluminativos e fumígenos. A principal vantagem dos morteiros em relação à artilharia é a maior rapidez no desencadeamento dos seus fogos.

3.3.1.5 Os canhões sem-recuo e os lança-rojões têm como alvos prioritários as viaturas blindadas inimigas. Entretanto, poderão ser empregados contra armas coletivas e abrigos inimigos, desde que não haja comprometimento de sua missão principal.

3.3.1.6 Os canhões sem-recuo também podem ser empregados contra tropas, utilizando granadas alto-explosivas antipessoal, para obscurecimento, utilizando granadas fumígenas ou para iluminar o campo de batalha, empregando granadas iluminativas.

3.3.1.7 As metralhadoras constituem um importante meio de Ap F. Elas realizam, principalmente, o tiro direto para dar volume de fogo aos Pel Fuz, permitindo sua progressão na direção dos objetivos, ou mesmo o seu retraimento.

3.3.2 MEIOS DE APOIO DE FOGO DO ESCALÃO SUPERIOR

3.3.2.1 A Cia Fuz é apoiada pelos seguintes meios do Btl Inf:

- a) morteiros médios ou pesados; e
- b) mísseis anticarro.

3.3.2.2 Normalmente, os meios da Brigada que apoiam a Cia Fuz são:

- a) artilharia de campanha 105mm ou 155mm, dos Grupos de Artilharia de Campanha;
- b) mísseis anticarro, da Companhia Anticarro; e
- c) canhões e metralhadoras das viaturas blindadas, dos Esquadrões e Regimentos de Cavalaria.

3.3.2.3 A Cia Fuz também poderá ser apoiada por outros meios, como apoio aéreo da Aviação do Exército e da Força Aérea e fogo naval.

3.3.2.4 A artilharia de campanha, normalmente, proporciona o grosso do Ap F ao elemento de manobra. É o mais flexível e destrutivo apoio que o Cmt Cia Fuz pode dispor. A artilharia de campanha pode realizar fogos com granadas alto-explosivas, com espoleta tempo, iluminativas e fumígenas.

3.4 FORMAS DE EMPREGO

3.4.1 As formas de emprego mais comuns no âmbito da Cia Fuz são:

- a) ação de conjunto;
- b) apoio direto; e
- c) reforço.

3.4.2 As definições das formas de emprego encontram-se no manual C 7-15 COMPANHIA DE COMANDO E APOIO (3ª Edição, 2002).

3.4.3 EMPREGO DE FRAÇÕES TEMPORÁRIAS

3.4.3.1 A organização da Cia Fuz permite o cumprimento de todas as suas missões de combate sem que sejam necessárias modificações profundas em sua estrutura.

3.4.3.2 Entretanto, em virtude dos fatores da decisão, o Cmt Cia Fuz pode decidir por reunir as armas de apoio dos pelotões de fuzileiros em uma fração temporária. Assim, ele pode optar por reunir as metralhadoras ou os morteiros leves em uma única fração.

3.4.3.3 Não obstante as vantagens advindas deste tipo de modificação, o comandante deve considerar as implicações decorrentes, como a designação de um comando para esta nova fração, a estruturação de uma rede de comunicações eficaz, seu suporte logístico, além da coordenação e controle dos seus tiros.

3.5 COORDENAÇÃO DO APOIO DE FOGO

3.5.1 O Cmt Cia Fuz é o Coordenador do Apoio de Fogo (CAF) da SU, cabendo-lhe a integração entre os fogos e a manobra. Nessa atividade, é assessorado pelo OA Art, OA Mrt/Btl e Cmt Pel Ap. Quando necessário, um Controlador Aéreo Avançado (CAA) da Força Aérea e um observador de tiro naval (da Marinha) podem compor essa equipe. Todos esses militares compõem o Centro de Coordenação de Apoio de Fogo da SU (CCAF/SU).

3.5.2 A coordenação de fogos é uma atividade que visa a obter o melhor rendimento possível dos meios de apoio de fogo e demais meios de fogos disponíveis, integrado com a execução da manobra do escalão considerado. Os fogos e a manobra devem ser sincronizados, cabendo a responsabilidade da interação ao Cmt de cada escalão.

3.5.3 O OA Art deve assessorar o Cmt Cia Fuz sobre o apoio que sua unidade e escalões superiores de artilharia podem prestar à SU.

3.5.4 O Cmt Pel Ap é o assessor do Cmt Cia Fuz para o emprego do Ap F orgânico, particularmente os morteiros e armas anticarro.

3.5.5 A Cia Fuz pode contar com Guias Aéreos Avançados (GAA) para suprir a falta do CAA. O GAA é um elemento integrante da força terrestre habilitado a guiar aeronaves da força aerotática em missões pré-planejadas ou imediatas.

3.5.6 Coordenação de fogos é processo contínuo, que tem por objetivo a aplicação com segurança do esforço apropriado do apoio de fogo, no momento oportuno, para a obtenção dos efeitos desejados sobre os alvos. Objetiva alcançar o melhor rendimento possível, realizando a integração dos fogos com a manobra, evitando duplicações de esforços e batendo os alvos com o meio mais adequado.

3.5.7 PRINCÍPIOS DE COORDENAÇÃO

3.5.7.1 Os princípios de coordenação do apoio de fogo são:

- a) perfeita compreensão da intenção do comandante;
- b) diretrizes de fogos coerentes e precisas;
- c) estabelecimento de medidas de segurança às tropas, aeronaves, embarcações e instalações amigas, preservação de localidades e de não combatentes;
- d) utilização de um sistema comum de designação de alvos;
- e) seleção do meio mais eficaz;
- f) opção pelo meio do menor escalão capaz de executar o apoio de fogo;
- g) avaliação de emprego de todos os meios disponíveis, para se definir aquele que engajará o alvo;
- h) seleção do apoio de fogo adequado ao que foi solicitado;
- i) coordenação ágil;
- j) consideração do efeito colateral das munições; e
- k) oportunidade de ataque ao alvo.

3.5.7.2 As definições dos princípios encontram-se no manual MC-5.60 PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO DE FOGOS (4ª Edição, 2025).

3.5.8 MEDIDAS DE COORDENAÇÃO DE APOIO DE FOGO (MCAF)

3.5.8.1 As medidas de coordenação do apoio de fogo baseadas no terreno mais comuns no âmbito da Cia Fuz são:

- a) linha de segurança de apoio de artilharia (LSAA);
- b) área de restrição de fogos (ARF);
- c) linha de restrição de fogos (LRF);
- d) área de fogo proibido (AFP);
- e) pontos de referência de alvos (PRA);
- f) áreas de engajamento (A Engj);
- g) linhas de acionamento/suspensão/transporte de fogos;
- h) linhas de engajamento máximo (LEM); e
- i) setores de tiro.

3.5.8.1.1 A Linha de Segurança de Apoio de Artilharia (LSAA):

- É uma linha além da qual as unidades de artilharia de campanha e os navios de apoio de fogo podem atirar livremente, sem necessidade de coordenação com o comando da força que a estabeleceu.
- Os fogos aquém da LSAA devem ser coordenados previamente com o comando da força que a estabeleceu.
- Essa coordenação se iniciará no elemento que solicitou o tiro.

3.5.8.1.2 A Área de Restrição de Fogos (ARF)



Fig 3-1 Exemplo de ARF

- a) Tem finalidade de coordenar fogos de acordo com restrições ou critérios impostos pelo escalão que a estabeleceu.

- b) É utilizada para controlar fogos e proporcionar segurança onde existem tropas estacionadas ou em patrulhas.
- c) As restrições ou critérios podem variar com a situação tática, local e oportunidade.
- d) Como exemplo, as seguintes restrições podem ser impostas:
 - 1) o alvo deve ser confirmado como inimigo, por observação terrestre ou aérea; e
 - 2) se o critério acima não for obtido, será necessária a autorização da força que estabeleceu a medida para o ataque ao alvo.

3.5.8.1.3 Linha de Restrição de Fogos (LRF)

- É uma linha estabelecida entre forças terrestres amigas, além da qual uma das forças não pode atirar sem coordenar com a outra. Normalmente, é utilizada na operação de junção, proporcionando segurança às tropas amigas que atuam em posições convergentes e evitando a interferência entre elas.

3.5.8.1.4 Área de Fogo Proibido (AFP)

- É aquela onde nenhum meio de apoio de fogo pode desencadear fogos, exceto sob as seguintes condições:

- a) a missão de tiro (temporária) provém da força que estabeleceu; e
- b) existe a necessidade de se apoiar determinada tropa em situação crítica.

3.5.8.1.5 Ponto de Referência de Alvo (PRA)

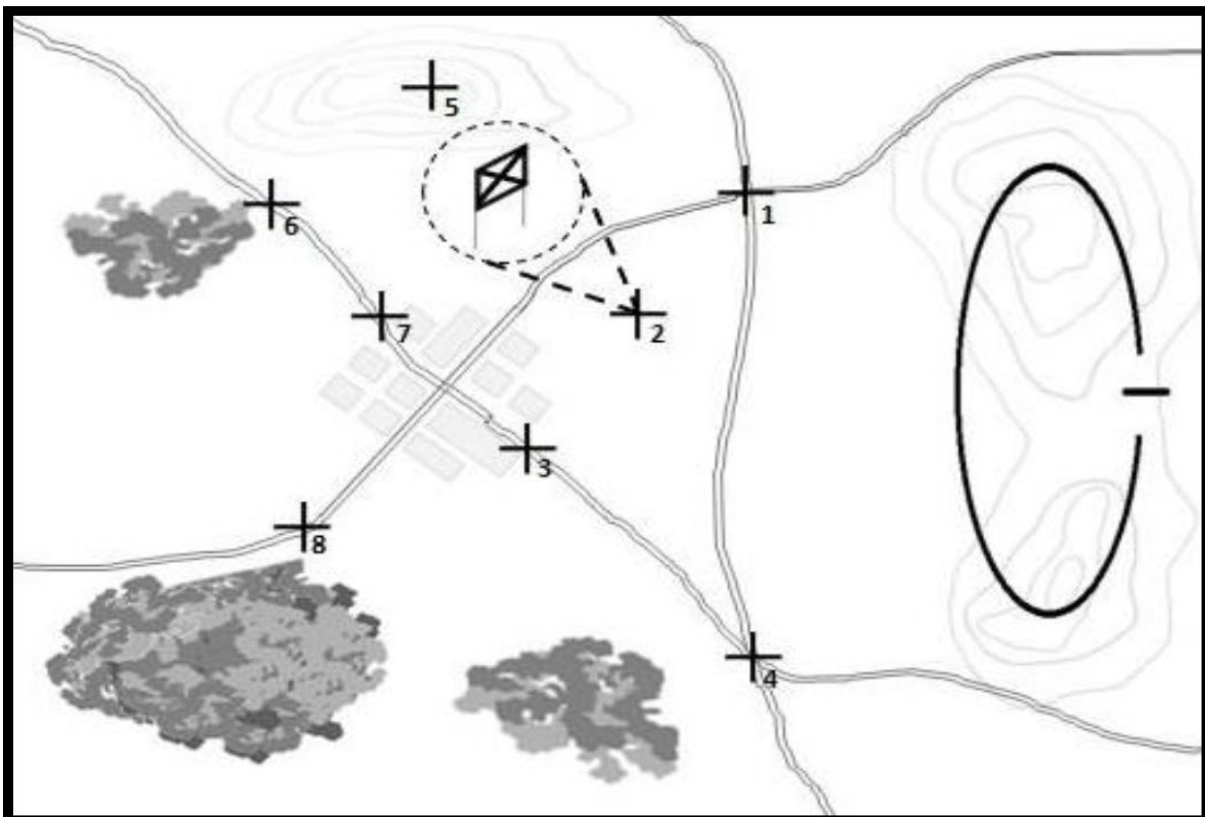


Fig 3-2 Exemplos de PRA

- É um local facilmente identificado no terreno, utilizado como referência inicial para distribuir e controlar os fogos.
- São designados ao longo de prováveis VA, sobre pontos preexistentes no terreno (entroncamentos, pontes, regiões matosas, construções específicas, colina etc) ou lançados pela tropa (painéis, sinalizadores, viaturas destruídas, fumaça gerada por fogos indiretos etc).
- O ideal é que os PRA sejam visíveis em três modos de observação (sem auxílio da luz, com intensificadores de luz e com visão termal), para que os diferentes sistemas de armas possam identificá-los.

3.5.8.1.6 Área de Engajamento (A Engj)



Fig 3-3 Exemplos de A Engi

- É a região na qual o Cmt FT SU Bld pretende neutralizar ou destruir uma força inimiga pelo efeito concentrado de fogos de todas as armas e sistemas de apoio disponíveis.
- O tamanho e a forma da A Engj são determinados pela visibilidade decorrente dos sistemas óticos dos distintos sistemas de armas e pelo seu respectivo alcance.
- Normalmente, o Cmt Cia Fuz subdivide a A Engj para seus pelotões em setores ou direções de tiro.

3.5.8.1.7 Linhas de acionamento/suspensão/transporte de fogos

- São estabelecidas para indicar o momento de iniciar, interromper ou deslocar os fogos quando tropas (amigas ou inimigas) as atingem.
- Devem corresponder a acidentes do terreno facilmente identificáveis sob quaisquer condições de visibilidade.

3.5.8.1.8 Linha de Engajamento Máximo (LEM)

- a) É a representação linear da máxima distância que uma arma ou fração pode executar um tiro eficaz.
- b) É determinada pelo alcance útil e pelas limitações decorrentes do terreno.
- c) Possui diferentes propósitos, por exemplo:
 - para evitar que frações engajem alvos além do seu alcance útil;
 - para estabelecer gatilhos para o engajamento de alvos; ou
 - até mesmo para auxiliar na determinação da extensão de uma Z Aç.



Fig 3-4 Exemplo de LME

3.5.8.1.9 Diagrama de risco de superfície

- e) É a área determinada para cada calibre e armamento de tiro direto por meio do traçado da Direção de Tiro com o alcance máximo a ser utilizado, considerando as variações laterais correspondentes aos ângulos e às áreas de dispersão e de ricochete (formando o cone de tiro).
- f) São referências úteis aos comandantes na determinação dos setores e direções de tiro, bem como do momento para o redirecionamento dos fogos em função da manobra de elementos amigos.
- g) Em situação de combate, pode-se tomar as seguintes referências para o tiro com metralhadora:
 - 1) Metralhadora sobre reparo terrestre - a área de dispersão é de aproximadamente 15°, tomando-se como referência o alvo.
 - 2) Metralhadora sobre bipé - a área de dispersão é de aproximadamente 30°, tomando-se como referência o alvo.

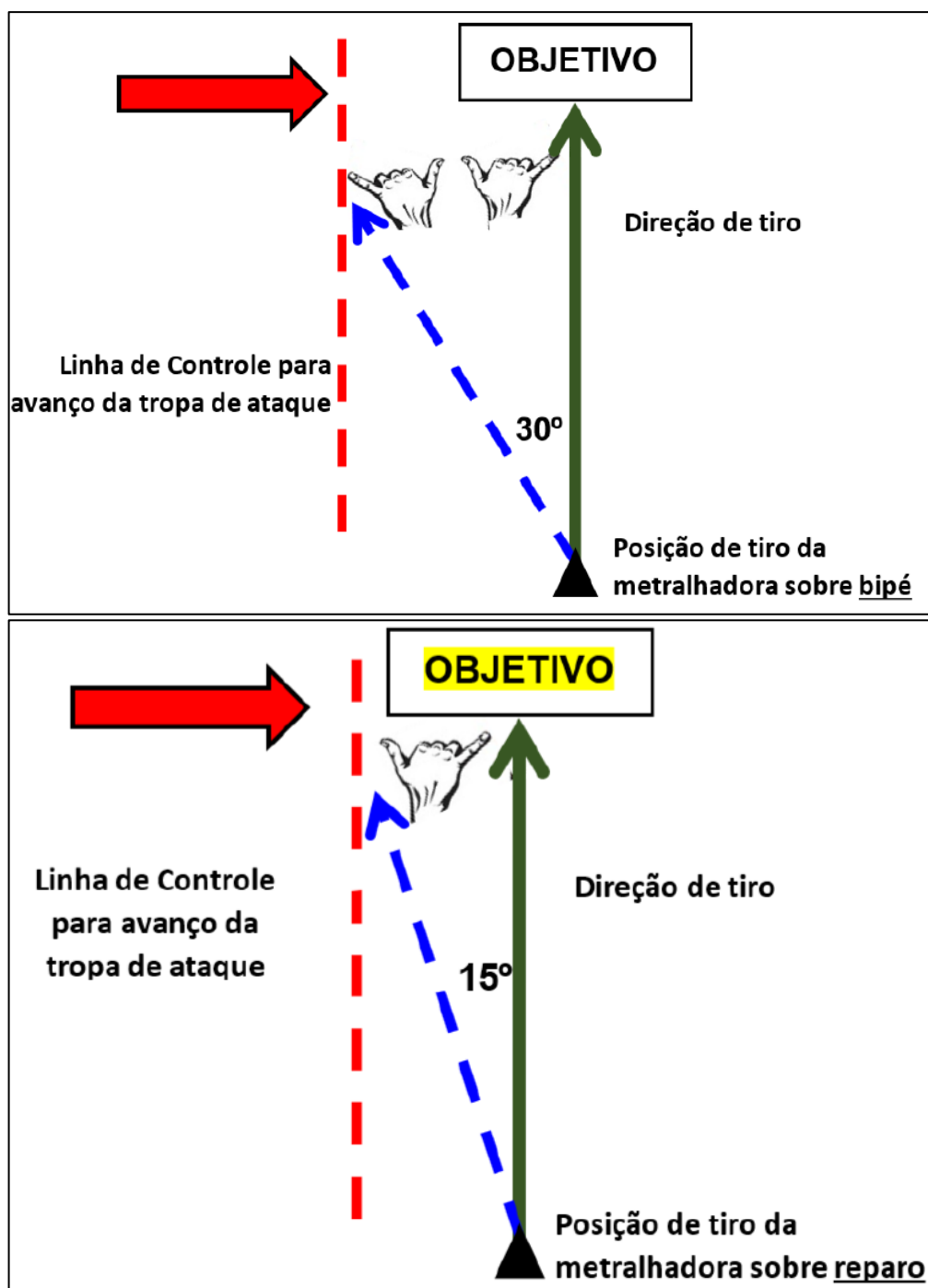


Fig 3-5 - Cálculo expedito da área de dispersão da metralhadora

3.5.8.1.10 Setor de tiro

- É a área atribuída a uma Cia Fuz, Pel Fuz, GC ou guarnição de armamento coletivo, dentro da qual deve engajar os alvos, à medida que for estabelecido o contato, de acordo com as prioridades de engajamento estabelecidas.
- O Cmt Cia Fuz atribui os setores de tiro a fim de dividir suas áreas de responsabilidade, empregando os meios disponíveis de maneira mais efetiva, evitando o fratricídio e diminuindo a redundância ao mínimo necessário.
- Deve-se analisar as possibilidades e limitações de cada armamento para determinar a amplitude e a extensão de um setor de tiro.

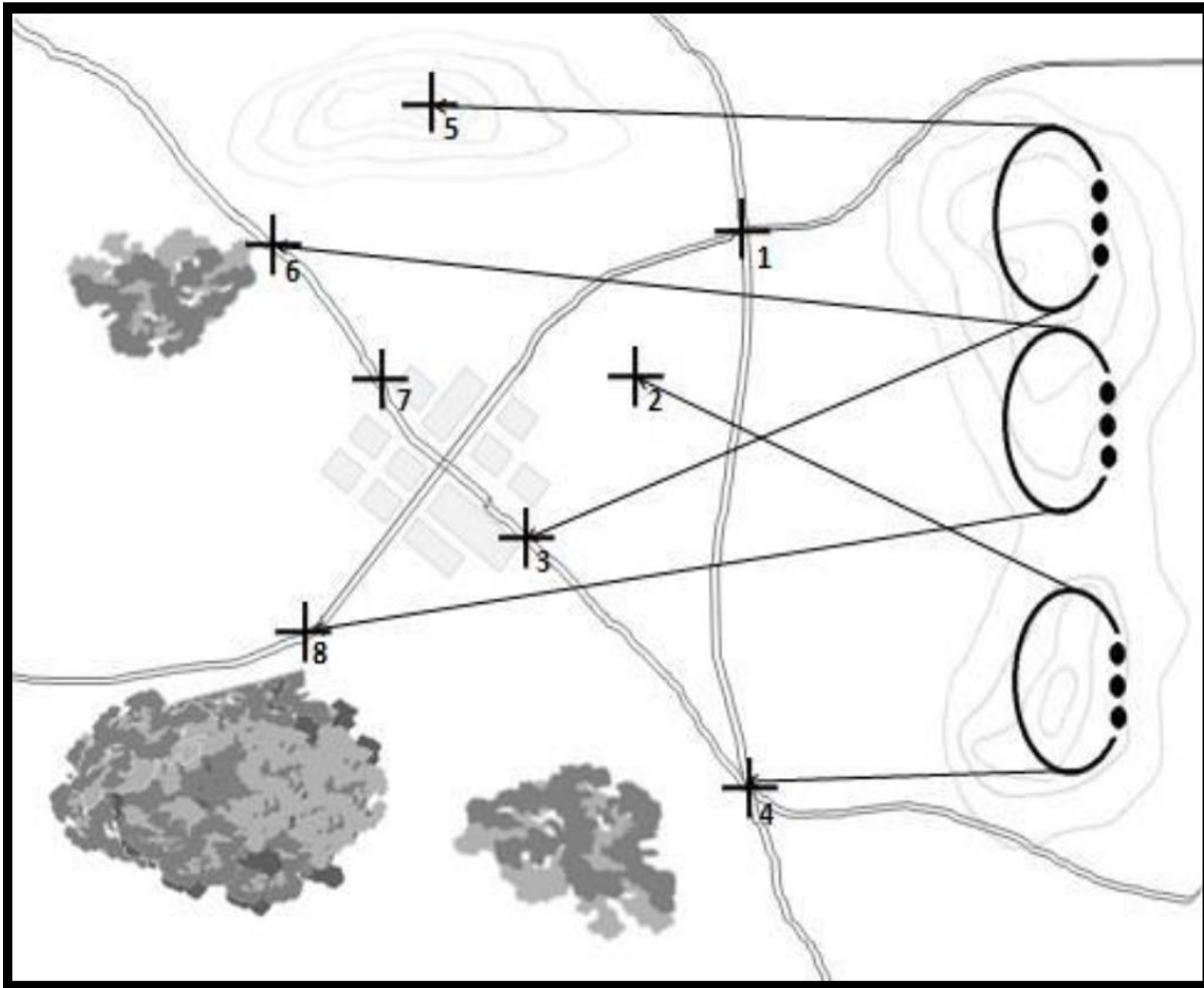


Fig 3-6 - Exemplo de setores de tiro balizados por PRA

- Nesse viés, é importante ressaltar que:

- a) a observação sem auxílio de equipamentos óticos proporciona amplo campo de visão, porém limitada capacidade de detecção e identificação de alvos à média e longa distância;
- b) os dispositivos óticos de observação e pontaria são capazes de detectar e identificar alvos a longas distâncias, porém com campo de visão restrito; e
- c) podem ser utilizados diversos métodos para designar setores de tiro (PRA, direção do relógio, quadrantes baseados no terreno e quadrantes baseados no dispositivo da tropa).

3.5.8.2 As medidas de coordenação do apoio de fogo baseadas na ameaça mais comuns no âmbito da Cia Fuz são:

- a) regras de engajamento
- b) situação de base;
- c) regime de segurança do armamento;
- d) prescrição para abertura do fogo;
- e) prioridade de engajamento;
- f) técnica de engajamento (execução do fogo);
- g) gatilhos;
- h) direção dos fogos; e
- i) natureza ou dispositivo do inimigo.

3.5.8.2.1 Regras de engajamento

- Abordam as circunstâncias e limitações para emprego da força, determinando o tratamento que deve ser despendido a elementos combatentes e não combatentes.
- Os seguintes fatores influenciam na sua definição: as ordens dos Esc Sp, a missão, a intenção do comandante, o ambiente operacional e o Direito Internacional dos Conflitos Armados (DICA).

3.5.8.2.2 Situação de base

- É uma medida de coordenação de fogos empregada pela Cia Fuz que determina a munição e a distância de engajamento para cada armamento orgânico.
- É um meio pelo qual o Cmt Cia Fuz, após o trabalho de comando, especifica a munição e a distância mais provável em que cada armamento engajará o inimigo, a fim de antecipar a sua preparação.
- A seleção da munição depende do tipo de alvo, dos efeitos desejados e das características técnicas da munição.
- A determinação da distância de engajamento é influenciada pelas características técnicas do armamento e munição, do terreno, clima e condições meteorológicas.
- A situação de base determina os tipos e quantidades de munição dos carregadores individuais, cofres de munição, fitas de metralhadoras, munição AC e granadas de bocal e morteiro que estarão de posse dos fuzileiros, bem como a preparação da munição para o remuniamento (a cargo do furriel).

3.5.8.2.3 O regime de segurança do armamento:

- Permite aos Cmt Cia Fuz, Pel Fuz e GC controlarem a segurança das armas de sua SU/fração com precisão.
- A fiscalização no âmbito da tropa minimiza o risco de disparo acidental e fratricídio.
- Os regimes são:
 - armamento carregado;
 - armamento travado;
 - armamento preparado; e
 - armamento limpo.

SITUAÇÃO	REGIME	ARMAMENTO
Tropa estacionada fora da zona de combate	Limpo	- Fz sem carregador. - Mtr descarregadas. - Carregadores, cofres e fitas desmuniadas. - Lç Gr (SCF) descarregados. - Toda munição armazenada nos cunhetes adequados.
Contato remoto com o inimigo	Preparado	- Fz sem carregador. - Carregadores no fardo aberto. - Mtr descarregadas. - Cofres e fitas muniadas, armazenadas nas bolsas de transporte. - Lç Gr (SCF) descarregados. - Granadas de bocal, morteiro e CSR nos cunhetes adequados.

Tab 3-1 - Exemplo de regime de segurança do armamento

Contato pouco provável	Travado	- Fz alimentados (com o carregador municiado, porém sem a munição na câmara). - Mtr alimentadas com o conjunto à frente (arma fechada). - Lç Gr (SCF) descarregados. - Granadas de bocal, morteiro e CSR nos fardos de combate (fácil acesso), com grampos e pinos de segurança.
Contato iminente com o inimigo	Carregado	- Fuzis carregados e travados. - Mtr alimentadas com conjunto à retaguarda (arma aberta) e o registro de segurança na posição "S". - Lançador de Gr carregado e travado. - Granadas de bocal, morteiro e CSR nos fardos de combate (fácil acesso), com grampos e pinos de segurança.

Tab 3-1 - Exemplo de regime de segurança do armamento (continuação)

3.5.8.2.4 Prescrição para abertura do fogo:

- a) São os níveis de disciplina que descrevem as condições, com base em critérios de identificação de alvos, sob as quais as frações da Cia Fuz engajarão os alvos.
- b) O Cmt Cia Fuz define e ajusta a prescrição do fogo com base nos fatores da decisão. De modo geral, quanto maior a probabilidade de fratricídio mais restritiva é a prescrição.
- c) Os três níveis, em ordem decrescente de restrição, são:
 - 1) fogo proibido - engajar apenas com ordem do escalão que impôs a restrição;
 - 2) fogo restrito - engajar somente após ter realizado a identificação positiva de alvos e ter obtido autorização do escalão que impôs a restrição; e
 - 3) fogo livre - engajar somente após realizar a identificação positiva de alvos.

3.5.8.2.5 O estabelecimento de uma prioridade de engajamento pode seguir uma ou mais das funções:

- a) priorizar AAC
 - De acordo com o conceito da operação, o Cmt Cia Fuz determina quais tipos de alvo são mais prioritários.
 - Para isso, devem ser levadas em conta a importância e a urgência de cada alvo.
 - A importância refere-se ao grau de interferência que um alvo tem capacidade de provocar nas operações.
 - A urgência diz respeito ao grau de rapidez com que determinado alvo deve ser engajado antes que possa interferir nas operações.
 - Por exemplo, ele pode priorizar destruir uma fração de engenheiros inimigos, pois é a melhor maneira de impedir que o inimigo ultrapasse obstáculos;
- b) empregar a destinação correta do armamento para cada alvo
 - Ao estabelecer prioridades de engajamento, aumenta-se a eficácia com a qual as frações empregam suas armas.
 - Como exemplo, a prioridade de engajamento da Seç AC/Pel Ap são os CC inimigos e, na sequência, as VBTP.
 - Isso diminuiria a chance de os fuzileiros engajarem os CC com lança-rojões, menos eficazes que os CSR; e
- c) distribuir os fogos da Cia Fuz
 - Estabelecer prioridades de engajamento para cada fração da Cia Fuz evita o

desperdício de meios para neutralizar um alvo.

- Por exemplo, o Cmt Cia Fuz pode designar as metralhadoras inimigas como prioridade inicial para o 1º Pel Fuz, enquanto atribui os lança rojões e CSR como prioridade para o 2º Pel Fuz.
- Isso evita que ambos os pelotões concentrem fogo apenas nas posições de metralhadoras, ignorando a ameaça dos lança rojões e CSR que podem bater posições abrigadas e fuzileiros.

3.5.8.2.6 Gatilhos

- a) São condições predeterminadas que autorizam automaticamente o início, suspensão ou transporte dos fogos, sem necessidade de ordem adicional no momento da execução.
- b) Também denominados critérios de engajamento, especificam as circunstâncias precisas nas quais os elementos subordinados da Cia Fuz devem engajar, cessar ou deslocar seus fogos sobre determinado alvo.
- c) Os gatilhos podem ser estabelecidos com base em:
 - 1) Ações inimigas: movimento, concentração ou atividade específica do oponente;
 - 2) Ações amigas: progressão, sinalização ou manobra de elementos amigos; e
 - 3) Fatores temporais: horários ou intervalos predefinidos.

3.5.8.2.7 Técnicas de engajamento (execução do fogo)

- São medidas de distribuição de fogos orientadas a cada circunstância.
- As técnicas de engajamento mais comuns nas operações da Cia Fuz são:

a) Tiro Convergente

- Concentrar os efeitos do fogo de uma fração contra alvo específico e identificado, como blindado, metralhadora em uma casamata ou posição de armas AC.
- Quando os Cmt designam um ponto específico, todas as armas engajam o alvo, disparando até que este seja destruído ou o tempo necessário de supressão tenha expirado.
- Empregar fogos convergentes de posições afastadas tornam os fogos mais eficazes, pois o alvo é engajado por várias direções.
- A fração deve iniciar o engajamento contra a ameaça mais perigosa e depois reverter para fogo de zona contra outros alvos

menos perigosos;

b) Tiro de Zona

- Envolve a distribuição dos fogos de uma fração sobre área na qual as Pos Ini são numerosas.
- Se a área for grande, os comandantes atribuem setores de tiros aos elementos subordinados usando método de distribuição baseado no terreno, como a técnica de quadrante.
- Normalmente, o objetivo principal no tiro de zona é o volume de fogos. No entanto, sustentar essa técnica requer criterioso controle do consumo de munição;

c) Tiro Simultâneo

- As tropas empregam fogo simultâneo para obter rapidamente os efeitos de seus fogos ou para obter superioridade de fogos. O fogo simultâneo é empregado para suprimir a baixa probabilidade de acerto e destruição das armas AC.
- Como exemplo, um Pel Fuz deve empregar fogo simultâneo com seus sistemas de armas para garantir a destruição rápida de uma tropa inimiga que está ocupando um

acidente capital;

d) Tiro Alternado

- Pares de elementos engajam, um de cada vez, continuamente, o mesmo ponto ou área. Por exemplo, uma Cia Fuz pode alternar fogos de dois Pel Fuz.
- O tiro alternado permite um volume de fogos mais longo e força o inimigo a se engajar em diversos pontos; e

e) Reconhecimento pelo Fogo

- É uma técnica na qual uma fração dispara em uma provável posição do inimigo com finalidade de revelá-lo, pela sua movimentação no terreno ou sua reação pelo fogo.
- Essa resposta permite que a Cia Fuz faça a aquisição dos alvos e atire contra o Ini.
- Normalmente, o comandante determina um elemento subordinado para conduzir o reconhecimento pelo fogo, enquanto outro realiza a Obs e engajamento dos alvos.

3.5.8.3 Mais detalhes sobre medidas de coordenação de fogos encontram-se nos manuais MC-5.60 PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO DE FOGOS (4ª Edição, 2025) e EB70-MC-10.376 FORÇAS-TAREFAS SUBUNIDADES BLINDADAS (1ª Edição, 2021).

3.5.9 DURANTE O TRABALHO DE COMANDO, O CMT CIA FUZ DEVERÁ:

- a) interpretar as diretrizes de fogos do Btl;
- b) realizar o levantamento inicial dos alvos e identificar os AAV;
- c) selecionar locais para desdobramento dos meios de apoio de fogo (para cada fase da operação);
- d) identificar as linhas de engajamento máximo para as armas de fogo direto;
- e) selecionar posições de posto de observação (para cada fase da operação);
- f) elaborar as Tarefas Essenciais para o Apoio de Fogo (TEAF) da SU;
- g) identificar os AAC;
- h) priorizar o apoio de fogo;
- i) elaborar a Matriz Guia de Fogos;
- j) elaborar as Listas de Alvos Sensíveis, Restritos e Proibidos (LASRP)
- k) estabelecer MCAF;
- l) sincronizar o apoio de fogo com a manobra; e
- m) consolidar o Plano de Fogos da SU.

3.5.10 A ordem de operações deve prescrever as tarefas específicas de cada meio de apoio de fogo, posições iniciais e posteriores das frações de apoio de fogo, setores de tiro, AAC, formas de emprego, hora de abertura do fogo, prioridade de fogos, restrições de fogos, proibições de fogos e outras prescrições como reorganização ou execução do tiro em condições de visibilidade reduzida, principalmente na defesa.

3.5.11 TAREFAS ESSENCIAIS DE APOIO DE FOGO (TEAF)

3.5.11.1 As TEAF são ações que os meios de apoio de fogo disponíveis devem executar para apoiar eficientemente a manobra. No âmbito da Cia Fuz, após definida a manobra, são elaboradas TEAF que caracterizem ações imprescindíveis a serem realizadas pelos meios de Ap F, de forma a contribuir com o cumprimento de cada fase da operação.

- Pode haver mais de uma TEAF por fase da manobra, bem como pode ocorrer de uma determinada fase não possuir uma TEAF.

3.5.11.2 O Cmt Cia Fuz, assessorado pelo OA Art, elaboram as TEAF levando em consideração os seguintes fatores:

- a) o estado final desejado;
- b) a intenção do comandante;
- c) a prioridade de fogos; e
- d) as necessidades dos Pel Fuz.

- Eles devem concluir sobre “o quê” os fogos devem fazer para apoiar determinada fase da operação, e a finalidade (tática) que se quer atingir com a execução da tarefa, ou seja, “para quê”.

3.5.11.3 As TEAF são balizadas por: Tarefa, Propósito e Efeito:

- a) Tarefa
 - É a ação tática atribuída aos meios de Ap F.
 - Define “o quê” os fogos devem produzir para apoiar determinada fase da operação, atuando decisivamente como multiplicador do poder de combate.
 - É redigida em relação à ameaça que se interpõe e o que deve ser realizado para anular ou reduzir sua ação contra nossas forças.
- b) Propósito
 - É a finalidade tática que se quer atingir com a execução da tarefa.
 - Define o “para quê” os fogos devem ser executados.
 - É redigida com relação à manobra da tropa amiga.
- c) Efeito
 - É o resultado esperado, no alvo, com os fogos realizados, que baliza as medidas de eficácia da ação realizada.
 - Indica se a tarefa deve ser repetida ou não.

TEAF Nr 1
Tarefa: neutralizar as armas automáticas do 1º /1º /1º R C Rec (Ini) que executam fogo direto sobre a L Ct OURO.
Propósito: possibilitar a aproximação dos Elm Eng e os trabalhos de redução do obstáculo na L Ct OURO.
Efeito: disparos de armas automáticas do 1º /1º /1º R C Rec (Ini) sobre a L Ct OURO neutralizados.
TEAF Nr 2
Tarefa: dificultar a Obs do 1º /1º /1º R C Rec (Ini) sobre os trabalhos de Eng na abertura de brecha.
Propósito: possibilitar a redução do obstáculo.
Efeito: observação do do 1º /1º /1º R C Rec (Ini) neutralizada por 15 min.

Quadro 3-1 - Exemplo de TEAF para Cia Fuz Rlz a abertura de brecha durante Atq

3.5.11.4 Maiores informações sobre as TEAF encontram-se no manual MC-5.60 PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO DE FOGOS (4ª Edição, 2025) e EB70-MC-10.335 BATALHÕES DE INFANTARIA (1ª Edição, 2023).

3.5.12 MATRIZ GUIA DE FOGOS (MGF)

3.5.12.1 A Matriz Guia de Fogos (MGF) orienta sobre quando engajar por fogos os AAC e os efeitos desejados do engajamento.

3.5.12.2 Após decisão sobre qual linha de ação será adotada, o Cmt Cia Fuz, assessorado pelo OA Art prepara uma MGF sobre os AAC a serem engajados por fogos.

3.5.12.3 A MGF tem como propósito orientar os integrantes da ECAF/CCAF e dos órgãos de direção e controle de tiro sobre o momento de disparar e quais efeitos são esperados naquele determinado alvo.

3.5.12.4 No campo observação da MGF, podem ser estabelecidas peculiaridades, restrições ou orientações para engajamento de determinado AAC.

3.5.12.5 Como exemplos, tem-se a limitação de efeitos colaterais, utilização de algum tipo de munição específica, momento oportuno para engajamento, necessidade de coordenação adicional, necessidade de informar a avaliação dos efeitos sobre o alvo, entre outras possíveis considerações (Tab 3-2).

MATRIZ GUIA DE FOGOS - 1ª Cia Fuz			
AAC	QUANDO	EFEITO	OBSERVAÇÃO
PO Ini	Preparação	Obscurecer	
SU Bld Ini (Res)	Após a L Ct LEÃO	Neutralizar	Engj Prio com Art
Seç/Pel Mrt Ini	Imediatamente	Destruir	

Tab 3-2 - Exemplo de MGF

3.5.13 LISTAS DE ALVOS SENSÍVEIS, RESTRITOS E PROIBIDOS

3.5.13.1 As Listas de Alvos Sensíveis, Restritos e Proibidos (LASRP) orientam os escalões subordinados sobre a análise dos alvos para fins de engajamento por fogos e devem ser do conhecimento de todos os envolvidos nas operações.

3.5.13.2 As LASRP têm por finalidade estabelecer orientações, restrições ou proibições ao engajamento de certos tipos de alvos. As orientações dizem respeito aos alvos sensíveis, que, normalmente, são aqueles de grande valor estratégico e que podem suscitar a necessidade de uma autorização especial dos níveis decisórios superiores para serem engajados.

- Os alvos restritos e proibidos são aqueles cujo engajamento está ligado às condicionantes do apoio de fogo, resultante de necessidade de redução de danos colaterais, em face de leis ou acordos internacionais e das regras de engajamento vigentes.

3.5.13.3 No âmbito da Cia Fuz, a confecção das LASRP é de responsabilidade do Cmt SU, assessorado pelo OA Art.

3.5.13.4 É importante salientar que as MCAF restritivas e a LASRP são usados de forma complementar. Esse uso dá mais flexibilidade ao planejamento.

- Como exemplo, pode haver alvos proibidos, marcados individualmente, dentro de uma localidade que tenha sido assinalada como uma Área de Restrição de Fogos (ARF).

3.5.13.4 A Cia Fuz deve respeitar a LASRP do Btl, podendo apenas adicionar alvos ou elevar o nível de restrições.

3.5.14 PLANO DE FOGOS (PF)

3.5.14.1 o Plano de Fogos é um anexo à O Op da Cia Fuz. Sua elaboração é responsabilidade do CCAF/SU, com ênfase para o OA Art.

3.5.14.2 O PAF é, basicamente, constituído de uma parte escrita e dos anexos e seus apêndices correspondentes às armas de apoio que estejam disponíveis em determinada operação.

3.5.14.3 O PF começa a ser elaborado com a determinação das diretrizes de fogos pelo Btl, após definição da linha de ação a ser adotada, e é finalizado após o recebimento dos seus apêndices relativos a cada meio de apoio de fogo presente. Isto assegura a coordenação e integração entre as funções de combate Manobra e Fogos.

3.5.14.4 O PF da Cia Fuz é composto, no mínimo, pelas seguintes informações:

- a) Prioridade de Fogos;
- b) Alvos Altamente Compensadores;
- c) Matriz Guia de Fogos;
- d) Lista de Alvos Sensíveis, Restritos e Prioritários;
- e) Medidas de Coordenação do Apoio de Fogo;
- f) Apoio de Artilharia;
- g) Apoio de Morteiro (Btl);
- h) Defesa Anticarro (Btl);
- i) Apoio de Morteiro (Pel Ap);
- j) Defesa Anticarro (Pel Ap); e
- k) Outros apoios.

3.5.14.5 O PF pode possuir como apêndices ou anexos:

- a) PFE de Mrt (Pel Ap);
- b) Plano de defesa anticarro;
- c) calco das MCAF;
- d) Lista e calco de alvos (todos os meios de apoio de fogo orgânicos ou em apoio);
- e) cartões de alcance (metralhadoras e CSR); e
- f) roteiros de tiro (Pel Fuz, GC, CSR e metralhadoras).

3.5.14.6 Vários modelos da documentação supracitada encontram-se no manual MC-5.60 PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO DE FOGOS (4ª Edição, 2025) e no caderno de instrução EB70-CI-11.440 GRUPO DE COMBATE (Edição experimental, 2020).

3.5.15 PLANO DE DEFESA ANTICARRO (DAC)

3.5.15.1 O emprego das armas que têm missão específica contra carros inimigos será previsto em um calco separado, representando o plano de DAC. Caso haja CC em reforço, eles podem ser considerados neste plano.

3.5.15.2 Para cada arma AC é estabelecido um setor de tiro balizado por acidentes nítidos no terreno.

- Na defensiva, dentro do setor de tiro é estabelecida uma Direção Principal de Tiro a ser batida com prioridade.

3.5.15.3 As direções principais de tiro devem coincidir com as vias de acesso compatíveis para veículos blindados.

3.5.15.4 O setor de tiro define a zona de responsabilidade atribuída a uma determinada fração, com a finalidade de evitar a dispersão do fogo sobre uma zona maior que sua capacidade.

3.5.15.5 O Plano DAC, na defesa, deve ser intimamente coordenado com o Plano de Barreiras.

3.5.16 PLANEJAMENTO DOS FOGOS DE ARTILHARIA E MORTEIROS

3.5.16.1 O Cmt Cia Fuz, juntamente com o OA Art, levanta os alvos a serem batidos pela Art, elaborando uma lista de alvos, a qual é remetida para o Centro de Coordenação de Apoio de Fogo (CCAF) do Btl.

3.5.16.2 De maneira análoga, o Cmt Cia Fuz, juntamente com o OA Mrt/Btl, levanta os alvos a serem batidos pelo Pel Mrt, elaborando uma lista de alvos, a qual é remetida para o Central de Tiro do Pelotão de Morteiros do Btl.

3.5.16.3 Devem ser previstas concentrações nas posições inimigas conhecidas, suspeitas, locais de provável ocupação pelo inimigo ou mesmo pontos nítidos no terreno, a fim de facilitar o rápido enquadramento dos alvos inopinados.

3.5.16.4 As barragens devem ser empregadas na consolidação de um objetivo ou na defensiva, integrando os fogos de proteção final.

3.5.16.5 Após a coordenação de fogos no nível Bda e Btl, de posse do Plano de Fogos do Btl, o Cmt Cia Fuz verifica quais são as concentrações e barragens localizadas na sua Z Aç e levanta quais os alvos assinalados anteriormente nas suas listas de alvos, mas que não serão batidos por nenhum meio de apoio de fogo do Esc Sp.

3.5.16.6 Caso o Cmt Cia Fuz julgue importante para a sua manobra a utilização das concentrações suprimidas ou substituídas, ele determina que o Cmt Pel Ap as inclua em seu planejamento para a Seq Mrt (verificadas as condições técnicas do material).

- O Cmt Pel Ap deve, também, ficar em condições de desencadear as concentrações solicitadas ao Pel Mrt/Btl e à Artilharia que, porventura, não sejam atendidas.

3.5.16.7 O Cmt Cia Fuz posiciona no terreno as barragens de artilharia e morteiro recebidas do Esc Sp e as barragens das armas orgânicas, considerando a importância, natureza e valor das vias de acesso que devem barrar, sendo coordenadas com o plano de barreiras e as linhas de proteção final das metralhadoras.

- De maneira geral as vias de acesso para blindados devem ser batidas por artilharia e as vias de acesso de infantaria leve por morteiro.

3.5.16.8 A barragem da Seç Mrt do Pel Ap complementa as barragens de artilharia e morteiros previstas no plano de fogos do batalhão, na área da SU.

3.5.16.9 As barragens devem ser estabelecidas o mais próximo possível das posições amigas, respeitando-se as margens de segurança, características de tiro de cada arma de apoio e grau de proteção oferecido pelas posições ocupadas pela tropa.

3.5.16.10 Uma vez completo o planejamento de fogos, o Cmt Cia Fuz lança os alvos de interesse de sua manobra na matriz de sincronização e Plano de Fogos da SU para facilitar a condução da operação.

3.5.17 FLUXO DE COORDENAÇÃO DOS PEDIDOS DE TIRO INDIRETO NA COMPANHIA DE FUZILEIROS

3.5.17.1 Normalmente os Pel Fuz realizam os pedidos de apoio de fogo ao CCAF/SU. O OA Art verifica se o alvo é planejado ou inopinado, se está fora ou dentro da Z Aç da Cia Fuz, e propõe o meio de apoio de fogo mais adequado.

- O Cmt Cia Fuz decidirá baseado na missão, diretrizes de fogos do escalão superior, características do alvo e meios disponíveis.

3.5.17.2 Se Cmt Cia Fuz decidir pelo emprego dos morteiros da SU e o alvo estiver na sua Z Aç, os fogos são desencadeados imediatamente.

3.5.17.3 Se o Cmt Cia Fuz decidir pelo emprego do Pel Mrt/Btl, os fogos são solicitados diretamente à C Tir Mrt e ajustados pelo OA Mrt designado para a Cia Fuz.

3.5.17.4 Se o Cmt Cia Fuz decidir pelo emprego da artilharia orgânica, o OA Art pode formular o pedido diretamente à C Tir GAC da brigada enquadrante e realizar a sua ajustagem.

3.5.17.5 Em todos os casos, o O Lig Art, no CCAF/Btl, supervisiona a ação dos OA Art e pode intervir nos seus pedidos, se julgar necessário.

3.5.17.6 Nos casos de pedidos de fogos solicitados próximos ou fora dos limites da Z Aç da Cia Fuz, deve-se atentar à coordenação com o CCAF/Btl antes de prosseguir com o pedido de tiro para a C Tir Art ou Mrt, conforme exemplificado na Fig 3-6.

1	O CCAF/SU1, demandante do pedido de fogo, entra em contato com o CCAF/SU2 que coordenará a execução dos fogos sobre ALVO A. O CCAF/SU2 autorizará, ou não, sua realização, evitando o fratricídio ou a interferência na manobra planejada, independente do meio de apoio de fogo selecionado.
2	Após a autorização, o CCAF/SU1 que solicitou os fogos informará ao CCAF/U que os fogos serão efetuados com a coordenação entre as SU, não havendo maiores necessidades de atuação do CCAF/U.
3	Caso o alvo esteja na Z Aç de uma SU vizinha que não é da mesma U (ALVO B), o CCAF/SU deverá solicitar coordenação ao CCAF/U para ter autorização dos fogos, já que, em princípio, essas SU não terão ligações estabelecidas entre elas para agilizar a coordenação.

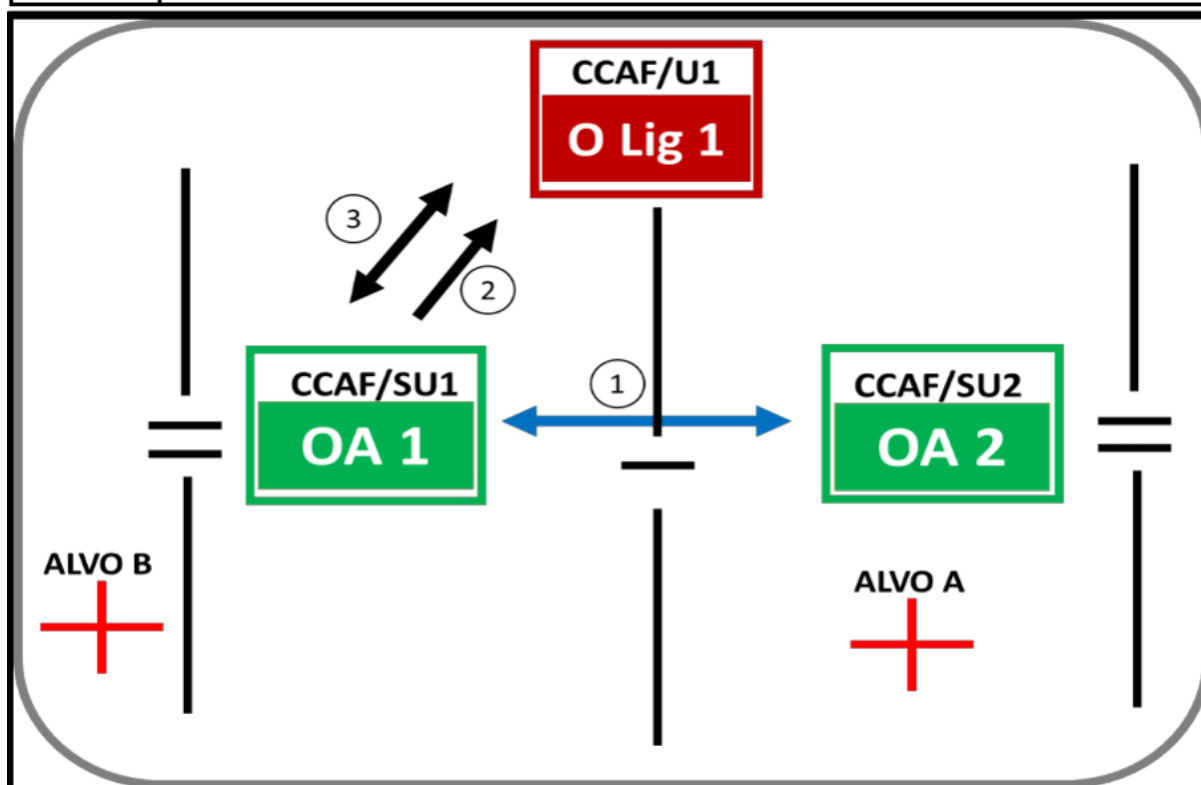


Fig 3-7 - Fluxo de coordenação dos pedidos de tiro no nível Subunidade (Fig e Tab)

3.5.18 PLANEJAMENTO E CONTROLE DOS FOGOS DIRETOS

3.5.18.1 A destruição ou neutralização do inimigo por meio do emprego dos fogos diretos é fundamental no combate aproximado da Cia Fuz.

- Esses fogos devem ser planejados, coordenados e controlados, de modo que resultem em eficaz distribuição e/ou concentração de seus efeitos, de acordo com a situação.

3.5.18.2 O processo de planejamento, coordenação e controle dos fogos diretos é composto pelas seguintes etapas, que visam à aquisição eficaz de alvos e à concentração dos fogos:

- a) identificar as prováveis posições ou VA do inimigo;
- b) determinar o local e a maneira de explorar o efeito dos fogos;
- c) orientar as forças envolvidas quanto ao planejamento estabelecido; e
- d) reorientar e redistribuir o efeito dos fogos.

3.5.18.3 A essência do processo de planejamento, coordenação e controle dos fogos diretos reside em duas ações críticas: a aquisição rápida e precisa de alvos e a concentração dos fogos para obtenção dos efeitos desejados.

3.5.18.4 O planejamento, coordenação e controle dos fogos diretos deve considerar os seguintes princípios:

- a) concentrar os efeitos dos fogos;
- b) priorizar na sequência a ameaça mais letal, a mais fugaz e a mais próxima;
- c) evitar múltiplo engajamento sobre o mesmo alvo;
- d) empregar cada arma em sua melhor destinação;
- e) expor-se apenas o necessário;
- f) prevenir o fratricídio e os danos colaterais;
- g) planejar para situações de visibilidade reduzida; e
- h) planejar para situações de emprego dos sistemas de armas em modo degradado.

3.5.19 ESCALONAMENTO DE FOGOS

3.5.19.1 A finalidade do escalonamento de fogos é mantê-los constantes e sobrepostos em um objetivo durante o desenvolvimento do ataque, permitindo que a tropa finalize sua manobra com o mínimo de baixas.

- O escalonamento de fogos, corretamente executado, reduz a observação do inimigo e a sua intervenção no ataque.

3.5.19.2 No âmbito da Cia Fuz, o Cmt Cia deve realizar esse planejamento, calcado nas informações da Ordem de Operações do Btl, Plano de Apoio de Fogo, Plano de Fogos de Artilharia, Plano de Fogos de Morteiro, escalonamento de fogos do Btl, quantidade de munição prevista e disponibilidade dos armamentos de apoio orgânico da SU.

3.5.19.3 Entender o escalonamento de fogos é essencial para que o apoio de fogo seja coordenado com a manobra.

3.5.19.4 O escalonamento de fogos começa com a execução dos fogos indiretos sobre os alvos que receberam concentrações para calibres com a maior DER.

- Na medida que a Cia Fuz avança seus Pel Fuz na direção do inimigo, esses fogos são cessados ou transportados (para que a tropa não sofra fratricídio) e são iniciados os fogos do calibre imediatamente inferior (referentes à próxima DER).

3.5.19.5 Esse processo continua até que o calibre com o menor DER cesse ou transporte

seus fogos e a tropa de manobra esteja perto o suficiente para utilizar seus fogos diretos, ocupar sua posição de assalto, realizar o assalto final, limpar e consolidar o objetivo.

3.5.19.6 A DER leva em conta o raio de explosão das munições, considerando a probabilidade de incapacitação da tropa.

- É definida como a distância mínima que a tropa amiga pode se aproximar do ponto de impacto da granada sem sofrer consideráveis baixas ou incapacitação.

3.5.19.7 A necessidade da missão e as características do terreno (existência de caminhos desenhados) podem permitir o avanço da tropa para além do limite da DER, mesmo durante a execução dos fogos indiretos do respectivo calibre. Esta possibilidade exigirá detalhado gerenciamento dos riscos.

3.5.19.8 Os Diagramas de Risco de Superfície também devem ser considerados no escalonamento de fogos, auxiliando o Cmt Cia Fuz e Cmt Pel a definir os momentos adequados para cessar ou transportar os fogos diretos, mitigando o risco de fratricídio.

3.5.19.9 Passos para o planejamento do escalonamento de fogos

3.5.19.9.1 Determinar quais capacidades de fogos indiretos estão disponíveis, incluindo a munição:

- a) Verificar os tipos de obuses e de morteiros para avaliar o traçado das Linhas de Controle da manobra de acordo com o alcance e demais especificações técnicas dos armamentos.
- b) Verificar os tipos e as quantidades de munições previstas para avaliar a quantidade de munição necessária para cada fase da manobra.

3.5.19.9.2 Verificar as DER e as características do ataque

- a) Verificar as DER de todos os tipos de munições de artilharia e de morteiro para confirmar a segurança contra fratricídio no traçado das Linhas de Controle.
- b) Verificar as necessidades específicas de munição de acordo com as ações críticas existentes (necessidade de iluminativo, fumígeno para obscurecimento etc).

3.5.19.9.3 Planejar o máximo de alvos, realizando o levantamento preciso e detalhado dos alvos já identificados pelo anexo de inteligência e de demais possíveis alvos em toda a zona de defesa do inimigo.

3.5.19.9.4 Revisar os planos de comunicações, verificando todas as prescrições previstas nas Instruções para Exploração das Comunicações e Eletrônica (IECom Elt) referentes ao fluxograma de desencadeamento de fogos.

3.5.19.9.5 Determinar qual será a velocidade de ataque, de acordo com o tipo e a natureza da tropa (previsto no Manual de Ensino Dados Médios de Planejamento - EB60-ME-11.401), ajustada às características do terreno e condições meteorológicas, para a determinação do traçado das Linhas de Controle da manobra (a serem comparadas com o resultado dos passos 1 e 2).

3.5.19.9.6 Determinar como a preparação de fogos será iniciada

- a) Verificar as prescrições de fogos referentes ao início dos fogos de preparação e decidir sobre o início do ataque. O tempo de execução da preparação pode ser utilizado para a finalização do desdobramento da tropa na Posição de Ataque e passagem pela LP, bem como no início do ataque propriamente dito, com a passagem pela LC.
- b) Determine os alvos a serem batidos pelos fogos de preparação e os alvos a serem batidos pela intensificação dos fogos.

3.5.19.9.7 Apresentar o escalonamento ao Btl, detalhando todas as coordenações estabelecidas na Cia Fuz para fins de avaliação pelo CAF e S-3 e aprovação pelo Cmt Btl.

3.5.19.9.8 Realizar os ajustes impostos pelo Cmt Btl, atualizando o planejamento do escalonamento de fogos.

3.5.19.9.9 Realizar o ensaio do escalonamento de fogos em terreno reduzido (com a representação dos acidentes capitais, Linhas de Controle, Objetivos), e a participação Cmt SU, OA Art, OA Mrt/Btl, Cmt Pel Fuz e Cmt Pel Ap.

3.5.19.10 Maiores detalhes sobre o escalonamento de fogos encontram-se no Caderno de Instrução EB70-CI-11.486 EXERCÍCIO TÁTICO COM TIRO REAL DE SUBUNIDADE (Edição Experimental, 2025).

3.6 EMPREGO TÁTICO DE FUMÍGENOS

3.6.1 Quando empregado corretamente, o fumígeno pode se tornar um multiplicador de poder de combate. Entretanto, sua utilização deve ser cuidadosamente planejada e coordenada para não interferir negativamente na manobra das próprias tropas ou de tropas amigas.

3.6.2 As missões concernentes ao emprego de fumaça podem ser cumpridas pelos meios orgânicos da Cia Fuz ou elementos de apoio.

3.6.3 Os meios orgânicos da SU proporcionam apenas pequenas cortinas, dentro da Z Aç da companhia.

3.6.4 As cortinas de fumaça executadas pela artilharia e Pel Mrt são desencadeadas a pedido ou previstas nos respectivos planos. São mais extensas e exigem coordenação com os elementos vizinhos, tendo em vista sua maior dispersão.

3.6.5 Seu emprego deve ser planejado para todas as operações e condições, incluindo ações noturnas e diurnas. Entretanto, deve-se ter em mente que o fumígeno não é um recurso que pode ser empregado indiscriminadamente, mas planejado e empregado de acordo com a disponibilidade das fontes geradoras e o efeito desejado.

3.6.6 Preferencialmente, os fumígenos devem ser empregados entre as forças amigas e inimigas, para aumentar as chances de obscurecimento. Para torná-los mais eficientes eles podem ser utilizados próximos ao inimigo.

3.6.7 Se o fósforo branco for empregado com a dupla finalidade de causar baixas e estabelecer cortina, as granadas serão, então, lançadas sobre as posições inimigas, sem levar-se em conta a direção do vento.

3.6.8 A eficiência dos fumígenos depende em muito das condições meteorológicas, tais como velocidade e direção do vento, umidade e temperatura. Para maiores informações relativas ao emprego tático da fumaça, ver o manual de campanha EB70-MC-10.234 DEFESA QUÍMICA, BIOLÓGICA, RADIOLÓGICA E NUCLEAR NAS OPERAÇÕES (1ª Edição, 2017).

CAPÍTULO IV

LOGÍSTICA

4.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

4.1.1 A subunidade (SU) é o menor escalão com funções logísticas. As suas atividades abrangem o controle e a manutenção do pessoal e do material sob sua responsabilidade, especialmente em relação à manutenção do armamento, das viaturas, dos materiais de comunicações e dos suprimentos de classes I e III, por meio da escrituração, mantida em ordem e em dia, e da fiscalização realizada por seu Cmt SU.

4.1.1.1 O Cmt Cia Fuz é responsável pelo apoio logístico da companhia e dos elementos em reforço, devendo assegurar-se que ele está sendo prestado também a todos os elementos sob o seu controle operacional.

4.1.1.2 Para a execução de suas funções logísticas, o Cmt Cia Fuz tem como principal auxiliar o SCmt Cia Fuz, que é o coordenador da logística da companhia, integrando e sincronizando os planejamentos da logística do pessoal e do material à manobra e ao apoio ao combate. Ele deve antecipar-se às necessidades de apoio logístico, encaminhar os pedidos de apoio ao S-4 com oportunidade e fiscalizar a distribuição de suprimentos e todo o apoio que é prestado à companhia.

4.1.2 APOIO LOGÍSTICO

4.1.2.1 O apoio logístico é o conjunto de atividades que visa a fornecer os recursos e serviços necessários às tropas orgânicas e em reforço, nos ramos de pessoal e material.

4.1.2.2 No âmbito da Cia Fuz existem cinco funções logísticas, com suas respectivas tarefas, a saber: suprimento, transporte, saúde, manutenção e recursos humanos.

4.1.2.3 Para maiores informações relativos às funções logísticas, consulte os manuais de campanha EB70-MC-10.238 LOGÍSTICA MILITAR TERRESTRE (2ª Edição, 2022) e EB70-MC-10.335 BATALHÕES DE INFANTARIA (1ª Edição, 2023).

4.2 LOGÍSTICA NA COMPANHIA DE FUZILEIROS

4.2.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

4.2.1.1 O gerenciamento das atividades logísticas é orientado para os objetos e objetivos básicos da logística - o PESSOAL e o MATERIAL.

4.2.1.2 Assim, a logística divide-se em dois grandes ramos, a logística de material e a logística de pessoal.

- Esta divisão da logística tem por finalidade simplificar as estruturas organizacionais e os procedimentos logísticos, permitindo maior coordenação e controle do Cmt Cia Fuz e

maior eficiência no apoio prestado aos elementos subordinados.

4.2.1.3 O Enc Mat e o Sgte, auxiliados pelos demais integrantes da Seq Cmdo, são os responsáveis pela condução e controle das atividades logísticas nos seus respectivos ramos de atuação, de acordo com as ordens e diretrizes emanadas pelo Cmt Cia Fuz.

4.2.1.4 A logística de pessoal, a cargo do Sgte, engloba todas as funções logísticas recursos humanos e saúde.

4.2.1.4.1 Função Logística Recursos Humanos - o controle do pessoal, o nivelamento dos efetivos, o controle das baixas, o processamento dos recompletamentos, o repouso, a recuperação, a recreação, o moral da tropa e os serviços em campanha, banho, lavanderia (troca de fardamento), sepultamento, serviço postal etc.

4.2.1.4.2 Função Logística Saúde - todas as tarefas, ações e procedimentos referentes à atividade de saúde realizados na SU, inclusive a evacuação de feridos.

4.2.1.5 A logística de material, a cargo do Enc Mat, engloba as funções logísticas suprimento, manutenção e transporte.

4.2.1.5.1 Função Logística Suprimento - pedidos, recebimentos, estocagem e distribuição às diversas frações.

4.2.1.5.2 Função Logística Manutenção - manutenção de todo o material (viaturas, armamento, comunicações, equipamentos diversos etc), incluindo o processamento do suprimento de manutenção e a evacuação do material.

4.2.1.5.3 Função Logística Transporte - controle dos meios para a realização dos deslocamentos da tropa, a distribuição de suprimentos, evacuação de material e de mortos.

4.2.1.6 No nível SU, sempre que possível, o apoio logístico deve ser planejado e executado de modo que todas as funções desenvolvidas pela companhia sejam deslocadas em direção aos elementos subordinados, de modo a liberar os comandantes de pelotão para as atividades de combate, sobrecarregando-os o mínimo possível com preocupações logísticas e evitando que os Pel se desloquem para a ATSU em busca de Ap Log.

4.2.2 SEÇÃO DE COMANDO

4.2.2.1 A Seq Cmdo da companhia concentra os meios de apoio logístico da SU, sendo complementada em suas deficiências pelo Ap Dto prestado pelas frações da CCAp.

4.2.2.2 Sua organização em pessoal e material varia dependendo do Quadro de Organização (QO) do Btl Inf do qual é orgânica.

4.2.2.3 Maiores informações sobre a Seção de Comando encontram-se no Caderno de Instrução CI 17-10/4 DESDOBRAMENTO DA SEÇÃO DE COMANDO (Edição Experimental, 2002)

4.2.3 PLANEJAMENTO LOGÍSTICO

4.2.3.1 O planejamento logístico deve assegurar o Ap Log antes e durante todas as fases de uma operação. Este planejamento deve ser realizado de forma coordenada com o planejamento tático e o dos apoios ao combate.

4.2.3.2 O planejamento logístico é encargo do SCmt Cia Fuz, que terá seu trabalho facilitado pelo emprego de procedimentos padronizados e adoção de normas gerais de ação (NGA).

4.2.3.3 Durante o Trabalho de Comando, o SCmt deve identificar e relatar ao Cmt Cia Fuz o seguinte:

- a) As imposições do Btl para a execução dos fluxos logísticos;
- b) As atividades logísticas necessárias para a execução da operação;
- c) A quantidade de suprimento necessário;
- d) A prioridade de apoio por atividade e por fração.

4.2.3.4 Com base nas necessidades, as possibilidades da logística devem ser avaliadas, verificando-se:

- a) Quais recursos logísticos estão disponíveis (orgânicos, em apoio e das SU vizinhas);
- b) Onde estão as instalações logísticas do Batalhão;
- c) Quando os recursos logísticos estarão disponíveis para elementos apoiados; e
- d) Como os recursos logísticos podem ser disponibilizados.

4.2.3.5 Baseado nessa análise, o planejamento logístico será desenvolvido, reagindo-se às disponibilidades.

4.2.3.6. Também deverão ser planejados:

- a) posicionamento e desdobramento da ATSU;
- b) mudanças de posição da ATSU;
- c) fluxos logísticos de todas as classes; e
- d) cadeia de evacuação de feridos.

4.2.3.7 Estimativa logística na companhia

4.2.3.7.1 A estimativa logística é uma análise dos fatores que podem afetar o cumprimento da missão traduzida sob forma de necessidade. O Cmt Cia Fuz utiliza-se desta estimativa para o planejamento logístico em apoio à manobra idealizada. A chave para essa estimativa é a situação do suprimento disponível, particularmente das Classes III, IV (em operações defensivas) e V (Mun).

4.2.3.7.2 No nível SU, raramente a estimativa logística constará de um documento escrito. O Sgte e o Enc Mat frequentemente irão formulá-la em termos que respondam as seguintes perguntas:

- a) Qual a situação atual da manutenção, dos suprimentos e dos transportes?
- b) Quanto e o que é necessário para apoiar a operação?

- c) Que tipo de apoio externo (Esc Sp) é necessário?
- d) As necessidades poderão ser atendidas através do processo normal, ou serão necessários outros processos de suprimento?
- e) O que está faltando e qual a consequência dessa falta na operação?
- f) Onde estão os elementos a serem apoiados durante a operação?

4.2.4 ÁREA DE TRENS DA SUBUNIDADE

4.2.4.1 Trens é a designação genérica para o conjunto dos elementos em pessoal, viaturas e material destinados a proporcionar apoio logístico a uma SU.

4.2.4.2 A finalidade dos trens da SU é operacionalizar a execução das atividades logísticas da companhia. Fornecem apoio logístico contínuo e cerrado aos pelotões e aos elementos em reforço, particularmente no que se referem à manutenção orgânica, suprimento, evacuação de feridos, transporte, evacuação do material danificado, capturado e salvo e registro e evacuação de mortos.

4.2.4.3 Os trens da Cia Fuz são compostos por:

- a) Trem de munição - Operado pelo Furriel
- b) Trem de manutenção - Operado pelo Sgt Mec Vtr
- c) Trem de saúde - Operado pelo Cb Atendente
- d) Trem de cozinha - Operado pelo Pel Sup
- e) Trem de bagagem - Controlado pelo Enc Mat

4.2.4.4 Os trens da SU fornecem Ap Log contínuo e cerrado à SU. Instalam-se, normalmente, dentro da Z Aç da Cia Fuz, se denomina área de trens de subunidade (ATSU).

4.2.4.5 A localização da ATSU é atribuição do Cmt Cia, que mantém estreito entendimento com o S-4 do batalhão.

4.2.4.5.1 A análise da localização de uma área de trens deve considerar os seguintes fatores: manobra, terreno, segurança (do fluxo e das instalações) e situação logística.

4.2.4.5.2 Para maiores detalhes sobre os fatores de localização da área de trens, consultar o manual de campanha EB70-MC-10.335 BATALHÕES DE INFANTARIA (2023).

4.2.4.5.3 Por motivo de segurança a ATSU deve se localizar a uma distância mínima de 500m da LP, na ofensiva, e 1.000m do LAADA, na defensiva.

4.2.4.6 Com os trens desdobrados, as dimensões mínimas da ATSU, face à necessidade de dispersão das viaturas e instalações, são de 50 x 100 m.

4.2.4.7 Em algumas oportunidades, e no caso da companhia se constituir na reserva do batalhão, esses meios ou parte deles podem se desdobrar na área de trens de combate (ATC) ou até mesmo na área de trens de estacionamento (ATE), de acordo com a análise dos fatores da decisão.

4.2.4.8 Instalações logísticas da área de trens (Fig 4-1)

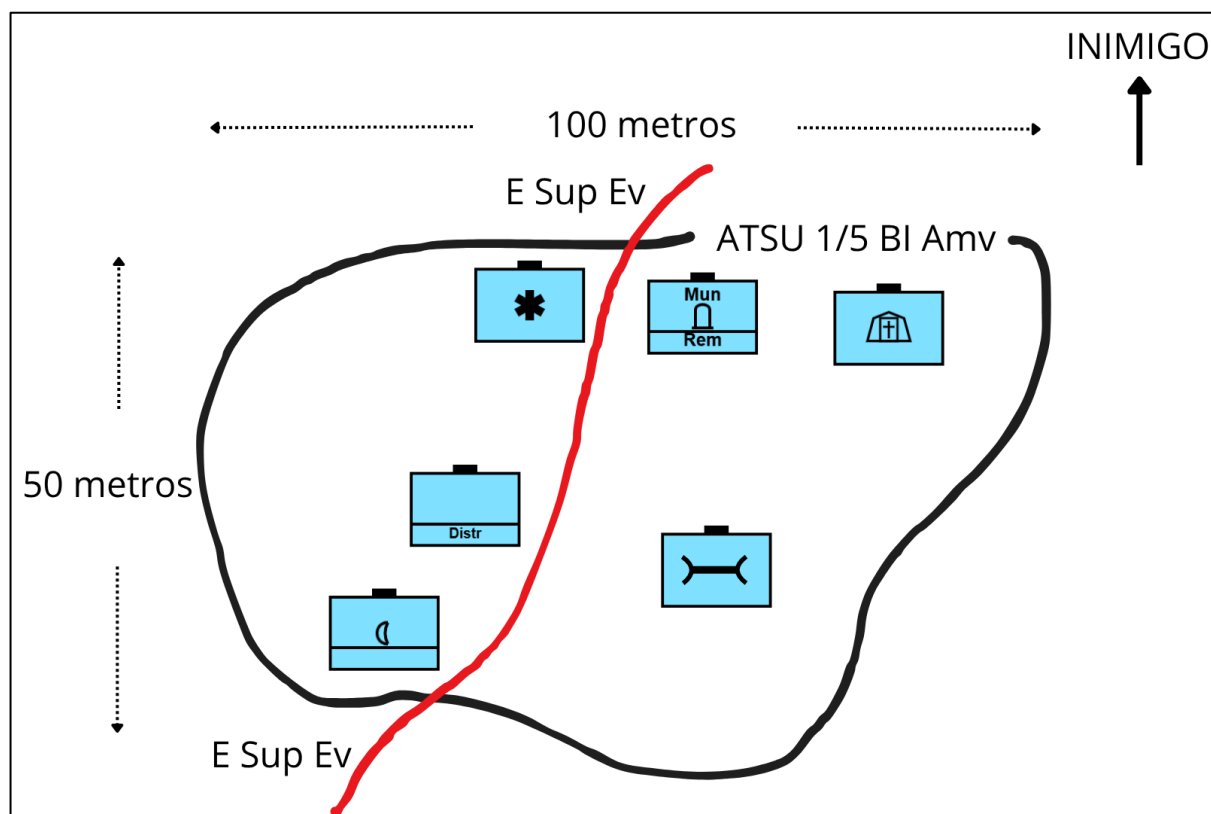


Fig 4-1 - Visualização de uma ATSU desdobrada no terreno.

- Para o funcionamento dos meios logísticos em campanha há necessidade de dispô-los em locais adequados, resultando, assim, as instalações logísticas.
- A tropa pode ser atendida nas diversas instalações, ou, em determinadas situações, os meios poderão ir à frente para servir à tropa, retirando dos comandantes de pelotão preocupações com encargos logísticos.

4.2.4.8.1 Área de Manutenção de Viaturas e Armamentos

- Local onde é realizada a manutenção destes materiais.
- Deve ser localizada em local amplo, coberto, de fácil acesso e de boa trafegabilidade.
- É o local onde são estacionadas as viaturas pertencentes aos elementos da ATSU.
- É operada pelo Sgt Mec Vtr.

4.2.4.8.2 Posto de Remuniciamento (P Remn)

- Local onde é desdobrado o posto de distribuição de suprimento classe V (Mun).
- Deve estar próximo do E Sup Ev/Batalhão e afastado de outras instalações, de acordo com o tipo e a quantidade de munição armazenada.
- Deve estar coberto e abrigado para evitar danos às outras instalações.
- Deve possuir condições mínimas para armazenamento de munição.
- É operado pelo furriel.

4.2.4.8.3 Ponto de Concentração de Feridos

- Instalação que recebe os feridos do campo de batalha, preparando-os para a evacuação, se for o caso.
- É operado pela Turma de Evacuação do Pelotão de Saúde.
- É o local onde se prepara os feridos para a evacuação (SFC).
- Deve localizar-se na orla anterior da ATSU, em local de fácil acesso e de fácil localização.
- No caso de operações ofensivas, cerra à frente, no desenrolar das ações, de forma a encurtar as distâncias de evacuação.

4.2.4.8.4 Área de Cozinha

- Local onde é preparada a alimentação da SU, quando as cozinhas do Btl são descentralizadas.
- Deve ser localizada em local coberto, próximo à fonte de água e distante do P Reu Mor.
- Devem ser escolhidos locais de consumo próximos às cozinhas, para os integrantes da ATSU.
- É operada pelo grupo de apoio direto de Sup CI I do Pelotão de Suprimento classe I.

4.2.4.8.5 Posto de Distribuição de Suprimentos (P Distr Sup)

- É o local onde o Enc Mat realiza a distribuição de todo o suprimento da companhia, à exceção do suprimento classe V (Mun).
- Desdobra-se no mesmo local de distribuição das refeições.

4.2.4.8.6 Ponto de Reunião de Mortos

- É o local que recebe os mortos do campo de batalha, onde é feita sua identificação (caso não tenha sido feita), preparando-os para a evacuação para o Posto de Coleta de Mortos (P Col Mor) na ATC.

4.2.4.9 Controle

4.2.4.9.1 O comandante dos trens da SU é o SCmt Cia Fuz.

- A esse oficial caberá determinar a localização específica de cada instalação na área de trens, bem como a responsabilidade pela execução dos deslocamentos, o controle e a segurança dos trens.

4.2.4.9.2 O SCmt estuda continuamente a situação, a fim de propor a oportunidade do deslocamento dos trens, de maneira a facilitar o apoio às operações.

- Após a decisão do comandante de realizar um deslocamento, aciona o reconhecimento dos itinerários e das novas áreas e expede a ordem de deslocamento, normalmente verbal.

4.2.4.10 Segurança dos Trens

4.2.4.10.1 A segurança dos trens será realizada pelos seus próprios elementos.

4.2.4.10.2 A segurança afastada é obtida pela localização dos trens próximos ou dentro do perímetro de segurança dos elementos de combate e da reserva.

4.3 FUNÇÃO LOGÍSTICA SUPRIMENTO

4.3.1 Suprimento é a função logística que trata da previsão e da provisão do material necessário às organizações e forças militares.

- O termo suprimento pode também ser empregado com o sentido geral de item, artigo ou material necessário para equipar, manter e operar uma organização militar.

4.3.2 Fluxo de suprimento é o processo cíclico que se inicia com o pedido de determinado artigo de suprimento e termina com sua distribuição ao usuário.

4.3.3 CLASSE DE SUPRIMENTO

4.3.3.1 Definição

- É o conjunto de artigos afins, grupados para facilitar o planejamento, a administração e o controle da atividade de suprimento.

4.3.3.2 A Força Terrestre adota 10 (dez) classes de suprimentos:

- a) Classe I - subsistência, incluindo ração animal e água;
- b) Classe II - material de intendência, englobando fardamento, equipamento, móveis, utensílios, material de acampamento, material de expediente, material de escritório e publicações. Inclui vestuário específico para defesa química, biológica, radiológica e nuclear (QBRN);
- c) Classe III - combustíveis, óleos e lubrificantes (sólidos e a granel);
- d) Classe IV - construção, incluindo equipamentos e materiais de fortificação;
- e) Classe V - armamento e munição (inclusive DQBRN), incluindo foguetes, mísseis, explosivos, artifícios pirotécnicos e outros produtos relacionados;
- f) Classe VI - material de engenharia e cartografia;
- g) Classe VII - tecnologia da informação, comunicações, eletrônica e informática, incluindo equipamentos de imageamento e de transmissão de dados e voz;
- h) Classe VIII - saúde (humana e veterinária), inclusive sangue;
- i) Classe IX - motomecanização, aviação e naval. Inclui material para DQBRN; e
- j) Classe X - materiais não incluídos nas demais classes, itens para o bem-estar do pessoal, artigos reembolsáveis e equipamentos (detecção e descontaminação) DQBRN.

4.3.4 No caso do Sup CI V, quando se fizer necessária a distinção do tipo de artigo a que se refere, utilizar-se-ão as abreviaturas: Sup CI V (Armt) para o armamento e Sup CI V (Mun) para a munição.

4.3.5 EIXO DE SUPRIMENTO E EVACUAÇÃO (E Sup Ev)

4.3.5.1 E Sup Ev é a estrada, caminho ou, eventualmente, uma direção, selecionada para unidade, através da qual deverá ser executado o grosso das atividades de suprimento e evacuação da responsabilidade do Btl.

4.3.5.2 O E Sup Ev se estende da Área de Trens de Estacionamento (ATE) do Btl à ATSU que realiza o esforço principal, passando pela Área de Trens de Combate. Ramifica-se, de acordo com as necessidades, para os demais elementos de primeiro escalão.

4.3.5.3 A Cia Fuz contribuirá com o Btl para manter a segurança do E Sup Ev.

4.3.6 PONTO INTERMEDIÁRIO LOGÍSTICO

4.3.6.1 Pontos Intermediários Logísticos (PIL) são locais de encontro entre os elementos apoiado e apoiador, previamente selecionados, eventualmente estabelecidos onde se realizam diversas atividades logísticas (principalmente suprimento e evacuação), visando assegurar a continuidade do apoio em determinada operação por força do aumento da distância de apoio, existência de obstáculos ao fluxo ou quando a situação impuser.

4.3.6.2 A localização do PIL deverá ser alterada constantemente, para cada período de operações, a fim de dificultar a sua localização pelo inimigo. Deverá ser prevista a utilização de meios que facilitem a localização dos PIL (guias, P Ct, P Lig etc)

4.3.6.3 O Cmt Cia Fuz pode estabelecer PIL na área entre a ATSU e as posições dos Pel, após a análise dos fatores da decisão.

4.3.6.4 Para maiores detalhes sobre os Pontos Intermediários Logísticos, consultar o EB70-MC-10.335 BATALHÕES DE INFANTARIA (1ª Edição, 2023).

4.3.7 PACOTES LOGÍSTICOS

4.3.7.1 Os Pacotes Logísticos (Pct Log) são conjuntos de suprimentos necessários para uma SU, em um determinado período (normalmente para uma jornada completa) e para determinada operação de combate, mais as viaturas logísticas do Btl necessárias para transportá-los até a ATSU.

4.3.7.2 A Cia Fuz pode receber o suprimento do Btl por Pct Log, ou mesmo apoiar suas frações utilizando essa modalidade.

4.3.7.3 A entrega dos Pct Log às SU dependerá, em princípio, da situação tática e logística existente. Poderão ser entregues a qualquer hora, conforme a urgência e a necessidade. Para detalhes comuns acerca da organização de Pct Log consultar o manual EB70-MC-10.355 FORÇAS-TAREFAS BLINDADAS (4ª Edição, 2020).

4.3.8 PROCESSOS DE DISTRIBUIÇÃO DE SUPRIMENTOS

4.3.8.1 Normalmente, a F Ter utiliza dois processos de distribuição: na unidade e por processos especiais.

4.3.8.2 O processo de distribuição na instalação de suprimento será utilizado excepcionalmente, quando a situação tática exigir, de modo a não onerar a organização apoiada com encargos logísticos de transporte até posições à retaguarda de sua zona de ação.

4.3.8.3 Distribuição na Unidade - é o processo em que o escalão que apoia leva o suprimento até a organização apoiada com seus meios de transporte, da retaguarda para os pontos mais à frente da zona de ação. As cargas destinadas aos consumidores finais são customizadas, evitando-se manipulação por órgãos intermediários ao longo da cadeia. Sempre que possível, deve optar-se por esse processo.

- A Cia Fuz receberá do Btl o suprimento na ATSU, e deverá distribuí-lo na posição dos Pel.

4.3.8.4 Distribuição por Processos Especiais - é o processo organizado pelo escalão que apoia para atender às necessidades específicas de uma força apoiada em operações, com seus próprios meios ou outros recebidos do escalão superior. Pode ocorrer por meio de comboio especial, posto de suprimento móvel, reserva móvel e suprimento por via aérea, considerando-se para sua execução a segurança dos recursos e a disponibilidade de meios de transporte.

4.3.8.5 Distribuição na Instalação de Suprimento - é o processo em que a organização apoiada vai até a organização logística apoiadora receber o suprimento, empregando seus próprios meios.

- A Cia Fuz destaca pessoal de suas posições para receber o suprimento na ATC ou ATE. De igual maneira, os Pel enviam pessoal à ATSU para receber o suprimento.

4.3.8.6 Os processos de distribuição de suprimento poderão ser combinados, dependendo da manobra logística executada. Maiores detalhes sobre os processos de suprimento são encontrados no manual de campanha EB70-MC-10.238 LOGÍSTICA MILITAR TERRESTRE (1ª Edição, 2018).

4.3.9 PRÉ-POSICIONAMENTO DE SUPRIMENTOS

4.3.9.1 O procedimento de pré-posicionamento de suprimentos pode ser utilizado, principalmente na defensiva e nos movimentos retrógrados, após análise dos fatores da decisão e trabalho de comando do Cmt Cia Fuz.

4.3.9.2 Os suprimentos necessários à determinada posição defensiva ou de retardamento de uma Cia Fuz poderão ser preposicionados no campo de batalha, para agilizar o apoio logístico ou por medidas de segurança.

4.3.10 SUPRIMENTO PARA A POPULAÇÃO CIVIL

4.3.10.1 Incluem os artigos destinados à manutenção das condições mínimas de vida, tais como: alimentos, medicamentos, roupas e os destinados a ajuda econômica.

4.3.10.2 A Cia Fuz poderá participar de atividades de suprimento em apoio à população civil, no escopo das operações de estabilização.

4.3.11 SUPRIMENTO CLASSE I - MATERIAL DE SUBSISTÊNCIA

4.3.11.1 A Cia Fuz não possui reserva orgânica, contudo conduz uma ração operacional para todo o seu efetivo como parte da reserva orgânica da brigada. Caso as cozinhas estejam descentralizadas, a Cia Fuz conduzirá de 2/3 (dois terços) a 1 e 2/3 (um inteiro e dois terços) de ração (R1) para o efetivo existente da SU.

- Reserva orgânica de Sup CI I é a quantidade de suprimento existente e não destinado ao consumo imediato.

4.3.11.2 É normal cada militar manter consigo uma ração AE, que não faz parte da reserva orgânica.

4.3.11.3 As rações operacionais podem ser consumidas sem autorização, exceto a ração de emergência. Após o consumo faz-se o pedido para recompletar a reserva orgânica da Brigada.

4.3.11.4 Normalmente não haverá pedido de Classe I, pois o suprimento será automático, compreendendo as rações necessárias para o consumo imediato e se baseará no efetivo existente informado a partir da Mensagem Diária de Efetivo (MDE), confeccionada pelo Sgte.

4.3.11.5 A Cia Fuz realizará um pedido eventual de ração nas seguintes situações:

- a) Necessidade de recomposição da reserva orgânica da Bda;
- b) Necessidade de recomposição do número de AE;
- c) Quando o excesso de rações comprometerem a capacidade de transporte ou a mobilidade.

4.3.11.6 O pedido eventual de ração é preparado pelo Sgte que o encaminha ao S4, nele constando a SU, quantidade e tipo de ração.

4.3.11.7 Normalmente, durante o combate, as rações a serem consumidas pelos elementos de 1º escalão serão as rações operacionais. A ração quente será consumida, sempre que possível nas Z Reu ou nas situações estáticas do combate.

4.3.11.8 Maiores detalhes sobre suprimento classe I no âmbito da Cia Fuz podem ser encontrados no manual de campanha EB70-MC-10.335 BATALHÕES DE INFANTARIA (1ª Edição, 2023).

4.3.12 SUPRIMENTO CLASSE II - MATERIAL DE INTENDÊNCIA

4.3.12.1 O suprimento classe II é composto por fardamento, equipamento individual, material de acampamento, material de rancho, material de alojamento e material de escritório.

4.3.12.2 A Cia Fuz deve realizar os pedidos de Sup Classe II com a finalidade de recompletamento. O pedido é feito pelo Enc Mat, sem formalidade, diretamente ao S-4.

4.3.13 SUPRIMENTO CLASSE III - COMBUSTÍVEIS, ÓLEOS E LUBRIFICANTES

4.3.13.1 Preferencialmente, será adotado o processo de distribuição na Unidade para o Sup CI III. Assim, Vtr cisternas de combustível devem deslocar-se até o elemento apoiado para distribuir o suprimento.

4.3.13.2 Eventualmente, as Vtr da Cia Fuz que se deslocam até a ATC ou ATE, ou à Base Logística de Brigada (BLB), se dirigem ao P Distr CI III, onde serão reabastecidas. Também terão substituídos seus camburões vazios por cheios.

- O mesmo procedimento é adotado com as Vtr que adentrarem a ATSU.

4.3.13.3 Os recipientes de graxas e lubrificantes vazios são substituídos por cheios, mediante troca direta.

4.3.13.4 Normalmente, a Cia Fuz não faz pedido de suprimento classe III. O Enc Mat envia diariamente ao S-4 Btl os níveis de suprimento, que indica o combustível existente em sua cisterna.

4.3.14 SUPRIMENTO CLASSE V - ARMAMENTO E MUNIÇÃO

4.3.14.1 A Cia Fuz desdobrará o P Remn na ATSU, onde ficará parte a munição da SU.

4.3.14.2 O Enc Mat, auxiliado pelo furriel, faz o pedido formal de munição ao S-4. As viaturas do trem de munição do Btl entregarão a munição ao P Remn/Cia Fuz e poderão, também, evacuar os mortos para o P Col Mor U, localizado na ATC.

4.3.14.3 Para cada operação, após o estudo dos fatores da decisão e dos dados médios de planejamento, deve ser estimada a munição necessária ao cumprimento da missão.

4.3.14.4 Esta estimativa tem a finalidade de oferecer ao Cmt Cia Fuz uma ferramenta de auxílio à decisão durante o combate, principalmente no que diz respeito ao acompanhamento da quantidade de munição disponível ao longo da operação.

4.3.14.5 Maiores detalhes sobre o fluxo de remuniciamento e cálculo de munição necessária podem ser encontrados no manual de campanha EB70-MC-10.335 BATALHÕES DE INFANTARIA (1ª Edição, 2023) e no caderno de instrução EB70-CI-11.486 EXERCÍCIO TÁTICO COM TIRO REAL DE SUBUNIDADE (edição experimental, 2025).

4.3.15 SUPRIMENTO CLASSE VIII - MATERIAL DE SAÚDE

4.3.15.1 As SU pedem o suprimento classe VIII diretamente ao Posto de Socorro do Btl, localizado na ATC.

4.3.15.2 A distribuição do Sup CI VIII em combate não obedece a processos preestabelecidos. É feito informalmente pelos elementos de saúde.

4.3.16 SUPRIMENTO CLASSE IX - MATERIAL DE MOTOMECANIZAÇÃO

4.3.16.1 As peças e conjuntos de reparação e os produtos acabados de grande vulto serão entregues diretamente pelo Btl na ATSU, normalmente, mediante simples troca.

4.3.16.2 Os de pequeno vulto serão substituídos pela troca direta, mediante apresentação do material danificado, visando ao reaproveitamento de matéria prima.

4.3.16.3 O Enc Mat, auxiliado pelo Sgt Mec Vtr, faz o pedido formal de Sup CI IX ao S-4.

4.3.17 MATERIAL DE OUTRAS CLASSES DE SUPRIMENTO

- O suprimento das classes IV, VI, VII e X exige um planejamento antecipado para seu recebimento na Cia Fuz. O Enc Mat deve manter ligação direta com o S-4 Btl para informar, com oportunidade, as necessidades da Cia Fuz.

4.4 FUNÇÃO LOGÍSTICA SAÚDE

4.4.1 O atendimento médico adequado é responsabilidade do comando em todos os escalões. Ele visa à conservação dos efetivos e à preservação da eficiência e do moral da tropa.

4.4.2 O apoio de saúde é planejado, coordenado e controlado pelo S-1 Btl, auxiliado pelo Cmt Pel Sau. A Cia Fuz participará do tratamento médico de emergência e, quando necessário, a evacuação de feridos, doentes e acidentados, no âmbito da SU.

4.4.3 A Cia Fuz estabelece um Ponto de Concentração de Feridos (PCF) instalação muito sumária, situada em local abrigado, para os quais são conduzidos os homens feridos.

4.4.4 O Pel Sau apoia a Cia Fuz com uma turma de evacuação composta de elementos de saúde que atuarão no suporte básico e na evacuação de feridos do PCF até o Posto de Socorro (PS), localizado na ATC. Esta turma se desloca com os trens da SU, seguindo imediatamente à retaguarda dos elementos de combate.

4.4.5 O primeiro cuidado com o militar ferido deve ser realizado por ele próprio (autoatendimento), desde que possível. Caso contrário, o primeiro atendimento deve ser prestado pelo seu companheiro mais próximo.

4.4.6 Em seguida, o ferido deve ser encaminhado até o PCF, se locomovendo isoladamente ou apoiado por elementos de sua própria fração.

4.4.7 No PCF, o ferido deve ser atendido pela turma de evacuação, que realizará a avaliação inicial, o suporte básico e, se necessária, a evacuação até o PS/Btl.

4.4.8 Para maiores esclarecimentos sobre o tratamento e evacuação de feridos consulte os manuais de campanha EB70-MC-10.343 ATENDIMENTO PRÉ-HOSPITALAR (APH) BÁSICO (1ª Edição, 2020) e EB70-MC-10.335 BATALHÕES DE INFANTARIA (1ª Edição, 2023).

4.5 FUNÇÃO LOGÍSTICA MANUTENÇÃO

4.5.1 A manutenção é uma responsabilidade de comando. Os Cmt, em todos os escalões, são responsáveis pela manutenção adequada de todo o seu equipamento.

4.5.2 Essa responsabilidade inclui as providências para a pronta recuperação do material danificado ou em pane, visando ao seu retorno ao serviço o mais rapidamente possível.

4.5.3 Em princípio, a manutenção deve ser executada tão à frente quanto o permitirem a situação tática e a disponibilidade de tempo e recursos. Muitas vezes, é preferível a ida do pessoal de manutenção ao encontro do material a proceder em sentido inverso, reduzindo a necessidade de evacuação.

4.5.4 Todas as viaturas que retornarem da atividade de suprimento poderão evacuar o material que necessitar de manutenção do escalão ou da instalação logística superiores.

4.5.5 FUNCIONAMENTO DA MANUTENÇÃO

4.5.5.1 Material Motomecanizado - A manutenção na SU é executada pelos seguintes elementos:

- a) Motorista - elemento base da cadeia de manutenção; é responsável pela manutenção de primeiro escalão.
- b) Turma de Manutenção da SU - realiza a manutenção de 1º escalão e faz o levantamento das necessidades de manutenção de 2º escalão da SU.

4.5.5.2 Armamento e Instrumentos - A manutenção do armamento e dos instrumentos óticos e de direção de tiro (IODT) é executada na unidade pelos seguintes elementos:

- a) Usuário do armamento / IODT ou guarnição - são os responsáveis pela manutenção de 1º escalão.
- b) Turma de Manutenção da SU - realiza a manutenção de 1º escalão do armamento e dos IODT e faz o levantamento das necessidades de manutenção de 2º escalão da SU.

4.5.5.3 Material de Comunicações

- a) A manutenção do material de comunicações da SU é feita detentores do material, supervisionados pelo Aux Com.
- b) Todo o material que necessite manutenção além do primeiro escalão deve ser evacuado para o Pel Com/Btl.

4.5.5.4 Material De Saúde

- A Tu Ev em apoio à Cia Fuz executa a manutenção de 1º escalão e providencia a evacuação do material que necessitar manutenção de outros escalões.

4.5.6 MATERIAL SALVADO E CAPTURADO

4.5.6.1 Material salvado

4.5.6.1.1 O material salvado, que abrange itens abandonados na área de operações e passíveis de reutilização (direta, após recuperação ou como sucata), representa uma importante fonte de suprimento para nossas forças ou aliados.

4.5.6.1.2 A Cia Fuz encarrega-se de evacuá-lo até o posto de coleta do batalhão, contando, quando necessário, com o apoio do Pelotão de Manutenção e Transporte (Pel Mnt Trnp), especialmente para materiais volumosos ou pesados.

4.5.6.2 Material capturado

4.5.6.2.1 Com o material capturado do inimigo procede-se da mesma forma que para o material salvo, exceto no que se refere às amostras de materiais novos, que devem ser imediatamente encaminhadas, após o conhecimento do S-2, aos órgãos técnicos do Esc Sp.

4.5.6.2.2 O material capturado deve ser evacuado para o P Col Slv do Batalhão.

4.5.6.2.3 Munição e outros artigos cujo manuseio por pessoal não habilitado possa oferecer perigo, não devem ser deslocados; devem ser mantidos sob vigilância, se praticável. O oficial de munições do Batalhão é notificado o mais cedo possível.

4.5.6.2.4 Suprimentos de saúde são manuseados de acordo com a Convenção de GENEBRA, sendo entregues às instalações de saúde, para inspeção, antes de sua redistribuição ou uso.

- Esses suprimentos são de especial valor para uso pelos prisioneiros de guerra, no tratamento de seus doentes e feridos, bem como no atendimento de civis.

4.6 FUNÇÃO LOGÍSTICA TRANSPORTE

4.6.1 As atividades de transporte, na SU, são de pequena monta, resumindo-se, praticamente, ao transporte de suprimentos, à evacuação de feridos e ao controle da coluna de marcha da SU.

4.6.2 As responsabilidades quanto a transportes na SU estão afetas ao SCmt Cia, no tocante à coordenação geral e ao planejamento e supervisão do transporte de suprimentos e evacuação de material. O Enc Mat é o responsável pela execução dos transportes.

4.6.3 Se a SU não tiver capacidade de transportar todo o seu efetivo e material com seus meios orgânicos, deve ser reforçada com viaturas para aumentar sua mobilidade.

4.7 FUNÇÃO LOGÍSTICA RECURSOS HUMANOS

4.7.1 Recursos Humanos é a função logística que tem a seu cargo planejar, integrar e controlar as tarefas de controle de efetivos, re completamento, repouso, recuperação, recreação, mão-de-obra, sepultamento, suprimento reembolsável, serviço postal, banho, lavanderia.

- Tem por finalidade prever, prover e apoiar o pessoal, contribuindo para manter elevado o moral das forças terrestres em operações.

4.7.2 As demais atividades referentes à pessoal, como disciplina e justiça militar, apoio religioso, finanças, prisioneiros de guerra e assuntos civis, realizadas no TO, não fazem parte da logística.

4.7.3 CONTROLE DE EFETIVOS

4.7.3.1 Todos os comandantes das frações orgânicas ou recebidas em reforço, manterão rigorosos controles de seus efetivos, transmitindo de forma padronizada em NGA da SU, as alterações ocorridas, no exato momento da ação.

4.7.3.2 O Sgte manterá um registro escrito das variações do efetivo da SU baseado nas informações fornecidas pelo Cmt Cia. Ao tomar conhecimento de alteração no efetivo por outras fontes, o Sgte e deverá confirmá-las com o comandante ou SCmt Cia.

4.7.3.3 Quando da chegada de reforços ou elementos em Ap Dto à SU, o Cmt deverá passar ao Sgte os dados referentes ao efetivo recebido, quando da apresentação da fração na SU.

4.7.3.4 A mensagem diária de efetivo (MDE) é um documento elaborado pelo Sgte. Abrange um período de 24 horas.

- Deve conter as perdas, inclusões e movimentos de PG havidos no período. O Cmt Cia Fuz deve estar constantemente informado da situação do pessoal e informar ao S-1 todas as alterações ocorridas, conforme diretrizes do Cmt Btl.

4.7.3.5 O Sgte preencherá no livro controle de pessoal a situação de cada elemento da companhia, registrando-se os fatos e destinos, bem como as ações meritórias ou que exijam registro para providências futuras.

4.7.3.8 O mapa da força é um relatório da situação de pessoal para uma determinada atividade ou em um determinado momento, contém a discriminação do pessoal orgânico e em reforço, discriminando o efetivo previsto, existente, os claros e os excessos. A Cia Fuz envia o mapa da força ao S-1, mediante solicitação.

4.7.4 PERDAS

4.7.4.1 As perdas afetam o moral e a combatividade da tropa e ocasionam claros a preencher pelo re completamento.

4.7.4.2 Perda é qualquer redução no efetivo provocada pela ação do inimigo, doença, acidente ou movimentação.

4.7.4.3 O Sgte deve controlar as perdas discriminando a qualificação dos elementos em falta da SU.

4.7.5 MILITARES EXTRAVIADOS E DESAPARECIDOS

4.7.5.1 Extraviado é o militar que, sem autorização ou vontade própria, ao desempenhar qualquer serviço, em viagem, em campanha ou em caso de calamidade pública, tem paradeiro ignorado por mais de 30 (trinta) dias.

4.7.5.2 Desaparecido é o militar que passa a ausente de sua unidade, involuntariamente, por mais de 48 horas.

4.7.6 RECOMPLETAMENTO

4.7.6.1 Na Cia Fuz, o Sgte atua como o responsável direto, perante o Cmt Cia Fuz, por todas as questões relacionadas ao reacompletamento. Compete a ele solicitar, receber, distribuir e encaminhar os reacompletamentos entregues à sua SU.

- Ao receber o reacompletamento, o Sgte elabora uma proposta de distribuição dos novos efetivos dentro da SU, seguindo as orientações do Cmt Cia Fuz, assegurando que a alocação seja alinhada às necessidades operacionais.

4.7.6.2 As oportunidades ideais para realizar o reacompletamento ocorrem quando a SU está em área de recuperação, em reserva ou em Z Reu, momentos que permitem melhor organização e integração dos novos efetivos. Para isso, o S-1 Btl informará à SU, com antecedência, os detalhes essenciais do processo, incluindo data, hora, local e o efetivo de reacompletamento a ser recebido, possibilitando um planejamento eficiente.

4.7.7 SEPULTAMENTO

4.7.7.1 As atividades de sepultamento em um cenário de guerra têm duas finalidades principais: preservar as condições sanitárias no campo de batalha e manter elevado o moral das tropas e da população civil.

4.7.7.2 A remoção imediata dos cadáveres, sejam de soldados amigos ou inimigos, atende à primeira finalidade, evitando riscos à saúde. Já o tratamento cuidadoso e respeitoso dado aos mortos fortalece o moral, tanto dos combatentes no teatro de operações quanto da população na retaguarda.

- Embora inimigos recebam o mesmo tratamento digno, é vedada a mistura de corpos de lados opostos.

4.7.7.3 Na Cia Fuz, o sepultamento envolve etapas bem definidas: identificação, coleta dos corpos, registro e evacuação. Todas as etapas são coordenadas pelo Sgte.

4.7.7.3.1 A identificação inicial é feita pelo comandante de grupo, adjunto de pelotão ou comandante de pelotão, registrando nome, função e identidade do militar morto (informações da placa de identificação).

4.7.7.3.2 Após essa identificação sumária, o cadáver é coletado por elementos da SU e conduzido até o Ponto de Reunião dos Mortos (P Reu Mor), localizado na ATSU. Para facilitar o transporte e reduzir o impacto psicológico, os corpos são cobertos com mantas ou ponchos, e o P Reu Mor deve ser posicionado em local discreto, próximo ao P Remn e fora da vista de quem circula na área. Essa etapa é de responsabilidade do furriel.

4.7.7.3.3 Os dados dos mortos conduzidos até o P Reu Mor são registrados pelo Sgte.

4.7.7.3.4 Após o registro dos mortos, a Cia Fuz providencia sua evacuação até o Ponto de Coleta de Mortos do Batalhão (P Col Mor/Btl), geralmente por viaturas da CCAP destinadas exclusivamente a essa função.

- É expressamente proibido utilizar ambulâncias ou viaturas de suprimento de classe para o transporte de cadáveres, garantindo a separação entre funções logísticas e sanitárias.

4.7.7.4 A permanência dos mortos no âmbito da Cia Fuz deve ser a mais curta possível. Todos os pertences e objetos que se encontram com o cadáver são evacuados com ele para o P Col Mor/Btl.

- Caso necessário, o armamento individual, munição, explosivos, ração de emergência e equipamentos podem permanecer na SU. Neste caso, a SU apenas participa que deixa de evacuá-lo porque dele necessita para suprir claro de outro armamento destruído (ou perdido) por ação do inimigo.

4.7.7.5 Caso o pelotão não consiga identificar um morto, o comando da subunidade assume a responsabilidade de fazê-lo.

4.7.8 OUTRAS ATIVIDADES

4.7.8.1 As tarefas relativas a suprimento reembolsável, lavanderia, banho, serviço postal, repouso, recuperação e recreação são coordenadas pelo Btl, cabendo à Cia Fuz seguir os procedimentos estabelecidos pelo Esc Sp.

4.7.8.2 Para maiores esclarecimentos sobre as atividades supracitadas, consulte o manual de campanha EB70-MC-10.335 BATALHÕES DE INFANTARIA (1ª Edição, 2023).

4.7.9 PRISIONEIRO DE GUERRA

4.7.9.1 O planejamento, a coordenação e a supervisão de tudo que se refere aos prisioneiros de guerra compete ao S-1 Btl.

4.7.9.2 O mais cedo possível, após a captura, os prisioneiros devem ser desarmados, agrupados e separados para evacuação: oficiais, graduados, desertores, civis e mulheres.

4.7.9.3 O tratamento a ser dispensado aos prisioneiros é regulado pela Convenção de Genebra de 1949 e seus protocolos adicionais. As principais prescrições, no que interessa à Cia Fuz, são:

- a) não são permitidos atos de violência nem medidas de represália;
 - b) a pessoa e a honra dos prisioneiros devem ser respeitadas;
 - c) a evacuação deve ser imediata, para não expor os prisioneiros a perigos desnecessários;
 - d) nos interrogatórios, os prisioneiros são obrigados apenas a declarar nome, posto ou graduação, número de identidade e idade;
 - e) a discriminação permitida baseia-se no posto ou graduação, condições físicas e mentais, qualificações profissionais e sexo;
 - f) o posto e a antiguidade dos oficiais devem ser respeitados devidamente;
 - g) a alimentação dos prisioneiros deve ser igual à das tropas amigas em valor nutritivo;
- e

h) os prisioneiros não podem ser empregados em trabalhos diretamente ligados às operações de guerra, particularmente no manuseio e transporte de material para unidades combatentes.

4.7.9.4 A Cia Fuz deve evacuar os PG até os locais de coleta do Btl tão logo as condições táticas o permitam.

4.7.9.5 Para informações sobre prisioneiros de guerra consulte o manual de campanha EB70-MC-10.335 BATALHÕES DE INFANTARIA (1ª Edição, 2023).

CAPÍTULO V

MOVIMENTOS DE TROPAS

5.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

5.1.1 O movimento de tropas é o deslocamento de soldados e unidades de um local para outro por qualquer meio disponível. A capacidade de um comandante de posicionar suas forças para uma operação de qualquer tipo depende de sua habilidade em mover essas forças. A essência da agilidade no espaço de batalha é a capacidade de realizar movimentos rápidos e organizados, concentrando o poder de combate em pontos e momentos decisivos.

5.1.2 Um movimento bem-sucedido coloca a Ci Fuz no destino correto, no momento adequado, pronta para o combate.

5.1.3 Os movimentos de tropa podem ser classificados em movimento ou marcha administrativa, marcha tática e marcha de aproximação. São realizados por meio de marchas a pé e motorizadas, transporte ferroviário, fluvial, marítimo, aéreo ou pela combinação desses processos.

5.1.4 MOVIMENTO OU MARCHA ADMINISTRATIVA

- É um deslocamento em que as tropas e os veículos são organizados para agilizar o movimento e conservar tempo e energia, quando não se espera interferência inimiga terrestre. O Cmt Cia Fuz realiza movimentos administrativos apenas em áreas seguras. Normalmente, não utiliza movimentos administrativos quando a SU está engajada em operações de combate.

5.1.5 MARCHA TÁTICA

- É um movimento rápido utilizado para deslocar unidades para uma área de operações, preparando-as para operações de combate. O fator primordial de uma marcha tática é a velocidade de deslocamento. No entanto, a força em movimento emprega medidas de segurança, mesmo quando não se espera contato com forças inimigas. Durante marchas táticas, o Cmt Cia Fuz está sempre preparado para tomar medidas imediatas caso seja atacado por inimigos (a marcha para o combate é um tipo de marcha tática).

5.1.6 MARCHA DE APROXIMAÇÃO

- É o avanço de uma unidade de combate quando o contato direto com o inimigo é previsto. A marcha de aproximação enfatiza a velocidade e a tropa se desloca reunida e desdobrada taticamente. A Cia Fuz Bld, Mec e Mtz têm maior capacidade de realizar marchas táticas e marchas de aproximação.

5.1.7 A decisão de utilizar uma marcha como método de deslocamento considera a situação operacional, a natureza do terreno, o valor estratégico, a composição da unidade, a distância total a ser coberta, a necessidade de rapidez no emprego, o estado

geral da tropa e a adequação dos meios de transporte disponíveis.

5.1.8 O planejamento, a ordem para a sua execução e a conduta da marcha ficarão sensivelmente facilitados pela adoção de NGA. Essas normas, em geral, são baixadas pelo Btl, mas devem ser detalhadas na Cia Fuz.

5.1.9 Todo movimento de tropa, seja ele tático ou preparatório, demanda a aplicação de medidas administrativas essenciais, cuja natureza específica se adapta ao meio de transporte utilizado.

- Algumas dessas medidas são comuns a todos os tipos de deslocamento:

- a) Organização para o transporte - a tropa deve ser estruturada em grupamentos e unidades de marcha, visando efetivar a capacidade dos meios de transporte disponíveis;
- b) Preparo e embarque de material - inclui a embalagem adequada, a identificação clara (marcação) e o carregamento eficiente de todo o material necessário;
- c) Concentração e embarque da tropa - compreende a reunião dos militares, o deslocamento organizado até o ponto de embarque e a designação específica dos lugares para cada indivíduo no meio de transporte.
- d) Suporte durante o deslocamento - abrange as diretrizes para alimentação, assistência médica, períodos de descanso adequados e a manutenção de equipamentos ao longo do movimento.
- e) Desembarque e reunião no destino - envolve a organização da tropa e do material no ponto de chegada, garantindo o seu reagrupamento eficiente.

5.1.10 Para estudo mais aprofundado, devem ser consultados os manuais de campanha EB70-MC-10.335 BATALHÕES DE INFANTARIA (1ª Edição, 2023), EB70-MC-10.304 MARCHAS A PÉ (3ª Edição, 2019) e C 25-10 TRANSPORTES MOTORIZADOS (1ª Edição, 2002).

5.2 PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO

5.2.1 A companhia normalmente realiza seus movimentos sob o enquadramento do batalhão. Durante o exame de situação, o batalhão emite uma ordem preparatória com informações sobre a missão, horário de início do movimento, destino e finalidade. O Cmt Cia Fuz retransmite essas informações o mais cedo possível aos seus subordinados para iniciar os preparativos do deslocamento.

5.2.2 DISTRIBUIÇÃO DE VIATURAS

5.2.2.1 Quando a companhia se desloca motorizada, deve receber viaturas em reforço. O Enc Mat recebe essas viaturas e as orienta para um ponto de reunião, de onde são deslocadas para a zona de embarque ou ponto de carregamento do material.

5.2.2.2 Quando a companhia marcha a pé, as viaturas orgânicas normalmente transportam parte do pessoal, preferencialmente à retaguarda da tropa que se desloca a pé. O número de homens conduzidos nestas viaturas é limitado ao mínimo necessário para o embarque e desembarque do material previsto, bem como para outros trabalhos administrativos no fim da marcha.

5.2.3 ORDEM DE MOVIMENTO

- Após concluir o exame de situação, o Cmt Btl reúne os comandantes de companhia e emite a ordem de movimento. Essa ordem fixa o itinerário, ponto de destino, horário, velocidade, formação, intervalos de tempo, organização da coluna, altos, normas de segurança, medidas de coordenação e controle, além de pormenores de marcha não previstos nas NGA. As ordens podem ser simplificadas pelo emprego de cartas, calcos e quadros de movimento.

5.2.4 ORGANIZAÇÃO DA COLUNA

5.2.4.1 A Cia Fuz, normalmente, constitui uma única Unidade de Marcha (UM), organizada para manter a necessária unidade de comando. O Cmt Cia Fuz não tem lugar fixo na coluna, posicionando-se onde melhor puder exercer o controle sobre seus homens.

5.2.4.2 Quando tratar-se de uma marcha motorizada, os comandantes de pelotão são informados do número e da capacidade das viaturas distribuídas a seus pelotões. Os homens e o material devem ser formados em grupos de embarque, sendo mantida a integridade tática das frações, para que este se realize com facilidade e rapidez.

5.2.4.3 Para a formação da coluna de marcha, as viaturas partirão com a necessária antecedência da zona de embarque a fim de poderem passar no ponto inicial (PI) na hora prevista, de forma que a unidade de marcha não permaneça na estrada aguardando a formação da coluna.

5.2.5 EXECUÇÃO DO MOVIMENTO

5.2.5.1 A Cia Fuz, como UM deverá manter os intervalos de tempo prescritos na ordem de movimento, evitando cerrar sobre outra UM, obstruindo a estrada.

5.2.5.2 A velocidade da marcha é prescrita na ordem de movimento, podendo ser padronizada nas NGA da unidade. Essa velocidade dependerá do terreno e das condições meteorológicas, das condições físicas da tropa, da extensão da marcha e da missão. A velocidade é mantida com o emprego de reguladores de marcha que se deslocam à testa da unidade de marcha.

5.2.5.3 Os postos de controle de trânsito (PC Tran) são instalados ao longo do itinerário para exigir a observância dos horários de marcha, transmitir ordens aos oficiais controladores e para controlar o trânsito.

5.2.5.4 Todos os elementos da coluna mantêm a formação determinada. O deslocamento dos comandantes fora da formação é perigoso e prejudica o trânsito na estrada.

- Durante as marchas preparatórias, os comandantes normalmente deslocam-se à retaguarda de suas frações.
- As distâncias entre os pelotões não são rigidamente mantidas, sendo permitida uma pequena variação para compensar as mudanças de velocidade dentro da coluna.

5.2.5.5 Os altos serão realizados de acordo com o prescrito na ordem de movimento ou nas normas gerais de ação do batalhão que, normalmente, preveem o intervalo de tempo e a duração deles.

5.2.5.6 Quando a marcha é motorizada, as viaturas estão mais sujeitas à variação de velocidade e às paradas do que os elementos a pé.

- Estes retardamentos podem ser reduzidos por meio dos reconhecimentos, dos planejamentos, da coordenação com outras unidades e pela manutenção do controle na estrada.

5.2.5.7 Sinalizações manuais e acústicas podem ser empregadas na coluna de marcha. Um plano para o emprego de rádio deve ser preparado e distribuído junto com a ordem de movimento.

5.2.5.8 Sob condições de visibilidade reduzida faz-se necessário o uso de meios optrônicos e adoção de medidas especiais de controle como redução do intervalo entre as frações e os elementos integrantes da coluna e emprego de sinalização fluorescente.

5.2.5.9 Quando a coluna se aproxima de seu destino deve encontrar os guias no ponto de liberação (P Lib). Esses guias orientam os elementos por seus diferentes itinerários para as áreas escolhidas.

5.3 ESTACIONAMENTOS

5.3.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

5.3.1.1 Área de estacionamento em campanha é o local onde as tropas são reunidas para repouso, reorganização ou instrução, e onde são mantidas as instalações de retaguarda.

5.3.1.2 A área de estacionamento da companhia é escolhida pelo batalhão. Sempre que possível deve dispor de instalações para o abrigo da tropa. Sob pena de desgastar prematuramente a tropa, é indispensável que lhe sejam proporcionadas condições de repouso, higiene, conforto e possibilidade de manutenção de seu material.

5.3.1.3 Devido às possibilidades da aviação inimiga, a ocupação de um estacionamento sempre que possível será realizada durante a noite. Na escuridão esta ocupação torna-se uma operação particularmente difícil e penosa, necessitando de um planejamento detalhado para que seja rápida e adequada.

5.3.1.4 São desejáveis as seguintes características para uma área de estacionamento:

- a) possuir cobertas e abrigos;
- b) possuir espaço suficiente para a disposição do pessoal e das viaturas, e próxima à fonte de água;
- c) possuir suficiente rede de estradas ou caminhos;
- d) permitir o deslocamento através do campo;

- e) possuir obstáculos naturais que impeçam o ataque de elementos mecanizados; e
- f) atender às condições de higiene e salubridade.

5.3.2 FORMAS DE ESTACIONAMENTO

5.3.2.1 Acantonamento

5.3.2.1.1 Situação em que a tropa ocupa edificações para alojamento, como casas, edifícios e galpões. É a melhor forma de estacionamento, visto que permite uma maior comodidade ao pessoal e ampla proteção ao material.

5.3.2.1.2 A Cia Fuz ocupa a área designada pelo Cmt Btl. Os trens da SU estacionam, em princípio, dentro de seu setor.

5.3.2.2 Acampamento

5.3.2.2.1 Estacionamento no qual a tropa utiliza barracas para alojar o pessoal e guardar o material leve.

- O material pesado é disposto sob as cobertas existentes.

5.3.2.2.2 Se a área de acampamento não dispuser de cobertura vegetal suficiente para a camuflagem da tropa, os pelotões são dispostos em profundidade e largura, mantendo-se as frações constituídas.

5.3.2.2.3 A dispersão visa a atenuar a observação e os efeitos da aviação inimiga, aeronaves remotamente pilotadas, mísseis e foguetes.

- A camuflagem é empregada ao máximo como medida de proteção passiva contra a observação inimiga.

5.3.2.3 Bivaque

- Situação na qual a tropa estaciona ao ar livre, sem abrigo ou sob abrigos improvisados.
- O bivaque é estabelecido aproveitando-se as cobertas e abrigos existentes e de modo a facilitar o controle da tropa.

5.3.3 DISTRIBUIÇÃO E OCUPAÇÃO DOS LOCAIS DE ESTACIONAMENTO

5.3.3.1 A distribuição e ocupação dos locais de estacionamento são condicionadas pela situação tática atual e pela previsão de ações futuras.

5.3.3.2 A probabilidade de contato com o inimigo é um fator determinante na organização do estacionamento, influenciando diretamente as prioridades entre bem-estar, segurança e necessidades táticas.

5.3.3.2.1 Contato remoto com o inimigo

- Prioriza-se o conforto da tropa, com áreas amplas, próximas ao itinerário de marcha, facilitando o reinício do deslocamento, a proteção e o recebimento de suprimentos.

5.3.3.2.2 Contato pouco provável

- A ênfase recai sobre as necessidades táticas e de segurança, com um dispositivo de combate em largura e profundidade.
- O conforto é subordinado à segurança, com armas posicionadas para proteção em todas as direções e trens/SU ocultos e dispersos à retaguarda.

5.3.3.2.3 Contato iminente

- As necessidades de combate predominam, e a área é designada como Zona de Reunião (Z Reu), com organização voltada exclusivamente para a preparação tática.

5.3.3.2 Distribuição e Ocupação no Âmbito da Companhia de Fuzileiros

5.3.3.2.1 Após a distribuição das áreas pelas SU do Btl, a ocupação do estacionamento é coordenada pelo Cmt Cia Fuz, focando na funcionalidade e prontidão da SU.

5.3.3.2.2 Organização Inicial

- a) O Cmt Cia informa ao Cmt Btl a localização de seu PC e envia mensageiros para reconhecer itinerários até o PC do batalhão, mantendo-os de sobreaviso.
- b) Linhas telefônicas são rapidamente instaladas, e rádios de baixa potência podem ser usados, se autorizado.
- c) O Encarregado de Material (Enc Mat) integra o grupo de estacionamento do batalhão e, ao receber a área da companhia, a subdivide entre pelotões e Seção de Comando (Seç Cmdo), considerando orientações do oficial médico sobre higiene.

5.3.3.2.3 Gestão da Tropa e Recursos

- a) Na chegada à Zona de Estacionamento (Z Estac), o Cmt Cia Fuz, com apoio dos Comandantes de Pelotão (Cmt Pel) e do Enc Mat, verifica a situação da tropa, viaturas e material.
- b) Militares com problemas de saúde são encaminhados ao médico do batalhão, e a manutenção do material é realizada.
- c) As cozinhas são geralmente centralizadas no batalhão, mas o Cmt Cia, com o Enc Mat, define o local de rancho da companhia, priorizando refeições centralizadas, sempre que possível.

5.3.4 SEGURANÇA DA ZONA DE ESTACIONAMENTO

5.3.4.1 Tão logo quanto possível, são estabelecidas as medidas de segurança determinadas pelo oficial estacionador.

5.3.4.1.1 Incluem-se como medidas ativas a divisão de setores de responsabilidade, o estabelecimento de uma guarda interna do local e o posicionamento do armamento coletivo.

5.3.4.1.2 Como medidas passivas temos principalmente a execução de uma perfeita camuflagem, a dispersão, o aproveitamento judicioso do terreno, o uso prudente das comunicações e as medidas de proteção eletrônica e cibernética.

5.3.4.2 A segurança inicial da zona de estacionamento é proporcionada pela vanguarda (Vgd), flancoguarda (Fg) e retaguarda (Rtgd).

- Porém, conforme seu exame de situação, o Cmt Btl pode determinar que a companhia ocupe uma linha de postos avançados e o lançamento de patrulhas de ligação a fim de manter a vigilância no perímetro externo à zona de estacionamento (Z Estac).

5.3.5 ABANDONO DO ESTACIONAMENTO

5.3.5.1 Para a SU deixar a zona de estacionamento e reiniciar o movimento, os mesmos procedimentos do início da marcha devem ser tomados para a organização da coluna.

5.3.5.2 Se a partida for durante a noite, medidas para a preservação da disciplina de luzes e ruídos devem ser adotadas.

5.3.5.3 Todos os locais de latrinas e detritos são fechados e removidos quaisquer indícios de presença de tropa.

5.3.5.4 Após deixar a área de estacionamento, uma equipe da Seq Cmdo percorre toda a área para inspecionar o local e corrigir as irregularidades encontradas.

CAPÍTULO VI

OFENSIVA

6.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

6.1.1 A Ofensiva é operação terrestre agressiva, na qual predomina o movimento, a manobra e a iniciativa para cerrar sobre o inimigo e concentrar poder de combate superior, no local e no momento decisivo, e aplicá-lo para destruir ou neutralizar suas forças por meio do fogo, do movimento e da ação de choque.

6.1.2 Somente a ação ofensiva conduz a resultados decisivos na guerra.

- É através dela que uma força mantém sua liberdade de ação; exercita a iniciativa de que é dotada e impõe a sua vontade ao inimigo; explora as deficiências desse inimigo e as rápidas mudanças de situação; seleciona o local conveniente e o momento oportuno para o combate e enfrenta ocorrências imprevistas.

6.1.3 A missão da Cia Fuz na ofensiva é cerrar sobre o inimigo para destruí-lo ou capturá-lo, empregando o fogo, o movimento e o combate aproximado.

6.1.4 Normalmente, a Cia Fuz recebe a missão do Btl que, em princípio, deve ser simples e precisa em termos de ações a serem realizadas.

6.1.5 O sucesso de uma ação ofensiva exige a concentração de um superior poder de combate no local e momento decisivos e a rápida aplicação desse poder para destruir o inimigo.

6.1.6 AS OPERAÇÕES OFENSIVAS TÊM AS SEGUINTE FINALIDADES:

- a) destruir forças inimigas;
- b) conquistar áreas ou pontos importantes do terreno, que permitam obter vantagens para futuras operações;
- c) obter informações sobre o inimigo, particularmente, sobre a situação e o poder de combate, bem como adquirir ou comprovar dados referentes ao terreno e às condições meteorológicas;
- d) confundir e distrair a atenção do inimigo sobre o esforço principal, desviando-a para outras áreas;
- e) antecipar-se ao inimigo para obter a iniciativa, aproveitando qualquer oportunidade que se apresente, por fugaz que seja, negando-lhe qualquer tipo de vantagem;
- f) fixar o inimigo, restringindo-lhe a liberdade de movimento e manobra, mediante diferentes esforços e apoios com o objetivo de permitir concentrar o máximo poder de combate sobre ele no ponto selecionado;
- g) privar o inimigo de recursos essenciais que sustentam suas ações, realizando atividades e operações em profundidade e sincronizadas, que lhe neguem a liberdade de ação e interrompam a coerência e o ritmo de suas operações; e
- h) desorganizar o inimigo mediante ataques sobre meios ou funções que sejam essenciais para gerar e empregar coerentemente seu poder de combate.

6.1.7 AS OPERAÇÕES OFENSIVAS TÊM OS SEGUINTE FUNDAMENTOS:

- a) manutenção do contato;
- b) esclarecimento da situação;
- c) exploração das vulnerabilidades do inimigo;
- d) controle dos acidentes capitais do terreno;
- e) iniciativa;
- f) neutralização da capacidade de reação do inimigo;
- g) fogo e movimento;
- h) impulsão;
- i) concentração do poder de combate;
- j) aproveitamento do sucesso obtido; e
- k) segurança.

6.1.8 Para maior detalhamento sobre os fundamentos das Op Ofs, consultar o manual de campanha EB70-MC-10.202 OPERAÇÕES OFENSIVAS E DEFENSIVAS (1ª Edição, 2017).

6.2 TIPOS DE OPERAÇÕES

6.2.1 Os tipos de operações ofensivas são: a marcha para o combate (M Cmb), o reconhecimento em força (Rec F), o ataque (Atq), o aproveitamento do êxito (Apvt Exi) e a perseguição (Prsg). (Tab 6-1)

OPERAÇÕES BÁSICAS	
OPERAÇÕES	TIPO
OFENSIVAS	MARCHA PARA O COMBATE
	RECONHECIMENTO EM FORÇA
	ATAQUE
	APROVEITAMENTO DO ÊXITO
	PERSEGUIÇÃO

Tab 6-1 - Os tipos de operações ofensivas

6.2.2 Os fundamentos da ofensiva constituem a plena aplicação dos princípios de guerra às situações de combate ofensivo e servem como um guia geral para o emprego da companhia em operações dessa natureza.

6.2.3 Os fundamentos das operações ofensivas são: estabelecimento e manutenção do contato, esclarecimento da situação, exploração das vulnerabilidades do inimigo, controle dos acidentes capitais do terreno, manutenção da iniciativa, neutralização da capacidade de reação do inimigo, fogo e movimento, impulsão, concentração do poder de combate, aproveitamento do sucesso obtido e manutenção das ações de segurança.

6.2.4 Para maiores esclarecimentos, consultar os manuais de campanha EB70-MC-10.202 OPERAÇÕES OFENSIVAS E DEFENSIVAS (1ª Edição, 2017), EB70-MC-10.228

A INFANTARIA NAS OPERAÇÕES (1ª Edição, 2018) e MC 3.0 OPERAÇÕES (6ª Edição, 2025).

6.3 MARCHA PARA O COMBATE

6.3.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

6.3.1.1 A marcha para o combate é o movimento tático realizado na direção do inimigo com a finalidade de estabelecer o contato ou restabelecê-lo, quando perdido, e/ou assegurar vantagens, que facilitem as operações futuras.

6.3.1.2 A marcha para o combate consiste no deslocamento de uma força de uma região para outra, sob condições de combate, preservando continuamente sua liberdade de ação, a fim de que possa concentrar seus esforços no momento oportuno e na região mais favorável.

- Não compreende o movimento de tropa por ar ou mar, em que sua segurança fica a cargo das forças aéreas ou navais.

6.3.1.3 A M Cmb geralmente ocorre em colunas múltiplas, composta por forças de segurança (cobertura e proteção) e pelo grosso, o que dificulta mudanças de direção e manobras, mas acelera o deslocamento, facilita o desdobramento e amplia o poder de fogo à frente.

6.3.1.4 A marcha para o combate termina quando essa força estabelece o contato com uma resistência inimiga de tal ordem que obrigue o desdobramento da força, a concentração das ações e a realização de um ataque; ou atinge os objetivos de marcha.

6.3.2 CLASSIFICAÇÃO

6.3.2.1 Quanto à segurança

6.3.2.1.1 Coberta - a marcha coberta é realizada quando existe uma tropa amiga interposta entre o inimigo e a tropa que a realiza, proporcionando segurança ao deslocamento.

6.3.2.1.2 Descoberta - a marcha descoberta é realizada quando não há uma tropa interposta, ou quando a segurança por ela proporcionada não for suficiente.

6.3.2.2 Quanto ao dispositivo

6.3.2.2.1 Coluna - facilita o controle e proporciona flexibilidade, impulsão e segurança ao deslocamento. O dispositivo em escalão é admissível, o que favorece o desenvolvimento para os flancos; e

6.3.2.2.2 Linha - o dispositivo em linha dificulta as mudanças de direção e restringe a capacidade de manobra, mas aumenta a rapidez do deslocamento e permite atribuir à força um poderio de fogo à frente.

6.3.2.3 Quanto aos tipos de contato

6.3.2.3.1 Primeira Fase (Contato Remoto) - situação até a linha da pior hipótese, que é uma linha de controle ou região estabelecida pelo Esc Sp aquém da qual o inimigo terrestre não tem possibilidade física de atuar.

6.3.2.3.2 Segunda Fase (Contato Pouco Provável) - situação entre a linha da pior hipótese e a linha de provável encontro, que é a linha do terreno também estabelecida pelo Esc Sup onde admite-se o encontro com os primeiros elementos inimigos, mesmo os de reconhecimento.

6.3.2.3.3 Terceira Fase (Contato Iminente) - situação em que a SU pode, a qualquer momento, sofrer a ação terrestre do inimigo.

6.3.2.4 Quanto às formações

6.3.2.4.1 Coluna de Marcha

- Essa formação é adotada durante a fase de contato remoto. As medidas administrativas devem prevalecer, desde que visem a facilitar e acelerar o movimento, conservando o poder combativo da força. O movimento é realizado, preferencialmente, apoiado sobre estradas ou rodovias; e os grupamentos e unidades de marcha podem receber itinerários distintos para os seus deslocamentos. A companhia utiliza-se das viaturas disponíveis para seu deslocamento. Devem ser previstas medidas que proporcionem segurança, mesmo quando não se espera contato com forças inimigas.

6.3.2.4.2 Coluna Tática

- Essa formação é adotada durante a fase do contato pouco provável. Considerações táticas e administrativas ocorrem paralelamente. A companhia é grupada taticamente. Isto significa que os reforços já se deslocam com a companhia e as frações do Pel Ap junto ao pelotão que será apoiado. Devem ser tomadas medidas que proporcionem o máximo de segurança à companhia e facilitem a pronta adoção das formações de combate ou a ocupação de uma Z Reu e P Atq.

6.3.2.4.3 Marcha de Aproximação

- Essa formação é adotada durante a fase do contato iminente. As considerações táticas prevalecem e a companhia, além de grupada taticamente, será desdobrada, adotando um dispositivo de combate em largura e profundidade adequado ao terreno e à situação. A marcha de aproximação termina quando o contato com o inimigo é estabelecido ou é ocupada uma posição de ataque.

6.3.4 FORÇAS DE SEGURANÇA

6.3.4.1 A segurança de uma força que realiza a M Cmb é proporcionada pelo correto escalonamento das forças que realizam a segurança do grosso:

6.3.4.1.1 Força de Cobertura - lançada pelo escalão Bda ou superior, normalmente tropas de cavalaria mecanizada.

6.3.4.1.2 Forças de Proteção - vanguarda, flancoguarda e retaguarda.

6.3.4.2 O batalhão realizando a marcha de aproximação pode integrar o grosso ou constituir uma das forças de proteção.

- Quando integrar o grosso de uma Bda pode receber a missão de destacar uma Cia Fuz para cumprir a missão de flancoguarda ou retaguarda. O batalhão marchando isolado destaca uma Cia Fuz como Vgd.

6.3.4.3 O Batalhão Vanguarda (Btl Vgd) escalona suas forças da seguinte forma, da frente para a retaguarda:

6.3.4.3.1 Destacamento de Segurança e Reconhecimento (DSR)

- O Cmt Btl pode decidir lançar um DRS, após seu exame de situação, caso não haja elementos de segurança à frente ou estes não sejam capazes de fornecer o alerta e proteção desejados. É constituído por um Pel Fuz Ref por Elm Rec Btl e/ou por Elm Rec Bda.

6.3.4.3.2 Escalão de Combate (Esc Cmb)

- 1 (uma) Cia Fuz Ref, sempre que possível, por elementos de cavalaria, engenharia e Ap F.

6.3.4.3.3 Grosso

- Constituído pelo restante do Btl Inf.

6.3.4.3.4 Em função da situação, o Btl pode determinar que as companhias do 2º escalão (grosso) lancem flancoguardas valor Pel Fuz Ref.

6.3.5 MEDIDAS DE COORDENAÇÃO E CONTROLE

6.3.5.1 O controle da companhia na marcha para o combate depende principalmente do emprego correto das comunicações e da adoção adequada de medidas de coordenação e controle.

6.3.5.2 A Cia Fuz poderá receber do batalhão as seguintes medidas de coordenação e controle:

- a) Ponto inicial;
- b) Hora de início do movimento;
- c) Eixo de progressão;
- d) Itinerário de marcha - quando o Cmt Btl deseja que determinada estrada ou trilha seja usada no movimento, a fim de liberá-la;
- e) Região de Destino - região para a qual é dirigido o movimento do segundo escalão e da qual só partirá mediante ordem;
- f) Objetivo de Marcha - acidente do terreno para o qual é dirigida a marcha de um elemento de primeiro escalão;
- g) Linha de Controle - linha aproximadamente perpendicular à direção de marcha,

facilmente identificável no terreno, e que facilita o controle. Ao atingir a linha de controle o elemento participa ao Esc Sup que a atingiu e prossegue, sem deter seu movimento;

h) Ponto de Controle - bifurcações, entroncamentos, cursos d'água e outros acidentes característicos onde adota-se o procedimento similar à linha de controle; e

i) Zona de Reunião.

6.3.5.3 Os objetivos de marcha são marcados pelo Btl. A Cia Fuz deve conquistá-los e adotar as medidas defensivas. Podem ser marcados:

- a) Em regiões que estejam, ou possam estar, em poder do inimigo e cuja posse seja necessária para o cumprimento da missão;
- b) Em regiões favoráveis à adoção de uma atitude defensiva definitiva ou momentânea, visando aguardar contato com o inimigo para em seguida atacá-lo; ou
- c) Quando o percurso da marcha for longo e não puder ser concluído em uma única etapa. Nesse caso, devem ser marcados objetivos em regiões dominantes, onde devem ser estabelecidas medidas defensivas de segurança necessárias, possibilitando o descanso da tropa.

6.3.5.4 A Cia Fuz, deslocando-se em coluna de marcha ou tática, faz alto como for determinado pelo Cmt Btl. Durante a marcha de aproximação, os altos regulamentares devem ser evitados. O Cmt Btl determina a realização dos altos em função dos fatores da decisão.

6.3.6 MARCHA PARA O COMBATE A PÉ

6.3.6.1 A Cia Fuz, eventualmente, executa a fase final da marcha para o combate por meio de uma marcha a pé. Pode fazer parte do grosso ou atuar como elemento de segurança de um Esc Sp.

6.3.6.2 A Cia Fuz como parte do grosso

6.3.6.2.1 A Cia Fuz, geralmente, realiza o movimento em coluna tática, marchando em coluna por dois, uma coluna de cada lado da estrada, mantendo a integridade tática.

6.3.6.2.2 Os oficiais e sargentos da Cia Fuz fazem observar uma rigorosa disciplina de marcha.

- A SU testa mantém a velocidade de marcha prescrita pelo Cmt Btl; as demais conservam suas posições na coluna.
- O Cmt Cia Fuz marcha à testa de sua Cia Fuz, porém, em condições de deslocar-se para qualquer ponto onde sua presença se torne necessária.

6.3.6.2.3 As viaturas da Cia Fuz marcham em um grupamento separado, sob controle do Btl. O seu movimento, ordinariamente, é feito por lanços, atrás dos elementos a pé do Btl.

6.3.6.2.4 A marcha termina com a chegada a uma Z Reu estabelecida no perímetro da região de destino do Btl ou quando a Cia recebe ordem de ocupar uma posição de ataque.

6.3.6.3 A Companhia como Esc Cmb de um Btl Vgd

6.3.6.3.1 A missão da Cia Fuz, como Esc Cmb de um Btl Vgd, é evitar retardo desnecessário ao batalhão e protegê-lo contra a surpresa e a ação inimiga vindas da frente.

6.3.6.3.2 A Cia Fuz como Esc Cmb recebe reforço de armas AC e elementos de engenharia. Caso seja reforçada por frações de cavalaria, estas devem ser empregadas combinadas com os fuzileiros, a fim de agregar poder de combate aos fuzileiros a pé em face a possíveis resistências inimigas, proporcionando maior ação de choque e mobilidade.

6.3.6.3.3 O Esc Cmb é dividido em:

- a) Esc Cmb propriamente dito;
- b) Escalão de Reconhecimento (Esc Rec); e
- c) Ponta.

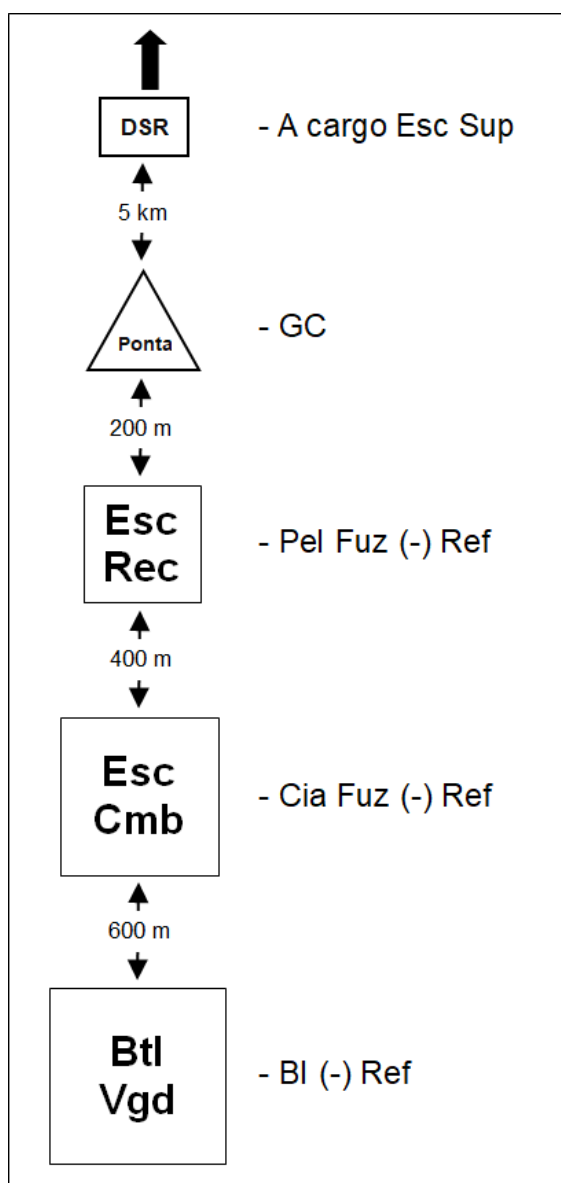


Fig 6-1 - A Cia Fuz como Esc Cmb de um Btl Vgd

6.3.6.3.4 O Esc Rec é formado por um Pel Fuz (-) Ref pelos Elm Cav e Eng. Um GC do Pel é designado como ponta. As distâncias entre os diversos elementos de uma Vgd variam de acordo com a situação, o terreno e a visibilidade. Devem permitir que cada elemento possa desenvolver-se sem sofrer séria interferência do inimigo quando o elemento precedente trava contato com ele. Porém não devem ser demasiadamente grandes de modo a impossibilitar um elemento de auxiliar, com rapidez, aquele que se encontrar à sua frente.

6.3.6.3.5 A profundidade dos vários elementos de uma Vgd e a distância entre eles, em um deslocamento, são, em média, as seguintes:

Elemento	Efetivo	Profundidade	Distância ao Elm seguinte
Ponta	GC	50 m	200 m
Esc Rec	Pel (-) Ref	75 m	400 m
Esc Cmb (propriamente dito)	Cia Fuz (-) Ref	150 m	600 m

Tab 6-2 - Distância entre os escalões na marcha para o combate

6.3.6.3.6 À noite, ou sob condições de pouca visibilidade, as distâncias podem ser consideravelmente menores; em terreno descoberto elas podem ser aumentadas.

6.3.6.3.7 Esc Cmb propriamente dito consiste na Cia Fuz menos o pelotão destacado para constituir o Esc Rec. A ligação com o Esc Rec é mantida por rádio ou por homens de ligação, retirados do Esc Cmb.

6.3.6.3.8 O Esc Cmb geralmente marcha em coluna por dois, uma coluna de cada lado da estrada, com aproximadamente dois passos de distância entre os homens.

- O Cmt Cia Fuz, normalmente, marcha junto aos primeiros homens do Esc Cmb propriamente dito. Contudo, deve deslocar-se para qualquer ponto onde sua presença se torne necessária. Ele deve informar, com rapidez, ao comandante da Vgd, toda mudança da situação.

6.3.6.3.9 Durante a marcha, o Esc Rec se desloca em coluna por dois, com uma coluna de cada lado da estrada. A distância entre os militares em cada coluna é de aproximadamente cinco passos.

6.3.6.3.9.1 O Cmt do Esc Rec geralmente se posiciona junto aos primeiros militares da formação. Ele é acompanhado pelo observador avançado da Seç Mrt, o que permite um rápido Ap F, se necessário.

6.3.6.3.9.2 A ponta é constituída de um GC que, em princípio, não é reforçado. É o elemento mais avançado da Vgd. A ponta marcha em coluna por dois, uma coluna de cada lado da estrada, com um mínimo de dez passos de distância entre os homens.

6.3.6.3.10 Uma avaliação contínua dos fatores da decisão deve ser desenvolvida pelo

Cmt Cia Fuz e por seus comandantes de fração. Pontos importantes do terreno, regiões de passagem obrigatória e regiões que possam ser utilizadas pelo inimigo como posições de retardamento, como base de fogos ou para a realização de emboscadas devem ser reconhecidas pelos elementos mais avançados, que abandonam a estrada, adotando a formação mais apropriada, e esclarecem a situação.

6.3.6.3.11 A Cia Fuz frequentemente participa de combates de encontro, engajando-se por intermédio de seus primeiros elementos com uma força inimiga parada ou em movimento, sobre a qual dispõe de poucas informações.

6.3.6.3.11.1 Em tais situações, as ordens breves e as ações rápidas e agressivas tornam-se imprescindíveis para conquistar e manter a iniciativa.

6.3.6.3.11.2 Salvo ordem em contrário, o Esc Cmb ao deparar-se com o inimigo ataca sem hesitação para destruí-lo, repeli-lo ou cercá-lo. O ataque, no combate de encontro, é caracterizado por:

- a) Reconhecimento rápido e agressivo;
- b) Rápido estudo da situação;
- c) Imediata expedição de ordens fragmentárias; e
- d) Ataque direto partindo da coluna de marcha, assim que as frações cerrem à frente e tornem-se disponíveis para o emprego.

6.3.6.3.12 Quando a ponta (unidade avançada) é atacada por fogo ajustado de uma tropa inimiga do valor de um pelotão, ela pode, dependendo da situação, reagir de duas formas:

- a) atacar imediatamente; ou
- b) informar o Esc Sp e aguardar ordens para atacar, fixar o inimigo ou executar outra ação tática.

6.3.6.3.13 O Cmt Esc Rec, junto de seus subordinados, posiciona-se em um ponto de observação para monitorar a situação. Se a ponta não superar a resistência inimiga, o Cmt Pel utiliza o Esc Rec após avaliar rapidamente o cenário. O Cmt Cia Fuz avança e, se necessário, emprega o Esc Cmb, seguindo um processo semelhante ao do Cmt Esc Rec.

6.3.6.3.14 Sempre que possível, os Esc Rec e Esc Cmb mantêm o inimigo sob fogo e atacam pelo flanco, evitando confrontos frontais. Se o Esc Cmb não conseguir neutralizar a resistência, ele deve contê-la com fogo, identificar os flancos inimigos e reportar ao Cmt Btl para uma possível intervenção.

- Caso o inimigo recue ou seja destruído sem a necessidade de apoio do Btl, o Esc Cmb retoma a progressão imediatamente.

6.3.6.3.15 Sempre que houver contato com forças inimigas, o Esc Cmb deve informar o Btl imediatamente, mesmo que consiga derrotá-las sozinha. Dependendo da força do inimigo, das informações coletadas e de outros fatores, o Esc Cmb pode ser acionado diretamente, sem que a ponta ou o Esc Rec precisem atacar e ser detidos pelo inimigo.

6.3.6.3.16 Ao se aproximar do objetivo da marcha, o Esc Cmb se reagrupa e assume uma posição de ataque. O Cmt Cia Fuz realiza um reconhecimento rápido e inicia o ataque.

- Após conquistar o objetivo, adota medidas defensivas e de segurança, conforme ordens do Cmt Btl. Toda a ação deve ser executada com a maior rapidez possível, considerando a presença ou ausência do inimigo.

6.3.6.3.17 Segurança

- a) O comandante de cada elemento do Esc Cmb é sempre responsável pela segurança aproximada de sua fração. As medidas de segurança adotadas dependem da missão, do terreno e das possibilidades do inimigo.
- b) A segurança à frente pode ser proporcionada por elementos de reconhecimento do Esc Sp ou pelo DSR do Btl. O comandante do Esc Cmb, geralmente, recebe dados desses elementos avançados por meio do comandante da Vgd.
- c) A segurança nos flancos da ponta e do Esc Rec, em regra, limita-se à observação desses flancos. Quando possível, uma proteção além de 600 metros é dada por flancoguardas motorizadas do Esc Cmb propriamente dito.
- d) São enviadas flancoguardas aos pontos que permitam observação sobre o Esc Cmb ou que proporcionem ocultação aos elementos inimigos de reconhecimento ou inquietação.
- e) Se a natureza do terreno impedir o deslocamento de viaturas através campo, as flancoguardas deixarão suas viaturas na estrada e avançarão a pé para os pontos de observação escolhidos nos flancos.
- f) Após a passagem do Esc Cmb propriamente dito, as flancoguardas embarcam rapidamente nas viaturas e deslocam-se para a testa da coluna.

6.3.6.3.18 Durante os altos, o Esc Cmb estabelece sua própria segurança. Cada elemento, imediatamente, coloca observadores à frente e nos flancos para evitar que elementos inimigos se aproximem sem serem descobertos.

6.3.6.4 A companhia como vanguarda de um batalhão isolado

- Quando um batalhão marcha isoladamente, seu comandante designa uma Cia Fuz Ref como Vgd. A Vgd é, em princípio, responsável por sua própria segurança de flanco. A missão, conduta e dispositivo desta Cia Vgd são semelhantes aos da Cia Fuz do Esc Cmb de um Btl Vgd.

6.3.6.5 A companhia como flancoguarda de uma força do Esc Sup

6.3.6.5.1 A missão da companhia flancoguarda (Cia Fg) é proteger o grosso contra a observação terrestre inimiga e os ataques nos flancos. Na eventualidade de um ataque inimigo, a Cia combate para permitir o ininterrupto escoamento do grosso ou permitir-lhe tempo suficiente para desenvolver-se.

6.3.6.5.2 A Cia Fg pode ser reforçada por armas AC, morteiros, elementos de reconhecimento e de engenharia. Os OA de morteiros e de artilharia podem seguir com a Cia Fg. Em geral, é posto à sua disposição material especial como meios de destruição e de construção de obstáculos.

6.3.6.5.3 A formação da Cia Fg depende do terreno, disponibilidade de itinerários paralelos, possibilidades do inimigo e do processo de deslocamento usado. Quando marcha a pé, sua formação, em geral, assemelha-se ao da Cia como Esc Cmb de um Btl Vgd.

- O Cmt Cia Fuz conserva uma reserva localizada em um ponto central, em condições de ser empregada quando necessário. Em virtude da dificuldade de assegurar convenientemente a proteção do grosso, a Cia Fg, normalmente, é motorizada.

6.3.6.5.4 Em função do terreno e das possibilidades do inimigo, a Cia Fg pode deslocar-se paralelamente ao grosso ou ocupar uma série de posições defensivas no flanco. Uma estreita ligação é mantida com o grosso por meio de patrulhas e rádio.

6.3.6.5.5 Quando mantém uma velocidade de marcha igual à do grosso, ela atua do mesmo modo que o Esc Cmb do Btl Vgd.

6.3.6.5.6 Quando ocupa uma série de posições defensivas, ela cobre as prováveis vias de acesso do inimigo até que o grosso se escoe.

6.3.6.5.7 Pode construir barricadas e outros obstáculos nas vias de acesso ao flanco exposto, aproveitando-se das cristas, cursos de água e desfiladeiros.

6.3.6.5.8 Atuando desse modo, a flancoguarda é parcialmente motorizada e ocupa a posições escolhidas, realizando uma série de deslocamentos em que uma fração da Cia ultrapasse alternadamente a outra.

6.3.6.5.9 A flancoguarda toma medidas de segurança terrestre semelhantes às da Cia como Esc Cmb de uma Vgd.

6.3.7 MARCHA PARA O COMBATE MOTORIZADA

6.3.7.1 A companhia como parte do grosso de uma unidade motorizada

6.3.7.1.1 A Cia Fuz geralmente realiza o movimento em coluna tática, até a Linha de Provável Encontro (LPE), procedendo na marcha de acordo com as ordens e as normas gerais de ação.

6.3.7.1.2 As metralhadoras pesadas da SU são montadas para a proteção antiaérea e cada viatura mantém um vigilante do ar. A proteção anticarro é proporcionada por elementos de apoio do batalhão.

6.3.7.2 A companhia como Esc Cmb

6.3.7.2.1 A Cia Fuz como Esc Cmb de um Btl Vgd, em regra, é precedida pelo DSR do batalhão ou elementos de reconhecimento do Esc Sup. Esses elementos, que têm a missão de localizar o inimigo, marcham à frente do Esc Cmb, mantendo-se a uma distância suficiente para permitir-lhe desembarcar e desenvolver-se (5 km ou mais).

6.3.7.2.2 O Esc Cmb destaca o Esc Rec (Pel Fuz Ref), que precede o Esc Cmb propriamente dito de, aproximadamente, 5 (cinco) minutos. O Esc Rec não destaca uma

ponta como o faz na marcha a pé. Porém, o Cmt Cia Fuz mantém ligação com os elementos de reconhecimento avançados por meio de patrulhas e do rádio.

6.3.7.2.3 Os processos de controle e de ação são semelhantes aos usados pela Cia Fuz a pé.

- Em virtude da rapidez do deslocamento, uma estreita ligação entre os vários elementos da coluna deve ser mantida, para evitar que a coluna cerre por ocasião de altos imprevistos. As distâncias entre as viaturas e entre os elementos do Esc Cmb dependem da visibilidade, do terreno e das possibilidades do inimigo.

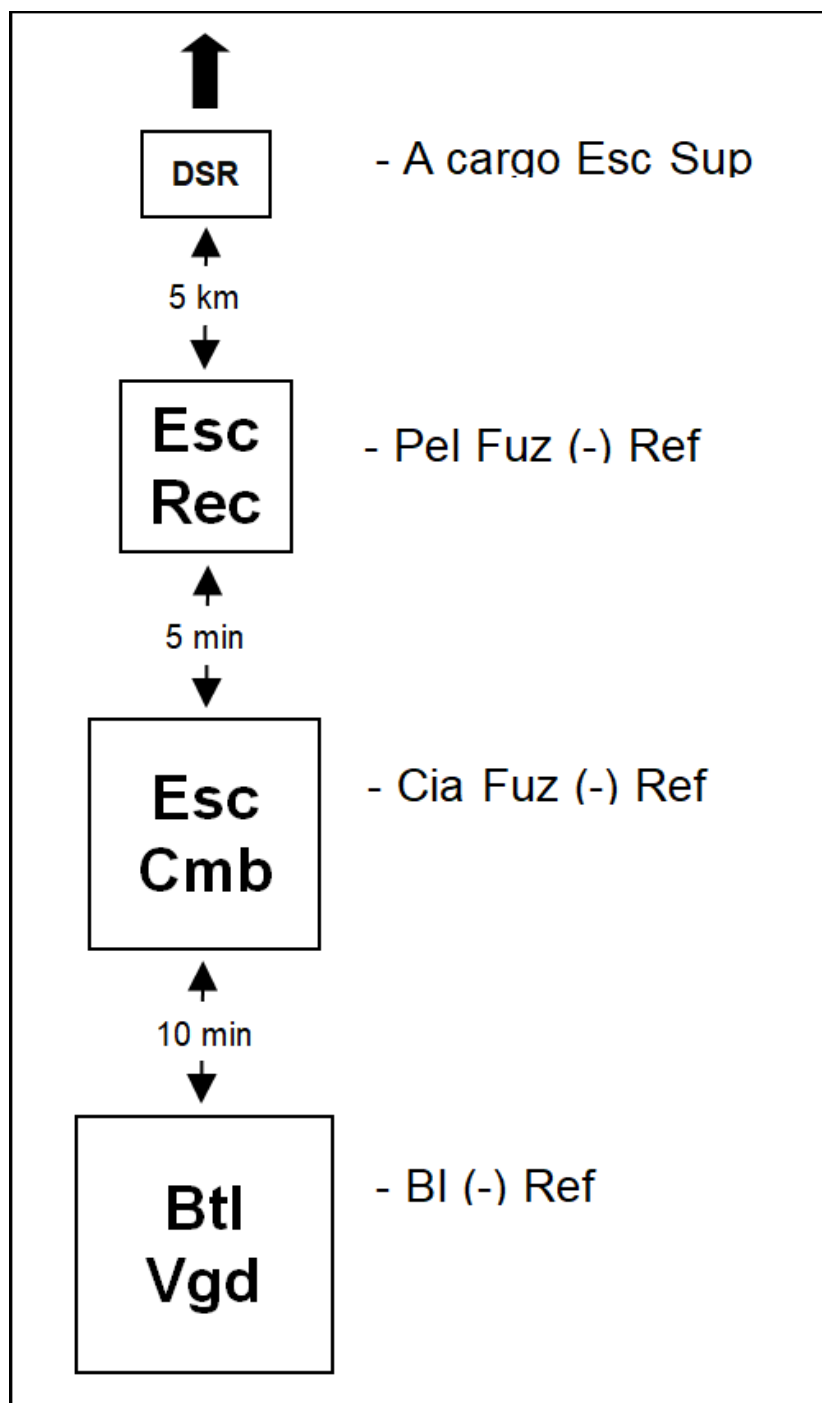


Fig 6-2 - A Cia Fuz com Esc Cmb na marcha motorizada

6.3.7.3 A Companhia como Vanguarda Motorizada de um Batalhão isolado

- A missão, dispositivo, composição e conduta de uma Cia Fuz como Vgd Mtz são semelhantes aos de uma Cia Fuz como Vgd em uma marcha a pé.

6.3.7.4 A Companhia como Flancoguarda Motorizada

6.3.7.4.1 Quando o grosso realiza marcha motorizada, a missão e a organização da flancoguarda motorizada são semelhantes às da Cia Fg a pé.

- A Cia Fg desloca-se por um itinerário paralelo conveniente, adotando um dispositivo semelhante ao de Esc Cmb de um Btl Vgd Mtz.

6.3.7.4.2 Quando o grosso marcha a pé, a missão e composição da Cia Fg Mtz são semelhantes às da Cia Fg a pé.

- Ela se fraciona em uma série de elementos motorizados.
- O controle é realizado do mesmo modo que na Fg a pé.

6.3.7.4.3 A Cia Fg motorizada atua ocupando posições sucessivas que bloqueiam as possíveis vias de acesso do inimigo.

- A ocupação dessas posições no flanco, em regra, deve preceder a marcha do grosso.
- Elementos de engenharia são empregados para auxiliar a construção de barricadas e de outros obstáculos.

6.3.7.4.4 Quando a cauda do grosso ultrapassa uma determinada posição da flancoguarda, o elemento motorizado que a ocupa desloca-se para nova posição localizada à frente da ocupada por outros elementos da flancoguarda.

6.3.7.4.5 Em caso de ataque, o comandante do grosso é notificado e a flancoguarda retarda o avanço inimigo até que o grosso desenvolva ou ultrapasse um ponto determinado.

6.3.7.4.5 O Cmt Cia Fuz da flancoguarda motorizada, em princípio, mantém uma reserva localizada em um ponto central de onde possa reforçar qualquer um de seus elementos.

6.3.8 MARCHAS NOTURNAS

6.3.8.1 Nas marchas para o combate descobertas pode ser necessário ou conveniente realizá-las ou continuá-las à noite.

- A Cia Fuz pode receber ordem de iniciar ou prosseguir a marcha a pé ou em viaturas durante a noite, para preservar o sigilo, conquistar o terreno ou evitar que o inimigo tenha tempo de organizar posições retardadoras.

6.3.8.2 A formação adotada na marcha para o combate descoberta, durante a noite, depende das informações sobre o inimigo, do processo de deslocamento, do grau de visibilidade e das características do terreno. Geralmente é usada a coluna cerrada e a distância entre os elementos é menor que no deslocamento diurno. Devem ser usadas

medidas para manter a direção e o controle.

6.3.8.3 Na marcha para o combate descoberta à noite, o sigilo é de suma importância.

- As medidas para preservação do sigilo nesse tipo de marcha compreendem o uso restrito de luzes, a redução dos ruídos ao mínimo, a observância da correta utilização do rádio até o contato com o inimigo e medidas passivas de proteção antiaérea. Particular atenção é dada à segurança.

6.3.8.4 A marcha para o combate coberta à noite, é conduzida do mesmo modo que a realizada durante o dia.

- Os movimentos noturnos são feitos quando a superioridade aérea ou a artilharia do inimigo impedem os deslocamentos diurnos ou se deseja reajustar o dispositivo da tropa, conservando-se o sigilo.

6.3.8.5 Em boas estradas, a velocidade de marcha da tropa a pé, à noite, aproxima-se à da velocidade durante o dia.

- Em estradas de difícil transitabilidade, em noites de pouca visibilidade ou sob condições atmosféricas desfavoráveis, a velocidade de marcha é consideravelmente reduzida, tanto nas marchas a pé como nas motorizadas.

6.3.8.6 Se o tempo e a situação permitirem, será feito um reconhecimento do itinerário durante o dia.

- Caso isso não seja possível, o Cmt Cia Fuz faz um estudo na carta para escolher os objetivos de marcha e outros pontos característicos do terreno que possam auxiliar a manter a direção na marcha noturna.

6.3.8.7 Durante a noite, os comandantes fiscalizam a disciplina de marcha, a manutenção do controle, da ligação e da direção. Os elementos do primeiro escalão balizam cuidadosamente os itinerários e colocam guias para auxiliar os elementos seguintes.

- Durante o movimento em noite escura, podem ser usados meios de identificação especiais para evitar que os elementos se percam.

6.3.9 APOIO DE ENGENHARIA

6.3.9.1 A Cia pode receber elementos de engenharia em reforço ou Ap Dto.

- Esta fração deve ser empregada junto ao Esc Cmb para realizar reconhecimentos especializados e abrir passagens em obstáculos naturais e nos artificiais por ventura lançados pelo inimigo ou pode apoiar as flancoguardas.

6.3.9.2 Em qualquer situação, a Cia Fuz é sempre responsável pela sua segurança.

- Nos grandes altos, nos objetivos de marcha e nas zonas de reunião podem ser lançados obstáculos de proteção local.

6.3.10 COMANDO E CONTROLE

6.3.10.1 O Cmt Cia Fuz posiciona-se onde possa melhor controlar a coluna, geralmente à frente.

- A observância de adequadas medidas de coordenação e controle e o judicioso emprego dos meios de comunicações garantem o controle necessário e possibilitam o exercício do comando na marcha para o combate.

6.3.10.2 O meio de comunicação mais utilizado é o rádio, devido à mobilidade e à rapidez das ações.

- Nas fases de contato remoto e pouco provável, a prescrição rádio deve ser silêncio.

6.3.10.3 Quando o contato for iminente o grosso do batalhão deve permanecer em silêncio e o Esc Cmb passa a restrito.

- O Cmt Cia Fuz pode determinar, então, que o pelotão do Esc Rec passe a restrito e os demais pelotões permaneçam em silêncio.

6.3.10.4 Ao estabelecer o contato com o inimigo o rádio passa a livre.

6.3.10.5 Mensageiros especiais motorizados são largamente utilizados devido à rapidez das ações e necessidade de ligações seguras.

6.3.10.6 Meios físicos somente são lançados nas regiões de destino, objetivos de marcha e grandes altos.

6.3.11 APOIO DE FOGO

6.3.11.1 O Ap F na marcha para o combate se caracteriza pelo desencadeamento imediato para apoiar as ações dos elementos de 1º escalão, normalmente em combates de encontro. A designação dos alvos deve ser feita com rapidez e precisão pelos OA ou comandantes de fração de apoio.

6.3.11.2 Coluna de Marcha (1ª Fase)

6.3.11.2.1 O Pel Ap desloca-se enquadrado na Cia Fuz, no local e formação determinados pelo Cmt SU. As viaturas se deslocam, com o material, nos trens de combate do batalhão.

6.3.11.3 Coluna Tática (2ª Fase)

6.3.11.3.1 As seções deslocam-se enquadradas no Pel Ap, porém, determinadas frações de armas AC poderão passar a reforçar, apoiar ou passar a controle operacional do Esc Rec.

6.3.11.3.2 Normalmente, as viaturas deslocam-se por pequenos lanços, agrupadas à retaguarda dos elementos a pé da companhia.

6.3.11.4 Marcha de Aproximação (3ª Fase)

6.3.11.4.1 Na marcha de aproximação, as viaturas do Pel Ap ficam sob o controle direto do Comandante do Pelotão de Apoio (Cmt Pel Ap).

- O deslocamento dessas viaturas ocorre geralmente em trechos (lanços), seguindo na retaguarda dos militares que se movem a pé.

6.3.11.4.2 Ao final de cada trecho percorrido, as viaturas devem buscar, sempre que a situação tática permitir, posições que ofereçam cobertura (proteção contra observação e fogo inimigo) e abrigo (proteção contra os efeitos do fogo inimigo).

6.3.11.4.3 Caso o Esc Rec receba o reforço de alguma fração do Pel Ap, uma viatura equipada com reboque poderá deslocar-se em trechos, mantendo-se atrás do Esc Rec.

6.3.11.4.4 O transporte de armamento poderá ser realizado manualmente pelos militares quando o deslocamento ocorrer em terrenos irregulares ou com vegetação densa, que dificulte o trânsito de viaturas.

6.3.11.4.5 Essa medida também é adotada quando houver risco de as viaturas comprometerem o sigilo da movimentação, sendo particularmente importante em marchas noturnas, onde o ruído, as luzes e a assinatura térmica das viaturas podem alertar o inimigo.

6.3.11.5 Seção Anticarro

6.3.11.5.1 Normalmente uma peça é colocada em reforço ao Esc Rec. A seção (-) é empregada em Aç Cj, marchando junto ao Esc Cmb.

6.3.11.5.2 O Cmt Pel Ap poderá deixar uma viatura com reboque com a peça. Esta viatura se deslocará por lanços, à retaguarda do Esc Rec.

6.3.11.6 Seção de Morteiros

6.3.11.6.1 A seção se desloca enquadrada no Esc Cmb. Normalmente atua em Aç Cj, podendo, eventualmente, ser empregada em Ap Dto ao Esc Rec.

6.3.11.6.2 A viatura da seção desloca-se por lanços, com o material e munição, à retaguarda do Esc Cmb.

6.3.11.6.3 O observador avançado da seção acompanha o Esc Rec.

6.3.11.6.4 Sempre que a coluna para devida à ação do inimigo, a seção entra em posição.

6.3.11.6.5 Dependendo da provável ação do inimigo, do seu valor e do terreno, poderá ser determinado à Seç Mrt que ocupe posições de tiro sucessivas, a fim de fornecer apoio imediato. Os deslocamentos e entradas em posição sucessivas devem ser coordenados com os deslocamentos do pelotão de morteiros (Pel Mrt) do batalhão.

6.3.12 APOIO LOGÍSTICO

6.3.12.1 Trens da Subunidade

6.3.12.1.1 Marcham juntos com a companhia, normalmente à retaguarda da formação.

- O SCmt Cia Fuz deslocar-se-á o mais à retaguarda possível da coluna de marcha, à frente apenas da viatura de manutenção, de forma a auxiliar no controle da companhia.

6.3.12.2 Refeições

6.3.12.2.1 Durante as duas primeiras fases da marcha, o Gp Ap Dto Sup CI I, ainda centralizado na CCAp, se desloca com o destacamento precursor do batalhão para preparar a refeição a fim de que a tropa possa se alimentar ao chegar no seu destino ou nos locais de grande alto.

6.3.12.2.2 Poderá também permanecer na última região de destino para confecção das refeições, devendo executar seu movimento de modo a encontrar a coluna de marcha na região do grande alto para distribuição da refeição.

- Durante a marcha de aproximação, normalmente, será consumida a ração operacional.

6.3.12.3 Suprimento Classe III

6.3.12.3.1 Quando houver a previsão de elevado consumo, as viaturas deverão ser reabastecidas pela viatura cisterna do trem de combustível que percorre a coluna de marcha por ocasião dos altos.

6.3.12.3.2 Para flexibilizar o reabastecimento das viaturas, há a possibilidade de a viatura cisterna permanecer parada em posição favorável, de modo que as demais viaturas da coluna de marcha se desloquem para realizar o seu reabastecimento.

6.3.12.4 Suprimento Classe V (Munição)

6.3.12.4.1 Nas fases iniciais da M Cmb não há previsão de elevado consumo de munição.

- O furriel deve aproveitar todas as paradas para realizar o ressuprimento dos elementos de primeiro escalão a fim de que cheguem aos objetivos finais com a dotação completa, pois é nesse momento que há a maior possibilidade de confronto com o inimigo.

6.3.12.5 Saúde

6.3.12.5.1 A turma de evacuação (Tu Ev), quando em Ap Dto à SU, se desloca numa das últimas posições da coluna de marcha de forma a socorrer os militares que necessitem de assistência médica.

- Os feridos permanecerão à margem do itinerário de marcha, preferencialmente onde não sejam vistos, a fim de não afetar o moral da tropa, aguardando a passagem do trem de saúde do batalhão, para o atendimento médico.

6.4 RECONHECIMENTO EM FORÇA

6.4.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

6.4.1.1 O Rec F é uma operação de objetivo limitado, executada com a finalidade de esclarecer a situação.

6.4.1.2 A missão da Cia Fuz no Rec F é revelar e testar o dispositivo do inimigo, determinar seu valor e composição, e identificar suas peculiaridades e deficiências.

- É uma operação de busca de dados que auxiliem ao Cmt Btl na tomada de decisão.

6.4.1.3 Embora a infantaria mecanizada e blindada, pela sua mobilidade e potência de fogo, seja a tropa mais apta, as Cia Fuz de outras naturezas poderão realizar o Rec F, enquadradas em uma ação do batalhão ou, mediante ordem deste, isoladamente.

6.4.1.4 O planejamento, a organização dos meios e a execução de um Rec F são semelhantes ao ataque, respeitando-se o tempo disponível e a finalidade da operação.

6.4.2 FORMAS

6.4.2.1 Ataque com Objetivo Limitado

6.4.2.1.1 Neste caso, a ação pode ser dirigida exclusivamente sobre uma determinada área da qual o comando deseja rápidas e precisas informações, ou pode constituir-se de uma série de ataques que não passem de sondagens agressivas, desencadeadas ao longo de toda a frente ou em parte do dispositivo inimigo.

6.4.2.2 Incursão

6.4.2.2.1 Ao contrário da forma anterior, é uma ação desencadeada contra uma posição inimiga, sem a ideia de conquistar o terreno.

6.4.2.2.2 Consiste em introduzir no dispositivo inimigo uma força capaz de realizar uma ação rápida e violenta, cujo vulto seja suficiente para forçar o inimigo a revelar suas posições, o tempo de reação de suas reservas, seus planos de fogos etc.

6.4.2.2.3 Após esta ação, segue-se um rápido retraimento para as linhas amigas.

- A incursão pode ser aeromóvel, aeroterrestre ou caracterizar-se por uma varredura com veículos blindados.

6.4.3 EXECUÇÃO

6.4.3.1 Durante a realização de um Rec F, independentemente da forma adotada, a Cia Fuz deve:

- a) Estar preparada para aproveitar todo e qualquer êxito porventura obtido, seja prosseguindo no ataque seja mantendo o terreno conquistado;
- b) Evitar engajar-se decisivamente no combate. Contudo, uma vez engajada, utilizar-se

de todos os meios possíveis para obter o desengajamento;

c) Designar elementos com a finalidade precípua de monitorar a reação inimiga a fim de colher o máximo de dados para ações futuras; e

d) Informar quanto às características e localização de alvos adequados a serem batidos pelas armas de Ap F e pela força aérea, ficando em condições de completar a destruição desses alvos.

6.4.3.2 Uma vez cumprida à missão e conforme a situação que se apresentar, a Cia Fuz pode:

a) Permanecer em contato com o inimigo, mantendo as posições atingidas e em condições de apoiar a ultrapassagem de outra força;

b) Retrair para suas posições iniciais; e

c) Prosseguir no ataque.

6.5 ATAQUE

6.5.1 GENERALIDADES

6.5.1.1 O ataque é o principal tipo de operação ofensiva da infantaria, caracterizado pelo emprego coordenado do fogo e do movimento para conquistar objetivos.

6.5.1.2 O ataque requer a observância de todos os princípios de guerra, em particular o objetivo, a manobra, a simplicidade, a surpresa e a massa.

6.5.2 TIPOS DE ATAQUE

6.5.2.1 Ataque Coordenado

6.5.2.1.1 A realização de um Ataque Coordenado (Atq Coor) exige tempo suficiente para permitir um planejamento completo e minucioso da operação, a execução de reconhecimentos detalhados, a transmissão de ordens e outras providências necessárias ao seu desencadeamento.

6.5.2.1.2 Normalmente, a Cia Fuz participa de ataques coordenados realizados por escalões superiores.

6.5.2.2 Ataque de Oportunidade

6.5.2.2.1 O ataque de oportunidade (Atq Oport) é um ataque imediato, realizado após rápido reconhecimento, sendo essencial a manutenção da velocidade e da impulsão. Pode ser realizado contra forças paradas ou em movimento.

6.5.2.2.2 O ataque se caracteriza pela imediata expedição de ordens fragmentárias pelo comandante, destinadas aos elementos de manobra e Ap F, privilegiando a rapidez, a iniciativa e a manutenção da impulsão.

6.5.2.2.3 A principal diferença entre o Atq Oport e o Atq Coor é o tempo disponível para o planejamento da operação.

- O tempo necessário para sua preparação é da ordem de 1/3 a 1/2 do exigido pelo Atq Coor.

6.5.2.2.4 A Cia Fuz pode realizar um Atq Oport isoladamente ou enquadrada no batalhão.

6.5.3 FORMAS DE MANOBRA

6.5.3.1 A Cia Fuz participa das seguintes formas de manobra ofensiva desenvolvidas pelo batalhão e escalões superiores:

- a) ataque frontal;
- b) penetração;
- c) desbordamento;
- d) envolvimento; e
- e) infiltração.

6.5.3.2 A Cia Fuz pode atacar os objetivos mediante uma ação frontal ou de flanco.

- Sempre que possível, o Cmt Cia Fuz deve priorizar as ações de flanco, procurando atingir o inimigo onde ele é mais fraco (Fig 6-3).

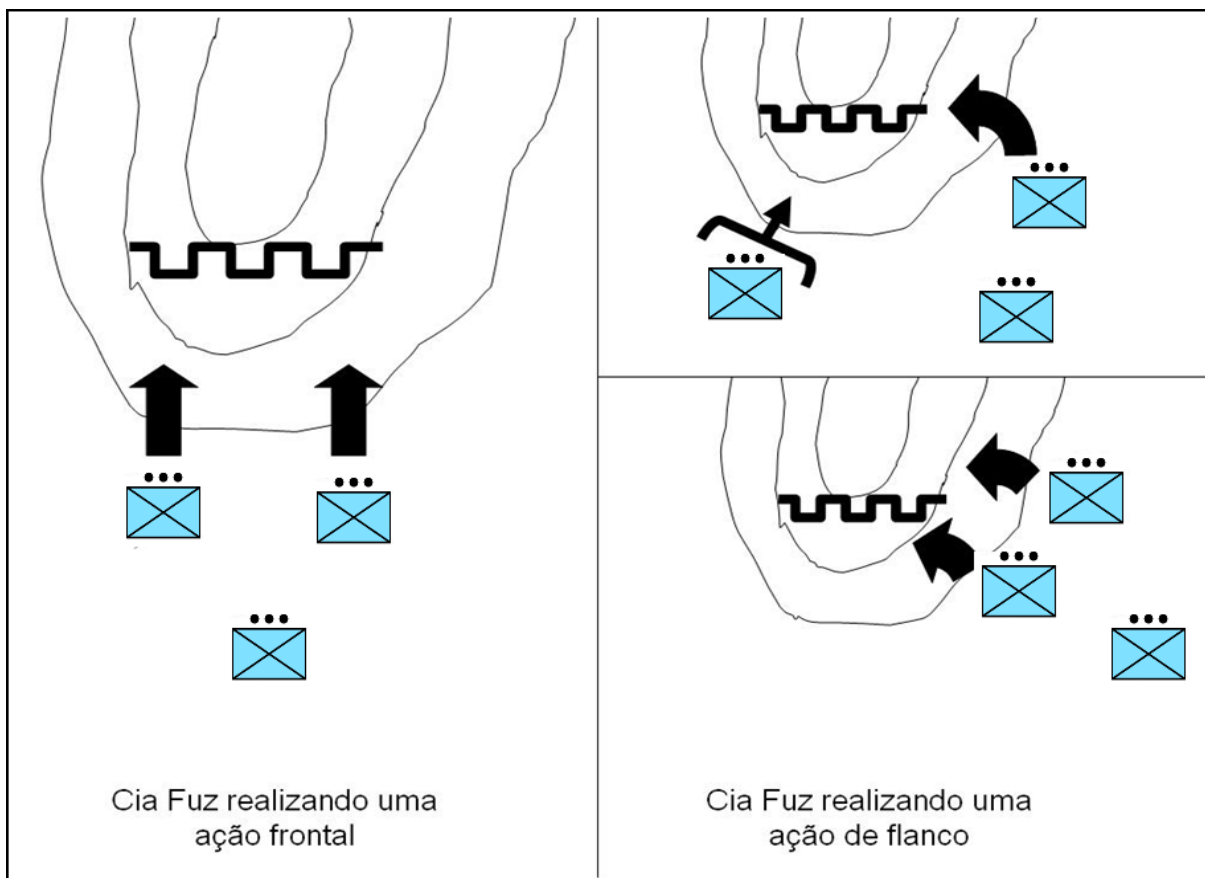


Fig 6-3 - Ação frontal e de flanco da Cia Fuz no ataque

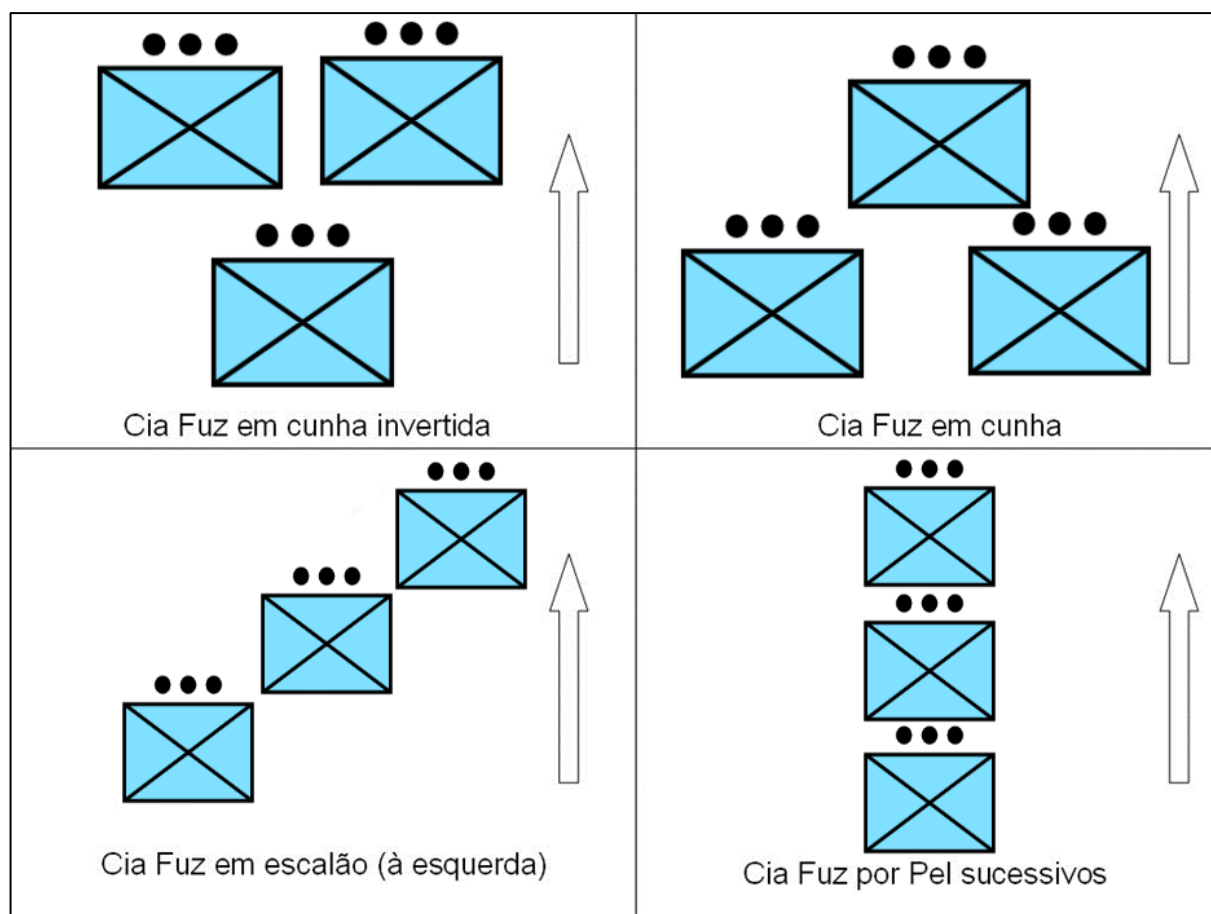


Fig 6-4 - Dispositivos da Cia Fuz no ataque

6.5.3.3 Para maior detalhamento acerca das formas de manobra no ataque consultar o manual EB70-MC-10.335 BATALHÕES DE INFANTARIA (1ª Edição, 2023).

6.5.4 PLANEJAMENTO DO ATAQUE

6.5.4.1 Ao receber a ordem de alerta ou a ordem de operações para um ataque, o Cmt Cia Fuz deve iniciar imediatamente o seu Trabalho de Comando.

6.5.4.2 Medidas de Coordenação e Controle

6.5.4.2.1 As medidas de coordenação e controle são ferramentas táticas que sincronizam a manobra e os fogos, garantindo unidade de esforço. Elas incluem:

- zonas de reunião;
- posições de ataque;
- hora de ataque;
- linha de partida;
- zonas de ação e limites;
- objetivos;
- direção de ataque e eixo de progressão; e
- linhas de controle e pontos de controle, coordenação, ligação e liberação.

6.5.4.2.2 Zonas de Reunião

- a) Locais onde a Cia Fuz se prepara para o ataque, situados a cerca de uma hora de marcha da posição de ataque.
- b) Características desejáveis: ocultação da observação inimiga, proteção contra tiros diretos, espaço para dispersão, múltiplos itinerários de acesso, solo firme e obstáculos naturais contra blindados.
- c) Fixadas pelo Cmt Btl, com subáreas atribuídas pelo Cmt Cia Fuz aos pelotões.

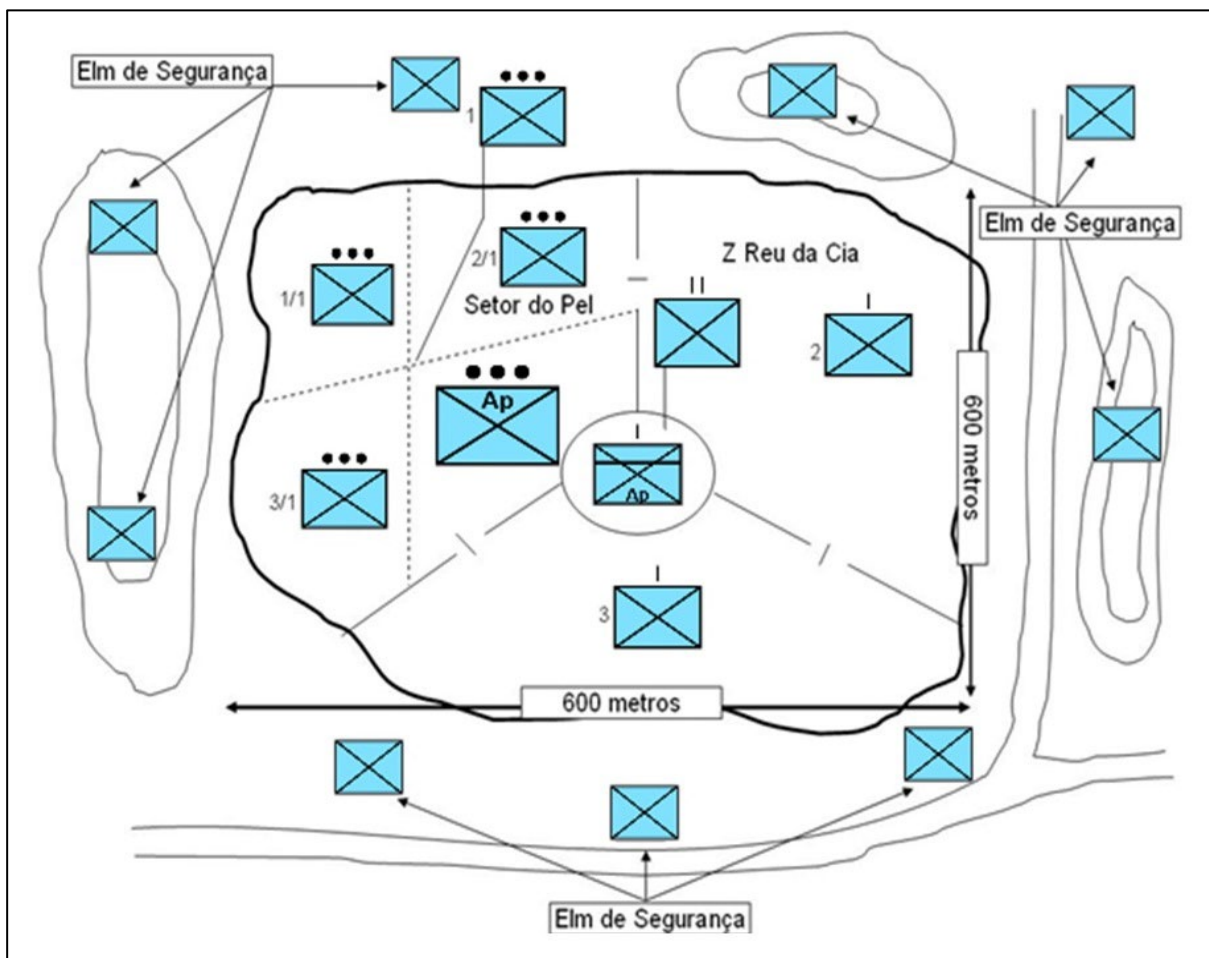


Fig 6-5 - A Cia Fuz na Z Reu do BI

6.5.4.2.3 Posições de Ataque

- a) Última posição coberta antes da linha de partida, escolhida pelo Cmt Cia Fuz com base no terreno e no esquema de manobra.
- b) Deve oferecer proteção contra os fogos diretos, ocultação e espaço para a tomada do dispositivo inicial da companhia.
- c) A localização exata dos pelotões é definida pelos respectivos comandantes, dentro da área atribuída pelo Cmt Cia Fuz.

6.5.4.2.4 Hora do Ataque

- a) A hora do ataque indica o momento exato em que o escalão de ataque transpõe a

linha de partida, conforme prescrito na ordem do batalhão.

b) O comandante da companhia calcula o tempo necessário para o deslocamento da zona de reunião à posição de ataque e à linha de partida, garantindo a sincronia com os demais Elm do Btl.

c) O início do ataque pode ser coordenado por um horário fixo ou por um sinal convencionado, dependendo da situação tática.

6.5.4.2.5 Linha de Partida

a) Fixada pelo batalhão, é a linha de onde o ataque é iniciado, perpendicular à direção de ataque, facilmente identificável e sob controle amigo.

b) Em terrenos complexos, o Cmt Cia pode fixar uma hora para a transposição a partir de uma posição à retaguarda, garantindo sincronia.

6.5.4.2.6 Zonas de Ação e Limites

a) Definidas pelo batalhão, as zonas de ação da Cia Fuz (250 a 800 m de frente) delimitam a responsabilidade da SU, que deve limpá-las durante o ataque.

b) Cada pelotão recebe uma subzona (100 a 300 m), com direção geral de ataque, sem limites rígidos para facilitar a coordenação.

c) Movimentos e desencadeamento de fogos fora da zona de ação exigem autorização do batalhão e coordenação com os Elm vizinhos.

6.5.4.2.7 Objetivos

a) Fixados pelo batalhão, podem incluir objetivos intermediários definidos pelo Cmt Cia Fuz para orientar a progressão.

b) A conquista de objetivos exige consolidação rápida, com paradas mínimas para reorganização antes de prosseguir.

6.5.4.2.8 Direção de Ataque e Eixo de Progressão

a) A direção de ataque, quando imposta pelo batalhão, orienta o esforço principal da companhia.

b) O eixo de progressão indica a direção geral, permitindo desvios táticos sem a obrigação de limpar toda a área, desde que informados ao batalhão.

6.5.4.2.9 Linhas de Controle

a) Estabelecidas pelo batalhão ou Cmt Cia Fuz, são acidentes identificáveis (ex.: cristas, estradas) usados para monitorar a progressão e sincronizar as ações.

b) Subordinados informam ao atingir essas linhas, sem parar, salvo por ordem. Podem limitar movimentos ou indicar mudanças de direção.

6.5.4.2.10 Pontos de Controle, Coordenação, Ligação e Liberação

a) Pontos de Controle: Referências para relatar posições, úteis em operações rápidas.

b) Pontos de Coordenação: Locais para sincronizar fogos e manobras entre companhias, evitando fratricídio.

c) Pontos de Ligação: Pontos de contato físico entre unidades, definidos para manter

coesão.

d) Pontos de Liberação: Locais onde elementos subordinados são liberados ao controle de seus comandantes, comuns em infiltrações ou ataques noturnos.

6.5.4.3 Sistemas de Comunicação

6.5.4.3.1 Durante os preparativos, o posto de comando (PC) da companhia é estabelecido na zona de reunião, com circuitos físicos para ligações com o batalhão, pelotões e vizinhos. O rádio é mantido em silêncio para preservar o sigilo, priorizando mensageiros.

6.5.4.3.2 Durante o ataque, o rádio é amplamente utilizado para manter o Cmt Cia Fuz informado sobre:

- a) Progressão dos pelotões de ataque.
- b) Situação de elementos vizinhos e superiores.
- c) Necessidade de ajustes em fogos ou emprego da reserva.

6.5.4.3.3 O Cmt Cia Fuz, posiciona-se onde possa observar e controlar o escalão de ataque, geralmente entre os pelotões de assalto e a reserva. O PC avança com a companhia, restabelecendo circuitos físicos apenas na consolidação do objetivo.

6.5.4.3.4 Mensageiros são usados como alternativa em caso de falhas no rádio ou para mensagens sensíveis, garantindo redundância na comunicação.

6.5.4.4 Avaliação contínua

6.5.4.4.1 O Cmt Cia mantém a avaliação contínua por meio de:

- a) Relatórios regulares dos comandantes de pelotão sobre progresso e contato com o inimigo.
- b) Observação direta do terreno e da manobra, ajustando ordens conforme necessário.
- c) Coordenação com o batalhão para sincronizar fogos, reforços ou mudanças no plano.

6.5.4.4.2 O Cmt Cia Fuz emprega a reserva, modifica medidas de coordenação e controle, executa fogos e/ou solicita apoios adicionais no momento e local adequados, garantindo que a manobra mantenha o ímpeto e responda a imprevistos, como contra-ataques ou resistência inesperada.

6.5.5 APOIO DE FOGO

6.5.5.1 Tipos de Fogos

6.5.5.1.1 Fogos de Preparação

- a) Iniciados antes dos fuzileiros transporem a LP.
- b) Visam facilitar o desembocar do ataque.
- c) Têm por finalidade destruir ou neutralizar posições inimigas que poderão dificultar a progressão dos fuzileiros.
- d) Os morteiros e as metralhadoras da Cia Fuz podem participar desses fogos.

6.5.5.1.2 Fogos durante o Ataque

- a) São os fogos de maior importância durante o ataque e visam permitir que o Esc Atq se aproxime do objetivo com o mínimo de baixas.
- b) Realizados depois que os fuzileiros transpuserem a LP.
- c) Realizados contra alvos (armas coletivas e núcleos de defesa inimigos) que se oponham à progressão dos pelotões de fuzileiros.
- d) São suspensos ou alongados quando o Esc Atq alcança a DER, balizada por linhas de controle.

6.5.5.1.3 Fogos de Proteção

- a) Executados durante o assalto e consolidação.
- b) Têm por finalidade impedir que o inimigo reforce suas posições ou lance contra-ataques.
- c) São também desencadeados nos flancos dos pelotões de 1º escalão quando a progressão de um for mais rápida que do outro.
- d) Os fogos para a manutenção de um objetivo devem ser planejados antes de sua conquista e têm características defensivas para permitir sua manutenção. Barragens devem, então, ser previstas sobre as principais vias de acesso, bem como outros fogos que dificultem ou impeçam os contra-ataques.

6.5.5.2 Morteiros

6.5.5.2.1 Os fogos dos morteiros são empregados, principalmente, para destruir ou neutralizar pessoal ou armas de apoio inimigo que possam ser batidas mais rapidamente pelos morteiros do que pela artilharia. Os morteiros médios e pesados também cumprem missões de mascaramento com fumaça.

6.5.5.2.2 Durante o ataque, os morteiros abrem fogo, a pedido, para baterem resistências que se opõem à progressão dos pelotões do Esc Atq. Cada morteiro, geralmente, muda de posição quando seus fogos não mais possam proporcionar apoio aos fuzileiros. Essas mudanças são planejadas durante o trabalho de comando do Cmt Cia Fuz e Cmt Pel Ap.

6.5.5.3 Armas AC

6.5.5.3.1 São determinadas para as armas AC setores de tiro para bater as vias de acesso mais importantes para os carros de combate inimigos, na frente e nos flancos da companhia.

6.5.5.3.2 Sem prejuízo de sua missão principal, as armas AC poderão ser empregadas contra fortificações, abrigos organizados, armas coletivas e tropa desabrigada. Executam também missões fumígenas, dificultando a observação do Inimigo.

6.5.5.4 Carros de Combate

- Os CC são, essencialmente, elementos de manobra. Excepcionalmente, podem ser empregados como elementos de Ap F.

6.5.5.6 Emprego de Fumígenos

- No ataque os fumígenos são empregados para:

- a) Cegar a observação inimiga;
- b) Reduzir a eficácia dos tiros diretos inimigos;
- c) Dificultar a ajustagem dos fogos indiretos inimigos;
- d) Reduzir a eficiência de equipamentos optrônicos;
- e) Ocultar nossos deslocamentos e reorganização;
- f) Cobrir a abertura de passagens em obstáculos batidos por fogos;
- g) Cobrir travessias de curso d'água ou operações anfíbias;
- h) Proteger o assalto das tropas amigas; e
- i) Isolar posições ou zonas inimigas.

6.5.6 APOIO LOGÍSTICO

6.5.6.1 Os trens de SU devem ficar o mais à frente possível, de preferência dentro do limite de retaguarda da Cia Fuz. Podem ocupar a posição de ataque da SU, imediatamente após o deslocamento dos Pel para o ataque.

6.5.6.2 Normalmente, o deslocamento dos trens de SU estará condicionado à conquista dos objetivos da Cia Fuz, de forma a apoiar a reorganização. Este deslocamento deve ser feito tão logo quanto possível. Deve ser dada prioridade para o deslocamento do P Remn, pela necessidade de remuniciamento para execução das atividades de manutenção do objetivo e preparação para ações futuras.

6.5.6.3 Há previsão de consumo elevado de munição, principalmente quando suas armas participarem da preparação. A Cia Fuz poderá receber munição para consumo imediato para permitir ultrapassar a LP com sua dotação completa.

6.5.7 PREPARAÇÃO PARA O ATAQUE

6.5.7.1 Antes do ataque a Cia Fuz pode receber ordem de ocupar uma Z Reu.

6.5.7.2 Para a ocupação da Z Reu, o Cmt Cia Fuz determina que o Enc Mat e guias sigam com a turma de estacionamento do batalhão, a fim de evitar confusão e o retardamento de outros elementos. O Enc Mat é responsável pela repartição da zona atribuída à Cia Fuz entre os pelotões e pela colocação dos guias para orientá-los até suas respectivas zonas.

6.5.7.3 Quando a Cia Fuz ocupa parte da Z Reu do batalhão, as medidas de segurança são coordenadas pelo Cmt Btl. Essas medidas dependem do tempo de permanência na zona, das possibilidades do inimigo, da segurança proporcionada por outras forças à frente, do terreno, das armas de apoio e do material disponível. As medidas de segurança podem variar desde o estabelecimento de postos de observação (quando uma segurança conveniente for proporcionada por forças dispostas à frente) até a defesa circular organizada, incluindo todas as armas de apoio (quando é insuficiente a segurança proporcionada por forças colocadas à frente, e um forte ataque inimigo é possível).

6.5.7.4 Na Z Reu as frações da Cia Fuz aproveitam as cobertas e os abrigos naturais para se protegerem da observação terrestre e aérea. Caso o terreno não disponha de abrigos, cavam-se abrigos individuais para homens deitados.

6.5.7.5 A principal atividade na Z Reu consiste nos preparativos para o ataque. A Cia Fuz recebe os elementos em reforço e são feitos reconhecimentos, planejamentos pormenorizados, coordenações e ensaios tão completos quanto possível. O material desnecessário ao combate é reunido com o encarregado de material. As viaturas necessárias juntam-se às suas frações.

- É dado à tropa o máximo de repouso, sem prejuízo da segurança, de recebimento das instruções necessárias e dos preparativos para o cumprimento da missão. A munição necessária ao combate é distribuída.

6.5.8 EXECUÇÃO DO ATAQUE

6.5.8.1 Da Zona de Reunião à Posição de Ataque

6.5.8.1.1 O deslocamento é realizado de forma a permitir a manutenção do sigilo da operação. As posições de ataque são ocupadas durante o tempo mínimo necessário ao desenvolvimento, coordenação e preparativos finais para o ataque.

6.5.8.1.2 Se a situação e o terreno permitirem, viaturas poderão transportar pessoal e material até a posição de ataque. O movimento dos elementos atacantes até a posição de ataque pode ser feito sob o controle do batalhão ou da companhia.

6.5.8.2 Da Posição de Ataque à Linha de Partida

6.5.8.2.1 A partir da posição de ataque, o deslocamento para a linha de partida é feito de modo a permitir que os elementos do Esc Atq da companhia, utilizando, ao máximo, as cobertas e os abrigos, atinjam aquela linha no dispositivo prescrito para o início do ataque.

6.5.8.2.2 Guias podem ser utilizados para balizarem passagens nos obstáculos abertos por elementos de engenharia.

6.5.8.3 Da Linha de Partida à Posição de Assalto

6.5.8.3.1 Os pelotões do Esc Atq transpõem a linha de partida na hora marcada, aproveitando os abrigos e as cobertas existentes no terreno e a segurança proporcionada pelos fogos de apoio.

- A Cia Fuz progride com uma eficaz combinação de fogo e movimento, em que os elementos de manobra apoiam a progressão uns dos outros.
- Se forem batidos por fogos inimigos de artilharia ou de morteiros, os pelotões deslocam-se rapidamente, atravessando ou desviando-se da zona batida.
- A observação inimiga para ajustagem dos tiros sobre os fuzileiros que progridem pode ser parcial ou totalmente neutralizada pelo fogo e cortinas de fumaça desencadeadas pelas armas de apoio.

6.5.8.3.2 Os Cmt Pel Fuz impulsionam energicamente as frações para se apoderarem de regiões dominantes do terreno, de onde o tiro (particularmente de armas automáticas) possa ser desencadeado sobre as posições inimigas.

6.5.8.3.3 Em virtude da falta de uniformidade da resistência oferecida pelo inimigo, das diferenças de terreno e das variações do auxílio recebido dos fogos de apoio, alguns elementos progredem enquanto outros poderão ficar detidos.

6.5.8.3.4 Um pelotão que não esteja detido pelo fogo deve prosseguir na progressão, mesmo que seus vizinhos se achem detidos.

6.5.8.3.5 Esta progressão pode flanquear a resistência que detém os elementos vizinhos e possibilitar tiros de flanco com armas automáticas sobre ela. Pode, ainda, favorecer o emprego da reserva da Cia Fuz através dos intervalos criados para atacar o flanco ou a retaguarda do inimigo.

6.5.8.3.6 Os núcleos de resistência inimiga são neutralizados mais rapidamente por uma ação que combine fogo e manobra de frente e nos flancos.

6.5.9.4 Emprego da Reserva

6.5.9.4.1 No início do ataque, o Cmt Cia Fuz deve manter uma reserva para cumprir as seguintes missões:

- a) repelir contra-ataques;
- b) substituir um elemento do Esc Atq que tenha sofrido um grande desgaste;
- c) fazer um esforço final para a conquista do objetivo; ou
- d) apoiar a progressão do Esc Atq.

6.5.9.4.2 O pelotão reserva (Pel Res) deve ser mantido suficientemente próximo do Esc Atq para permitir seu pronto emprego na exploração de um sucesso ou para repelir um contra-ataque sem, no entanto, entrar no mesmo compartimento do Esc Atq.

6.5.9.4.3 A reserva da Cia Fuz é empregada sem hesitação para renovar o ímpeto de um ataque bem-sucedido, de preferência executando uma ação desbordante e um ataque sobre um dos flancos do inimigo.

6.5.9.4.4 Sempre que possível, deve-se evitar um ataque através de um pelotão do Esc Atq que esteja detido, desorganizado ou tenha sofrido excessivas baixas.

6.5.9.4.5 A reserva deve atacar como um todo. Após seu emprego, uma nova reserva deve ser organizada o mais cedo possível.

6.5.9.4.6 Nas ações da reserva devem ser observadas as medidas para a prevenção ao fratricídio como a evolução da situação tática do campo de batalha, localização de áreas restritas, a correta identificação dos alvos, o controle do fogo e o controle dos efetivos.

6.5.9.4.7 Para demais informações sobre prevenção ao fratricídio consultar o Caderno de Instrução CI 7.25-800 - Prevenção ao Fratricídio em Pequenas Frações e o anexo F do Manual de Campanha EB70-MC-10.335 BATALHÕES DE INFANTARIA (2023).

6.5.9.5 Auxílio aos Elementos Vizinhos

6.5.9.5.1 A Cia Fuz auxilia a progressão dos elementos vizinhos. O auxílio é prestado quando ordenado pelo Cmt Btl ou quando o Cmt Cia Fuz verifica que isso poderá favorecer o cumprimento de sua missão e a do batalhão. (Fig 6-7)

6.5.9.5.2 O auxílio que permite o avanço de um elemento vizinho atrasado é um meio eficaz de proteção do flanco da própria companhia.

6.5.9.5.3 O auxílio pelo fogo e movimento, em geral, é mais eficiente que o prestado somente pelo fogo.

6.5.9.5.4 Esses movimentos são fortemente apoiados pelos fogos das armas disponíveis, incluindo as do elemento que está sendo auxiliado. O movimento não será utilizado se vier a comprometer o prosseguimento de sua própria progressão.

6.5.9.5.5 Para prevenir o fratricídio com os elementos vizinhos, as ações das tropas vizinhas devem ser de conhecimento de todos os elementos das frações, sua localização e progressão devem ser corretamente identificadas, os comandantes devem estabelecer contato via cadeia de comando com os demais comandantes na ação de auxílio aos elementos vizinhos.

6.5.9.5.6 Para demais informações sobre prevenção ao fratricídio consultar o Caderno de Instrução CI 7.25-800 - Prevenção ao Fratricídio em Pequenas Frações e o anexo F do EB70-MC-10.335 BATALHÕES DE INFANTARIA (1ª Edição, 2023).

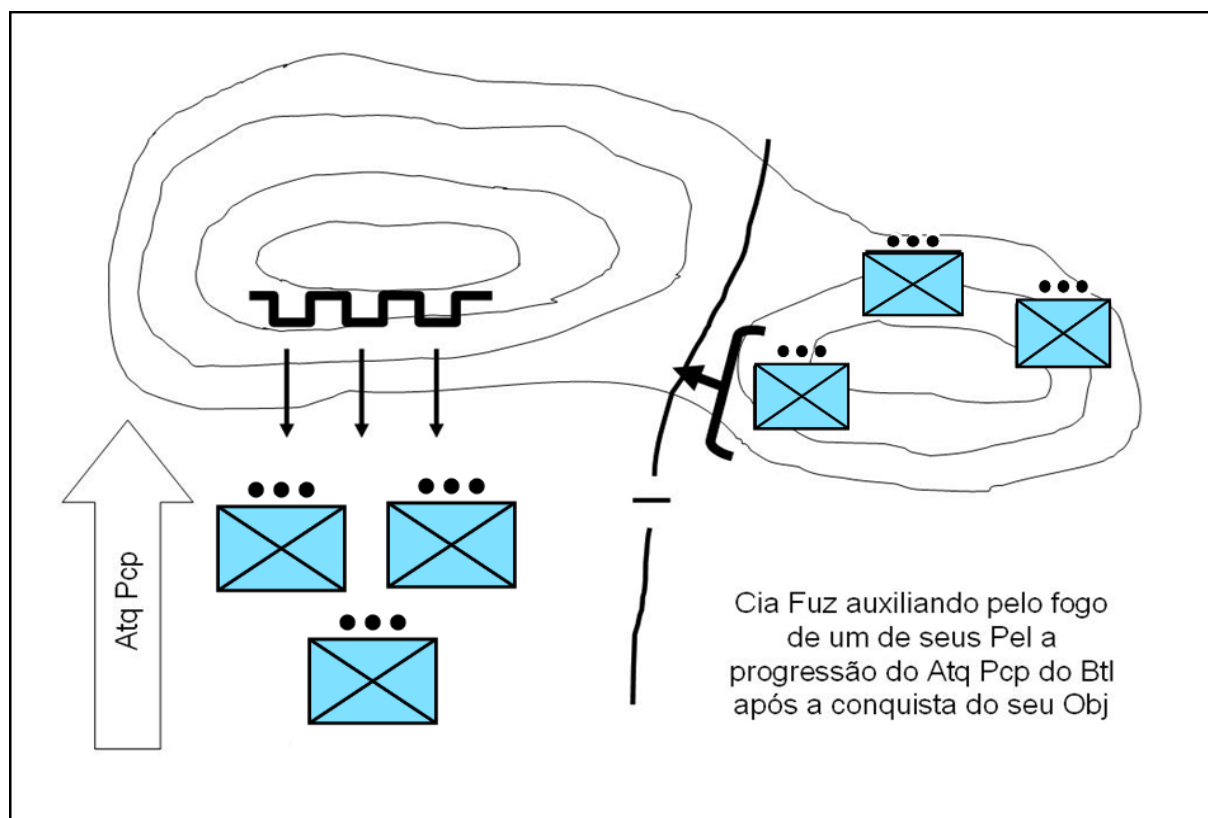


Fig 6-6 - Cia Fuz apoiando pelo fogo a SU vizinha

6.5.9.6 Assalto

6.5.9.6.1 Quando o Esc Atq alcançar a DER das armas de apoio, eles serão suspensos e/ou transportados, mediante ordem do Cmt Cia Fuz, por um sinal convencionado ou outro meio.

6.5.9.6.2 A partir dessa posição, os Pel Fuz progridem para o objetivo utilizando uma das seguintes técnicas de movimento:

a) Movimento contínuo

- Os pelotões se lançam sobre o objetivo rápida e agressivamente, desencadeando os fogos de assalto sobre os elementos inimigos, com a cooperação do fogo das metralhadoras, impedindo o inimigo de realizar fogos eficazes sobre o Esc Atq.

b) Movimento por lanços

- Os pelotões executam lanços, combinando fogo e movimento até atingirem as posições inimigas.
- Essa técnica é utilizada quando os fogos do escalão de assalto e das metralhadoras não são capazes de impedir o inimigo de realizar seus fogos.
- Os abrigos inimigos conquistados podem ser utilizados como local para base de fogos, na conquista das demais posições.

c) Movimento sigiloso

- Os pelotões deslocam-se de forma furtiva até o mais próximo possível do objetivo.
- Quando o sigilo for quebrado, passam a deslocar-se de forma contínua ou por lanços.
- Este tipo de movimento é particularmente utilizado em ataques noturnos ou sob condições de visibilidade reduzida.

6.5.9.6.3 O assalto é iniciado por ordem ou sinal do Cmt Cia Fuz, repetido por todos os oficiais e sargentos, sendo impulsionado até o limite posterior do objetivo, sem dar ao inimigo a oportunidade para reorganizar-se ou reforçar sua defesa. O Cmt Cia Fuz empregará todos os meios disponíveis para dar agressividade ao seu ataque e explorar, sem demora, qualquer vantagem obtida. O Pel reserva segue à esteira do Esc Atq, realizando a limpeza dos objetivos.

6.5.9.7 Consolidação

6.5.9.7.1 Imediatamente após a conquista de um objetivo, a Cia Fuz instala-se para repelir os contra-ataques, de acordo com a ordem de ataque da companhia. O Cmt Cia Fuz faz um pronto reajustamento do dispositivo, ratificando ou retificando os setores dos Pel Fuz.

6.5.9.7.2 A disposição dos pelotões na área consolidada deve seguir as distâncias de dispersão e as medidas de apoio mútuo típicas de uma defesa de área.

6.5.9.7.3 A prioridade máxima é estabelecer um perímetro defensivo imediato. Isso envolve a designação de posições de tiro para as metralhadoras e armas AC, o lançamento de obstáculos de proteção local e a designação de setores de responsabilidade para cada elemento da companhia.

6.5.9.7.4 Patrulhas de reconhecimento devem ser enviadas para identificar possíveis posições inimigas remanescentes, vias de acesso para contra-ataques e características

do terreno que possam ser exploradas para a defesa. Elementos de segurança devem ser enviados à frente para alertar sobre a aproximação do inimigo.

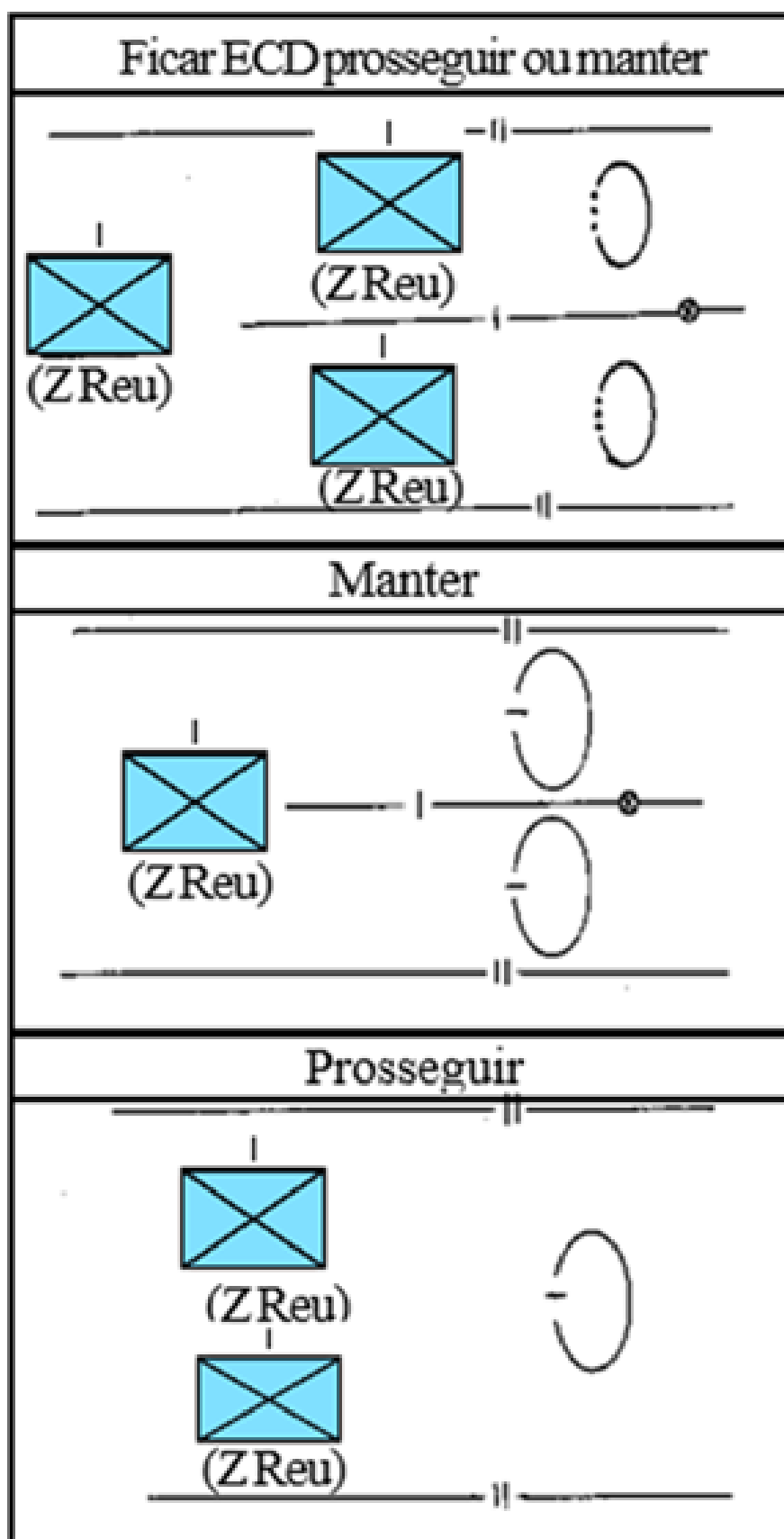


Fig 6-7 - Dispositivos do Btl e da Cia Fuz na consolidação

6.5.9.7.5 Os morteiros devem ocupar posições que garantam o apoio cerrado à Cia Fuz, em condições de bater possíveis vias de acesso do inimigo, à frente e nos flancos do objetivo conquistado. O OA Art, OA Mrt/Btl e OA Mrt/SU devem ocupar os respectivos postos de observação e estabelecer as comunicações com as respectivas centrais de tiro.

6.5.9.7.6 Reajustado o dispositivo, iniciam-se os trabalhos de melhoria das posições defensivas individuais e coletivas, como a construção de abrigo e a limpeza dos campos de tiro.

6.5.9.7.7 O restabelecimento e a manutenção das redes internas e externas de comunicações são vitais para coordenar a defesa e manter o Esc Sp informado sobre a situação.

6.5.9.7.8 Após a conquista de um objetivo durante um ataque noturno, a fase de consolidação é crucial para garantir a manutenção da posição e preparar para ações futuras. O plano de consolidação deve primar pela simplicidade, evitando alterações complexas na organização de combate da SU. A prioridade é estabelecer rapidamente uma defesa eficaz contra possíveis contra-ataques inimigos.

6.5.9.7.9 Caso tenha recebido a missão e dicar ECD prosseguir, a Cia Fuz deve realizar um reconhecimento das vias de acesso que conduzem ao próximo objetivo.

6.5.9.7.10 De acordo com a missão futura do Btl, a Cia Fuz poderá adotar os dispositivos semelhantes aos apresentados na Fig 6-7.

6.5.9.8 Reorganização

6.5.9.8.1 Simultaneamente, o Cmt Cia Fuz determina o início da reorganização, que envolve principalmente medidas logísticas. A ATSU deve avançar a uma posição mais próxima aos Elm 1º Esc, para garantir o apoio cerrado. Para facilitar o movimento e a organização da ATSU para suas novas posições, utilizam-se guias. Esses guias asseguram que o apoio logístico chegue de forma eficiente e organizada, essencial para sustentar a posição conquistada.

6.5.9.8.2 Os mortos e feridos são evacuados e o pessoal remanescente redistribuído entre as frações, considerando-se, além do efetivo, as funções e especializações críticas.

6.5.9.8.3 A munição para o remuniamento é levada à frente por viaturas ou turmas de transporte a braço, e o furriel providencia a sua distribuição. s baixados são evacuados.

6.5.9.8.4 O material danificado é mantido ou substituído pelo Enc Mat.

6.5.9.8.5 Os prisioneiros são conduzidos ao posto de coleta do Btl e os dados de inteligência coletados são imediatamente informados ao Btl.

6.5.9.8.6 Ao completar a sua reorganização, a Cia Fuz deve estar com suas frações recompostas, devidamente controladas, com um suprimento de munição adequado e ter planos completos para o prosseguimento do ataque, SFC. O Cmt Btl é informado da situação.

6.5.10 REAÇÕES À RESISTÊNCIA E CONTRA-ATAQUES INIMIGOS

6.5.10.1 Quando a progressão é detida, ou seja, quando uma poderosa ação inimiga obriga a uma defensiva temporária em estreito contato com um inimigo forte, a Cia Fuz organiza uma posição defensiva sumária.

- Se possível, continuará mantendo o contato, até que receba auxílio de fogos de apoio ou até que um elemento vizinho ou de reserva flanqueie a posição inimiga.

6.5.10.2 A Cia Fuz não retrai da sua posição, a não ser por ordem do Cmt Btl. Quando a ameaça inimiga for repelida, a Cia Fuz prepara-se para prosseguir no ataque.

6.5.10.3 Quando a força contra-atacante for demasiadamente forte para ser eliminada, a mesma deverá ser contida e a situação informada ao Esc Sp.

6.5.11 SEGURANÇA

6.5.11.1 Apesar das medidas de proteção aos flancos tomadas pelo Btl, o Cmt Cia Fuz é responsável pela segurança aproximada de seus flancos durante todo o Atq.

6.5.11.1.1 As medidas iniciais, geralmente, não permanecem eficazes durante o desenrolar do ataque.

6.5.11.1.2 Frequentemente surgem vazios entre a Cia Fuz e os elementos à sua direita ou esquerda. Se no início do ataque, um elemento vizinho estiver na mesma linha ou à frente da Cia Fuz e o intervalo não puder ser coberto pela observação e pelo fogo, o Cmt Cia Fuz deve empregar elementos para manter a ligação e informar periodicamente a localização daquele elemento.

6.5.11.2 Geralmente, os elementos de segurança são destacados do Pel reserva.

- Esses elementos agem diretamente sob as ordens do Cmt Cia Fuz que poderá deixar, entretanto, o seu controle a cargo do comandante do Pel, determinando-lhe a missão de manter a ligação ou proteger um flanco. Neste caso, o Cmt Cia Fuz fixará o efetivo máximo do elemento de segurança.

6.5.11.3 O alerta oportuno tem vital importância para a redução das baixas consequentes de ataques aéreos e de blindados.

- Cada Pel Fuz é responsável pela sua própria autodefesa antiaérea e anticarro empregando, para esta última, as granadas de bocal e lança-rojões.

6.5.11.4 O Cmt Cia Fuz coordena a defesa anticarro da SU.

- Estabelece para cada Pel Fuz direções ou zonas a serem defendidas e atribui missões às peças de armas AC, escolhendo posições que batam as vias de acesso favoráveis aos veículos blindados.

6.5.12 A COMPANHIA RESERVA DO BATALHÃO

6.5.12.1 Missões da Companhia Reserva

6.5.12.1.1 A Cia Res pode receber uma ou mais das seguintes missões:

- a) Desbordar núcleos de resistência localizados pelo Esc Atq podendo fazer um deslocamento pela Z Aç de um batalhão vizinho;
- b) Proteger os flancos e a retaguarda das Cia Fuz de primeiro escalão;
- c) Repelir contra-ataques, particularmente os dirigidos contra os flancos;
- d) Limpar uma posição conquistada ou ultrapassada pelo Esc Atq;
- e) Tomar para si a missão de todo ou parte do Esc Atq; e
- f) Manter ligação com as unidades vizinhas.

6.5.12.2 Deslocamento para a Posição Inicial

6.5.12.2.1 Quando a ordem do batalhão contém a designação de uma Cia Fuz para reserva do batalhão, deve prescrever o local inicial da mesma e instruções referentes aos deslocamentos subsequentes, proteção dos flancos, organização de planos para fazer face às várias situações e ligação com as unidades vizinhas.

6.5.12.2.2 Após receber a ordem do batalhão, o Cmt Cia reserva estuda os possíveis itinerários que conduzem da Z Reu à posição inicial da reserva.

6.5.12.2.3 Durante seu Trabalho de Comando deve, entre outras atividades, reconhecer o itinerário e o local da posição inicial da reserva e emitir sua ordem inicial, fornecendo a seus homens informações acerca do inimigo e sobre o plano de ataque do batalhão, além de transmitir instruções concernentes ao deslocamento da Cia até a posição inicial, sua ocupação e segurança.

6.5.12.3 Deslocamento para as Posições Sucessivas da Reserva

6.5.12.3.1 A companhia reserva (Cia Res) é colocada, inicialmente, eixada com a Cia Fuz que estiver atacando o objetivo principal, na Z Aç do batalhão.

6.5.12.3.2 No desenrolar do ataque, desloca-se na esteira da Cia Fuz que estiver progredindo com maior rapidez, a fim de protegê-la dos contra-ataques e das infiltrações à sua retaguarda, apoiar o ataque e explorar o sucesso da ação.

6.5.12.3.3 O Cmt Cia Fuz deve manter a ligação com o Esc Atq, com o cuidado de não se deixar engajar pelo fogo inimigo, permanecendo, se possível, em outro compartimento do terreno.

6.5.12.3.4 A Cia Res pode também deslocar-se por lanços, mediante ordem do Cmt Btl.

- Quando ela estiver muito distante das companhias do Esc Atq, para cumprir suas prováveis missões, seu comandante prontamente informa este fato ao Cmt Btl.

6.5.12.4 Reconhecimento e Ligação

- Para executar com rapidez qualquer de suas missões, o Cmt Cia Fuz mantém-se constantemente informado da situação por meio de:

- a) Reconhecimento e observação pessoal;
- b) Contato pessoal com o comandante e o PC do batalhão; e
- c) Comunicação com o comandante e o PC do batalhão.

6.5.12.5 Emprego da Companhia Reserva

6.5.12.5.1 Durante o planejamento para o ataque, o Cmt Btl informa o provável emprego da reserva e determina que o Cmt Cia Fuz faça os reconhecimentos e elabore os planos.

6.5.12.5.2 O Cmt Cia prepara planos para fazer em face de todas as situações prováveis e, após a aprovação do Cmt Btl, dá conhecimento aos seus comandantes subordinados dos pormenores desses planos e avalia o tempo necessário para que cada um deles seja posto em execução.

6.5.12.5.3 Quando o Cmt Btl decide empregar a Cia Res e é impraticável a designação de uma linha de partida, prescreve uma Z Aç de onde deverá desencadear o ataque e determina ao Cmt Cia Fuz que escolha a linha de partida, informando-o de sua decisão.

6.5.12.5.4 O Cmt Btl, também, fixa o objetivo, a hora provável do ataque, a direção ou Z Aç e todas as modificações do Plano de Fogos do batalhão que se fizerem necessários ao ataque.

6.5.12.5.5 Coordena as atividades dos outros elementos do batalhão, de modo que a reserva não seja forçada a esperar na Z Reu e seu ataque seja executado simultaneamente com o esforço conjunto do restante do batalhão.

6.5.12.5.2 O Cmt Cia Fuz executa o seu Trabalho de Comando e emite ordens a seus subordinados. Estabelece as ligações necessárias com vizinhos e elementos de apoio e, sem perda de tempo, desloca a companhia. Quando a reserva chega à Z Aç designada, o Cmt Cia participa o fato ao Cmt Btl e prepara-se para desencadear o ataque.

6.5.13 EMPREGO DE CARROS DE COMBATE

6.5.13.1 Embora não seja o emprego usual, em situações excepcionais a Cia Fuz pode receber o reforço de um ou mais pelotões de Carros de Combate (CC), formando uma força-tarefa.

6.5.13.2 Os fogos dos carros aumentam a potência de fogo e a ação de choque da Cia Fuz e proporcionam proteção contra CC Ini.

6.5.13.3 Os CC apoiam a infantaria na destruição das armas automáticas inimigas, enquanto os fuzileiros protegem os CC, eliminando rapidamente as armas anticarro, coletivas e individuais.

6.5.13.4 Existem cinco processos gerais de ataque que podem ser usados pelo binômio infantaria-carros e que, frequentemente, são combinados entre si.

- A resistência do inimigo e o terreno indicam o melhor processo a ser adotado para que seja assegurado o sucesso de um ataque.

6.5.13.4.1 Primeiro processo - assalto simultâneo:

- a) Inicialmente, os carros apoiam a infantaria, atirando de posições com desenfiamento de couraça ou permanecem ocultos próximos à linha de partida;
- b) Quando a infantaria se aproxima da P Ass, atingindo a DER das armas de tiro indireto, os carros progridem rapidamente e juntam-se aos fuzileiros;
- c) Nesse mesmo momento, os fogos indiretos são alongados, a infantaria e os CC executam o assalto em conjunto, com os fuzileiros nos intervalos dos carros;
- d) A transposição da linha de partida pelos CC será regulada de modo que atinjam a P Ass simultaneamente com a infantaria;
- e) Este processo é vantajoso quando o objetivo for claramente definido e existirem campos de tiro para os CC;
- f) Geralmente obtém-se a surpresa e, ainda, a vantagem de explorar-se a potência máxima de fogos dos CC no momento crítico e decisivo do assalto; e
- g) Os fogos a curta distância, desencadeados pelos CC em movimento, junto ao fogo de assalto da infantaria, aumenta o poder de choque da FT no momento crítico do ataque.

6.5.13.4.2 Segundo processo - CC lideram o assalto:

- a) Inicialmente a infantaria progride no terreno com o apoio dos CC em base de fogos. Os CC transpõem a linha de partida a tempo de ultrapassarem a infantaria durante a progressão, antes de atingir a P Ass;
- b) Assim, os carros precedem a infantaria a distância que permita segurança aos fuzileiros face aos arrebentamentos de artilharia amiga com espoleta de tempo;
- c) A infantaria segue à retaguarda dos carros eliminando ou capturando o pessoal inimigo remanescente;
- d) Este processo encontra sua maior aplicação em ataques fortemente apoiados por tiros de artilharia com espoleta de tempo, contra um inimigo que ocupa resistências descontínuas ou posição sumariamente organizada e que disponha fraca proteção anticarro;
- e) Apresenta a vantagem de velocidade e da ação de choque e, em geral, consegue a surpresa; e
- f) A potência máxima de fogos dos CC é obtida durante o início do assalto, quando os fogos da artilharia e dos morteiros são alongados para outros alvos e a missão de neutralizar o Ini em contato as armas de apoio do inimigo é transferida para o Esc Atq.

6.5.13.4.3 Terceiro processo - ataque convergente:

- a) A infantaria e os CC, vindos de direções diferentes e deslocando-se por itinerários diversos, convergem sobre um objetivo comum;
- b) Devido ao fato das velocidades de progressão dos carros e da infantaria serem diferentes, o horário de transposição das linhas de partida é coordenado, de modo que a infantaria e os carros possam se lançar ao assalto final juntos;
- c) Sempre que possível, os carros apoiam pelo fogo a progressão da infantaria, até o

momento em que devam desencadear seu próprio ataque; e

d) Este processo é aplicável quando o terreno e o dispositivo inimigo permitam a utilização de pelo menos dois itinerários, um para a infantaria e outro para os CC.

6.5.13.4.4 Quarto processo - ataque simultâneo:

a) A infantaria e os CC deslocam-se juntos, na mesma velocidade, durante toda a progressão, desde a linha de partida até o objetivo;

b) A infantaria pode deslocar-se ligeiramente à frente dos CC, entre eles ou logo à retaguarda;

c) Durante a progressão, as posições relativas da infantaria e dos CC variam, de acordo com a natureza da resistência inimiga e o terreno;

d) Este processo é usado com visibilidade restrita, nas áreas edificadas e nos bosques;

e) O Processo assegura uma estreita coordenação e o máximo de apoio mútuo, com sacrifício, porém, da velocidade e da surpresa;

f) A pequena velocidade imposta ao carro aumenta a sua vulnerabilidade aos fogos anticarro e dá tempo ao inimigo para aumentar a intensidade de seus fogos defensivos; e

g) Em terreno coberto, quando a situação do inimigo é pouco conhecida, é indicado o emprego inicial deste processo adotando-se outro quando o Esc Atq penetrar em terreno menos coberto ou quando tornar-se mais clara a situação do inimigo.

6.5.13.4.5 Quinto processo - CC somente apoia pelo fogo:

a) Os CC, apoiam a progressão da infantaria de posições com desenfiamento de couraça, localizados na linha de partida ou em suas proximidades;

b) Os tiros são executados sobre a tropa, nos intervalos ou flancos, durante toda a progressão, desde a linha de partida até o objetivo; e

c) Este processo é aplicável quando o terreno impede o avanço dos CC ou quando o inimigo possui forte armamento anticarro.

6.5.14 A COMPANHIA NO ATAQUE DE FIXAÇÃO

6.5.14.1 Fixar é a ação tática, normalmente ofensiva e de profundidade limitada, que visa a impedir o desengajamento do inimigo em contato, de suas reservas imediatas e meios de Ap F.

- A fixação é uma ação secundária dentro do contexto da manobra do batalhão. Ocorre de maneira frequente quando o Btl realiza uma manobra de desbordamento ou infiltração.

6.5.14.2 A Cia Fuz poderá receber a missão de fixar uma SU inimiga de primeiro escalão. Para o cumprimento da mesma, o Cmt Cia Fuz deverá planejar a conquista de pelo menos um dos núcleos de pelotão do Ini em contato (Fig 6-8).

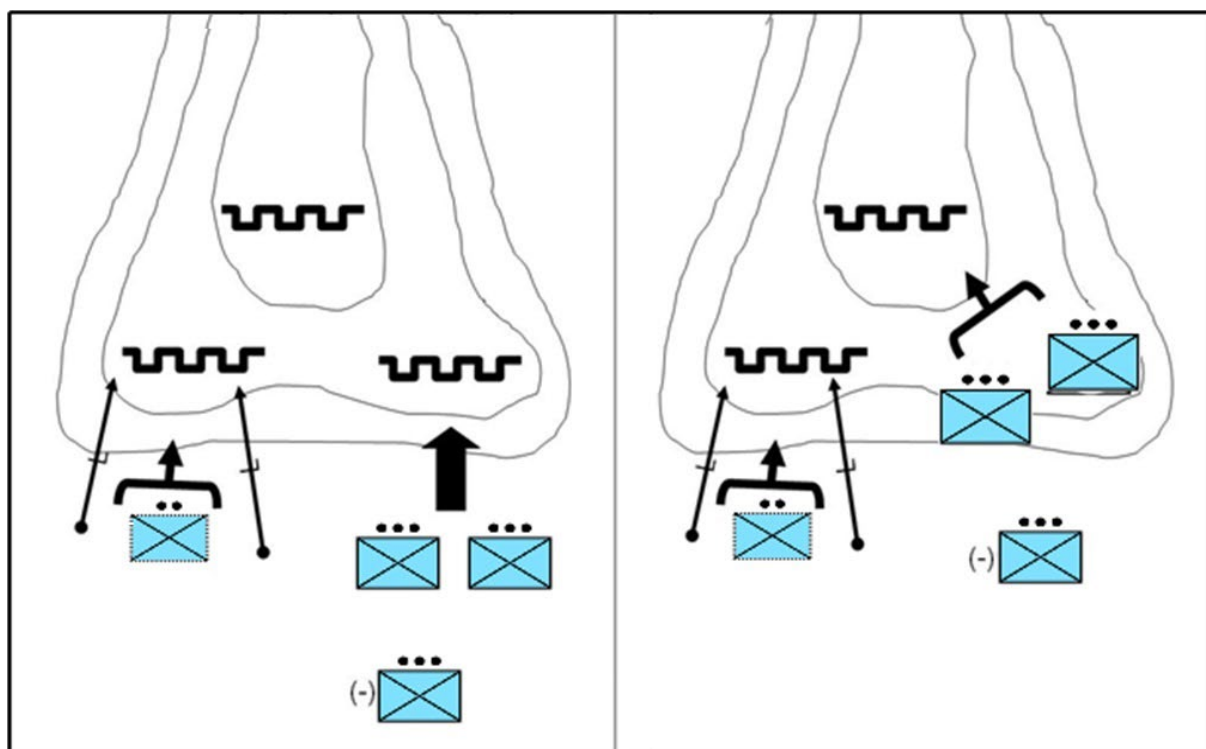


Fig 6-8 - A Cia Fuz no Atq para fixar a Cia de primeiro escalão

6.5.14.3 O Btl poderá, ainda, planejar fixar a SU Res Ini ou parte dela. Para isso, determinará à Cia Fuz que atinja as posições do Pel Res da SU Ini em contato, de forma a atrair elementos da reserva inimiga para os núcleos de aprofundamento do dispositivo defensivo inimigo (Fig 6-9).

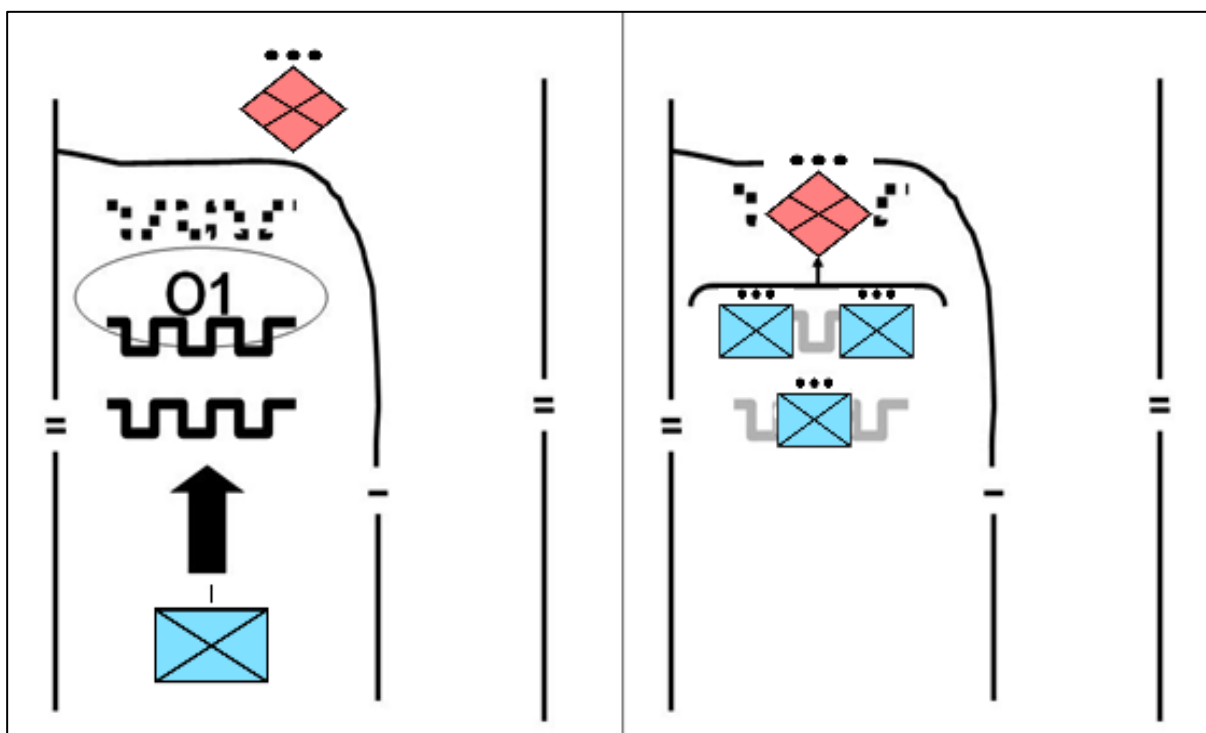


Fig 6-9 - A Cia Fuz fixando Elm da SU Ini

6.6 ATAQUE DE INFILTRAÇÃO

6.6.1 A infiltração é uma forma de manobra tática ofensiva na qual uma força é desdobrada à retaguarda de uma posição inimiga por meio de um deslocamento dissimulado, com a finalidade de cumprir missão que contribua diretamente para o sucesso da manobra do escalão que enquadra a força que infiltra.

6.6.2 Os escalões batalhão de infantaria ou menores são os mais adequados às operações de infiltração. A Cia Fuz poderá participar de um ataque de infiltração como parte da força infiltrante (no caso de o batalhão realizar a infiltração como um todo), como força infiltrante ou como força de fixação (realizando um ataque limitado).

6.6.3 As unidades de infantaria aeromóvel, de montanha, paraquedista, de selva e motorizada são as tropas mais aptas a realizarem a infiltração, considerando-se suas peculiaridades de emprego e os respectivos ambientes operacionais.

6.6.4 Considerando-se o meio de transporte utilizado pela força infiltrante, a infiltração pode ser terrestre, aérea e aquática.

6.6.5 AS SEGUINTESS CONDIÇÕES FAVORECEM A REALIZAÇÕES DE UMA INFILTRAÇÃO:

- a) Existência de faixas de terreno em que a observação e vigilância inimigas sejam limitadas, permitindo a ocultação do deslocamento da força infiltrante (montanhas, matas, pântanos, áreas alagadas etc);
- b) Disponibilidade de tempo para a infiltração da tropa com os meios de deslocamento disponíveis;
- c) Condições de restrição de visibilidade como nevoeiros, períodos noturnos sem luar, precipitações pluviométricas etc; e
- d) Inimigo apresentar dispositivo defensivo disperso, com intervalos não ocupados ou vigilância deficiente.

6.6.6 MEDIDAS DE COORDENAÇÃO E CONTROLE

6.6.6.1 Na realização da infiltração, a Cia Fuz empregará várias medidas de coordenação, determinadas pelo comando do batalhão ou estabelecidas pelo Cmt Cia Fuz, necessárias à manutenção do controle das ações executadas pelas diversas peças de manobra e elementos de apoio.

6.6.6.2 As medidas de coordenação e controle estabelecidas em uma operação de infiltração apresentam as peculiaridades abaixo discriminadas.

6.6.6.2.1 Faixa de Infiltração (Fx Infl)

- a) É a faixa do terreno que contém itinerários ou caminhos a serem utilizados por uma força realizando uma manobra de infiltração;
- b) Deve permitir à Cia Fuz passar através das posições avançadas do inimigo sem que haja necessidade de engajamento em combate. As faixas de infiltração devem ter suas larguras especificadas, para facilitar o controle dos fogos amigos em sua adjacência;
- c) Não se caracteriza como Mdd Coor restritiva, podendo, caso necessário, ter seus

limites ultrapassados durante o cumprimento da missão, mediante coordenação ou autorização prévia;

d) O número de faixas de infiltração a serem adotadas será fruto da análise do dispositivo inimigo, do tempo disponível, das características do terreno e dos meios disponíveis;

e) Em linhas gerais, o número de faixas de infiltração estabelecidas será direta e inversamente proporcional à necessidade de rapidez e à segurança, respectivamente; e

f) Sua profundidade será determinada pelo batalhão, levando-se em conta fatores como missão, tempo disponível e meios de Ap F necessário à operação.

6.6.6.2.2 Pontos e Linhas de Controle (P Ct / L Ct)

- Devem ser estabelecidos em número suficiente para manutenção do controle sem, contudo, conter excessivamente o deslocamento da tropa infiltrante, devido à necessidade, em princípio, de estabelecimento de contato com o Esc Sp ao atingir tais pontos ou linhas.

6.6.6.2.3 Áreas de Reagrupamento (A Ragpt)

a) É a região do terreno onde a Cia Fuz ou suas frações são reunidas e reorganizadas durante o deslocamento pela Fx Infl.

b) De acordo com a extensão da Fx Infl, podem ser estabelecidas áreas de reagrupamento em número variável, porém o mínimo indispensável para o controle da companhia, reduzindo a possibilidade de quebra do sigilo e o tempo de deslocamento pela faixa.

c) Uma área de reagrupamento deve ser suficientemente ampla para permitir a dispersão da tropa e possuir, se possível, cobertas e abrigos.

d) De acordo com a disponibilidade de tempo e outros fatores a serem considerados no planejamento, o comandante definirá se a Cia Fuz deverá reorganizar-se nestas áreas como um todo, parcialmente (no escalão pelotão ou grupo), ou mesmo não as ocupar efetivamente, de modo a não deter sua progressão.

e) A última área de reagrupamento prevista coincide com a posição de ataque da Cia Fuz.

6.6.6.2.4 Posição de Ataque (P Atq)

- Nessa região, a Cia Fuz se reorganiza, inicia seu desdobramento e prepara-se para iniciar o ataque.

6.6.6.2.5 Hora do ataque

- Normalmente a hora "H" caracteriza o início do ataque da força infiltrante e do ataque de fixação simultaneamente. No entanto, podem ocorrer situações em que tais horários sejam defasados.

6.6.6.2.6 Linha Provável de Desenvolvimento (LPD)

- Linha nítida no terreno cuja transposição caracteriza o início do assalto. No deslocamento entre a P Atq e a LPD a Cia Fuz desdobra-se, devendo alcançar a LPD totalmente desdobrada.

6.6.6.2.7 Linha Limite de Progressão (LLP)

- Linha no terreno que limita a progressão do assalto da Cia Fuz. Deve ser traçada, particularmente, quando o assalto for realizado à noite ou quando houver risco de fratricídio. É importante que esta linha esteja calcada em acidentes nítidos no terreno, pois servirá de referência para medidas de coordenação e controle de fogos com a artilharia e Força Aérea.

6.6.7 OBJETIVOS

6.6.7.1 Normalmente a Cia Fuz como força infiltrante receberá como objetivos:

- a) Acidentes capitais cujo controle restringe o movimento de reserva ou isole posição defensiva inimiga;
- b) Instalações do sistema de comando e controle ou do sistema de apoio logístico do inimigo (PC, áreas de trens e de apoio logístico, instalações de guerra eletrônica etc);
- c) Regiões que bloqueiam eixos de comunicações ou suprimentos do inimigo;
- d) Instalações que desarticulem o sistema de Ap F inimigo, como posições de baterias, radares de vigilância e sistemas de busca de alvos; e
- e) Posições defensivas na linha da ruptura ou penetração do dispositivo defensivo do batalhão inimigo, normalmente coincidentes com os objetivos finais do escalão que realiza a infiltração.

6.6.7.2 A distância entre as linhas amigas e os objetivos será determinada em função dos mesmos fatores que condicionam a profundidade das faixas de infiltração, sendo o tempo disponível o fator determinante neste processo.

6.6.8 ESCALÃO DE RECONHECIMENTO E SEGURANÇA (ERS)

6.6.8.1 O ERS é uma fração de constituição temporária organizada especificamente para as operações de infiltração. Tem por finalidade:

- a) Reconhecer a faixa de infiltração;
- b) Efetuar o balizamento e prover, quando necessário, todas as medidas de coordenação e controle no interior das faixas de infiltração, aumentando a velocidade e mobilidade da tropa infiltrante, bem como de sua logística.
- c) Fornecer guias de trecho para a condução da força infiltrante no interior da(s) faixa(s) de infiltração até as P Atq;
- d) Manter atualizadas as informações sobre o terreno, condições meteorológicas e inimigo no interior da faixa de infiltração e no objetivo, contribuindo para a manutenção da consciência situacional do escalão que o lançou.

6.6.8.2 O ERS tem uma composição flexível.

6.6.8.2.1 Normalmente, tem como fração base um Pel Fuz ou Pel Rec. Sempre que possível, deve ser integrado por fuzileiros, Elm Rec, armas de apoio, Elm Eng, Elm C2, observadores avançados e caçadores.

6.6.8.2.2 Os caçadores serão empregados para eliminar resistências inimigas localizadas em postos de vigilância ou pequenas patrulhas de reconhecimento. É

importante considerar o momento oportuno para a atuação dos caçadores, de modo a não denunciar ao inimigo a presença de nossas tropas no interior das linhas inimigas. Desta forma, deve-se procurar a eliminação de elementos inimigos na iminência da infiltração da força infiltrante.

6.6.8.2.3 O efetivo do ERS será determinado em função do número de faixas de infiltração, de sua extensão, da quantidade de medidas de coordenação e controle determinadas e das peculiaridades do terreno e condições de visibilidade que influenciarão no número de guias de trecho em cada Fx Infl.

6.6.8.2.4 O oficial de operações do batalhão (S-3) planeja o emprego do ERS para que este se infiltre nas linhas inimigas com tempo suficiente para reconhecimento e balizamento dos itinerários e das medidas de coordenação e controle a serem percorridos pelos guias de trecho, considerando-se que tais trabalhos serão, em princípio, realizados apenas durante períodos de restrição de visibilidade, mantendo-se seus integrantes homiziados durante os demais períodos do dia.

6.6.8.2.5 Embora o tempo necessário para a condução dos trabalhos do ERS seja condicionado a fatores como o volume de trabalho, meios disponíveis e outros fatores da decisão, considera-se desejável a infiltração do ERS 48 horas antes da hora do ataque. Cabe ressaltar que em determinadas situações este período será bastante abreviado, sendo determinado em função de minucioso planejamento por parte do EM Btl.

6.6.8.2.6 Embora o estabelecimento de um ERS não seja impositivo, este é altamente desejável, haja vista que sua constituição possibilita a manutenção do sigilo e a obtenção da surpresa pela força infiltrante, conferindo a esta uma maior velocidade de deslocamento no interior da(s) faixa(s) de infiltração, aumentando substancialmente a possibilidade de êxito na operação.

6.6.9 FASES DA INFILTRAÇÃO

6.6.9.1 1ª Fase - Planejamento

6.6.9.1.1 O planejamento das operações de infiltração deve ser minucioso e detalhado, abordando todos os aspectos relacionados ao terreno, ao inimigo e às condições meteorológicas, confrontando-as com os meios e tempo disponíveis para o cumprimento da missão.

6.6.9.1.2 Desde o início do planejamento deve-se ter constante preocupação com a sincronização dos diversos sistemas operacionais, haja vista a defasagem entre as ações da Cia Fuz que realiza a infiltração e as demais SU.

6.6.9.1.3 Ao final desta fase são expedidas as ordens ao ERS e aos pelotões, abordando-se o maior número possível de detalhes acerca dos planos de ataque e de junção, se for o caso.

6.6.9.2 2ª Fase - Reconhecimento e Preparo

6.6.9.2.1 Esta fase caracteriza-se pela infiltração do ERS e preparação da Cia Fuz para

a execução da operação.

6.6.9.2.2 O ERS infiltra-se conforme planejado e inicia trabalhos de reconhecimento, identificação e balizamento das medidas de coordenação e controle estabelecidas pelo Cmt Btl e Cia Fuz.

6.6.9.2.3 A Cia Fuz permanece em Z Reu realizando a transmissão de ordens aos escalões subordinados, efetuando os reconhecimentos possíveis e ensaiando as ações a serem desencadeadas durante o cumprimento da missão, abordando inclusive as possíveis condutas e a sincronização das ações.

6.6.9.3 3ª Fase - Infiltração

6.6.9.3.1 Na hora prevista o batalhão deixa a Z Reu e desloca-se até o P Lib SU, onde os primeiros guias de trecho do ERS aguardam as Cia Fuz e, mediante troca de senhas e sinais convencionados, guiam a tropa infiltrante ao longo dos itinerários preestabelecidos até o próximo guia de trecho, onde se repetem as trocas de senha e sinais de reconhecimento.

6.6.9.3.2 Após guiar uma fração em seu trecho, os guias retornam ao início do trecho e aguardam o contato da próxima fração a ser guiada, incorporando-se à retaguarda da última fração que passar em seu trecho e acompanhando-a até a posição de ataque, onde o ERS é reagrupado.

6.6.9.3.3 Normalmente, a Cia Fuz se infiltra por grupos de infiltração (nível pelotão de fuzileiros ou grupo de combate), podendo fazê-lo como um todo se a situação permitir, mantendo, em qualquer situação, a integridade tática das frações.

6.6.9.3.4 Ao passarem pelos pontos ou linhas que caracterizam medidas de coordenação e controle, os guias de trecho devem alertar o comandante da fração, que procederá conforme o planejamento. O Cmt Cia Fuz informa ao Cmt Btl sobre sua passagem nas L Ct, P Ct e A Ragpt.

6.6.9.3.5 Normalmente, o Cmt Cia Fuz e os Cmt Pel Fuz deslocam-se junto aos primeiros grupos a serem infiltrados em seus escalões.

6.6.9.3.6 Ao atingirem as A Ragpt, os diversos grupos de infiltração agem conforme o planejamento, reagrupando-se total ou parcialmente, ou, ainda, prosseguindo sem se deter nas A Ragpt.

6.6.9.3.7 No caso de quebra de sigilo no interior das faixas de infiltração, os grupos reagrupam-se na última A Ragpt ultrapassada ou agem de acordo com determinação do comandante de fração ou companhia. Para tanto, é necessária uma perfeita compreensão da intenção do comandante em todos os níveis, pois ela, em última instância, norteará a conduta a ser adotada pela tropa que se infiltra.

6.6.9.3.8 Ao atingirem as P Atq, os grupos de infiltração reorganizam-se dentro das frações e preparam-se para o ataque. Já o ERS procederá conforme determinação do Cmt Btl, podendo ou não participar do ataque

6.6.9.4 4ª Fase - Conquista do Objetivo

6.6.9.4.1 Após a reorganização de toda a Cia Fuz na P Atq, a SU se desdobra ao longo da LPD e prepara-se para iniciar o ataque na hora H.

6.6.9.4.2 Na hora prevista, a Cia Fuz transpõe a LPD e inicia o ataque na direção do objetivo imposto, procedendo de acordo com o planejamento e reagindo à resistência inimiga encontrada no objetivo.

6.6.9.4.3 É necessária a coordenação das ações da Cia Fuz com as outras SU do batalhão, que podem estar realizando uma infiltração ou não. Devem-se abordar todas as funções de combate, ainda na fase de planejamento, particularmente com o Apoio de Fogo (Ap F), para definição dos fogos a serem desencadeados na região dos objetivos.

6.6.9.5 5ª Fase - Consolidação e Reorganização

6.6.9.5.1 Após a conquista do objetivo imposto, a Cia Fuz consolida a posição conquistada e reorganiza-se, conforme abordado nas seções anteriores, sem ultrapassar a LLP.

6.6.9.5.2 Depois de realizadas a consolidação e a reorganização, a Cia Fuz prepara-se para o prosseguimento da missão conforme o planejamento, adotando dispositivo adequado para a manutenção do objetivo, apoio a ultrapassagens, operações de junção, operações de substituição ou mesmo retorno às linhas amigas.

6.6.10 APOIO DE ENGENHARIA

6.6.10.1 A Cia Fuz, como força infiltrante, poderá receber elementos de engenharia em apoio.

6.6.10.2. Os elementos de engenharia são empregados na abertura de trilhas em campos minados e áreas armadilhadas, no reconhecimento de vaus e em outros trabalhos técnicos nas fases que antecedem o ataque, particularmente no deslocamento do ERS e da força infiltrante no interior da Fx Infl.

6.6.10.3 Na fase de consolidação, os elementos de engenharia são empregados em trabalhos de contramobilidade, lançando armadilhas, campos minados e construindo obstáculos para a manutenção do objetivo conquistado.

6.6.11 COMANDO E CONTROLE

6.6.11.1 Na infiltração, as comunicações devem ser adequadas às peculiaridades da operação, priorizando-se os meios rádio e mensageiro.

6.6.11.2 Devem ser utilizados equipamentos rádio de baixa potência e antenas de propagação unidirecionais, diminuindo a possibilidade de detecção pelo Ini.

6.6.11.3 Os mensageiros especiais são largamente empregados, particularmente durante a fase da infiltração propriamente dita, quando as prescrições rádio restringem a utilização desses equipamentos.

6.6.12 APOIO DE FOGO

6.6.12.1 O Ap F é planejado para todas as fases da infiltração, sendo normalmente desencadeado a pedido. Fogos devem ser planejados para apoiar as ações da força infiltrante, em caso de quebra do sigilo, e o ataque aos objetivos impostos.

6.6.12.2 Podem ser previstos fogos de inquietação para dissimular o movimento da força infiltrante ou dificultar a vigilância do inimigo em determinados momentos. Os fumígenos podem ser empregados para cobrir o retraimento da força infiltrante em caso de quebra do sigilo.

6.6.12.4 Em geral, as armas AC são passadas em reforço aos Pel Fuz e os morteiros serão, normalmente, empregados em Aç Cj.

6.6.12.5 Para o deslocamento na Fx Infl, as seções do Pel Ap ou as recebidas em reforço são divididas por peças entre os Pel Fuz, a fim de evitar que toda uma seção seja destruída por uma ação inimiga. Ao atingir a última área de reagrupamento, elas se reorganizam e dirigem-se para as posições de tiro.

6.6.13 APOIO LOGÍSTICO

6.6.13.1 As viaturas do Pel Ap não poderão se deslocar pela Fx Infl. Isso faz com que a munição para as armas de apoio necessárias ao combate tenha que ser distribuída pelos fuzileiros para a infiltração, devendo ser restituída às frações de apoio em suas posições de tiro antes do ataque.

- Esse procedimento reduz a quantidade de munição disponível para cada arma.

6.6.13.2 Em virtude da dificuldade de deslocamento pela Fx Infl, a evacuação dos feridos será feita no momento mais oportuno, mantendo o suporte adequado ao ferido.

- Nesse momento, os trens da SU, que permaneceram à retaguarda da LP, cerram à frente, por um terreno com melhores condições de trafegabilidade, podendo inclusive utilizar a Z Aç dos vizinhos, mediante coordenação.

6.6.13.3 É interessante que o Posto de Socorro do Btl, ou outra instalação capaz de prestar suporte avançado de vida, seja desdobrado o mais à frente possível, mesmo dentro da faixa de infiltração, a fim de prestar apoio de saúde oportuno aos feridos.

- Caso seja possível, tal instalação deverá estar próxima a Local de Pouso de Helicóptero (LPH), permitindo a evacuação aeromédica.

6.6.14 A COMPANHIA REALIZANDO UMA INFILTRAÇÃO POR DESDOBRAMENTO A RETAGUARDA DO INIMIGO

6.6.14.1 O desdobramento à retaguarda do inimigo é uma modalidade específica de infiltração em que uma tropa adota temporariamente uma situação defensiva, ocultando-se no terreno até ser ultrapassada pela tropa inimiga sem ser observada, passando, posteriormente, a conduzir ações ofensivas contra tropas ou instalações inimigas.

6.6.14.2 A surpresa é um fator imperioso para esse tipo de operação. A infiltração necessita de planejamento minucioso, baseado em informações detalhadas sobre o terreno e o inimigo, aliadas a uma profunda análise dos fatores da decisão, por se tratar de uma operação de alto risco.

6.6.14.3 A tropa infiltrada, depois de ultrapassada pelo inimigo, poderá receber como missão:

6.6.14.3.1 Obter informações sobre a localização das instalações de comando e logísticas e da reserva do inimigo, seu dispositivo, valor, entre outros;

6.6.14.3.2 Atacar para destruir, confundir e desarticular o dispositivo inimigo;

6.6.14.3.3 Conduzir operações de inquietação e de oportunidade.

6.6.14.4 Devem ser planejados itinerários de retraimento para as linhas amigas, devidamente reconhecidos e balizados, com passagens abertas em obstáculos existentes.

6.6.14.5 A tropa que for executar essa modalidade de infiltração deverá ser apoiada por elementos de engenharia e, se possível, estar dentro do alcance de apoio da artilharia orgânica.

6.6.14.6 Após o cumprimento de sua missão, a força de infiltração realiza uma operação de retorno às linhas amigas, sendo acolhida por elementos do Esc Sp ou por outra tropa amiga.

6.6.14.7 A observância da segurança das comunicações e das prescrições quanto às medidas de proteção eletrônica cresce em importância nesse tipo de operação.

6.6.14.8 Embora tais operações devam ser minuciosamente planejadas, podem ser desencadeadas em situações de oportunidade, como na condução de uma ação retardadora, retraimento ou em qualquer outra situação em que se torne vantajosa a permanência de uma força na retaguarda da tropa inimiga, com a finalidade de atuar contra o inimigo após ser ultrapassada.

6.6.14.9 Deve-se ter cuidado especial com a possibilidade de fratricídio, particularmente no retorno às linhas amigas.

6.7 ATAQUE NOTURNO OU SOB CONDIÇÕES DE VISIBILIDADE LIMITADA

6.7.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

6.7.1.1 O ataque noturno (Atq Not) ou sob condições de visibilidade limitada é uma operação ofensiva conduzida em ambientes de baixa luminosidade, como escuridão, nevoeiro ou fumaça, visando explorar a surpresa e minimizar as perdas.

6.7.1.2 O Atq Not pode ser realizado para conquistar acidentes capitais, iludir o inimigo, explorar suas deficiências ou apoiar operações diurnas subsequentes.

6.7.1.3 O Atq Not caracteriza-se pela dificuldade de orientação, menor eficiência de tiros diretos, decréscimo na velocidade de progressão, maior ênfase no combate aproximado e necessidade de planejamento detalhado.

- Essas características demandam do Cmt Cia Fuz um planejamento que priorize ao máximo os princípios de guerra simplicidade e segurança.

6.7.1.4 O Atq Not pode ser apoiado ou não apoiado, dependendo do desencadeamento de fogos de preparação. Também pode ser classificado em iluminado ou não iluminado, de acordo com o emprego de tiros iluminativos.

6.7.1.5 O uso de meios optrônicos modernos, como dispositivos de visão noturna, amplia o poder de combate, mas exige treinamento para superar limitações como fadiga ocular e restrições do campo visual.

6.7.1.6 A Cia Fuz pode atuar isoladamente ou enquadrada no batalhão, adaptando as táticas à missão, ao inimigo, ao terreno e aos meios disponíveis.

6.7.2 PLANEJAMENTO E PREPARAÇÃO

6.7.2.1 O planejamento de um ataque noturno não difere, essencialmente, daquele preconizado para o ataque diurno.

6.7.2.2 Entretanto, cresce em importância uma análise minuciosa do terreno, do inimigo e das condições de visibilidade.

6.7.2.3 O Cmt Cia Fuz deve atentar para os seguintes detalhes durante seu Trabalho de Comando:

- a) Realizar reconhecimentos diurnos e noturnos, apoiados por SARP e por elementos de engenharia, tomando as precauções adequadas para evitar a quebra do sigilo;
- b) Selecionar itinerários claros, priorizando aqueles que conduzem naturalmente ao objetivo ou realizando balizamento com meios de fortuna, como fitas de demarcação, fios telefônicos, artifícios eletrônicos ou material com fluorescência direcional;
- c) Estabelecer a posição de ataque, Linha de Partida (LP), Linha Provável de Desenvolvimento (LPD) e Linha Limite de Progressão (LLP), priorizando acidentes identificáveis no terreno;
- d) Realizar coordenações com as SU vizinhas, para evitar o fratricídio; e
- e) Realizar ensaios diurnos e noturnos, familiarizando a tropa com a manobra concebida e com os dispositivos optrônicos.

6.7.3 COMANDO E CONTROLE

6.7.3.1 A escuridão demanda um aumento nas medidas de coordenação e controle que garantam a correta execução do que foi planejado e a capacidade do Cmt Cia Fuz de realizar a avaliação contínua, implementando as condutas que julgar necessárias.

6.7.3.2 O planejamento dos ataques noturnos contra uma posição inimiga organizada deverá ser mais minucioso do que para um ataque diurno. Em complemento aos planos

normais de manobra e de apoio de fogos, devem ser determinadas as medidas pormenorizadas que assegurem a coordenação e o controle entre os elementos do escalão de ataque e os de apoio.

6.7.3.3 As transmissões rádio devem ser evitadas para diminuir a possibilidade de detecção pelo Ini. Após a quebra do sigilo, pode ser empregado com maior liberdade.

6.7.3.4 Os meios físicos podem ser instalados entre o Btl e a Cia Fuz durante o deslocamento da LP até a LPD.

6.7.3.5 Os mensageiros especiais são largamente empregados após o início do ataque, para suplementar os demais meios de comunicações.

6.7.3.6 Os meios acústicos e os artifícios luminosos podem ser utilizados após a quebra do sigilo. Tais artifícios podem ser utilizados para orientar a tropa até o objetivo, para reunir as frações que tenham perdido a direção, para indicar o início ou a cessação dos fogos, ou mesmo a conquista do objetivo.

6.7.3.7 O Btl poderá prescrever meios de identificação para todo o pessoal, a fim de facilitar a coordenação. Normalmente, são meios simples e de fácil reconhecimento, como braçadeiras de pano branco ou materiais fluorescentes. Tais meios têm consequências positivas para o comando e controle da operação.

6.7.3.8 O uso de guias também facilita a coordenação e a correta tomada do dispositivo, contribuindo com o comando e controle.

6.7.3.9 Medidas de coordenação e controle

6.7.3.9.1 Posição de Ataque (P Atq)

- Deve possuir espaço suficiente para que a Cia Fuz realize uma pequena parada, onde os comandantes de fração realizam as últimas verificações antes de partir para o ataque propriamente dito.

6.7.3.9.2 Linha de Partida (LP)

- Diferentemente dos ataques diurnos, a LP não indica o local onde as frações devem cruzar já no dispositivo de ataque. No ataque noturno, a LP serve como referência para a direção de ataque e como medida de controle para o Btl.

6.7.3.9.3 Pontos de Liberação (P Lib)

- Os P Lib são localizados ao longo do itinerário de progressão, onde as frações são deixadas sob o controle de Cmt para a tomada do dispositivo de Atq. A Cia Fuz estabelece o P Lib Pel, que estabelece o P Lib GC.

- Os P Lib devem localizar-se entre a Z Reu e a PLD, de acordo com a análise dos fatores da decisão.

6.7.3.9.4 Linha de Provável Desenvolvimento (LPD)

- Linha sobre a qual o comandante pretende desenvolver completamente a tropa para o assalto ao objetivo.
- Deve ser perfeitamente identificável à noite e estar fora da DER da Art e Mrt que apoiam a manobra.
- Quando não se dispuser de uma linha natural do terreno para materializar a LPD, pode ser demarcada uma linha com dispositivos luminosos, fluorescentes ou infravermelhos

6.7.3.9.5 Linha Limite de Progressão (LLP)

- É planejada para evitar que o escalão de ataque entre na DER da Art e Mrt que executam os fogos para isolar o objetivo e evitar ou limitar os contra-ataques inimigos.
- A LLP é estabelecida pelo Cmt Btl, tanto em profundidade quanto nos flancos do objetivo.
- Deve seguir os acidentes do terreno reconhecíveis à noite pela tropa.

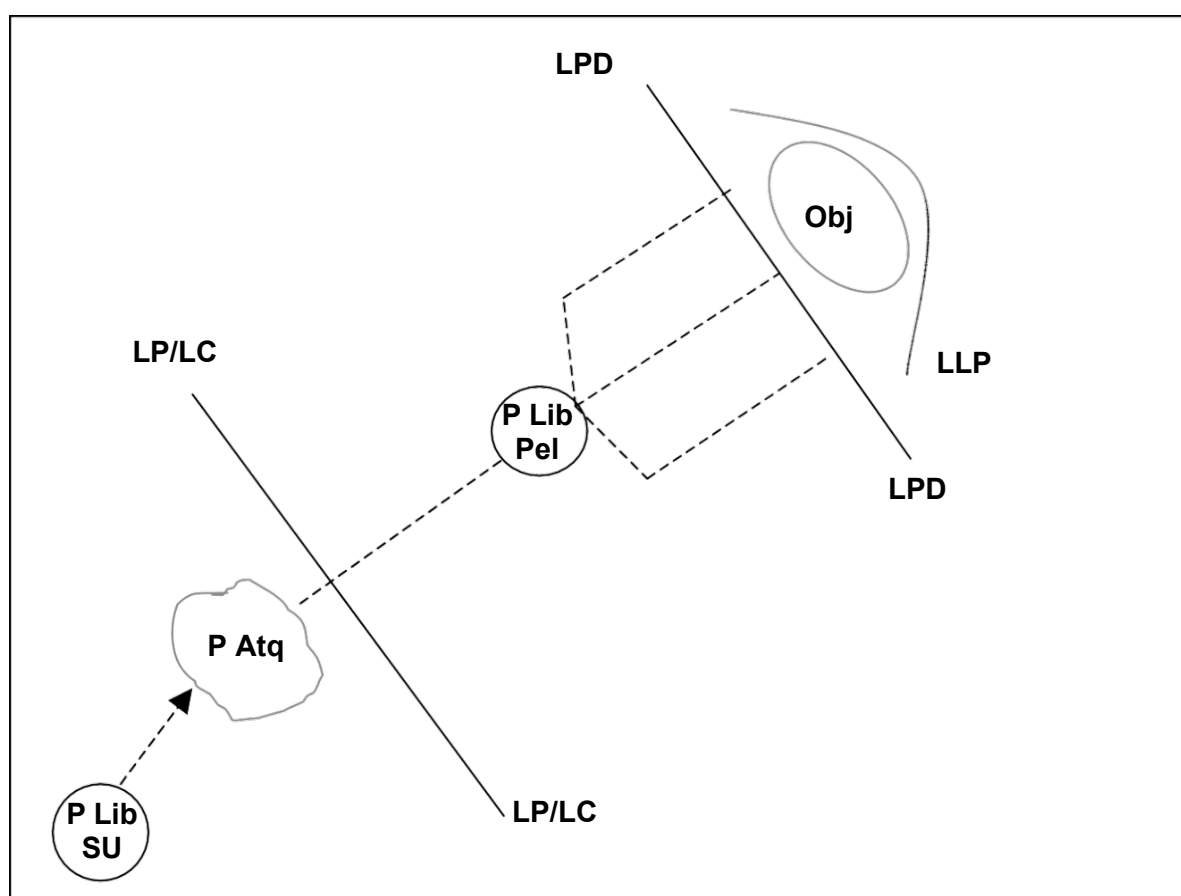


Fig 6-10 - Medidas de coordenação e controle do ataque noturno

6.7.4 APOIO DE FOGO

- O apoio de fogo é realizado como no ataque diurno, mas o Cmt Cia Fuz deve estar atento aos seguintes detalhes:
 - a) Planejar minuciosamente o emprego dos fogos iluminativos, considerando a técnica de tiro, as condições meteorológicas e a situação tática; e
 - b) Empregar fumígenos para reduzir a visibilidade dos meios optrônicos do inimigo.

6.7.5 APOIO LOGÍSTICO

- O apoio logístico é realizado como no ataque diurno, mas o Cmt Cia Fuz deve estar atento aos seguintes detalhes:

- a) Disponibilidade dos optrônicos e suprimento de baterias;
- b) Níveis de suprimento de munição leve traçante, munição iluminativa para morteiros e CSR; e
- c) Balizamento do PCF e dos itinerários de evacuação dos feridos.

6.7.6 MOVIMENTO E MANOBRA

6.7.6.1 O Cmt Cia Fuz deve planejar e controlar a velocidade de progressão do Esc Atq de modo que os Pel atinjam a LPD simultaneamente. Os ataques noturnos realizados em terreno de difícil progressão podem exigir que os Pel Fuz transponham a linha de partida em horários diferentes para assegurar a sincronização na transposição da LPD.

6.7.6.2 Apesar do uso de equipamentos de visão noturna, a velocidade de progressão do ataque noturno não se assemelha à do ataque diurno.

6.7.6.3 Nos ataques não iluminados, a progressão à frente da LP é feita em colunas cerradas. Quando as frações atingem os P Lib sucessivos, abandonam a formação em coluna e desenvolvem-se para executar o assalto a partir da LPD. No caso de quebra de sigilo, a Cia Fuz deve adotar o dispositivo de ataque imediatamente

6.7.7 SEGURANÇA E SIGILO

6.7.7.1 A segurança da Cia Fuz no Ataque Noturno é complementada pela atuação de destacamentos de segurança posicionados à frente e nos flancos da SU.

- Antes do desencadeamento do ataque, esses destacamentos movimentam-se para posições pré-selecionadas para identificar e neutralizar vigias e patrulhas inimigas

6.7.7.2 A presença de militares com proficiência no idioma do inimigo dentro desses destacamentos representa um recurso valioso para a coleta de informações e a execução de ações de dissimulação específicas.

6.7.7.3 A composição desses destacamentos é influenciada pelos fatores da decisão.

6.7.7.4 A surpresa e o sigilo podem ser potencializados pela adoção das seguintes medidas:

- a) Limitar o reconhecimento presencial ao mínimo necessário;
- b) evitar emissões de radiofrequência;
- c) nas ações de reconhecimento imediatamente antes do ataque, empregar supressores de ruídos nas armas ou armas brancas;
- d) Neutralizar postos de escuta e vigias inimigos imediatamente antes do deslocamento da LP até a LPD;
- e) realizar ações de dissimulação tática; e

f) realizar a camuflagem individual e coletiva.

6.8 ATAQUE EM AMBIENTE URBANO

6.8.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

6.8.1.1 O atacante poderá ser compelido a conquistar uma área urbana por uma ou mais das seguintes razões:

- a) somente a conquista da área urbana lhe permitirá a utilização integral das estradas que para ela normalmente convergem; esta necessidade de conquista, obviamente, é tanto maior quanto maior a importância da localidade como nó rododiferroviário;
- b) eliminação da ameaça potencial aos flancos e retaguarda da tropa atacante, representada pela existência de uma área urbana desbordada ou mesmo cercada;
- c) liberação, o mais cedo possível, das forças de contenção que fazem face à área urbana, com o objetivo de empregá-las em outras missões;
- d) captura de objetivo tático importante no interior da área urbana ou por ela dominado, como, por exemplo, uma passagem num curso de água ou um aeródromo;
- e) para proporcionar proteção e conforto às tropas, particularmente nos casos de clima frio ou em época de chuvas intensas, em terreno montanhoso e nas selvas; e
- f) por questões informacionais, de prestígio perante a opinião pública e de estímulo ao espírito combativo da tropa, caso a localidade conquistada seja um importante centro de valor histórico, político, econômico ou militar.

6.8.1.2 No ataque a uma área urbana, e como decorrência das dimensões dela, A Cia Fuz pode ser empregada em uma das seguintes situações:

- a) fazer parte ou constituir a força que isola a área urbana;
- b) fazer parte ou constituir a força que investe na área urbana; e
- c) constituir a força que isola e investe na área urbana.

6.8.1.3 Um ataque a uma área urbana divide-se em três fase:

- (1) isolamento da área urbana;
- (2) conquista de uma área de apoio na periferia; e
- (3) progressão no interior da área urbana.

6.8.1.4 A primeira fase se destina ao isolamento ou ao cerco da área urbana.

6.8.1.4.1 O isolamento compreende o bloqueio das vias terrestres e aquáticas de entrada e saída da área considerada, tendo por finalidade impedir a chegada de reforços e suprimentos para os elementos isolados, bem como impedir o retraimento destes.

6.8.1.4.2 O cerco difere do isolamento pelo grau de controle exercido sobre os movimentos de entrada e saída da área. Caracteriza-se pelo controle total do perímetro da área urbana por meio da observação de possíveis vias de acesso de infiltração/exfiltração, seja pela ocupação de Postos de Observação (P Obs), emprego de patrulhas ou uma combinação de ambos, além do bloqueio das vias terrestres e aquáticas (realizado tal como o isolamento). O atacante ocupará, então, posições de bloqueio fora da área urbana, mas das quais poderá apoiar pelo fogo a entrada nessa área e a progressão através desta.

6.8.1.5 A segunda fase consiste na progressão das forças do escalão de ataque para a área urbana e na conquista de alguns prédios (área de apoio) na orla anterior (aproximadamente 1 (um) quarteirão), para eliminar ou reduzir a observação terrestre e o tiro direto do defensor sobre as VA à localidade. As cobertas e abrigos oferecidos por esses prédios conquistados na periferia da cidade - área de apoio - permitem ao atacante descentralizar o controle e deslocar para a frente as armas de apoio, reservas e reajustar o dispositivo.

6.8.1.6 A terceira fase consiste na progressão, dentro da área urbana, até a conquista dos objetivos. A progressão pode adotar três métodos de execução:

- a) o sistemático;
- b) o seletivo; e
- c) o misto.

6.8.1.6.1 Investimento sistemático - toda a área edificada é vasculhada, casa por casa, prédio por prédio, quarteirão por quarteirão, através da área urbana.

6.8.1.6.2 Investimento Seletivo - deve ser planejada a utilização de VA que conduzam diretamente aos objetivos, os quais serão limpos e ocupados. As Cia Fuz Bld e Mec são mais capacitadas para esse método, devido à sua mobilidade e proteção blindada.

6.8.1.6.3 Investimento Misto - em função do dispositivo inimigo, a área urbana pode exigir uma abordagem seletiva em alguns setores e sistemática em outros, caracterizando, assim, o método de progressão misto.

6.8.1.7 As características dos ambientes urbanos demandarão a utilização de técnicas individuais específicas, principalmente para a progressão do soldado.

6.8.1.8 Maiores detalhes sobre o assunto estão disponíveis no caderno de instrução EB70-CI-11.434 TÁTICAS, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS PARA OPERAÇÕES EM AMBIENTES URBANOS (1ª edição, 2022) e no manual de campanha EB70-MC-10.335 BATALHÕES DE INFANTARIA (1ª Edição, 2023).

6.8.2 PLANEJAMENTO E PREPARAÇÃO

6.8.2.1 Durante o trabalho de comando, o Cmt Cia Fuz deve realizar um reconhecimento contínuo, intensificando-o quando as ações de isolamento ou cerco têm início.

6.8.2.2 As necessidades de inteligência são estabelecidas visando obter dados sobre:

- a) as características do terreno adjacente ao limite urbano;
- b) valor e localização do inimigo nas áreas adjacentes ao limite urbano;
- c) as vias terrestres ou aquáticas e vias de acesso que conduzem ao interior da área urbana;
- d) os setores de maior concentração da população;
- e) pontos característicos e edifícios mais altos;
- f) redes de esgotos, metrô, adegas e outras passagens subterrâneas;

- g) instalações de rádio e televisão;
- h) serviços de utilidade pública, edifícios públicos e construção de valor histórico;
- i) áreas abertas (praças, parques, estádios etc.);
- j) áreas industriais, comerciais, residenciais etc.;
- k) terminais rodoviários, ferroviários, aeroportos e portos; e
- l) valor e localização do inimigo no interior da localidade.

6.8.3 COMANDO E CONTROLE

6.8.3.1 As características dos ambientes urbanos demandam um aumento nas medidas de coordenação e controle que garantam a correta execução do que foi planejado e a capacidade do Cmt Cia Fuz de realizar a avaliação contínua, implementando as condutas que julgar necessárias.

6.8.3.2 O rádio é o principal sistema de comunicação utilizado no ataque em ambiente urbano. Os mensageiros especiais são largamente empregados após o início do ataque. Após a consolidação, o Cmt Cia Fuz deve passar a instalar sistemas físicos, utilizando ao máximo os meios disponíveis na área urbana, sem comprometer a segurança das comunicações.

6.8.3.3 Meios como fitas coloridas ou sinais pintados com *spray* podem ser empregados para indicar, por exemplo, edificações limpas, armadilhas, entre outros.

6.8.3.4 No interior da área urbana as direções podem ser balizadas por ruas ou edifícios destacados. Normalmente, as ruas serão utilizadas para esse balizamento quando sua orientação longitudinal assim o indique e quando a localidade for densamente construída. Os edifícios ou pontos nítidos mais destacados serão referenciados em zonas menos densamente edificadas, as quais permitam sua boa visualização a distância, assim como em zonas onde o arruamento não apresente uma mínima regularidade geométrica.

6.8.3.5 Em virtude da extrema compartimentação, da diferença de densidade e do grau de profundidade da área urbana, e das conseqüentes dificuldades de observação e de ligação, o controle tende a descentralizar-se até os menores escalões de comando, como Pel e GC, transformando o combate em uma série de pequenas ações independentes. O Cmt Cia Fuz assegura o controle das operações marcando linhas de controle, geralmente em eixos transversais ao movimento (ruas, avenidas, ferrovias, cursos de água). Em sua ordem de operações, o Cmt Cia Fuz determinará se, ao atingir as linhas de controle, os Pel Fuz apenas informarão sua ultrapassagem ou se dela só partirão mediante ordem.

6.8.3.6 A zona de ação da Cia Fuz em ambiente urbano tem, normalmente, uma frente normal com largura de 2 a 4 quarteirões de 175 metros cada. A Z Aç será fixada pelo Btl após considerar:

- a) o valor do inimigo;
- b) as dimensões e a densidade dos edifícios;
- c) a resistência esperada; e
- d) a profundidade do ataque.

6.8.3.7 A observação restrita e as dificuldades de controle e coordenação podem tornar necessário marcar limites até o escalão pelotão, inclusive. A marcação de limites diminui o risco de fratricídio, facilita o apoio mútuo e garante o vasculhamento de todas as construções da área urbana.

6.8.3.8 Nas zonas densamente construídas, os limites passarão, normalmente, por um dos lados da rua, ficando a área da rua incluída na Z Aç de uma das frações vizinhas. Nas zonas menos densas, os limites passam por dentro dos quarteirões, de maneira que ambos os lados da rua fiquem incluídos na Z Aç de uma única fração.

6.8.4 EXECUÇÃO DO ATAQUE

6.8.4.1 A progressão é lenta e coberta pelo fogo e/ou fumaça. O escalão de ataque normalmente, evita progredir pelas ruas, porque são batidas pelos fogos inimigos. Sua progressão será feita através de quintais ou de quarteirões, através dos prédios, por brechas abertas nas paredes, ou pelos telhados.

6.8.4.2 As ruas transversais, mesmo que não tenham sido designadas como linhas de controle, apresentam aos Pel Fuz uma ocasião de reajustamento do dispositivo, antes de prosseguir para a conquista do quarteirão seguinte.

6.8.4.3 O ambiente urbano oferece inúmeras possibilidades de surpresa e de riscos para o atacante, não só pela localização das armas da defesa em locais imprevisíveis e difíceis de determinar, como, também pelo abundante emprego, por parte do defensor, de minas, armadilhas e demolições preparadas, e pela utilização de VA subterrâneas, ao nível do solo, através dos andares dos prédios e, mesmo, pelos telhados.

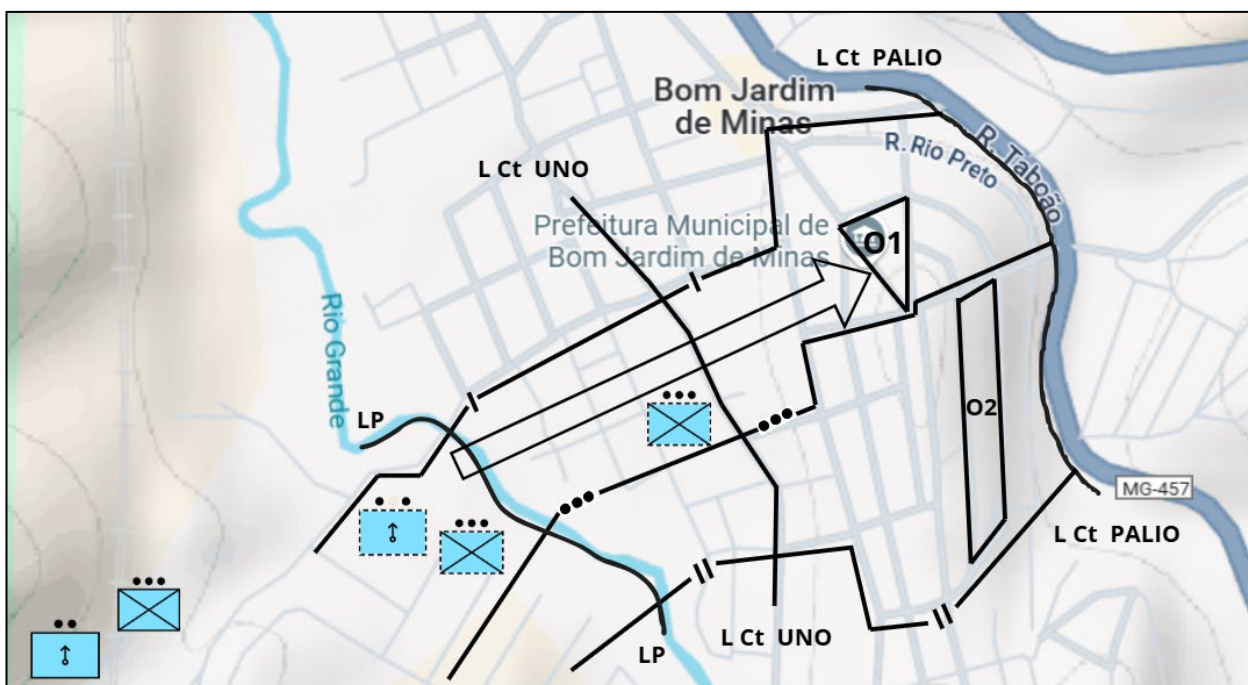


Fig 6-11 - Cia Fuz no investimento

6.8.4.4 Poderão ocorrer situações em que a limpeza das edificações não será realizada pelas forças em 1º escalão, e sim pelas tropas de acompanhamento de outra SU ou Btl.

6.8.4.5 O Pel ou Cia Res devem progredir o mais à frente que for possível, para permitir maior segurança ao escalão de ataque, não apenas nos flancos, mas, também, à retaguarda, pela ocupação de prédios já conquistados, para impedir a sua retomada pelo inimigo.

6.8.4.6 As missões básicas da reserva no investimento são:

- a) repelir contra-ataques;
- b) realizar a limpeza das resistências desbordadas;
- c) atuar no flanco de uma resistência inimiga que detenha o escalão de ataque;
- d) corrigir erros de direção;
- e) substituir uma das peças do escalão de ataque; e
- f) realizar a limpeza das edificações desbordadas.

6.9 APROVEITAMENTO DO ÊXITO

6.9.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

6.9.1.1 O aproveitamento do êxito é a operação que se segue a um ataque bem-sucedido e que, normalmente, tem início quando a força inimiga enfrenta dificuldades para manter suas posições.

6.9.1.2 Caracteriza-se por um avanço contínuo e rápido das nossas forças, com a finalidade de ampliar ao máximo as vantagens obtidas no ataque e anular a capacidade do inimigo de se reorganizar ou realizar um movimento retrógrado ordenado.

6.9.1.3 É a que obtém os resultados mais decisivos dentre as operações ofensivas, pois permite a destruição do inimigo e de seus recursos com o mínimo de perdas para o atacante.

6.9.2 ORGANIZAÇÃO DAS FORÇAS

6.9.2.1 O aproveitamento do êxito envolve dois tipos de forças, com missões complementares:

6.9.2.1.1 Força de Aproveitamento do Êxito (F Apvt Exi)

- Composta preferencialmente por tropas blindadas devido à sua mobilidade e ação de choque, tem como objetivo conquistar alvos profundos na retaguarda inimiga, cortar linhas de suprimento, bloquear eixos de retirada e desorganizar o comando adversário. Essas ações visam cercar e destruir forças inimigas, ampliando o impacto do ataque inicial.

6.9.2.1.2 Força de Acompanhamento e Apoio

- Composta preferencialmente por tropas de infantaria mecanizada e motorizada. Suas missões abrangem a manutenção de brechas abertas pela F Apvt Exi, a posse de terrenos estratégicos, a limpeza de resistências remanescentes e a proteção de áreas e

vias logísticas. Essa força também auxilia no manejo de prisioneiros e na liberação de eixos de transporte, garantindo a fluidez à ofensiva.

6.9.2.2 A Cia Fuz pode participar de qualquer uma das duas forças, enquadrado no Btl Inf do qual é orgânica.

6.9.2.3 Maiores informações sobre o emprego da Cia Fuz no aproveitamento do êxito podem ser obtidas nos manuais de campanha EB70-MC-10.355 FORÇAS TAREFAS BLINDADAS (4ª Edição, 2020) e EB70-MC-10.376 FORÇAS-TAREFAS SUBUNIDADES BLINDADAS (1ª Edição, 2021).

6.10 PERSEGUIÇÃO

6.10.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

- Na perseguição, a força tem a missão de cercar e destruir uma força inimiga que está em processo de desengajamento do combate ou tentando fugir.
- Normalmente, essa operação segue-se ao Apvt Exi, distinguindo-se deste pela não previsibilidade de tempo e lugar e por sua finalidade principal, que é a de completar a destruição inimiga.
- Excepcionalmente, as unidades de Inf Mtz podem participar desse tipo de operação.

6.10.2 ORGANIZAÇÃO DAS FORÇAS

6.10.2.1 Os grupamentos de forças na perseguição são:

a) força de pressão direta

- A missão da força de pressão direta é evitar o desengajamento do inimigo e impedir que ele se reorganize e prepare novas defesas, infligindo-lhe o máximo de perdas.
- Deve possuir mobilidade, no mínimo, igual à força inimiga, sendo os Btl Inf Bld e Btl Inf Mec as tropas mais aptas; e

b) força de cerco

- Tem como missão desbordar ou envolver o inimigo e cortar seu itinerário de fuga, de forma que ele seja destruído entre essa força e a de pressão direta.
- A força de cerco, durante sua progressão, procura antecipar-se ao inimigo e apossar-se dos acidentes capitais do terreno que possam bloquear suas possíveis vias de retirada.
- Deve ter mobilidade superior à do inimigo e também capacidade para manter, por tempo reduzido, os referidos acidentes capitais.

6.10.2.2 A Cia Fuz pode participar de qualquer uma das duas forças, enquadrado no Btl Inf do qual é orgânica.

6.10.2.3 Para o estudo mais detalhado a respeito deste tipo de operação, deve ser consultado o EB70-MC-10.355 FORÇAS TAREFAS BLINDADAS (4ª Edição, 2020) e EB70-MC-10.376 FORÇAS TAREFAS SUBUNIDADES BLINDADAS (1ª Edição, 2021).

6.11 OUTRAS AÇÕES OFENSIVAS

- Durante a execução de operações ofensivas e nas fases de transição entre elas, é comum que a Cia Fuz realize outras ações que não caracterizam necessariamente formas de manobra ou tipos de operações ofensivas.
- São consideradas outras ações ofensivas: o combate de encontro e a incursão.

6.11.1 COMBATE DE ENCONTRO

6.11.1.1 O combate de encontro, cuja possibilidade deve ser sempre prevista, é a ação que ocorre quando a Cia Fuz, em deslocamento, ainda não completamente desdobrada para o enfrentamento, engaja uma força inimiga, em movimento ou parada, sobre a qual dispõe de poucas informações.

6.11.1.2 A ação deixa de ser um combate de encontro quando a situação do inimigo tiver sido esclarecida e possam ser desencadeadas operações subsequentes, planejadas e coordenadas.

6.11.1.3 As principais características do combate de encontro são:

- a) o conhecimento limitado do inimigo;
- b) as rápidas evoluções de situação; e
- c) o reduzido tempo disponível para o Cmt Cia Fuz tomar conhecimento da situação, formular e executar as ações necessárias.

6.11.1.4 O objetivo do Cmt Cia Fuz no combate de encontro é a obtenção e manutenção da iniciativa para deixar o inimigo em situação de desequilíbrio.

6.11.1.5 As ações que permitem ao comandante dispor de melhores condições para manter a iniciativa, quando da realização de um combate de encontro, são:

- a) execução de rápida análise dos fatores da decisão;
- b) emissão de ordens fragmentárias; e
- c) emprego descentralizado de elementos com atuação pré-planejada, a partir da coluna de marcha.

6.11.1.6 No combate de encontro, a conduta do Cmt Cia Fuz pode considerar três linhas de ação:

- a) atacar partindo do dispositivo de marcha, tão logo os Pel Fuz possam ser empregados;
- b) reconhecer e fixar a força inimiga, retardando a ação decisiva até que o grosso do Btl possa ser empregado em operação coordenada, seja ofensiva, seja defensivamente; e
- c) desbordar (técnica de movimento) a força inimiga, desde que autorizado pelo Esc Sp, ocasião em que são deixados elementos adequados com a missão de manter o contato com essa força.

6.11.1.7 Atacar partindo do dispositivo de marcha

6.11.1.7.1 A Cia Fuz deve realizar uma manobra desbordante para destruir o inimigo, realizando a ação de forma rápida e agressiva, empregando as armas de apoio e os fuzileiros.

- Abaixo, segue uma sugestão de sequência das ações:

- a) Se o Pel Fuz que estiver na vanguarda conseguir reduzir a Pos Ini por meio do fogo e movimento, o Cmt Cia Fuz deve ser informado, e a SU prossegue no deslocamento;
- b) caso o Pel Fuz seja incapaz de vencer a resistência inimiga, seu Cmt deve, imediatamente, manter o contato com o Ini, esclarecer a situação (levantamento do valor, composição, dispositivo e localização do inimigo, localização do armamento coletivo e sua forma de emprego, localização e características de obstáculos) e repassar os dados ao Cmt Cia Fuz;
- c) o Cmt Cia Fuz determina ao Pel Ap a realização de fogos indiretos sobre o inimigo, de forma a reduzir sua capacidade de reação, enquanto realiza rápida análise dos fatores da decisão e emite uma ordem fragmentária; e
- d) Preferencialmente, deve-se empregar o Pel em contato para fixar o ini, enquanto os outros Pel Fuz realizam uma ação de flanco.

6.11.1.7.2 Medidas de coordenação e controle devem ser estabelecidas para evitar o fratricídio. Assim, os fogos de apoio devem ser alongados ou transportados por meio de sinal luminoso, acionamento de artifício pirotécnico, linha de controle no terreno, linha restritiva de fogos, entre outros.

6.11.1.8 Reconhecer e Fixar a tropa Inimiga para que a o Btl Inf manobre

6.11.1.8.1 Caso a resistência inimiga seja maior do que inicialmente levantada e não possa ser reduzida pela ação da Cia Fuz, seu comandante deve determinar que os Pel fixem o inimigo pelo fogo e coletem dados de inteligência sobre o terreno e o inimigo, para serem repassados ao comando do Btl.

6.11.1.8.2 O ataque partindo da coluna de marcha pode ser conduzido no âmbito do Btl, cabendo a uma ou mais Cia Fuz realizar o ataque de oportunidade para vencer a resistência inimiga.

6.11.1.9 Desbordar a Posição Inimiga

6.11.1.9.1 Quando a Cia Fuz se deparar com resistência inimiga que não ameace o cumprimento de sua missão, o Cmt Cia Fuz pode, se autorizado, desbordar a posição.

6.11.1.9.2 A Cia Fuz pode determinar que um Pel Fuz, ou fração dele, fixe o inimigo e mantenha o contato. Tão logo o grosso do Btl se aproxime e assuma o controle da situação, esse pelotão ou fração deve se juntar o mais rápido possível à SU.

6.11.1.9.3 Caso necessário, fogos indiretos e fumígenos podem ser solicitados para facilitar o movimento da tropa amiga.

6.11.2 INCURSÃO

6.11.2.1 A incursão é uma ação ofensiva, normalmente de pequena escala, que se caracteriza pela rápida penetração em área controlada pelo inimigo contra objetivos específicos importantes. Tem a finalidade de obter dados, confundir ou inquietar o oponente, neutralizar ou destruir centros de C², instalações logísticas, desorganizando o

inimigo e infligindo-lhe perdas em sua capacidade operativa. Não há ideia de conquista ou manutenção de terreno.

6.11.2.2 A incursão pode ser conduzida com apoio de aeronaves da Aviação do Exército ou caracterizar-se por uma varredura com veículos blindados.

6.11.2.3 Durante o trabalho de comando, o Cmt Cia Fuz deve planejar detalhadamente sua infiltração na área controlada pelo inimigo e o retraimento, prevendo planos alternativos para ambos os deslocamentos

CAPÍTULO VII

DEFENSIVA

7.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

7.1.1 A defensiva é a operação realizada para conservar a posse de uma área ou de um território, ou negá-la ao inimigo, e também garantir a integridade de uma unidade ou meio.

- Normalmente, neutraliza ou reduz a eficiência dos ataques inimigos sobre meios ou territórios defendidos, infligindo-lhe o máximo de desgaste e desorganização, buscando criar condições mais favoráveis para a retomada da ofensiva.

7.1.2 A defensiva é uma situação temporária adotada por uma força, até que possa tomar ou retomar a iniciativa, pois somente a ofensiva conduz a resultados decisivos.

7.1.3 O defensor emprega todos os meios disponíveis para descobrir uma vulnerabilidade inimiga e mantém suficiente flexibilidade em seu planejamento para explorá-la.

- Deve aproveitar toda oportunidade para conquistar e manter a iniciativa e destruir o inimigo.

7.1.4 Nas Operações Defensivas (Op Def), a missão da Cia Fuz é manter o terreno, impedindo, resistindo ou repelindo o ataque inimigo, por meio do fogo e do combate aproximado, e expulsando-o ou destruindo-o pelo contra-ataque.

7.1.5 A INICIATIVA É OBTIDA:

- a) Selecionando a área de combate;
- b) Forçando o inimigo a reagir conforme o plano defensivo; e/ou
- c) Explorando as vulnerabilidades e os erros do inimigo por meio de operações ofensivas.

7.1.6 AS OPERAÇÕES DEFENSIVAS SÃO EXECUTADAS COM UMA OU MAIS DAS SEGUINTE FINALIDADES:

- a) ganhar tempo, criando condições mais favoráveis a operações futuras;
- b) impedir o acesso do inimigo a determinada área ou infraestrutura;
- c) destruir forças inimigas ou canalizá-las para uma área onde possam ser neutralizadas;
- d) reduzir a capacidade de combate do inimigo;
- e) economizar meios em benefício de operações ofensivas em outras áreas; e
- f) obrigar uma força inimiga a se concentrar de forma que seja mais vulnerável às nossas forças.

7.1.7 Na organização e na conduta da defesa de sua zona de ação, o Cmt Cia Fuz se baseia em certos fundamentos para assegurar o máximo de coordenação entre o dispositivo da tropa, o terreno e a potência de fogo.

7.1.8 ESSES FUNDAMENTOS SÃO:

- a) utilização apropriada do terreno;
- b) segurança;
- c) apoio mútuo;
- d) defesa em todas as direções;
- e) defesa em profundidade;
- f) flexibilidade;
- g) máximo emprego de ações ofensivas;
- h) dispersão;
- i) utilização do tempo disponível; e
- j) integração e coordenação das medidas de defesa

7.1.9 Para maior detalhamento sobre os fundamentos das Op Ofs, consultar o manual de campanha EB70-MC-10.202 OPERAÇÕES OFENSIVAS E DEFENSIVAS (1ª Edição, 2017).

7.2 TIPOS DE OPERAÇÕES DEFENSIVAS**7.2.1 CARACTERIZAÇÃO**

- As operações defensivas, em seu sentido mais amplo, abrangem todas as ações que oferecem um certo grau de resistência a uma força atacante. A operação defensiva pode se apresentar sob dois tipos: defesa em posição e movimentos retrógrados (Tab 7-1).

OPERAÇÕES BÁSICAS	
OPERAÇÕES	TIPO
DEFENSIVAS	DEFESA EM POSIÇÃO
	MOVIMENTO RETRÓGRADO

Tab 7-1 - Os tipos de operações defensivas

7.2.2 DEFESA EM POSIÇÃO

- Na defesa em posição, a infantaria busca enfrentar o inimigo em uma área previamente organizada, em largura e profundidade, procurando dificultar ou deter sua progressão, à frente ou em profundidade, aproveitando todas as oportunidades para desorganizá-lo, desgastá-lo ou destruir suas forças.

7.2.2.1 A defesa em posição é estruturada da seguinte forma:

- a) Pela organização de uma defesa de área a ser mantida a todo custo;
- b) Pelo emprego de forças de cobertura à frente para retardar e desorganizar a progressão do inimigo e iludi-lo quanto à verdadeira localização da posição defensiva; e
- c) Pelo emprego da reserva para limitar as penetrações e desalojar o inimigo por meio de contra-ataques, caso consiga penetrar na posição.

7.2.2.2 A defesa em posição compreende as seguintes formas de manobra:

7.2.2.2.1 Defesa de Área

- A defesa de área tem por objetivo a manutenção ou o controle de uma determinada região específica, por um período determinado.
- O comandante deve basear-se na capacidade dos fogos e das forças empregadas na Área de Defesa Avançada (ADA) para engajar e repelir o atacante (Fig 7-1).

7.2.2.2.2 Defesa Móvel

- A defesa móvel é uma manobra conduzida pela DE ou escalões superiores, baseada no eficiente emprego do fogo e da manobra para destruir o inimigo.
- Um mínimo de poder de combate é empregado na ADA para alertar sobre o início de um ataque e canalizar a força atacante para regiões previamente escolhidas e favoráveis a um contra-ataque de destruição, a ser executado por uma potente força de choque em reserva.
- A Cia Fuz pode participar da defesa móvel como parte de uma força maior, sendo empregada para deter a progressão do inimigo à frente ou em profundidade.

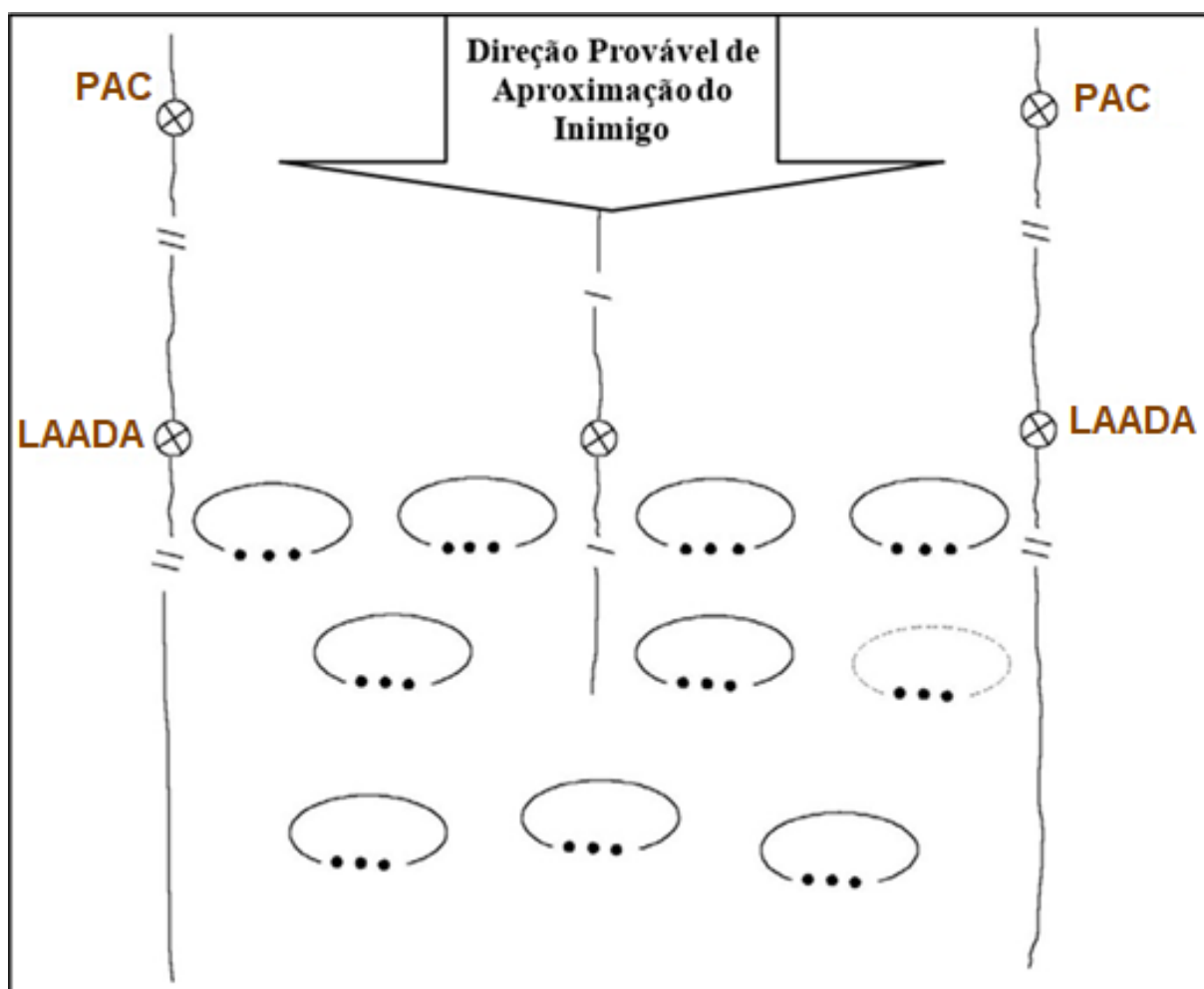


Fig 7-1 - A Cia Fuz na Área de Defesa Avançada (ADA)

7.2.3 MOVIMENTOS RETRÓGRADOS

7.2.3.1 Nos movimentos retrógrados, a infantaria procura evitar o combate decisivo sob condições desfavoráveis, seja rompendo o contato com o inimigo, seja retardando-o com o objetivo de trocar espaço por tempo, evitando empenhar-se sempre em ações que possam comprometer a integridade da força

7.2.3.2 Os movimentos retrógrados são classificados em três formas de manobra básicas:

- a) Retraimento;
- b) Ação retardadora; e
- c) Retirada.

7.2.3.3 Movimento retrógrado é qualquer movimento tático organizado de uma força para a retaguarda ou para longe do inimigo, seja forçado por ele, seja executado voluntariamente, como parte de um esquema geral de manobra.

7.2.3.4 O movimento retrógrado visa preservar a integridade de uma força, a fim de que, em uma ocasião futura, a ofensiva seja retomada. Uma força somente o executa voluntariamente quando uma vantagem marcante pode ser obtida. Em qualquer caso, deve ser aprovado pelo comandante do escalão imediatamente superior e é planejado com a devida antecedência.

7.2.3.5 Os movimentos retrógrados são executados com uma ou mais das seguintes finalidades:

- a) Inquietar, exaurir e retardar o inimigo, infligindo-lhe o máximo de baixas;
- b) Conduzir o inimigo a uma situação desfavorável;
- c) Permitir o emprego de uma força, ou parte dela, em outro local;
- d) Evitar o combate sob condições desfavoráveis;
- e) Ganhar tempo sem se engajar decisivamente em combate;
- f) Desengajar-se ou romper o contato;
- g) Adequar-se ao movimento de outras tropas amigas; e
- h) Encurtar as distâncias de apoio logístico.

7.2.3.6 Os principais fatores que influenciam o sucesso de um movimento retrógrado são:

- a) Planejamento centralizado e execução descentralizada (é necessária uma completa compreensão da operação por meio de planos bem detalhados e da intenção do comandante);
- b) Aproveitamento adequado do terreno e das condições meteorológicas, com especial atenção para o máximo aproveitamento das redes de estradas, principalmente pelas forças motorizadas, mecanizadas e blindadas;
- c) Liberdade de ação, rapidez e mobilidade (igual ou superior à do inimigo);
- d) Amplo emprego de medidas de coordenação e controle;
- e) Manutenção do moral, que pode ser obtida pelo exercício vigoroso da liderança de seus comandantes, visando minimizar os possíveis efeitos negativos causados pelo movimento para a retaguarda;

- f) Planos flexíveis;
- g) Emprego adequado do apoio de fogo e obstáculos;
- h) Emprego oportuno de ações ofensivas; e
- i) Sigilo, segurança e simulação.

7.2.3.7 O planejamento logístico para um movimento retrógrado deve abordar:

- a) Destino a ser dado aos suprimentos e equipamentos em excesso;
- b) Evacuação das viaturas danificadas e em pane;
- c) Fluxo de suprimento durante toda a operação;
- d) Evacuação dos mortos e feridos;
- e) Destruição dos suprimentos e equipamentos, exceto os de saúde (classe VIII), se necessário;
- f) Controle de trânsito; e
- g) Controle de civis.

7.2.3.8 Deve ser feito todo o esforço para impedir que os suprimentos de qualquer espécie caiam nas mãos do inimigo.

7.2.3.9 Nos movimentos retrógrados não há previsão de desdobramento de áreas de trens, as quais devem permanecer embarcadas.

7.3 DEFESA DE ÁREA

7.3.1 A defesa de área tem por escopo a manutenção ou o controle de uma determinada região específica, por um período determinado. Também pode ser orientada no sentido de forçar o inimigo a aceitar uma situação tática desvantajosa para conquistar seu objetivo.

7.3.2 Nessa forma de manobra, as posições de primeiro escalão são fortemente mantidas e todo o esforço é feito para deter o inimigo à frente da posição. Se o inimigo penetrar na posição, deve ser destruído ou expulso por meio de contra-ataque, com a finalidade principal de retomar o controle da ADA (restabelecimento da posição).

7.3.3 O defensor desdobra a maior parte de seu poder de combate na ADA e planeja aceitar um engajamento decisivo ao longo do Limite Anterior da Área de Defesa Avançada (LAADA), apoiado por grande volume de fogos.

7.3.4 ORGANIZAÇÃO DA DEFESA

7.3.4.1 A defesa é escalonada em três áreas (Fig 7-2):

- a) Área de segurança;
- b) Área de defesa avançada (ADA); e
- c) Área de reserva.

7.3.4.2 A companhia poderá ser empregada, como parte de um batalhão, na área de segurança, na ADA ou na área de reserva.

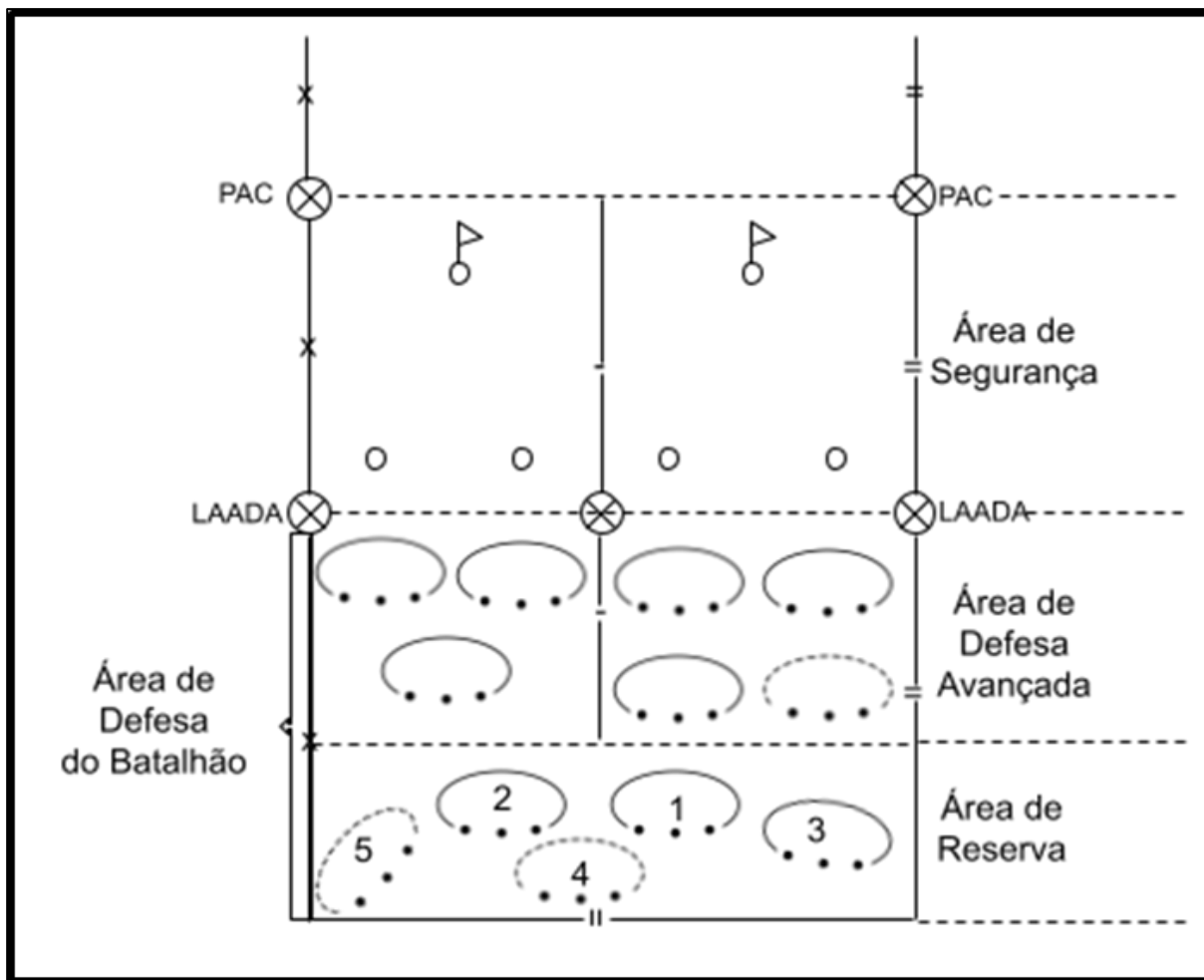


Fig 7-2 - Escalonamento das Cia Fuz na defesa do BI de 1º escalão

7.3.5 ÁREA DE SEGURANÇA (A SEG)

7.3.5.1 Delimitação

- A Área de Segurança começa no Limite Anterior da Área de Defesa Avançada (LAADA) e estende-se para a frente e para os flancos até onde forem empregados os elementos de segurança. As forças que guarnecem essa área constituem o escalão de segurança. A profundidade da A Seg pode ser limitada à frente pela presença de elementos de segurança do Esc Sup.

7.3.5.2 Missão

- A missão do escalão de segurança é:

- Dar o alerta oportuno sobre a aproximação do inimigo;
- Retardar e desorganizar o inimigo, dentro de suas possibilidades;
- Impedir a observação terrestre e os fogos diretos sobre a ADA;
- Iludir o inimigo quanto à verdadeira localização do LAADA;
- Realizar ações de contrarreconhecimento; e
- Detectar alvos e conduzir o tiro das armas de apoio.

7.3.5.3 Composição

- O escalão de segurança é composto por forças equilibradas de armas combinadas. Pode ser constituído por:

- a) Força de cobertura (F Cob);
- b) Postos avançados gerais (PAG);
- c) Postos avançados de combate (PAC);
- d) Elementos de segurança aproximada; e
- e) Elementos de vigilância aérea

7.3.6 ÁREA DE DEFESA AVANÇADA (ADA)

7.3.6.1 Delimitação

- A ADA do batalhão estende-se para a retaguarda, desde o LAADA até a retaguarda das Cia Fuz empregadas em primeiro escalão.

7.3.6.2 Missão

- A missão das Cia Fuz em primeiro escalão é deter o inimigo à frente da posição, procurando impedir, por meio de fogos e do combate aproximado, sua entrada na ADA. Para cumprir essa missão, bloqueiam as VA disponíveis para o inimigo, não somente junto ao LAADA, mas também em profundidade, a fim de limitar possíveis penetrações.

7.3.6.3 Composição

- Na ADA as Cia Fuz de 1º Escalão constroem e ocupam suas posições defensivas.

7.3.7 ÁREA DE RESERVA

7.3.7.1 Delimitação

- A área de reserva do Btl, também denominada área de retaguarda, estende-se desde a retaguarda das SU de 1º Esc até o limite de retaguarda do batalhão, se houver.

7.3.7.2 Missão

- As missões da reserva são:

- a) Aprofundar a defesa, limitando as penetrações;
- b) Realizar contra-ataques; e
- c) Reforçar ou substituir os elementos da ADA.

7.3.7.3 Composição

- Nessa área são localizadas as Cia Fuz não empregadas na ADA. Essas SU constituem a reserva e são mantidas sob o controle direto do batalhão para emprego em

oportunidade e local decisivos.

7.3.8 COMPANHIA DE FUZILEIROS NA ÁREA DE SEGURANÇA

7.3.8.1 Força de Cobertura

7.3.8.1.1 Uma Força de Cobertura (F Cob) é, normalmente, estabelecida pelo Esc Sp (C Ex ou DE) para proporcionar segurança à frente dos PAG. Por necessitar de grande mobilidade, em geral, essa missão é atribuída às tropas de natureza blindada.

7.3.8.1.2 Essa força tem a missão de retardar o inimigo, durante um período determinado, a fim de proporcionar tempo para a preparação da posição de defesa, desorganizar e desgastar ao máximo as forças inimigas atacantes e iludi-las quanto à verdadeira localização do LAADA

7.3.8.1.3 A Cia Fuz pode participar de uma F Cob, enquadrada no Btl do qual é orgânica.

7.3.8.2 Postos Avançados Gerais

7.3.8.2.1 Os Postos Avançados Gerais (PAG) são estabelecidos a aproximadamente 8 a 12 km à frente da Bda, por ordem do comandante da DE. Eles dão maior segurança à frente da posição defensiva, alertam sobre a aproximação do inimigo, retardam e desorganizam sua progressão, procurando iludi-lo quanto à real localização do LAADA.

7.3.8.2.2 Normalmente, são guarnecidos por um grupamento de armas combinadas, integrando uma Bda; embora um Btl Ref possa ser designado para guarnecer os PAG. A Cia Fuz pode integrar um Btl designado para realizar ações nos PAG.

7.3.8.2.3 A ordem para os PAG pode prescrever que sua área de defesa seja mantida por um tempo determinado ou que eles realizem uma ação retardadora. No primeiro caso, a Cia Fuz organiza suas posições como em uma defesa de área. No segundo caso, aplicam-se os princípios que regem uma ação retardadora.

7.3.8.2.4 As tropas de infantaria blindada estão mais aptas a ocuparem os postos avançados gerais.

7.3.8.2 Postos Avançados de Combate

7.3.8.2.1 Os Postos Avançados de Combate (PAC), via de regra, ficam situados entre 800 e 2.000 metros à frente do LAADA.

7.3.8.2.2 Constituem o Elm Seg da brigada. Sua missão principal é proporcionar o alerta oportuno com a aproximação do Ini, impedi-lo de realizar a observação terrestre aproximada e os fogos diretos sobre o interior da ADA. Dentro de suas possibilidades, retardam e desorganizam o Ini e esforçam-se para iludi-lo quanto à real localização do LAADA. Aumentam a segurança da posição defensiva e obtêm dados oportunos sobre o inimigo, infligindo-lhe o máximo de baixas, sem se engajar em combate aproximado.

7.3.8.2.3 A responsabilidade pela organização e ocupação de sua posição pode ser atribuída a uma Cia Fuz dos batalhões de primeiro escalão (geralmente a reserva) ou a

elementos do batalhão reserva. O efetivo dos PAC na frente de cada batalhão varia desde um Pel Fuz Ref até uma Cia Fuz Ref com morteiros, armamento AC e CC.

7.3.8.2.4 Os PAC são constituídos por uma série de postos de vigilância, cujos efetivos variam de uma esquadra a um Pel Fuz Ref. Esses postos organizam núcleos de defesa em acidentes do terreno que permitam boa observação em profundidade, ofereçam extensos campos de tiro e proteção aproximada às armas de apoio pelos fuzileiros.

7.3.8.2.5 As posições são organizadas em frentes normais, separadas umas das outras de modo a permitir a ligação mútua pela vista. Caso isso não seja possível, a ligação entre os núcleos é mantida por meio de patrulhas ou outros meios de comunicação; vigias e patrulhas são empregadas à frente, nos flancos e à retaguarda para proporcionar segurança aos postos de vigilância. Realiza-se patrulhamento entre os postos e os vigias durante os períodos de visibilidade reduzida. As armas são instaladas onde se disponha de campos de tiro extensos e os homens ocupam locais que ofereçam o máximo de observação, o que, em geral, é conseguido na crista topográfica do acidente do terreno organizado.

7.3.8.2.6 Além das vantagens já expostas, tal localização facilita o retraimento. Geralmente, não há necessidade de pontos de apoio nem são previstos os fogos à frente da posição dos postos avançados de combate, porque eles retraem antes que o atacante cerre o contato. As comunicações para a retaguarda são mantidas por meio de telefone, rádio e mensageiros. Os itinerários de retraimento são escolhidos e reconhecidos; todos os homens tomam conhecimento do plano de retraimento.

7.3.8.2.7 Quando não há tropa amiga à frente dos PAC, o contato com o inimigo é mantido por meio de patrulhas. As armas executam tiros longínquos, procurando infligir o máximo de baixas e desorganizar o inimigo. À medida que o inimigo progride, aumenta-se a continuidade e densidade dos fogos. O Esc Sp é informado a todo momento sobre a evolução da situação. Se o inimigo chegar à distância de combate aproximado ou ameaçar um desbordamento, o PAC deve retrainir.

7.3.8.2.8 A decisão de retraimento, normalmente, é tomada pelo Cmt Btl ou da Bda. Contudo, o comandante do PAC pode ser autorizado a tomar essa decisão.

7.3.8.2.9 São utilizados itinerários de retraimento previamente designados e reconhecidos, que ofereçam o máximo de cobertura e ocultação. Tais itinerários não devem prejudicar a execução dos tiros rasantes das armas instaladas na P Defe, se possível, procuram esconder do inimigo a verdadeira localização dessa posição.

7.3.8.2.10 Diversos planos são preparados para o retraimento. Em princípio, as frações menos engajadas retraem em primeiro lugar. Já que a distância da posição defensiva é curta, não há, geralmente, posições retardadoras intermediárias; o retraimento é feito diretamente para o interior da posição. Os elementos amigos são mantidos informados sobre o curso do retraimento.

7.3.8.2.11 A fim de evitar o fratricídio, devem ser seguidas as normas previstas no plano de retraimento, bem como as medidas de coordenação e controle preconizadas nas IECOM Elt. O movimento de tropa deve ser de conhecimento de todas as frações dispostas no terreno.

7.3.8.2.12 Para mais informações sobre prevenção ao fratricídio, consulte o anexo F do EB70-MC-10.335 BATALHÕES DE INFANTARIA (1ª Edição, 2023) e o caderno de instrução EB70-CI-11.483 - CADERNO DE INSTRUÇÃO PREVENÇÃO AO FRATRICÍDIO NAS PEQUENAS FRAÇÕES (1ª edição, 2024).

7.3.9 COMPANHIA DE FUZILEIROS NA ÁREA DE DEFESA AVANÇADA

7.3.9.1 A missão da Cia Fuz na ADA é manter o terreno e deter o inimigo pelo fogo e combate aproximado, à frente do LAADA. Caso o inimigo consiga adentrar a ADA, limitar seu avanço por meio do fogo e da ocupação de núcleos defensivos na linha de ruptura.

7.3.9.2 Detalhes específicos do planejamento

7.3.9.2.1 O Cmt Cia Fuz deve proporcionar aos Cmt Pel tempo suficiente para os trabalhos de organização da posição defensiva.

7.3.9.2.2 Durante a realização do Trabalho de comando, o Cmt Cia Fuz deve considerar os seguintes aspectos:

- a) o dispositivo defensivo a ser adotado;
- b) a organização para o combate das peças de manobra;
- c) as medidas de segurança;
- d) o grau de resistência adotado em cada VA (determinado pelo Cmt Btl);
- e) as medidas de defesa (plano de barreiras, plano DAC, entre outras);
- f) as medidas de coordenação e controle estabelecidas;
- g) o apoio de fogo (incluindo o posicionamento das armas);
- h) o comando, o controle e as comunicações e a Guerra Eletrônica (GE);
- i) o apoio logístico;
- j) o tempo para a organização da posição, estabelecendo uma prioridade de trabalhos;
- k) a quantidade de elementos a serem cedidos para a execução dos trabalhos de engenharia; e
- l) outras medidas necessárias.

7.3.9.2.3 Normalmente, na defesa de área, o Cmt Cia Fuz faz o reconhecimento pessoal do terreno.

- Deve identificar as características da sua Z Aç, as vias de acesso (VA) que incidem em sua posição (à frente e nos flancos) bem como as regiões que bloqueiam essas VA.

7.3.9.2.4 A análise do terreno imediatamente à frente do LAADA deve considerar:

- a) Regiões que ofereçam cobertas e abrigos para o inimigo, permitindo sua utilização como ataque, posições para desdobramento de Seções de Morteiros, de PC, de instalações logísticas e de reserva;
- b) Regiões que podem ser utilizadas pelo inimigo como bases de fogos de tiro tenso;
- c) Itinerários cobertos e abrigados que podem ser utilizados pelo inimigo para abordar a posição e posições de desenfiamento para armamento coletivo;
- d) Obstáculos naturais e terrenos descobertos de passagem obrigatória para o inimigo;
- e) Acidentes dominantes do terreno que possam ser utilizados como postos de observação; e

f) Itinerários desenhados para retraimento dos postos avançados.

7.3.9.3 Medidas de Coordenação e Controle

7.3.9.3.1 Zona de Ação (Z Aç)

- É uma medida de coordenação e controle estabelecida para uma peça de manobra com a finalidade de atribuir-lhe uma área de responsabilidade. Nessa área, a peça de manobra poderá atirar e manobrar sem necessidade de coordenação e interferência de outros elementos. A Z Aç da Cia Fuz é definida por limites laterais. Nesse espaço, a Cia Fuz deve construir suas posições defensivas principais, de muda e de aprofundamento, desdobrar seus meios logísticos, de apoio de fogo e de C2.
- Normalmente, uma Cia Fuz na ADA recebe uma frente de 700 a 1.800 metros, com profundidade não maior que 1.000 metros.

7.3.9.3.2 Limite Anterior da Área de Defesa Avançada (LAADA)

- É a linha balizada pela orla anterior dos núcleos de defesa de primeiro escalão. Confunde-se com o limite anterior da posição defensiva. O LAADA oferece orientação e referência aos Cmt de todos os escalões para o planejamento e a execução da defesa.
- Destina-se a coordenar o dispositivo e os fogos de todas as armas e unidades de apoio. Normalmente, é indicado à Cia Fuz por meio de pontos limites localizados sobre os limites laterais da Z Aç.

7.3.9.3.3 Limites

- Os limites entre as Cia Fuz na ADA dividem a frente do Btl, levando em consideração o valor defensivo do terreno e a relativa importância das regiões a serem defendidas. São localizados de modo a deixar a um único elemento a defesa de um mesmo acidente capital e das VA que a ele se dirigem.
- Os extremos dos limites indicam a extensão da área de responsabilidade da Cia Fuz, à frente ou à retaguarda do LAADA. Os limites estendem-se à frente de modo a permitir à SU localizar sua segurança aproximada e controlar seus fogos de apoio.
- Estendem-se para a retaguarda de modo a prover espaço suficiente para o desdobramento de seu Ap F, Log e C². Se os PAC estiverem sob o controle da Cia Fuz na ADA, os limites serão prolongados à frente da linha dos PAC, até o limite do alcance das armas de apoio ou o limite da observação terrestre.
- Os limites devem ser fixados de forma a favorecer a defesa e a colocar os acidentes capitais do terreno (cristas, elevações) e as vias de acesso perigosas sob a responsabilidade de um só elemento. Não há uma divisão da Z Aç da Cia Fuz. O Cmt Cia Fuz deve distribuir as frentes do terreno a defender entre os Pel Fuz.

7.3.9.3.4 Pontos limites

- Fixam os locais onde o Cmt Esc Sp deseja que os Cmt subordinados vizinhos coordenem seus fogos e seus dispositivos defensivos. São designados sobre os limites da Cia Fuz e localizados sobre ou nas proximidades de um acidente do terreno facilmente identificável, tanto no terreno como na carta. Os Cmt fazem a coordenação nestes pontos e determinam se os intervalos entre as suas frações devem ser cobertos por fogos, barreiras, ocupação física ou pela combinação desses processos. Não há

necessidade de ocupar o ponto limite com elemento de tropa.

7.3.9.3.5 Linha de proteção final (LPF)

- É a última linha em que se procura bloquear a entrada do inimigo nos núcleos defensivos de 1o escalão. É onde o fogo atinge o máximo de intensidade. Deve passar a uma distância mínima à frente da posição que impeça ao inimigo o emprego eficaz de suas granadas de mão. Na LPF, as metralhadoras e outras armas automáticas devem obter a máxima extensão de tiros rasantes.

7.3.9.3.6 Núcleo defensivo

- Célula defensiva na qual frações de fuzileiros adotam um dispositivo flexível para a defesa em todas as direções e em profundidade, de forma a sustentar a posição defensiva, mesmo que ultrapassada ou atacada de diferentes lados.

7.3.9.4 Graus de resistência

7.3.9.4.1 Três são os graus de resistência que podem ser empregados na ADA, conforme o nível de engajamento admitido com o inimigo. Do maior para o menor, são, respectivamente, defender, retardar e vigiar.

7.3.9.4.2 Em uma situação ideal, na Def A deve-se adotar o grau “defender” em todas as VA.

7.3.9.4.3 O grau de resistência a ser adotado pela Cia Fuz, no contato, será definido pelo Cmt Btl; na ruptura, será sempre o grau “defender”.

7.3.9.4.4 Defender

- Uma tropa que defende uma determinada Via A combate para conter um ataque inimigo, por meio do fogo e do combate aproximado. Para tanto, o defensor deve possuir um poder relativo de combate compatível, em função da amplitude e do valor do inimigo na Via A. Um núcleo defensivo valor Pel Fuz defende em uma VA valor SU.

7.3.9.4.5 Retardar

- Uma tropa que retarda o inimigo em determinada(s) VA combate por meio do fogo para desorganizar o ataque inimigo, trocando o mínimo de espaço pelo máximo de tempo, sem se engajar decisivamente em combate. A tropa que retarda só deve retraindo quando sob ameaça de engajamento decisivo e mediante autorização do Esc Sp. Para retardar, o defensor pode empregar menor poder de combate do que quando defende e ocupar núcleos defensivos de maiores dimensões. Um núcleo defensivo valor Pel Fuz retarda em até duas VA valor SU.

7.3.9.4.6 Vigiar

- Uma tropa que vigia determinada(s) VA cumpre sua missão, estabelecendo uma série de postos de vigilância, complementados por patrulhas, para detectar a presença do inimigo. A fração provê sua própria segurança e, se pressionada, retrai, mantendo

permanente contato com o inimigo.

- Este grau de resistência geralmente será determinado pelo Btl em regiões de terreno impeditivo ou quando inexistem locais favoráveis à instalação de posições de bloqueio. Um Pel Fuz vigia até três VA valor SU.

7.3.9.5 Organização da Área de Defesa Avançada

7.3.9.5.1 A distribuição dos Pel Fuz no interior da ADA deve considerar os fundamentos das operações defensivas, os fatores da decisão e a diretriz de planejamento do Cmt Btl. Normalmente, o Cmt Cia Fuz deve empregar dois Pel Fuz no contato (junto ao LAADA) e um Pel Fuz na ruptura. Os Pel devem bloquear as VA que incidem na Z Aq da SU.

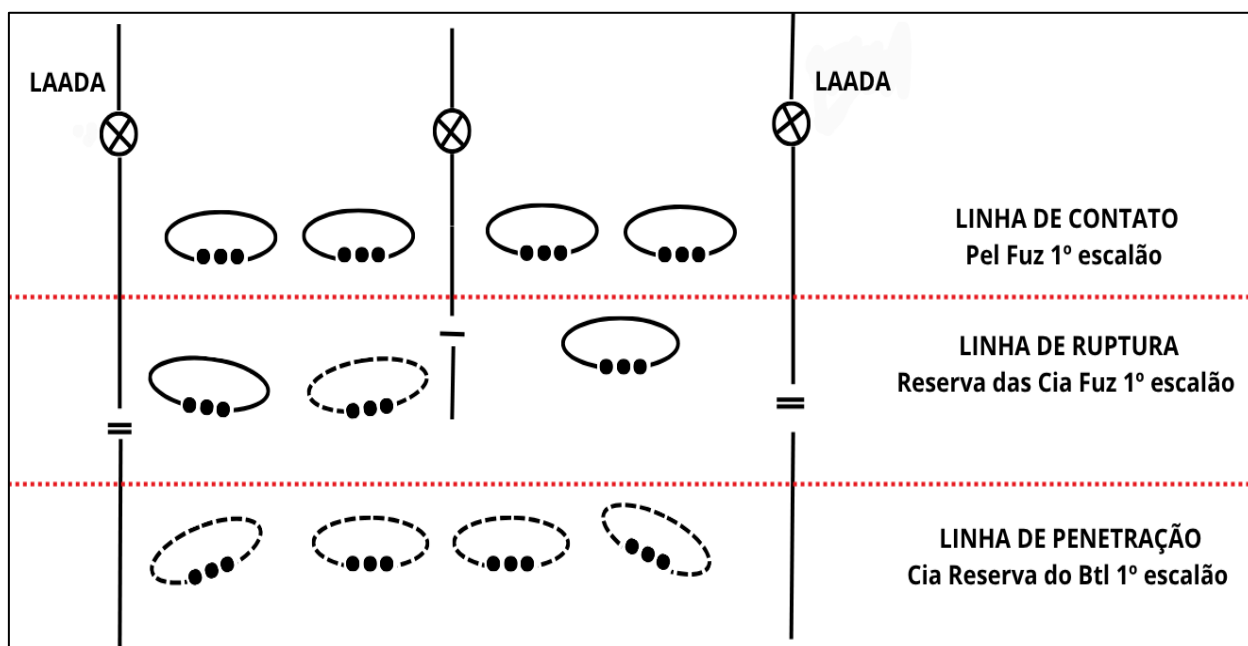


Fig 7-3 - Organização do Btl Inf na defesa de área

7.3.9.5.2 Os elementos do Pel Ap são instalados dentro da área de defesa da companhia, onde possam melhor cumprir suas missões de tiro e ser protegidos pelos fuzileiros.

7.3.9.5.3 A organização dos núcleos defensivos dos Pel Fuz deve considerar os seguintes fatores:

a) Localização

- Os núcleos defensivos no contato devem ser organizados junto à crista militar da elevação a defender, de forma a obter-se uma boa observação aproximada e campos de tiro rasantes para as armas de tiro tenso (Fig 7-4).
- O(s) Pel Fuz na linha de ruptura constroem seus núcleos à retaguarda dos Pel em 1º escalão.

b) Frente a ocupar e defender

- O Pel Fuz ocupa uma frente de aproximadamente 400 metros e defende uma frente de 700 metros.
- As dimensões variam em função, principalmente, da missão, terreno e meios disponíveis.

c) Apoio mútuo e dispersão

- Os intervalos entre os núcleos de Pel Fuz variam de acordo com o terreno, inimigo e meios disponíveis.
- Para diminuir os efeitos dos fogos de artilharia e morteiro inimigos, o intervalo será de, no mínimo, 200 metros.
- Para garantir o apoio mútuo entre os núcleos com armamento leve, o intervalo será de, no máximo, 400 metros.

d) Bloqueio das VA no LAADA

- O Cmt Cia Fuz deve posicionar os Pel Fuz de 1º escalão de forma que cada Pel Fuz bloqueie uma VA específica (de valor máximo SU), estabelecendo setores de tiro bem definidos e evitando dividir a responsabilidade de defesa de uma mesma VA entre dois pelotões.
- O posicionamento dos núcleos deve permitir que os fuzileiros realizem fogo de fuzil na região onde a VA aborda o LAADA (máximo 400m de distância).
- Para diminuir os riscos de fratricídio na execução de barragens de artilharia e morteiro sobre o LAADA, é desejável que os núcleos distem, no mínimo, 200m do LAADA.

e) Bloqueio das VA no interior da ADA

- Quando as VA que adentram a ADA convergem para uma única via de acesso, o Cmt Cia Fuz deve organizar um núcleo na linha de ruptura.
- Por outro lado, se as VA permanecerem paralelas no interior da ADA, devem ser organizados núcleos de defesa independentes para bloquear cada uma delas.
- Neste segundo caso, um Pel Fuz prepara ambas as posições e ocupa aquela voltada para a linha de ação mais provável do inimigo, ficando em condições de deslocar-se para as demais posições conforme a evolução do combate (Fig 7-11).
- Em ambas as situações, o Cmt Cia Fuz deve garantir a coordenação dos fogos e o apoio mútuo entre as posições, estabelecendo medidas de coordenação e controle adequadas.

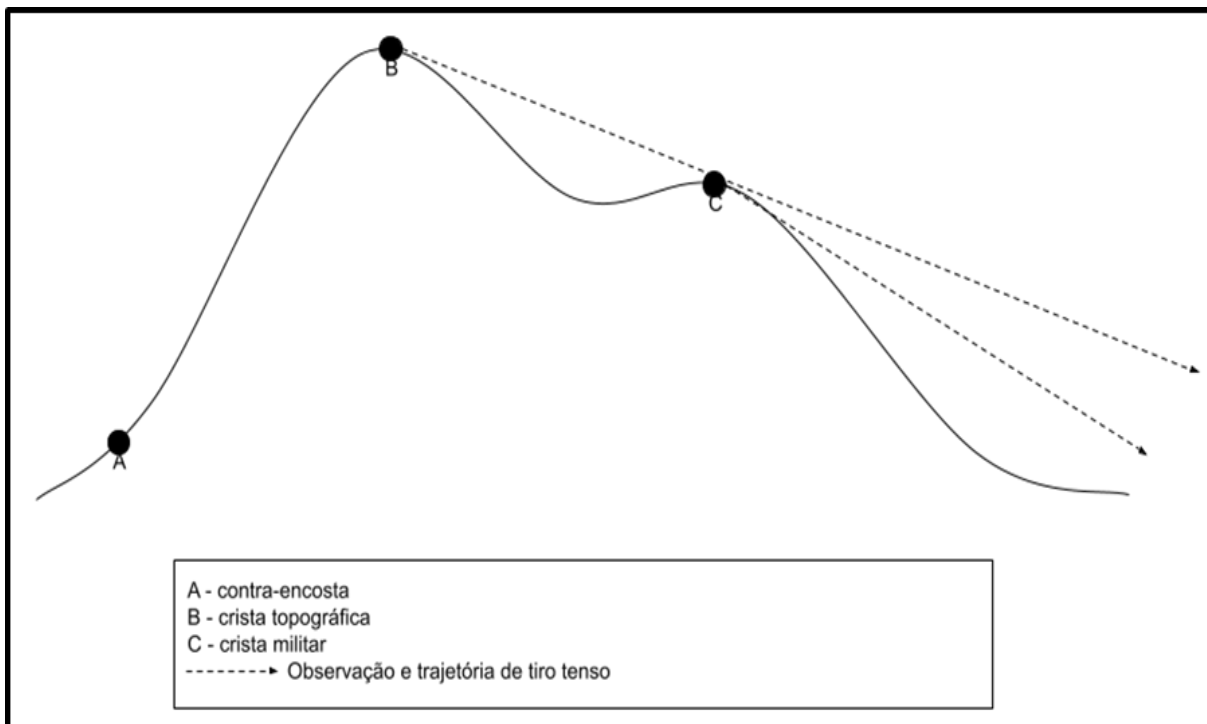


Fig 7-4 - Rasância do armamento de tiro tenso obtida da crista militar

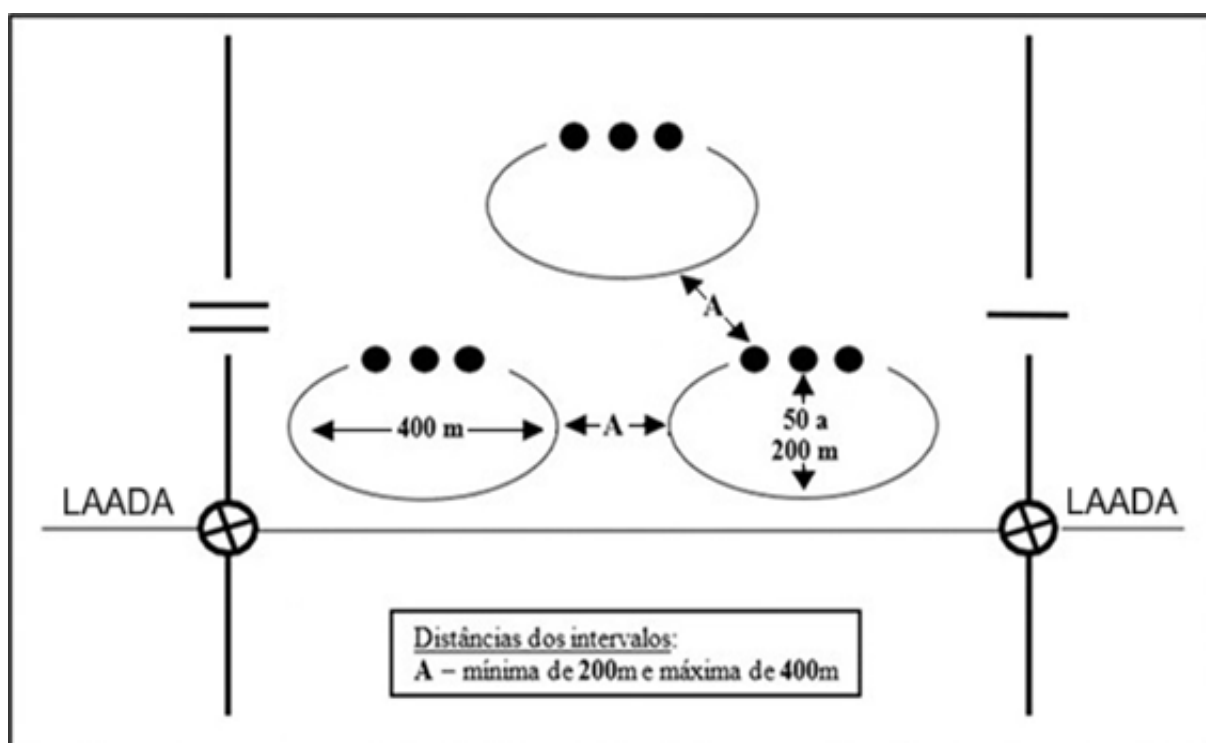


Fig 7-5 - Dimensões e distâncias de apoio mútuo dos Pel Fuz da ADA

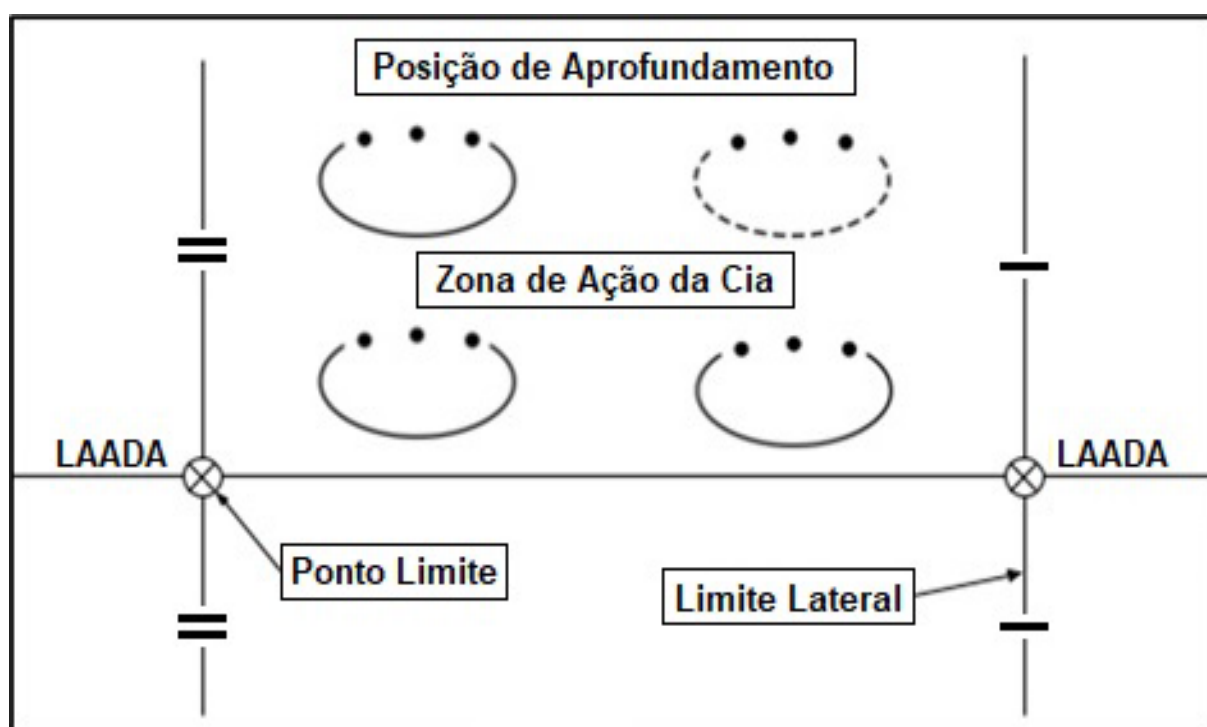


Fig 7-6 - Cia Fuz com dois núcleos na linha de ruptura

7.3.9.5.5 Quando o Btl defende em frente ampla, admite-se que a Cia Fuz organize sua posição defensiva com menor capacidade de apoio mútuo, ou mesmo em um dispositivo linear. Nessas situações, o Cmt Cia Fuz deve:

- buscar, no mínimo, o apoio mútuo em profundidade;
- dar particular atenção às disposições para a defesa do acidente capital contra um

ataque vindo de qualquer direção;

c) cobrir os intervalos por meio do fogo e de obstáculos; e

d) planejar intenso patrulhamento, inclusive nos intervalos entre as posições.

7.3.9.5.6 Quando adota o dispositivo linear, a Cia Fuz emprega todos os pelotões em 1º escalão, ficando a cargo da companhia reserva a ocupação dos núcleos de ruptura.

7.3.9.5.7 Em algumas situações, quando o terreno permitir, um dos Pel Fuz poderá estar com um grau de defesa menor que o “defender” e poderá retrair, quando pressionado, para a posição de aprofundamento da SU. Neste último caso, há pouca possibilidade do estabelecimento dos fogos de proteção final contínuos em toda a frente.

7.3.9.6 Preparação da posição defensiva

7.3.9.6.1 Cabe ao Cmt Cia Fuz planejar e fiscalizar a preparação da posição defensiva da SU, considerando, principalmente, o tempo e os meios disponíveis. Para isso, deve estabelecer prioridades e prazos para a execução dos trabalhos.

7.3.9.6.2 Os trabalhos de preparação compreendem as seguintes atividades:

- a) Estabelecimento de patrulhas de reconhecimento à frente da posição;
- b) Estabelecimento da segurança local na ADA;
- c) Entrada em posição das armas coletivas e designação dos setores de tiro;
- d) Designação da linha de proteção final;
- e) Limpeza dos campos de tiros;
- f) Regulação dos fogos indiretos;
- g) Estabelecimento do sistema de comunicações físico;
- h) Lançamento de obstáculos e campos de minas;
- i) Preparação de espaldões e abrigos individuais;
- j) Preparação das posições de muda e suplementar;
- k) Preparação de itinerários para suprimento, comunicações e evacuação;
- l) Estabelecimento de medidas de controle que se fizerem necessárias; e
- m) Ajuste e melhoria das posições.

7.3.9.6.3 A preparação da posição defensiva prossegue continuamente, enquanto a Cia Fuz permanecer na ADA. Quando a posição for organizada em estreito contato com o inimigo, a tropa deverá estar em condições de defender-se de um ataque a qualquer momento, durante os trabalhos de instalação.

7.3.9.6.4 Nesta situação, o preparo da posição é condicionado pela ocorrência total ou parcial das seguintes condições:

- a) Limitação de deslocamento dos homens;
- b) Exposição da tropa aos fogos observados;
- c) Ataques inimigos em uma ou em todas as fases da organização;
- d) Ataques locais em acidentes do terreno necessários à organização da posição; e
- e) Retraimentos parciais para fortalecer a posição (com prévia aprovação do Cmt Btl).

7.3.9.6.5 Será feito o emprego de todos os fogos disponíveis para cobrir a organização da posição, e a fumaça poderá ser empregada a fim de impedir a Obs Ini sobre a posição.

7.3.9.7 Construção de obstáculos

7.3.9.7.1 O Cmt Cia Fuz planeja o emprego de obstáculos à frente e no interior da ADA, de forma integrada ao Plano de Barreiras do Btl, Bda e DE.

7.3.9.7.2 Considerando o tempo e a mão de obra disponíveis, os obstáculos devem ser estabelecidos, considerando a localização dos núcleos Def, as VA, a natureza da tropa Ini e o efeito das barreiras sobre a mobilidade das forças amigas no interior da ADA.

7.3.9.7.3 Podem ser previstos fossos anticarro, redes de arame, campos de minas Anticarro (AC) e/ou Antipessoal (AP), armadilhas e destruições. Normalmente, os trabalhos de lançamento de obstáculos são executados ou fiscalizados por elementos de engenharia.

7.3.9.7.4 Os obstáculos são lançados com o objetivo de canalizar, dissociar, fixar ou bloquear as formações inimigas.

7.3.9.7.5 O planejamento dos obstáculos deve considerar os seguintes princípios:

- a) Todo obstáculo deve ser batido por fogos;
- b) Máxima profundidade dos obstáculos;
- c) Integração com os fogos e manobra; e
- d) Aproveitamento dos obstáculos naturais.

7.3.9.7.6 Os Pel Fuz constroem os obstáculos de proteção local (redes de arame, minas e outros) ao redor e no interior dos núcleos de pelotão, com a finalidade de dificultar e limitar o assalto final do inimigo. Normalmente, são posicionados a mais de 50 metros dos abrigos individuais, evitando que granadas de mão lançadas a partir dos obstáculos alcancem as posições defensivas.

7.3.9.7.7 Obstáculos suplementares são utilizados para realizar a ligação entre os obstáculos de proteção local, reforçar pontos vulneráveis e aumentar a profundidade do sistema defensivo. Também podem ser lançados ao longo da Linha de Proteção Final (LPF), de maneira que sua face exterior seja batida pelos fogos de metralhadora.

7.3.9.7.8 Os obstáculos devem ser mantidos sob observação constante. Durante períodos de visibilidade limitada, é essencial estabelecer patrulhamento ao longo dos obstáculos e reajustar o dispositivo defensivo, reposicionando soldados para garantir que:

- a) Os obstáculos permaneçam continuamente batidos por fogos; e
- b) O inimigo não consiga transpô-los clandestinamente.

7.3.9.7.9 Para maximizar a eficácia da vigilância, devem ser empregados:

- a) Sistemas de alarme (improvisados ou eletrônicos);
- b) Dispositivos luminosos;
- c) Radares de vigilância terrestre; e
- d) Sensores de movimento e vibração.

7.3.9.7.10 Obt Tat são normalmente lançados à frente da ADA, por Elm Eng, integrando o plano de barreiras dos Esc Sp. Esse trabalho poderá demandar apoio da Cia Fuz.

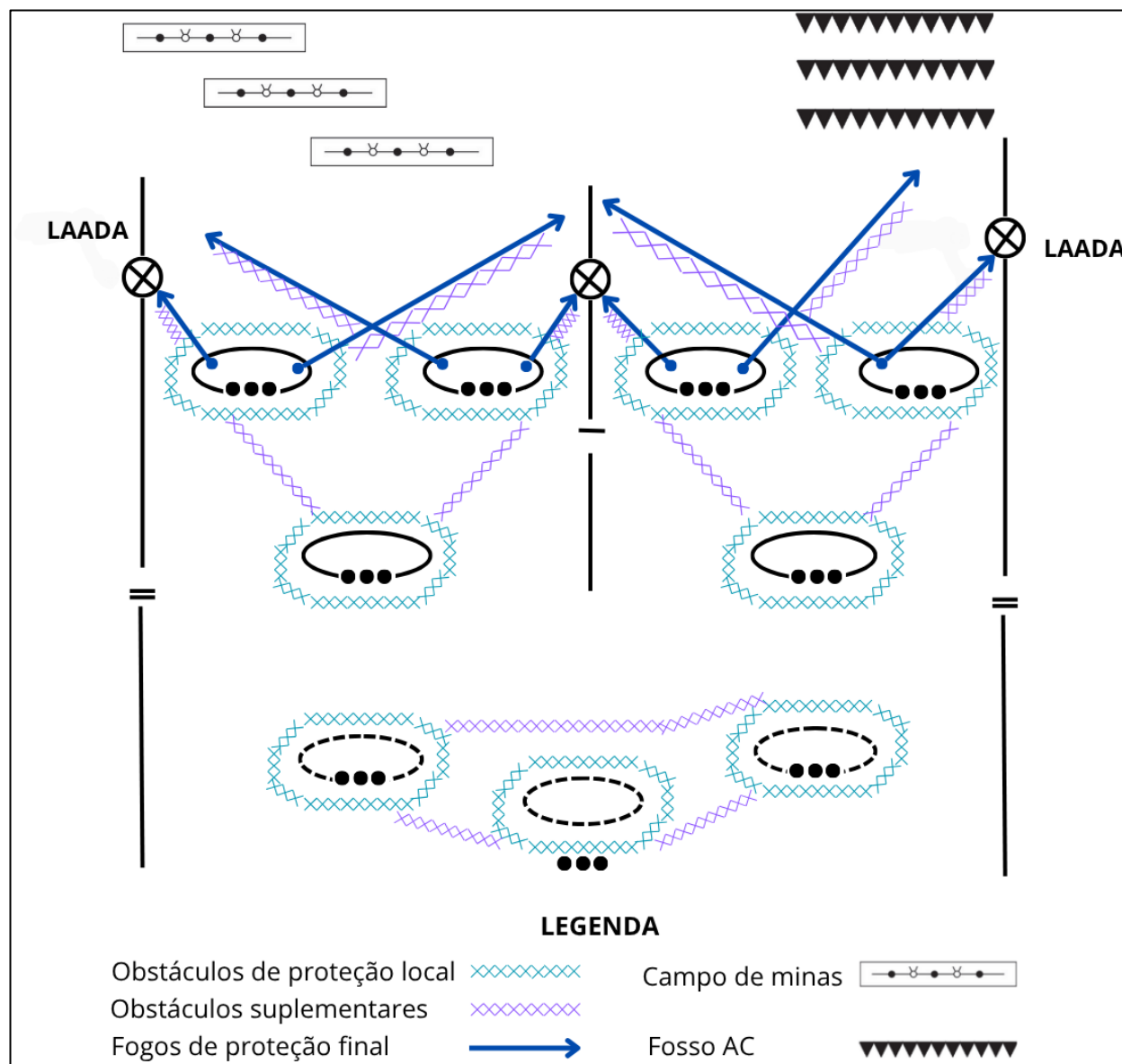


Fig 7-7 - Visualização dos obstáculos à frente e no interior da ADA

7.3.10 APOIO DE FOGO

7.3.10.1 Na defensiva, os fogos podem ser escalonados de acordo com a sua finalidade em: longínquos, defensivos aproximados, de proteção final e no interior da posição.

7.3.10.2 Os fogos longínquos

- São planejados e executados para atingir o inimigo o mais cedo possível, além do PAC, com a finalidade de causar-lhe baixas, retardar a sua progressão e desorganizá-lo. São executados pelos fogos das armas de apoio instaladas dentro da posição defensiva e nos PAC. Devem ser tomadas as medidas para evitar denunciar a localização das

posições defensivas e das posições das armas de apoio.

7.3.10.3 Os fogos defensivos aproximados

- São planejados e executados para destruir a coesão das forças atacantes, antes que possam lançar o assalto, causando o maior número possível de baixas, rompendo seu comando, controle e comunicações, cegando sua observação e neutralizando suas armas de apoio.
- São realizados entre o PAC e a posição de assalto do inimigo. Caso o inimigo demonstre não conhecer nossas posições, as armas de tiro tenso podem deixar de atirar até que o inimigo chegue a uma posição favorável ao desencadeamento dos tiros. Agindo assim, obter-se-á surpresa.
- São constituídos pelos fogos de todas as armas individuais e de apoio com capacidade técnica de bater o inimigo.

7.3.10.4 Os fogos de proteção final

- Visam deter o ataque inimigo, impedindo que o escalão de ataque inimigo ultrapasse a LPF. São planejados para execução sob quaisquer condições de visibilidade.
- São constituídos, principalmente, pelos tiros rasantes das metralhadoras e fuzis.
- As direções principais de tiro das armas AC devem ser designadas junto à LPF.

7.3.10.5 Os fogos no interior da posição

- Visam limitar e isolar as penetrações na posição defensiva, destruir o inimigo nesse local, impedir a consolidação e apoiar os contra-ataques. São constituídos pelos fogos das armas individuais e coletivas que possam atirar sobre a área em que se deu a penetração.

7.3.10.6 O Plano de Fogos

- Deve ser elaborado de forma a permitir atirar sobre o inimigo, logo que se possa observá-lo, sujeitá-lo a um volume crescente de fogos, à medida que se aproxima, e destruí-lo ou repeli-lo por fogos no interior da posição defensiva, caso nela penetre.

7.3.10.7 Para isso, devem ser levados em consideração os seguintes aspectos:

- a) as vias de acesso mais favoráveis à aproximação do inimigo (a pé, motorizado ou blindado), os locais de instalações de seus postos de observação, postos de comando e zonas de reunião e posições de armas de apoio;
- b) o local que se deseja deter o inimigo, imediatamente à frente da área de defesa;
- c) os fogos disponíveis (orgânicos e em apoio);
- d) o plano de barreiras;
- e) o Plano de Fogos do Btl e seus planos de fogos anexos; e
- f) as DER do armamento disponível para o apoio de fogo.

7.3.10.8 O Cmt Cia Fuz propõe a localização das barragens da artilharia e morteiros que lhe são distribuídas, informa-se sobre os setores e as missões principais das metralhadoras e armas AC das SU vizinhas. De posse dessas informações atribui, então, missões a seus morteiros, suas metralhadoras e armas AC para baterem as lacunas

existentes e reforçar os fogos de proteção final.

7.3.10.9 Os planos de fogos dos Pel Fuz são controlados para verificar se o terreno à frente de seus núcleos de defesa é batido por fogo de armas portáteis e se há zonas de recobrimento entre os seus setores de tiro.

7.3.10.10 As medidas de controle do tiro são difundidas entre os elementos da companhia e a observação é coordenada para que abranja, completa e eficientemente, toda a frente e os flancos da área de defesa.

7.3.10.11 O Cmt Cia Fuz, assessorado pelo OA Art, OA Mrt/Btl e Cmt Pel Ap, planeja os fogos da SU integrando artilharia, morteiros, armas AC e metralhadoras. Essa coordenação se inicia na SU e passa pelo CCAF/Btl.

7.3.10.12 Devem ser estabelecidas linhas de acionamento, preferencialmente identificáveis no terreno, que facilitem o escalonamento dos fogos e a sincronização de sua abertura, transporte ou interrupção. A seleção do traçado das linhas deve considerar:

- a) o alcance útil de cada armamento;
- b) as características das VA e do Ini;
- c) a DER de cada armamento;
- d) a LEM de cada armamento;
- e) linha de engajamento máximo de cada armamento;
- f) as MCAF impostas pelos Esc Sp; e
- g) a manobra planejada.

7.3.10.13 As concentrações de artilharia são planejadas nas vias de acesso que incidem sobre o PAC e a ADA. As barragens de artilharia distribuídas à Cia Fuz são planejadas pela SU, considerando as VA que devem barrar e a localização dos seus elementos mais avançados.

7.3.10.14 As mesmas considerações sobre a artilharia são válidas para o planejamento das concentrações e barragens do Pel Mrt/Btl na Z Aç da Cia Fuz.

7.3.10.15 As concentrações dos morteiros orgânicos da Cia Fuz serão empregadas para:

- a) Proporcionar apoio imediato aos Pel Fuz na defesa de suas posições, especialmente sobre alvos inopinados, particularmente os desenhados, para deter o ataque inimigo antes que ultrapasse a LPF; e
- b) Limitar a penetração inimiga na ADA.

7.3.10.16 Normalmente, as posições de tiro da Seq Mrt/Pel Ap localizam-se à retaguarda, próximas ao Pel Fuz que aprofunda a defesa da SU.

- Essa medida permite uma melhor proteção e, principalmente, o apoio a todas as fases do combate, inclusive o desencadeamento dos fogos no interior da posição. Posições iniciais avançadas (inclusive à frente do LAADA, se necessário) são previstas para a execução dos fogos longínquos em apoio ao escalão de segurança.

7.3.10.17 Na defesa de área, a Seq Mrt/Pel Ap pode ser empregada das seguintes maneiras:

- a) Sempre que o terreno e as características técnicas do armamento permitirem, a Seq Mrt deve ser empregada em Aç Cj à Cia Fuz; e
- b) Quando frações da Cia Fuz forem empregadas inicialmente nos PAC, a Seq Mrt poderá ser utilizada em apoio direto ou em reforço. A seleção da forma de emprego deve considerar a missão, as características técnicas do armamento e a distância entre o LAADA e os PAC.

7.3.10.18 Na defesa de área, a Seq AC/Pel Ap deve realizar a proteção imediata da ADA contra a atuação de blindados inimigos. Para tanto, ela deve ser posicionada em condições de realizar o tiro de flanco nas prováveis vias de acesso para blindados.

7.3.10.19 A Seq AC/Pel Ap deve ser empregada, preferencialmente, em Aç Cj à Cia Fuz, de forma a garantir o melhor controle e continuidade dos fogos. Entretanto, os fatores da decisão podem levar o Cmt Cia Fuz a adotar as formas de emprego apoio direto ou reforço, com a seção completa ou peças isoladas.

7.3.10.20 Na defesa de área, os fumígenos podem ser empregados para:

- a) Cegar a observação inimiga;
- b) Reduzir a eficácia dos tiros diretos inimigos;
- c) Dificultar a ajustagem dos fogos indiretos inimigos;
- d) Reduzir a eficiência de equipamentos optrônicos;
- e) Reduzir a velocidade ou desorientar a progressão inimiga;
- f) Permitir nosso desengajamento ou retraimento; e
- g) Designar alvos ou balizar posições amigas para as unidades de apoio de artilharia, de morteiros ou de força aérea, preferivelmente com fumaça colorida.

7.3.11 COMANDO E CONTROLE

7.3.11.1 O sistema de comunicações na defesa de área é influenciado pelo tempo disponível para montagem dos meios de comunicações. A maior estabilidade das operações amplia o emprego de meios físicos.

7.3.11.2 As peculiaridades da defesa de área influem diretamente na instalação e exploração dos sistemas de comunicações da Cia Fuz, a saber:

- a) Sistema de Comunicações Físico - deve ser o mais completo possível, dependendo do tempo de preparação da P Def. Devem ser lançados circuitos alternativos entre dois assinantes para que os fogos de preparação do Ini não interrompam as ligações. A primeira prioridade na construção dos circuitos é a dos PAC (caso a Cia Fuz receba essa missão), seguindo-se os Pel Fuz em 1º Esc e, por último, os Pel Fuz na linha de ruptura.
- b) Sistema de Comunicações Rádio - os fatores segurança e sigilo são preponderantes na defesa de área. Logo, as prescrições rádio devem seguir, em princípio, a seguinte sequência:
 - rádio em silêncio antes do contato com o inimigo;
 - rádio restrito durante as ações dos PAC (inclusive o acolhimento); e
 - rádio livre após o início do ataque inimigo.

c) Sistema de Comunicações Mensageiro - é largamente empregado na defesa de área. Antes do contato com o inimigo, os mensageiros de escala são os mais utilizados. Após o início do ataque inimigo, os especiais têm maior emprego.

7.3.11.3 Outros meios (visuais e acústicos) são empregados pela Cia Fuz para suplementar os sistemas acima descritos. Os visuais devem ser utilizados da frente para a retaguarda e seguirão códigos preestabelecidos. Os acústicos podem ser empregados a título de alarme (contra ataques blindados ou aéreos, por exemplo).

7.3.11.4 O Cmt Cia Fuz instala seu PC onde possa melhor controlar as ações, na parte posterior da área de defesa. Deve também considerar os aspectos referentes à segurança e à comunicação.

7.3.11.5 O PC deve estar em posição desafiada e oculta da observação aérea. Convém que disponha de itinerários cobertos que conduzam à frente e à retaguarda, para facilitar as comunicações com os Pel Fuz e com o PC do Btl.

7.3.11.6 Os postos de observação da Cia Fuz devem ter vistas sobre a maior parte possível da Z Aç e das vias de acesso que incidem sobre ela. Quando forem limitados os acidentes do terreno que ofereçam boa observação sobre toda a Z Aç, o Cmt Cia Fuz deve valer-se da observação realizada pelos Cmt Pel. Os meios de comunicações são coordenados e utilizados ao máximo, a fim de permitir que todo comandante de fração possa observar, pedir e regular os tiros de qualquer arma de apoio.

7.3.12 APOIO LOGÍSTICO

7.3.12.1 O apoio logístico na defesa de área atenderá às seguintes condicionantes:

- a) máxima centralização dos meios;
- b) amplo desdobramento das instalações;
- c) maior segurança (dispersão); e
- d) flexibilidade que possibilite mudar rapidamente para uma operação ofensiva.

7.3.12.2 Na Def A, sempre que possível, será consumida a ração quente. As rações que compõem a reserva orgânica da Bda, de posse da Cia Fuz, e a água, poderão ser estocadas junto ao núcleo defensivo da SU.

7.3.12.3 O consumo de material para a construção de fortificações será elevado, demandando um planejamento detalhado e um pedido antecipado ao Btl. O ideal é que seja recebido próximo aos núcleos de defesa.

7.3.12.4 O consumo de munição será elevado para a manutenção da posição defensiva. Esta poderá ser estocada junto ao núcleo defensivo da SU.

7.3.12.5 Devido à natureza estática da Def A, as atividades de manutenção são realizadas da forma mais completa possível.

7.3.12.6 Deve-se zelar pela manutenção do moral da tropa e higiene sanitária, executando, sempre que possível, as atividades de banho, lavanderia, suprimento reembolsável, serviço postal e vagas em centros de recreação, áreas de repouso e

recuperação.

7.3.12.7 É desejável que existam itinerários cobertos e abrigados para a realização das tarefas de suprimento e evacuação, a fim de que sejam executadas no maior sigilo possível. Caso necessário, podem ser construídos fossos ou túneis.

7.3.12.8 Na Def A, normalmente, a ATSU é desdobrada à retaguarda dos núcleos defensivos da linha de ruptura e do PC Cia Fuz, para não interferir na manobra.

7.3.13 MEDIDAS DE SEGURANÇA

7.3.13.1 A existência de PAG e/ou PAC à frente da Z Aç da Cia Fuz não a exime da responsabilidade de providenciar sua própria segurança aproximada.

7.3.13.2 Devem ser lançados Postos de Vigia (PV) para manter vigilância ininterrupta à frente dos núcleos defensivos, alertando a Cia Fuz em caso de aproximação do Ini. Cada núcleo de Pel Fuz deve lançar, no mínimo, um PV para vigiar a VA que está defendendo.

7.3.13.3 Os PV são desdobrados à frente do LAADA, em locais de onde possam observar o terreno à frente, em posições cobertas e abrigadas.

- Devem possuir comunicação contínua com o Pel Fuz que o lançou. A Cia Fuz deve ter condições de executar apoio de fogo indireto para, eventualmente, cobrir o retraimento dos PV.

7.3.13.4 Cada PV é constituído por dois a quatro elementos que mantêm observação contínua e estabelecem sua própria segurança aproximada.

- Devem possuir equipamentos ópticos e optrônicos adequados para realizar a observação contínua, sob quaisquer condições de visibilidade.

7.3.13.5 A Cia Fuz deve realizar patrulhamento à frente do LAADA, executando ligação entre os PV e com a fração que mobília os PAC imediatamente à frente de sua P Def. As patrulhas também devem buscar indícios sobre a presença de civis ou inimigos, bem como responder às necessidades de inteligência demandadas pelo Cmt Cia Fuz.

7.3.13.6 Nos momentos de descanso, o Cmt Cia Fuz deve estabelecer medidas para que as armas de apoio estejam sempre guarnecidas e para que cada GC possua, no mínimo, uma dupla de soldados em alerta.

7.3.13.7 A segurança da Cia Fuz é complementada com o lançamento de alarmes, sensores e outras medidas passivas de camuflagem e autodefesa antiaérea.

7.3.14 CONDUÇÃO DO COMBATE DEFENSIVO

7.3.14.1 Quando o inimigo se aproxima, os PAC procuram cumprir sua missão de:

- a) fornecer alerta oportuno da aproximação do inimigo;
- b) impedir a observação direta sobre a posição defensiva;
- c) dentro de suas possibilidades, retardar, desorganizar o inimigo e iludi-lo quanto à

verdadeira posição da área de defesa;

d) causar o maior número de baixas possível ao inimigo, sem se deixar engajar decisivamente; e

e) obter o maior número possível de dados sobre o Ini, informando imediatamente ao Esc Sp.

7.3.14.2 Os PAC submetem o Ini a seus fogos diretos, bem como solicitam, observam e conduzem o tiro de artilharia, morteiro e aéreo.

7.3.14.3 Os PAC permanecem em posição o maior tempo possível, retraindo somente mediante ordem, cobertos pelos fogos de morteiro e artilharia. O retraimento deve ser executado por itinerários previamente reconhecidos e balizados até o acolhimento no LAADA.

7.3.14.4 Um importante indicador para orientar a decisão de retraimento dos PAC é quando o inimigo atinge a DER (Distância Estimada de Risco) da artilharia orgânica da Brigada. Ultrapassado esse limite, os fogos de artilharia sobre o inimigo colocariam em risco os próprios PAC, impedindo um adequado apoio de fogo.

7.3.14.5 As frações que ocupam a ADA são notificadas sobre o início do retraimento e quando todos os componentes do PAC tiverem liberado a frente do LAADA. Nesse momento, todas as brechas nos obstáculos à frente do LAADA devem ser fechadas.

7.3.14.6 À medida que o inimigo avança e alcança as linhas de acionamento, as armas abrem fogo sobre os alvos, dentro dos setores de tiro. Os Cmt Pel e GC comandam e controlam os tiros de suas frações, seguindo a prioridade e a técnica de engajamento estabelecidas pelo Cmt Cia Fuz.

7.3.14.7 Simultaneamente, os observadores avançados solicitam e corrigem os fogos de artilharia e morteiro, respeitando as respectivas DER e as diretrizes de fogos do Btl e da Cia Fuz.

7.3.14.8 Caso as frações inimigas se aproximem do LAADA, podem ser desencadeadas as barragens de artilharia ou morteiro, de forma a evitar seu avanço até a Linha de Proteção Final (LPF). Há que se tomar as precauções necessárias para que o fogo amigo não destrua os obstáculos lançados, facilitando a progressão do inimigo. A relação dos militares autorizados a solicitar fogos de barragem consta do plano de fogos do Btl.

7.3.14.9 Se o inimigo alcançar a LPF, deverão ser executados os fogos de proteção final, materializados essencialmente pelo fogo das metralhadoras, empregando a rasância e o flanqueamento, na orla posterior dos obstáculos de proteção local. Simultaneamente, os fuzileiros passam a desencadear fogos individuais, nos setores oblíquos.

7.3.14.10 Se o inimigo desencadear o assalto, será hostilizado pelo fogo, inclusive com granadas, travando-se o combate aproximado. As frações só retrairão de seus núcleos defensivos mediante ordem expressa do Cmt Cia Fuz.

7.3.14.11 O Pel Fuz na linha de ruptura tem a missão principal de bloquear qualquer penetração na Z Aç da Cia Fuz (frontal ou de flanco) e apoiar contra-ataques realizados pela SU reserva do Btl, fixando o inimigo por meio de fogos no interior da posição

coordenados pelo Btl.

7.3.14.12 Excepcionalmente, o Cmt Cia Fuz na ADA pode empregar seus Pel Fuz para executar contra-ataques, dentro de sua Z Aç. Nessas ocasiões, a ação deverá ser rápida, para neutralizar uma ameaça de pequeno poder de combate.

7.3.14.13 Caso a Cia Fuz seja cercada, seu Cmt deve reajustar o dispositivo defensivo, de forma a estar em condições de defender-se frente a ameaças em todas as direções.

7.3.15 COMPANHIA DE FUZILEIROS NA ÁREA DE RESERVA

7.3.15.1 O Btl Inf na Def A, normalmente, manterá uma Cia Fuz em sua área de reserva. Essa SU pode ser denominada “Companhia Reserva (Cia Res).

7.3.15.2 As missões da Cia Res serão detalhadas pelo Cmt Btl em suas ordens de alerta, preparatória ou de operações, a partir das quais o Cmt SU realiza seu trabalho de comando.

7.3.15.3 As missões apropriadas para a Cia Res incluem:

- a) Guarnecer os PAC na frente que corresponde ao Btl, quando for o caso;
- b) Preparar e ocupar as posições de aprofundamento, limitando as penetrações inimigas na Z Aç do Btl;
- c) Executar contra-ataques para expulsar o inimigo e restabelecer a posição;
- d) Apoiar ou reforçar as companhias de primeiro escalão, quando possível, pelo emprego de seus meios orgânicos de manobra e de apoio de fogo;
- e) Executar as missões de segurança de flanco e de área de retaguarda, quando necessário;
- f) Assumir, mediante ordem, a missão das companhias de primeiro escalão;
- g) Executar patrulhamento; e
- h) Cobrir os intervalos e brechas na frente.

7.3.15.4 Na ordem de defesa do Cmt Btl, constará a forma como a reserva estará disposta no terreno a defender.

7.3.15.4.1 A reserva deve ser localizada de forma a proporcionar flexibilidade para seu emprego.

7.3.15.4.2 Pode-se encontrar em uma das seguintes situações:

- a) Centralizada aprofundando desde já;
- b) Centralizada em uma Z Reu;
- c) Descentralizada e articulada; ou
- d) Descentralizada e fracionada.

7.3.15.5 A reserva estará centralizada, aprofundando desde já, quando seus pelotões ocuparem posições de aprofundamento, permanecendo todos sob comando da companhia. Deve ser empregada quando a frente for normal, houver poucas posições de aprofundamento e a área de reserva se caracterizar por um ponto-chave da defesa do Btl (Fig 7-8).

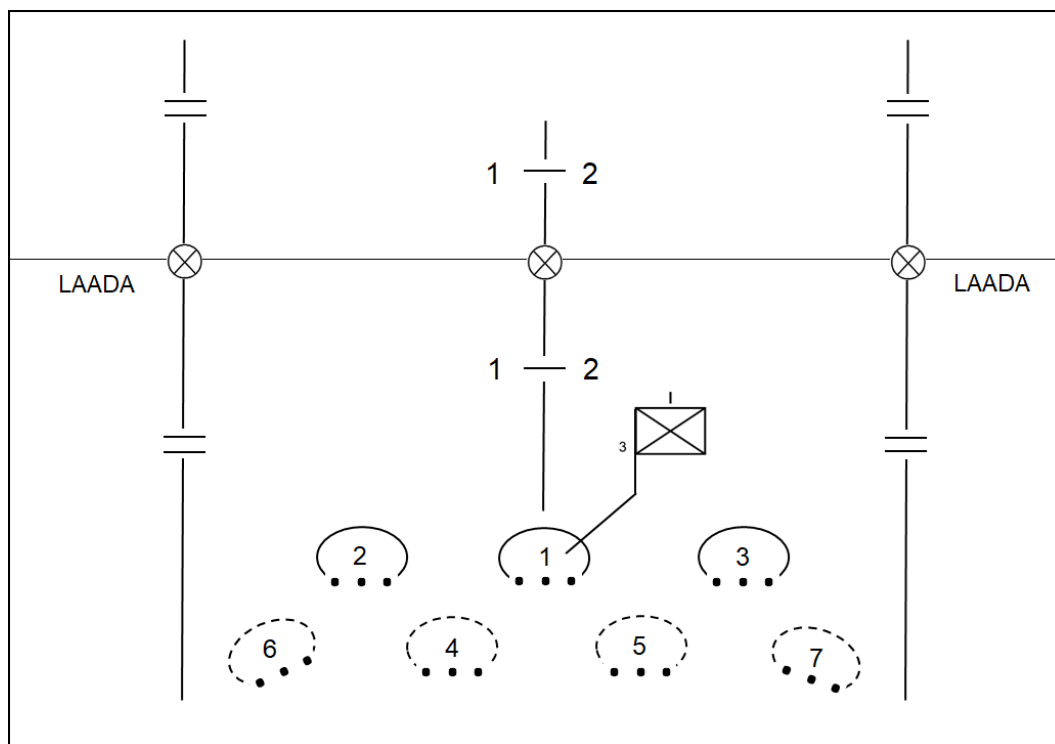


Fig 7-8 - Reserva centralizada aprofundando desde já

7.3.15.6 A reserva estará centralizada em Zona de Reunião (Z Reu) quando seus pelotões ficarem reunidos em um único local, sob comando do Cmt Cia.

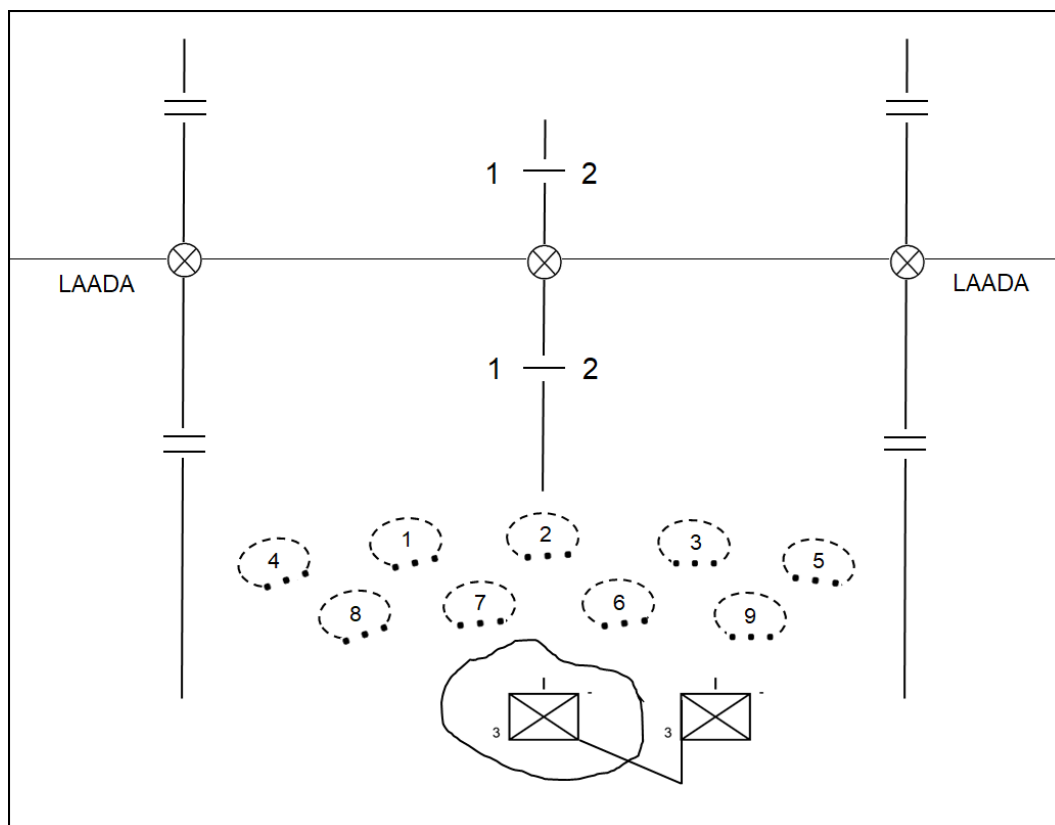


Fig 7-9 - Reserva centraliza em zona de reunião

- Tal situação verifica-se quando a defesa é realizada em frente ampla, houver muitas posições de aprofundamento, a área de reserva se caracterizar por uma região capital de defesa extensa e as condições de transitabilidade permitirem o deslocamento da reserva para qualquer parte da frente (Fig 7-9).

7.3.15.7 A reserva estará descentralizada e articulada, quando seus pelotões ocuparem mais de uma Z Reu, ou parte deles se encontrarem em Z Reu e outra parte estiver ocupando posições de aprofundamento; porém, todos os pelotões permanecem sob comando do Cmt Cia.

- Deve ser empregada quando a frente do batalhão for bastante ampla ou houver um obstáculo dissociador na área de reserva, restringindo o movimento da reserva (Fig 7-10).

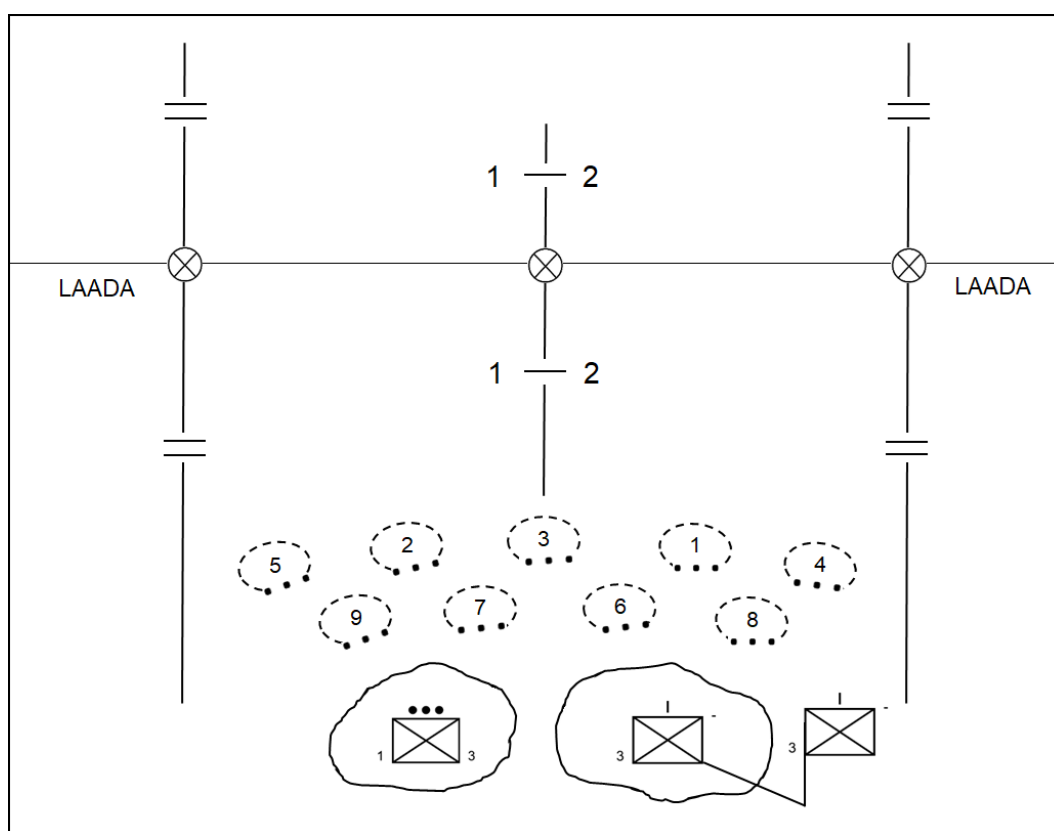


Fig 7-10 - Reserva descentralizada articulada

7.3.15.8 A reserva estará descentralizada e fracionada, quando seus pelotões ocuparem mais de uma Z Reu, permanecendo um ou mais pelotões sob comando do batalhão. Deve ser empregada quando houver um obstáculo dissociador na área da reserva que impeça o comandante da reserva de exercer o efetivo controle, acompanhar a manobra e prestar o apoio necessário às suas peças de manobra (Fig 7-11).

7.3.15.9 Quando ocupar Z Reu, a Cia Fuz deverá ficar disposta por pelotões convenientemente dispersos e abrigados contra os bombardeios aéreos e os fogos longínquos do inimigo.

7.3.15.10 As posições de aprofundamento do Btl, na área de reserva, são escolhidas de

modo a assegurar a defesa em profundidade e em todas as direções, localizadas nos acidentes do terreno que bloqueiam as VA em profundidade e nos flancos.

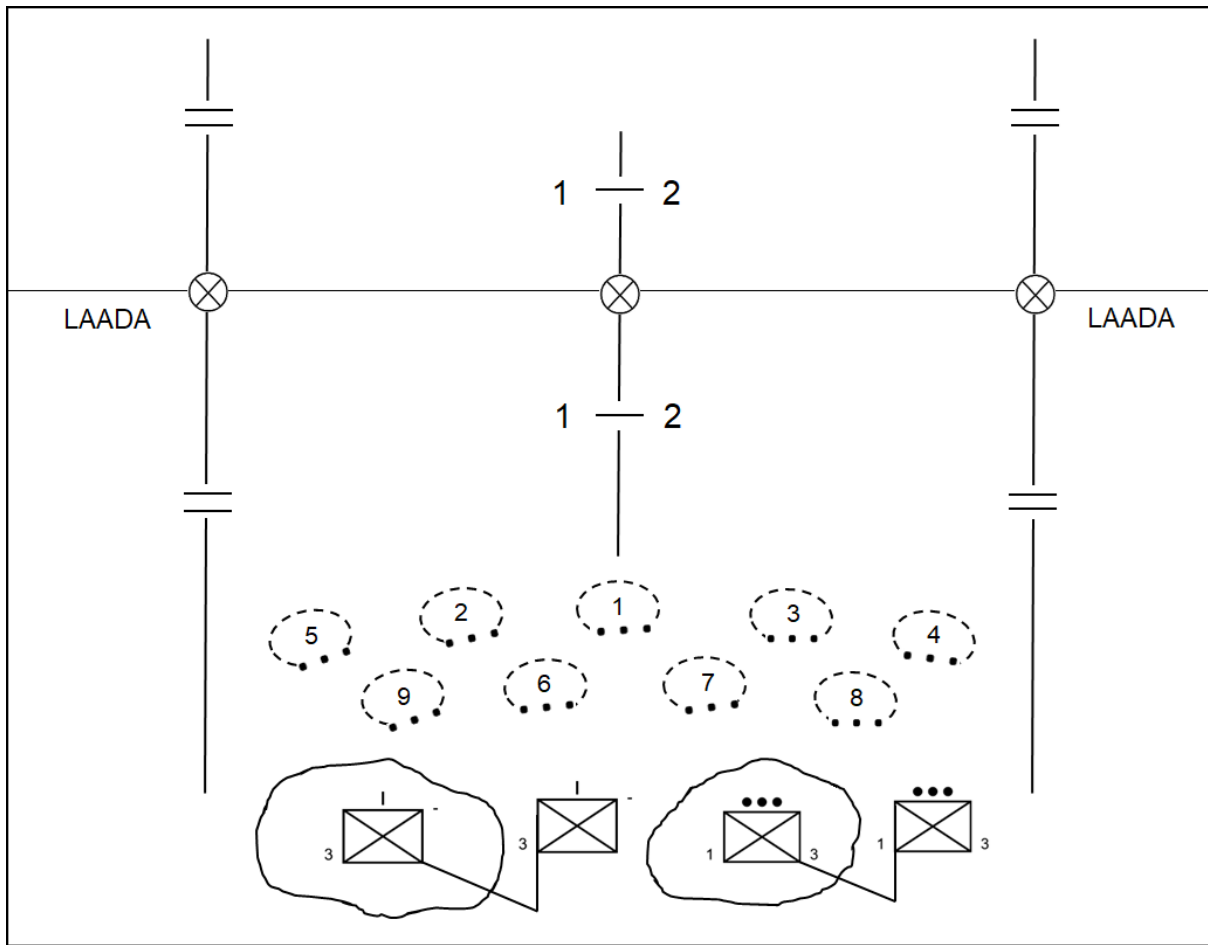


Fig 7-11 - Reserva descentralizada fracionada

7.3.15.11 A companhia reserva organiza núcleos de aprofundamento (valor Pel Fuz) em acidentes do terreno, de modo a cobrir toda a parte posterior da área de defesa do batalhão. Sempre que possível, os núcleos defensivos da área de reserva devem guardar as distâncias de apoio mútuo e dispersão daqueles localizados na ADA.

7.3.15.12 Os itinerários entre a Z Reu e os núcleos de aprofundamento preparados e não ocupados devem ser reconhecidos, balizados e protegidos contra tiros diretos e observação aérea. Esse deslocamento deverá ser ensaiado exaustivamente, em períodos com e sem luz natural.

7.3.15.13 Os núcleos defensivos da área de reserva são organizados de modo semelhante àqueles da ADA.

- Eles serão construídos na ordem de prioridade estabelecida pelo Cmt Btl que atende, em princípio, à seguinte sequência:

- a) núcleos que aprofundam a defesa à retaguarda de graus de resistência “vigiar” e “retardar”, nesta ordem;
- b) núcleos que aprofundam a defesa, na Z Aç das companhias de primeiro escalão,

que não forem preparados pelas SU da ADA;

c) núcleos que aprofundam a defesa, na área de reserva do batalhão, e que conduzem à região capital de defesa, por linhas do terreno até a última linha de defesa, priorizando as melhores VA; e

d) núcleos que barram as VA de flanco, provenientes das Z Aç vizinhas.

7.3.15.14 Para cada hipótese de ocupação dos núcleos defensivos, o Cmt Cia Res deve estabelecer setores de tiro, prioridades e técnicas de engajamento. Também deverá ser realizado todo o planejamento e coordenação de fogos de artilharia e morteiro, com especial atenção às medidas de prevenção ao fratricídio.

7.3.15.15 A Cia Res poderá apoiar os trabalhos de organização do terreno das Cia Fuz da ADA.

7.3.15.16 Além de aumentar a profundidade da defesa, a Cia Res protege os flancos e a retaguarda do batalhão. Como essa proteção raramente pode ser proporcionada a partir dos núcleos defensivos, torna-se necessária a preparação de posições suplementares.

7.3.15.17 A Seç AC/Pel Ap deve ser empregada para aprofundar a DAC nas principais VA que incidem na área de reserva do Btl.

7.3.15.18 A Seç Mrt/Pel Ap deve ser empregada para:

a) Apoiar os PAC - se a Cia Res for responsável pelos PAC, a seção poderá ficar em reforço ou Ap Dto àqueles elementos.

b) Apoiar a ADA - os morteiros podem ser instalados próximos à posição de tiro do Pel Mrt e utilizados para reforçar os fogos desses últimos no apoio à ADA. O emprego e a localização dos morteiros em reforço a essa área são coordenados de modo que o apoio à Cia Res não seja comprometido.

c) Limitar penetrações - quando a Cia Res estiver ocupando os núcleos defensivos, os fogos dos morteiros se destinam a limitar as penetrações, batendo o interior da zona penetrada ou o limite avançado da penetração, para bloqueá-la.

d) Apoiar os contra-ataques - se a Cia Res receber missão de contra-atacar, a Seç Mrt deverá fornecer-lhe apoio adequado.

7.3.15.19 Inicialmente, o Cmt Cia Res acompanha o Cmt Btl em seu posto de observação, a fim de dispor a tempo de informações acerca da situação no âmbito da Z Aç Btl e manter estreita ligação com seu comandante. Posteriormente, deve ocupar uma posição que proporcione a melhor observação sobre a zona de emprego da companhia.

7.3.15.20 O PC da Cia Res se localiza à retaguarda de suas posições principais, próximo do PC do batalhão. Quando a SU ocupa Z Reu, o PC fica localizado em seu interior.

7.3.15.21 Caso a Cia Res seja acionada para ocupar posições de aprofundamento e limitar uma penetração inimiga, deve conduzir suas ações de forma semelhante à das Cia Fuz da ADA.

7.3.15.22 A Cia Res também pode receber a ordem de realizar contra-ataques para restabelecimento de posição. Essa ação tática consiste em um ataque limitado contra

uma força atacante inimiga que tenha penetrado na posição defensiva, com a finalidade específica de reconquistar o terreno perdido, destruindo ou repelindo os elementos avançados inimigos. O contra-ataque para restabelecer a posição é dirigido contra objetivos limitados no interior da posição defensiva, cuja conquista caracterize seu restabelecimento.

7.3.15.23 Os planos de contra-ataque são preparados juntamente com os demais planos da defesa do Btl e visam fazer frente às possíveis penetrações na área de defesa.

- São elaborados, baseados em hipóteses, levando-se em consideração:

- a) provável área da penetração do inimigo;
- b) situação do inimigo no interior da penetração; e
- c) localização e disponibilidade da reserva.

7.3.15.24 Para a elaboração dos planos de contra-ataque, o Cmt Btl estabelece uma prioridade baseada no grau de ameaça da penetração inimiga para a posição defensiva do Btl. Os planos de contra-ataque, normalmente, terão que ser adaptados às circunstâncias diferentes de cada situação.

7.3.15.25 O planejamento de cada contra-ataque, incluindo dispositivo, manobra e ordens aos elementos subordinados, é elaborado pelo Cmt Cia Res, em coordenação com o comando do Btl e os comandantes dos elementos de apoio.

- Os planos de contra-ataque devem ser ensaiados de dia e de noite, na medida em que o tempo disponível e a segurança o permitirem. Entretanto, pelo menos o reconhecimento e um ensaio dos comandos subordinados são indispensáveis.

7.3.15.26 O planejamento para um contra-ataque é semelhante àquele para um ataque, mas o Cmt Cia Res deve dar especial atenção aos seguintes aspectos:

- a) Limitação da penetração inimiga
 - A ordem do Btl pode designar à Cia Fuz na ADA ou à Cia Res a limitação da penetração. No primeiro caso, deverá ser executada uma detalhada coordenação entre as SU para mitigar o risco de fratricídio no momento do contra-ataque, realizado pela Cia Res. No segundo caso, dependendo dos fatores da decisão, o contra-ataque será realizado pelo Btl Res da Bda.
- b) Objetivo
 - O objetivo designado ao elemento de contra-ataque é, normalmente, um acidente capital, na região ocupada pelo Ini, cuja conquista seja decisiva para destruí-lo e restaurar a área de defesa do Btl.
- c) Composição da força de contra-ataque:
 - Na execução do contra-ataque, o Cmt Cia Res emprega todos os meios disponíveis em uma única e decisiva ação. Normalmente, a SU recebe outros elementos do Btl em reforço ou em apoio direto. O emprego parcelado da reserva poderá retardar a decisão ou comprometer a ação. Em princípio, a Cia Res não constitui reserva para o contra-ataque, pois raramente teria oportunidade para empregá-la.
- d) Itinerários
 - Os itinerários para o deslocamento da Cia Res da Z Reu até a LP são selecionados

de modo a serem os mais curtos possíveis, tirando partido das cobertas e abrigos.

e) Posição de ataque

- A P Atq é selecionada, porém só será utilizada se necessária à execução do contra-ataque, uma vez que a reunião prévia de tropa pode resultar em um retardo desnecessário.

f) Linha de partida

- Normalmente, a LP é a própria linha de contato, coincidindo com a orla anterior do(s) núcleo(s) que limita(m) a penetração.

g) Hora do contra-ataque

- Na fase de planejamento, a hora do contra-ataque não pode ser estabelecida. Entretanto, podem ser estimados os prazos de que a reserva necessita para iniciar a execução após o recebimento da ordem.

h) Direção de contra-ataque - a direção de contra-ataque é selecionada com base na comparação das VA para o contra-ataque, de acordo com os seguintes aspectos:

- A posição de ataque deve ser coberta e abrigada dos fogos inimigos, e próxima da localização da reserva;
- A penetração inimiga deve ser abordada pelo flanco;
- Os flancos da força de contra-ataque devem ser protegidos;
- A ultrapassagem de elementos empenhados na limitação da penetração deve ser evitada;
- A Via A deve ser dominante;
- A Via A deve ser curta e bem orientada;
- A Via A deve ser pouco compartimentada, de preferência longitudinal; e
- A Via A deve favorecer o emprego de carros de combate.

i) Apoio de fogo

- É proporcionado pelas armas orgânicas, em reforço e em apoio à Cia Res que, normalmente, passa a ter prioridade de fogos do Btl. Quando possível, também será apoiada pelas armas das Cia Fuz da ADA.

j) Missões após o contra-ataque

- A Cia Res pode assumir a defesa da área penetrada após a restauração, reforçar a Cia Fuz que permanece na ADA ou retornar à reserva do Btl. Essa decisão constará da ordem do Cmt Btl.

7.3.15.27 Caso o Cmt Btl determine o desencadeamento de um contra-ataque, a Cia Res se deslocará pelos itinerários já planejados e reconhecidos, de modo a alcançar a LP já desdobrada.

- Durante o deslocamento da Cia Res, são realizados fogos para neutralizar o inimigo, limitar seu movimento e penetração e evitar que seja reforçado.

7.3.15.28 Mediante coordenação de fogos, antes que a Cia Res alcance a DER da artilharia e morteiros, o fogo de apoio é transportado para evitar o fratricídio, sendo realizado tão somente para dificultar o reforço da tropa inimiga.

7.3.15.29 Uma vez conquistado o objetivo, os fuzileiros completam a limpeza da área e passam a reocupar a posição.

- O inimigo que tiver sido expulso de uma penetração não deve ser perseguido além do LAADA, exceto pelo fogo.

7.3.15.30 Se o contra-ataque fracassar e o inimigo não for expulso da posição, a Cia Res se aferra ao terreno, mantendo as posições conquistadas até que receba outras ordens ou seja reforçada.

- O Btl deve ser imediatamente informado da situação.

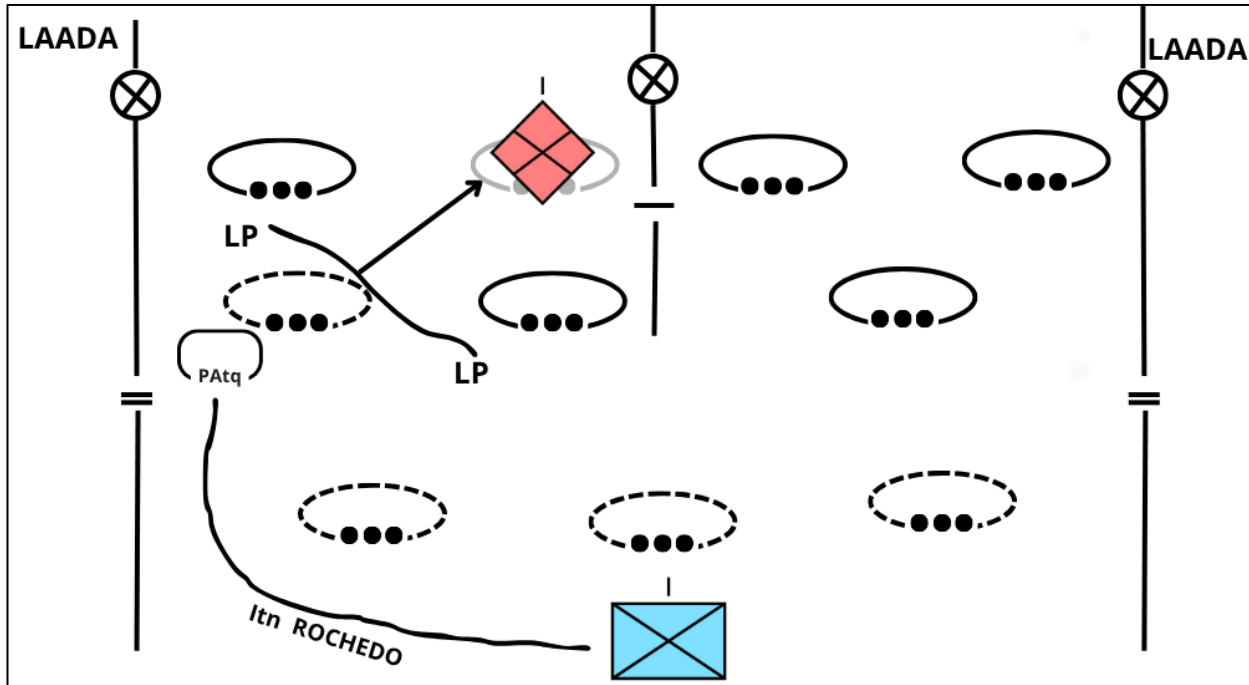


Fig 7-12 - Contra-ataque da Cia Res para restabelecimento da posição

7.4 TÁTICAS E TÉCNICAS ESPECIAIS DE DEFESA

7.4.1 As operações defensivas não se limitam aos tipos e às formas de emprego clássicas. Outras ações, táticas e técnicas podem ser executadas, considerando sempre os fundamentos das operações defensivas.

7.4.2 DEFESA ELÁSTICA

7.4.2.1 A defesa elástica tem por objetivo limitar a possibilidade de o inimigo realizar uma penetração ou um desbordamento de uma posição defensiva. O cerne dessa técnica está em enfraquecer as forças inimigas à frente da posição defensiva para depois destruí-las enquanto progredirem no interior da zona de ação.

7.4.2.2 A defesa elástica admite a penetração do inimigo em uma região. A posição é ocupada por tropas desdobradas em profundidade para permitir o ataque em toda a extensão da formação inimiga.

- Pode ser empregada, por exemplo, quando o terreno dificultar a defesa e permitir, em boas condições, o bloqueio do inimigo em profundidade.

7.4.2.3 A defesa elástica pode ser realizada por tropas de valor batalhão e de brigada.

7.4.2.4 A Cia Fuz participará de uma defesa elástica inserida na manobra do Btl. Normalmente, será empregada para deter o inimigo à frente do LAADA ou em profundidade, adotando conduta semelhante a uma Cia Fuz da ADA (Fig 7-13).

7.4.2.5 Maiores considerações acerca do planejamento e da execução da defesa elástica constam do manual EB70-MC-10.335 BATALHÕES DE INFANTARIA (1ª Edição, 2023).

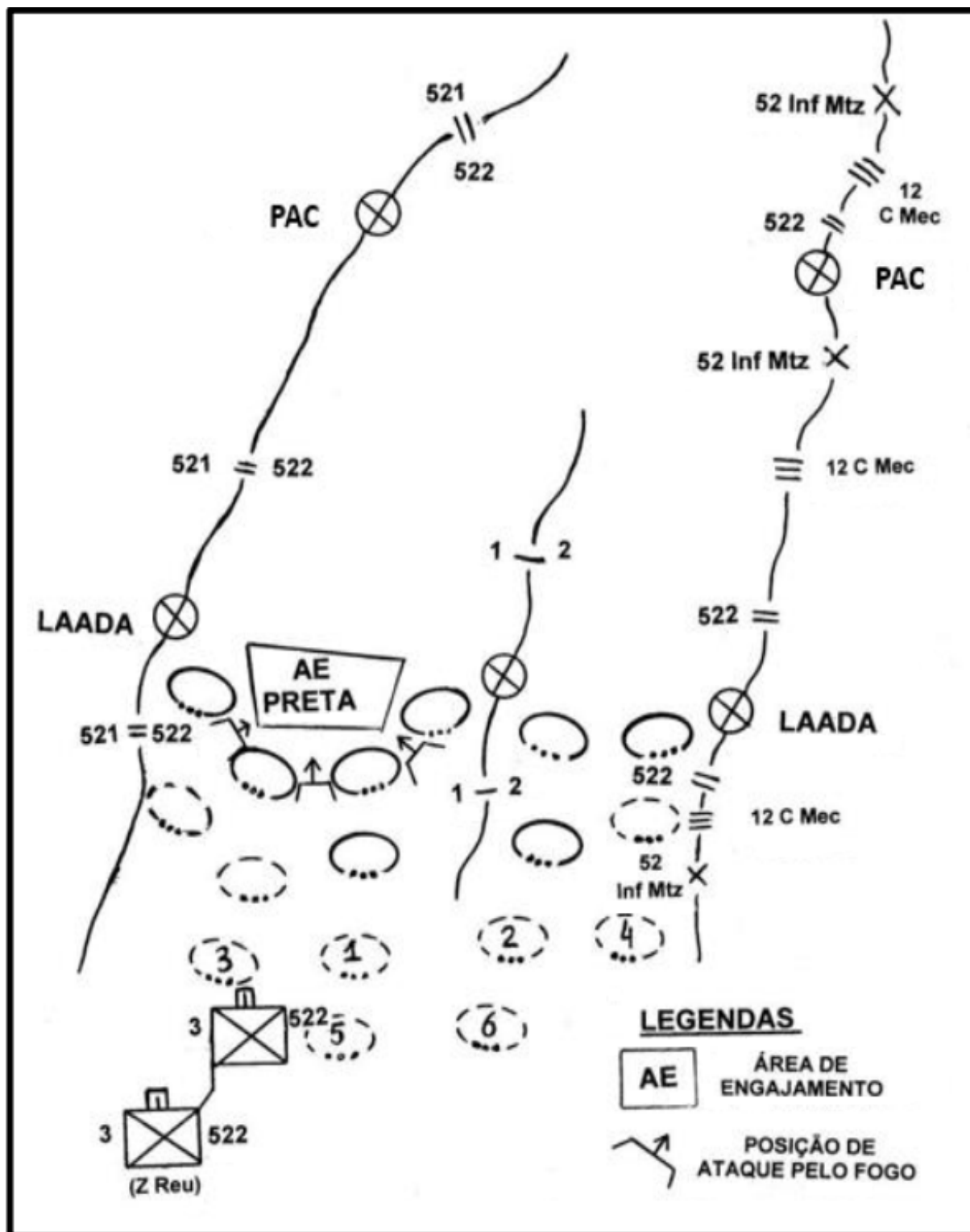


Fig 7-13 - Esquema de manobra de defesa elástica

7.4.3 DEFESA CIRCULAR

7.4.3.1 A defesa circular ou em perímetro é uma posição defensiva voltada para todas as direções (360°), com a finalidade de impedir o acesso do inimigo à área defendida.

7.4.3.2 A Cia Fuz pode executar uma defesa circular dentro do dispositivo do Btl. Nessa situação, deverá tomar as medidas defensivas semelhantes a uma defesa de área, esteja ela empregada na ADA ou como reserva (Fig 7-14).

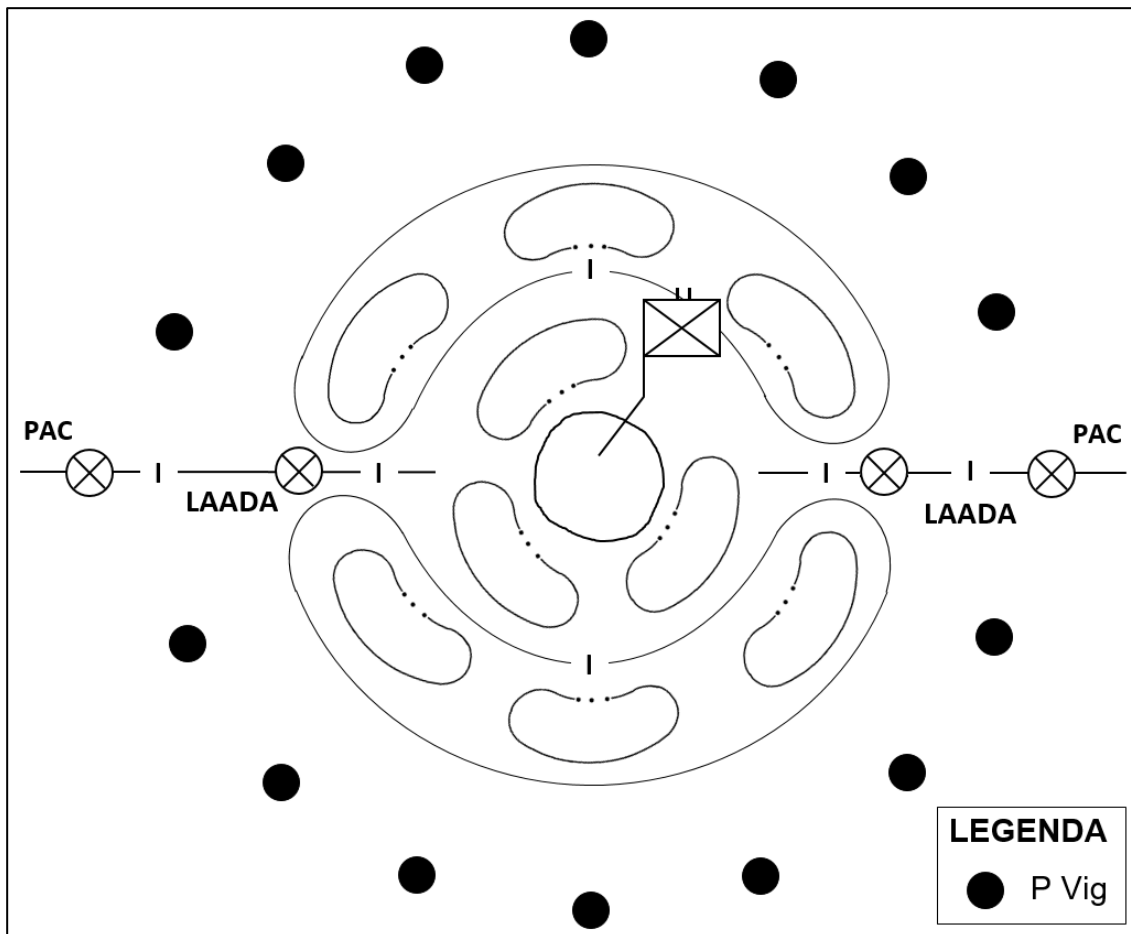


Fig 7-14 - O batalhão na defesa circular, duas Cia Fuz no perímetro

7.4.3.3 Também pode adotar esse dispositivo isoladamente, normalmente no interior das linhas inimigas, tais como cabeça de ponte aérea (aeroterrestre ou aeromóvel), pontes, pistas de pouso, zonas de reunião, zonas de pouso de helicópteros, ou quando estiver cercada pelo inimigo (Fig 7-15).

7.4.3.4 A Cia Fuz, nessa situação, normalmente não dispõe de apoio mútuo com outra tropa amiga e defende com a maioria dos fuzileiros e armas AC na periferia, enquanto a reserva e os meios de apoio de fogo indireto ficam no centro do dispositivo, a fim de serem empregados em qualquer direção.

7.4.3.5 Na defesa circular, cresce em importância o patrulhamento em torno do perímetro e da coordenação dos fogos para evitar fratricídio ou baixas em civis.

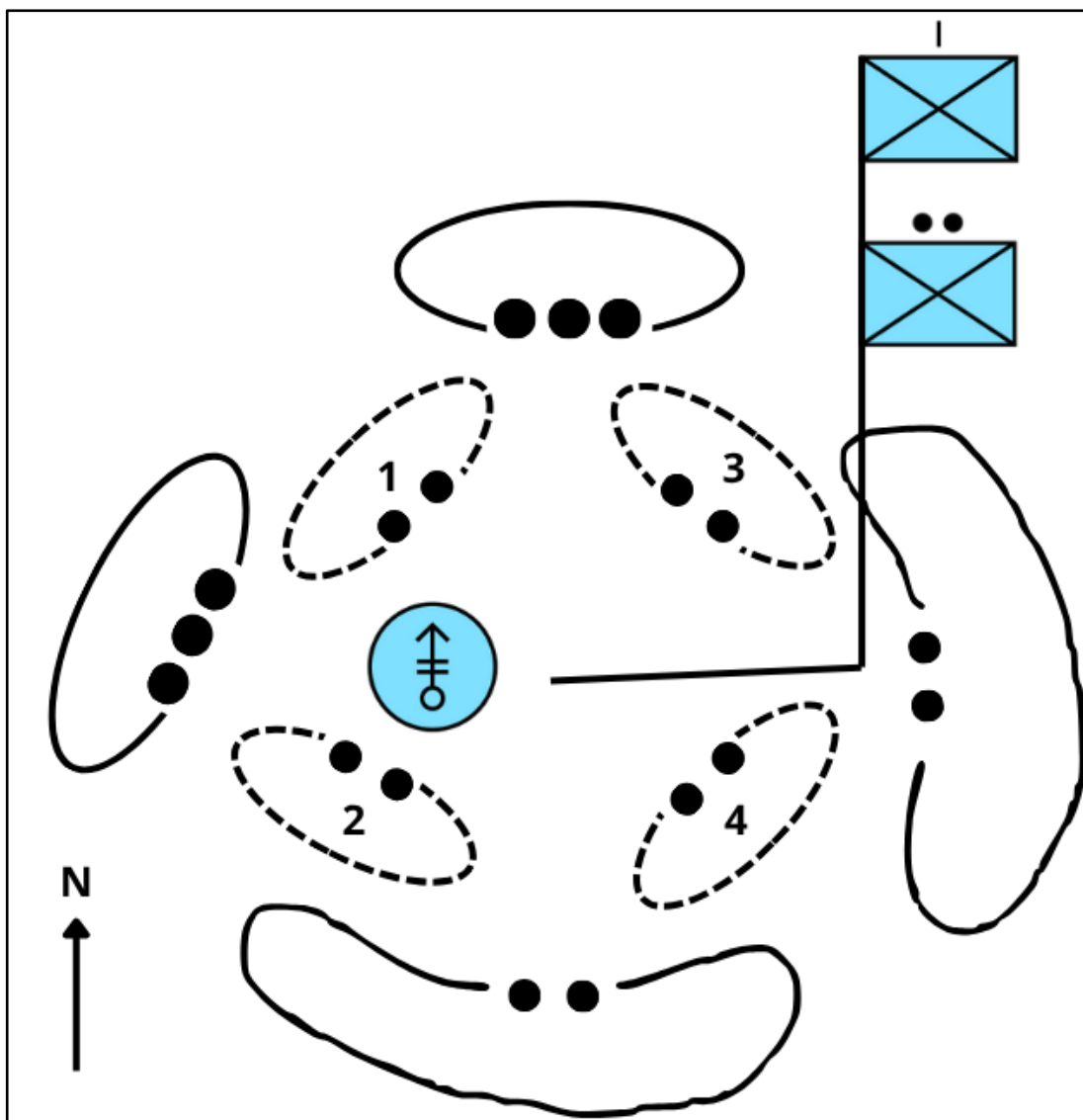


Fig 7-15 - A Cia Fuz na defesa circular (Pcp ameaça a NW)

7.4.3.6 A segurança externa da ADA é assegurada por pequenos postos de vigilância, localizados em pontos que dominam e controlam as prováveis vias de acesso e por meios passivos, como armadilhas, dispositivos de alarme e de vigilância eletrônica. Os elementos de apoio ao combate podem apoiar a partir do interior da posição ou de outro local. O suprimento e a evacuação devem ser feitos, sempre que possível, com a utilização de meios aéreos.

7.4.4 DEFESA EM PONTO FORTE

7.4.4.1 Um ponto forte é uma posição altamente fortificada e apoiada em um acidente natural do terreno para deter, dividir ou desviar a direção de forças inimigas de valor ponderável ou impedir seu acesso a determinada área ou infraestrutura.

7.4.4.2 O ponto forte é, essencialmente, uma posição defensiva de difícil conquista. O inimigo não pode ultrapassá-lo sem sofrer acentuado desgaste, pois é obrigado a realizar vários ataques para conquistá-lo. Normalmente, a defesa em ponto forte adota o dispositivo de defesa circular.

7.4.4.3 Caracteriza-se por posições fortificadas, denso e eficiente sistema de barreiras e meios de apoio de fogo e logístico que permitam à tropa suportar ações prolongadas. Um ponto forte é defendido até que a tropa seja substituída ou receba ordem do Esc Sup para retrair.

7.4.4.4 A Cia Fuz pode ser empregada em um ponto forte inserida na manobra do Btl ou de forma isolada. Para cumprir essa missão, normalmente, será reforçada com elementos de engenharia, armas de apoio e apoio logístico.

7.4.4.5 Devem ser feitos estoques de suprimento em cada posição, principalmente de Classe I, e V (Mun). Outros itens de suprimento julgados necessários para aumentar a capacidade de sobrevivência do ponto forte devem ser levantados.

7.4.4.6 O ponto forte deve ser dividido em várias posições ou setores independentes, respeitando o apoio mútuo entre eles. Isso deve permitir que, se uma das posições ou setores tiverem de ser evacuados ou forem ultrapassados, a penetração inimiga seja limitada com obstáculos (escalonados em profundidade) e fogos, permitindo a realização de um contra-ataque.

7.4.5 DEFESA CONTRA TROPAS AEROTERRESTRES E AEROMÓVEIS

7.4.5.1 A defesa contra tropas aeroterrestres e aeromóveis consiste em medidas de proteção estabelecidas por meio de um sistema de alarme, utilizando elementos de segurança. Tem a finalidade de dar o alerta oportuno e impedir a atuação dessas tropas.

7.4.5.2 Assaltos aeroterrestres e aeromóveis são conduzidos em grandes profundidades. As Cia Fuz empregadas em operações defensivas podem ser incluídas no sistema de alarme quanto à aproximação de aeronaves, devendo manter suas posições e missões na defesa caso o inimigo realize um ataque.

7.4.5.3 A Cia Fuz empregada na área de retaguarda deve realizar um reconhecimento pormenorizado para localizar as prováveis zonas de lançamento e desembarque de forças inimigas. Quando necessário, podem ser empregadas patrulhas, dispositivos de alarme, bloqueios de estradas e vigilância com equipamento de radar, quando disponível, para cobrir toda a área. Devem ser tomadas medidas para prover segurança aos elementos logísticos e de C² na área.

7.4.6 DEFESA EM CONTRAENCOSTA

7.4.6.1 A defesa na contraencosta é uma técnica especial de defesa na qual a posição é organizada em uma porção do terreno que é mascarada por uma crista topográfica. Destacam-se como grandes vantagens dessa técnica: a surpresa, a proteção contra a observação e os tiros diretos inimigos.

7.4.6.2 Algumas situações podem levar o Cmt Btl a dispor uma ou mais Cia Fuz defendendo em contraencosta:

- a) quando a encosta se encontra sob o domínio inimigo, tornando-se insustentável devido aos seus fogos;
- b) quando o terreno na contraencosta possibilita campos de tiro melhores ou iguais aos

que seriam obtidos defendendo-se na encosta;

c) quando a posse da encosta não é essencial à observação;

d) quando houver um saliente pronunciado no terreno ao longo da frente a defender, expondo o dispositivo a um flanqueamento pelo inimigo;

e) quando for necessário obter surpresa e iludir o inimigo quanto à localização das principais posições defensivas;

f) quando houver indícios do emprego de agentes QBRN por parte do inimigo;

g) quando se desejar negar ao inimigo a observação e os fogos diretos sobre as posições defensivas, particularmente visando facilitar os ressuprimentos; e

h) quando o tempo de preparo das posições for exíguo.

7.4.6.3 A chave para a defesa em contraencosta é o controle da crista topográfica por meio de fogos e emprego adequado de obstáculos. Os núcleos defensivos devem se posicionar na contraencosta de forma que possam executar o fogo direto de seu armamento orgânico sobre a crista topográfica.

7.4.6.4 Ao desdobrar suas forças dessa maneira, o Cmt Cia Fuz evita que o inimigo engaje seus núcleos defensivos antes que esteja dentro do alcance eficaz de todo o armamento orgânico do sistema defensivo. Essa tática não somente protege o defensor das armas de tiro direto inimigas até que estas estejam dentro do alcance eficaz de seu sistema de armas, mas também obriga o inimigo a mudar sua tática ofensiva.

7.4.6.5 Para prover a segurança aproximada, a Cia Fuz deve estabelecer uma série de postos de vigia/escuta à frente de sua crista topográfica. Ainda que a função primordial de tais postos seja a de prover observação e alerta oportuno, podem também ser utilizados em outras tarefas, tais como a simulação de posições falsas de acordo com o plano de dissimulação tática.

7.4.6.6 A Seq AC/Pel Ap deve ser empregada à frente da crista topográfica, em posições provisórias. As posições principais devem ser preparadas nas alturas dominantes à retaguarda do LAADA. Quando as posições mais avançadas se tornam insustentáveis, aquelas armas deslocam-se para suas posições à retaguarda, de onde possam engajar os blindados inimigos.

7.4.6.7 Se o inimigo é forte em blindados, o Cmt Cia Fuz pode decidir posicionar seus núcleos mais próximos da crista topográfica, onde possa empregar seu armamento AC orgânico para engajar o atacante, no momento em que suas viaturas atravessem a crista topográfica.

7.4.6.8 Os fogos de proteção final são planejados para destruir o inimigo quando ele tentar transpor a crista. O LAADA, em geral, fica localizado, no mínimo, a 200 metros da crista, para proporcionar campos de tiro convenientes e permitir o desencadeamento dos fogos de proteção final sem pôr em perigo a tropa amiga.

7.4.6.9 Caso a Cia Fuz seja designada como reserva do Btl, poderá estar localizada na contraencosta do próximo movimento topográfico, desde que essa localização possibilite um emprego oportuno.

7.4.6.10 O sucesso da defesa em contraencosta reside em impedir o inimigo de utilizar a crista topográfica da elevação ocupada.

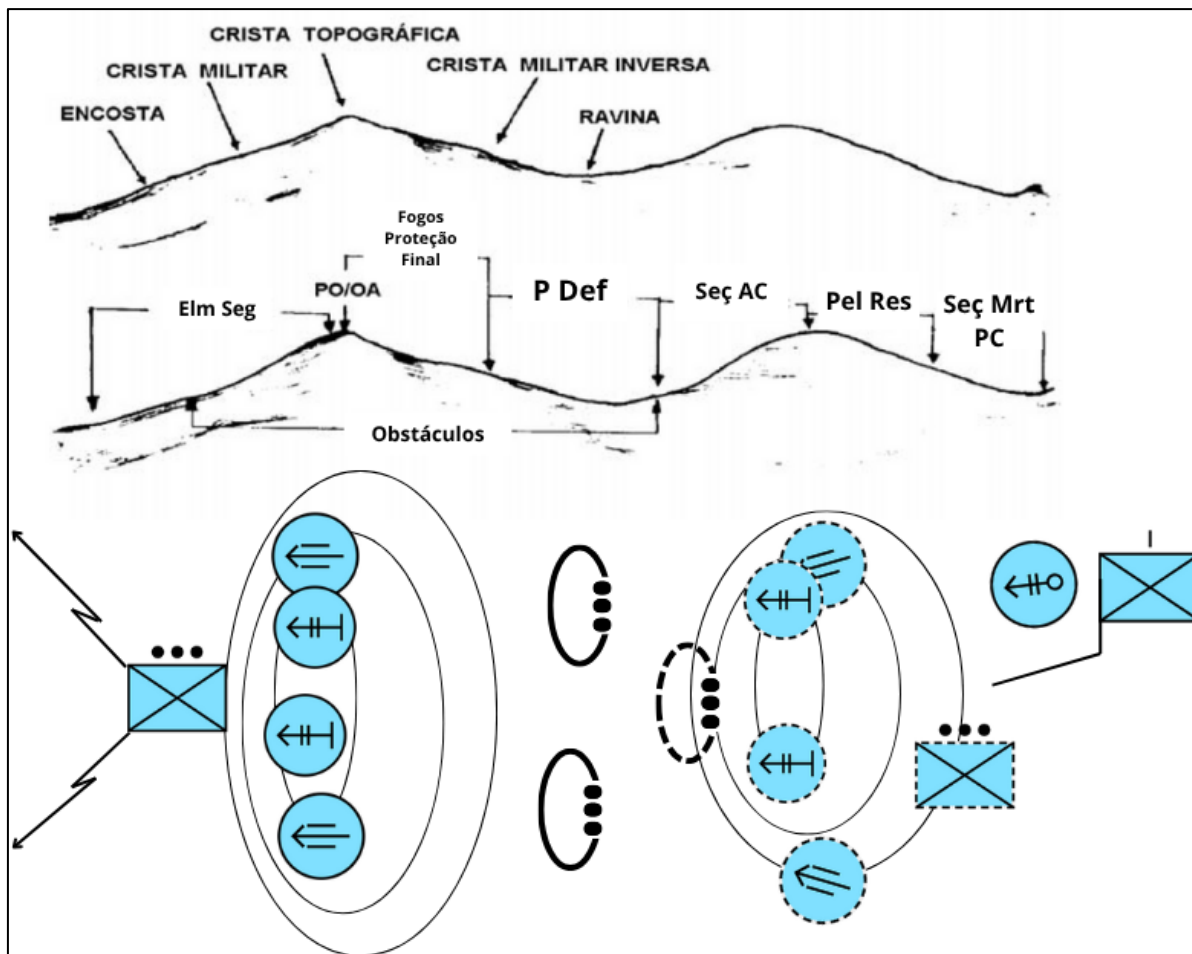


Fig 7-16 - Defesa em contraencosta

7.4.7 DEFESA EM AMBIENTE URBANO

7.4.7.1 A defesa em ambiente urbano tem por principal finalidade tática evitar a utilização integral pelo inimigo das vias de transporte (estradas de rodagem, ferrovias e cursos de água navegáveis) que passam em seu interior ou em suas proximidades.

7.4.7.2 As áreas urbanas constituem pontos de apoio importantes e reforçam o conjunto da defesa, sobretudo quando preparadas com antecedência. Mesmo cercadas ou ultrapassadas, elas retêm forças inimigas, tanto mais consideráveis quanto maiores suas dimensões, constituindo-se em ameaças às suas vias de comunicação.

7.4.7.3 Apoio mútuo, defesa em todas as direções, defesa em profundidade são os princípios que se destacam em uma defesa em ambiente urbano.

7.4.7.4 A organização da defesa da área urbana ocorre ocupando-se acidentes capitais com comandamento em torno dela. Para os deslocamentos a pé, as galerias subterrâneas e plataformas de metrô podem ser utilizadas, dificultando a observação e os fogos inimigos. Barreiras com escombros devem ter amplo emprego na defesa em profundidade no interior da Z Aq.

7.4.7.5 A ocupação de pontos fortes no interior da área pode ser executada nos edifícios e construções dominantes, caracterizando a observação em toda a área a ser defendida.

7.4.7.6 As seguintes observações devem ser consideradas no planejamento da Cia Fuz para uma defesa em ambiente urbano:

- a) As metralhadoras e armas AC devem priorizar os campos de tiro mais largos e profundos, como ruas e praças que lhes permitam melhores campos de observação;
- b) A frente da Cia Fuz na defesa em área urbana deve ter a extensão de 2 a 4 quarteirões e a profundidade de 2 a 3 quarteirões (1 quarteirão possui aproximadamente 175m de frente e profundidade);
- c) A prioridade dos trabalhos de preparação dos núcleos defensivos é praticamente idêntica à utilizada em terreno rural;
- d) Os núcleos defensivos devem bloquear as VA subterrâneas, ao nível do solo e nos andares superiores; e
- e) Durante a preparação dos núcleos defensivos, o Cmt Cia Fuz deve canalizar o inimigo para o interior de corredores de tiro batidos por suas armas orgânicas. Para isso, telhados de casas e edifícios ocupados devem ser armadilhados ou obstruídos com entulhos, móveis e escombros, assim como pisos superiores, portas, janelas, escadas e corredores que caracterizem uma entrada nas edificações. Áreas subterrâneas, como porões, garagens, corredores, escadas, que forneçam acesso à posição e não estejam sendo utilizados pela fração, também devem ser obstruídas. As medidas nos telhados também servem para impedir o inimigo de utilizá-los como local de pouso de helicópteros.

7.4.7.7 Maiores informações sobre as TTP de combate em Ambi Urb estão disponíveis no caderno de instrução EB70-CI-11.434 TÁTICAS, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS PARA OPERAÇÕES EM AMBIENTES URBANOS (1ª edição, 2022).

7.5 DEFESA MÓVEL

7.5.1 A defesa móvel é baseada no eficiente emprego do fogo e da manobra para destruir o inimigo. Um mínimo de poder de combate é empregado na ADA para alertar sobre o início de um ataque, canalizar a força atacante para regiões previamente escolhidas e favoráveis a um contra-ataque de destruição, a ser executado por uma força de choque em reserva.

7.5.2 A maior parte das forças de combate é organizada em uma forte reserva móvel, prioritariamente blindada ou mesmo mecanizada, localizada em posição favorável às ações ofensivas e cujo principal objetivo é a destruição do inimigo.

7.5.3 Normalmente, a defesa móvel é conduzida pela DE ou C Ex. A Cia Fuz, por si só, não tem capacidade de conduzir uma defesa móvel, mas pode participar dela como parte de uma força maior.

7.5.4 DE ACORDO COM O PLANEJAMENTO DO ESC SP, A CIA FUZ PODE SER EMPREGADA:

- a) como parte da F Seg;
- b) integrando as forças de primeiro escalão, como força de fixação, realizando uma defesa de área ou um movimento retrógrado; e
- c) na reserva móvel, integrando a força de choque ou a força de contra-ataque.

7.5.5 Em qualquer das três situações, o emprego da Cia Fuz não sofre grandes modificações daquele preconizado na defesa de área e movimentos retrógrados.

7.6 RETRAIMENTO

7.6.1 O retraimento é um movimento retrógrado, por meio do qual o grosso de uma força engajada rompe o contato com o inimigo, de acordo com a decisão do Esc Sp. Alguns elementos permanecem em contato para evitar que o inimigo persiga o grosso das forças amigas e para infligir-lhe danos, pelo fogo e por uma manobra adequada

7.6.2 O retraimento poderá ser diurno ou noturno. O retraimento diurno, sempre que possível, deve ser evitado, pois os fogos observados inimigos podem resultar em pesadas baixas e a perda da liberdade de ação. Em contrapartida, os retraimentos noturnos proporcionam maior liberdade de ação, facilitam a dissimulação e reduzem a eficiência da observação e dos fogos inimigos.

7.6.3 Em qualquer retraimento, todos os meios capazes de reduzir a observação inimiga (fumígenos, entre outros), bem como os períodos em que essa observação ficar prejudicada (nevoeiros e chuvas intensas, por exemplo) devem ser bem empregados e aproveitados.

7.6.4 Os retraimentos se classificam em dois tipos:

- a) Retraimento sem pressão do inimigo; e
- b) Retraimento sob pressão do inimigo.

7.6.5 PLANEJAMENTO

7.6.5.1 No planejamento de um retraimento, são consideradas as possibilidades do retraimento sob pressão e sem pressão, dando-se prioridade ao planejamento do primeiro.

7.6.5.2 A ordem de operações da Cia Fuz para um retraimento deve abordar, com ênfase, os seguintes aspectos:

- a) missão subsequente (local, dispositivo e outros) da SU após o retraimento;
- b) zonas de retraimento e retirada e itinerários de retirada a serem utilizados pelas frações subordinadas;
- c) valor e missão das forças de segurança ou de contato (composição, hora de assunção do comando, itinerário e a hora do retraimento);
- d) hora e sequência do retraimento e da retirada de todos os elementos subordinados;
- e) medidas de controle (linhas de controle, ponto de controle de trânsito, hora de retraimento, Z Reu e outros) para o retraimento e para a retirada, se for o caso;
- f) prescrições para a evacuação de baixas;
- g) prescrições sobre a evacuação e destruição de suprimentos e equipamentos;
- h) apoio de fogo;
- i) apoio logístico;
- j) planos alternativos; e
- k) medidas de proteção eletrônica, proteção cibernética, cobertura e dissimulação.

7.6.5.3 Se o retraimento implicar em movimento através de uma posição defensiva ocupada por outra SU, será necessária uma detalhada coordenação. O Cmt Cia Fuz designa um elemento de ligação para executar a coordenação com o comando da tropa que executará o acolhimento. As medidas de coordenação e controle devem ser disseminadas por todos os pelotões. O planejamento deve incluir a previsão de guias, medidas para evitar o fratricídio, o estabelecimento de comunicações e sinais de reconhecimento. Após o acolhimento, o movimento para a retaguarda caracteriza-se como uma retirada.

7.6.5.4 O planejamento deve proporcionar aos elementos subordinados o tempo necessário para a realização de reconhecimentos diurnos da nova posição, do terreno e itinerários entre a posição inicial e a nova.

7.6.6 RETRAIMENTO SEM PRESSÃO DO INIMIGO

7.6.6.1 Um retraimento sem pressão do inimigo exige o emprego de contrainteligência eficaz e depende, principalmente, do controle, da segurança e da dissimulação.

7.6.6.2 O controle é proporcionado pela preparação completa de planos pormenorizados, e a segurança, por meio da dissimulação, que é obtida pela simulação de fogos, de tráfego de rádio e de outras atividades normais. Essas medidas são estabelecidas pelo Cmt Btl e devem ser executadas pela Cia Fuz.

7.6.6.3 No retraimento sem pressão do inimigo, a Cia Fuz, normalmente, retrai por meio de suas próprias posições e, após reunir-se, retira-se com o Btl para uma nova posição, onde cumprirá outra missão.

7.6.6.4 De acordo com as ordens do Cmt Btl, normalmente, o Cmt Cia Fuz desdobra a SU em destacamento de contato e grosso.

7.6.6.5 O destacamento de contato é a parte dos elementos de manobra e de apoio da companhia que permanece em contato com o inimigo com o objetivo de simular as atividades normais na frente e, dentro de suas possibilidades, prover segurança ao retraimento do grosso. Esse destacamento tem limitada possibilidade de resistência e depende, principalmente, da dissimulação para cumprir sua missão.

7.6.6.6 O destacamento de contato tem, geralmente, as seguintes missões:

- a) simular as atividades normais da frente (manter a fisionomia da frente);
- b) prosseguir no cumprimento da missão por tempo limitado (quando determinado e dentro de suas possibilidades);
- c) cobrir o retraimento do grosso, dentro de suas possibilidades; e
- d) manter o contato com o inimigo.

7.6.6.7 O retraimento desse destacamento ocorre em uma hora determinada, mediante ordem, ou na ocorrência de uma contingência específica.

7.6.6.8 O Cmt Btl determina o emprego dos destacamentos de contato das companhias, bem como o fornecimento do apoio de fogo necessário ao cumprimento da missão, incluindo a ação que deve ser realizada em caso de ataque inimigo.

7.6.6.9 O efetivo e a composição do destacamento de contato são fixados pelo Cmt Btl. Em geral, não excede um terço do efetivo de fuzileiros da companhia, acrescido de um terço à metade das armas de apoio. Normalmente, um GC é deixado em cada núcleo de Pel das Cia Fuz na ADA.

7.6.6.10 Também compõem o destacamento de contato, de um terço a metade dos elementos de apoio de fogo orgânicos ou em reforço, com os respectivos observadores avançados, que devem permanecer em condições de solicitar e observar os fogos. Essas frações permanecem com as guarnições reduzidas e o material indispensável ao cumprimento da missão.

7.6.6.11 O Cmt Cia Fuz deve designar o SCmt Cia ou um dos Cmt Pel como comandante do destacamento de contato.

7.6.6.12 Caso a Cia Fuz seja a reserva do Btl, comporá a reserva do destacamento de contato com um Pel Fuz, reforçado pela turma de reconhecimento.

7.6.6.13 A reserva do destacamento de contato pode receber as seguintes missões:

- a) patrulhar a A Rtgd ou ocupar posições de aprofundamento;
- b) atuar como Elm Seg, cobrindo o retraimento do destacamento; e
- c) manter o contato com o inimigo após o retraimento dos Elm 1º Esc do destacamento.

7.6.6.14 Os Cmt Btl e Cia exercem o controle utilizando as medidas a seguir:

- a) Sequência de retraimento e retirada
 - O Cmt Btl estabelece a sequência de deslocamento das SU e outros elementos, estabelecendo a hora de início do movimento para cada uma delas. O horário para as Cia Fuz da ADA corresponde à hora de retraimento estabelecida pelo Esc Sp.
- b) Zonas de reunião
 - A Z Reu da Cia Fuz deve ser localizada o mais à frente possível, para facilitar a rápida reorganização. Normalmente, estará localizada imediatamente à retaguarda da reserva da SU. A Z Reu deve estar situada junto a bons itinerários de retirada, desenhados, com espaço suficiente para a manobra de viaturas em seu interior ou nas proximidades. Pode deixar de ser ocupada, quando o comandante concluir que a operação pode ser conduzida sem sua utilização.
 - No caso de virem a ser utilizadas, o tempo de permanência nelas deve ser mínimo, e a Cia Fuz ocupante deve prover sua própria segurança. A critério do Cmt, as frações podem ser liberadas para a retaguarda, à medida que cheguem à Z Reu, sem necessidade de aguardar as demais frações.
- c) Itinerários de retirada
 - O Cmt Btl designa itinerários de retirada para as Cia Fuz subordinadas. São designados: pontos iniciais (PI), por onde cada elemento deve passar no horário prescrito; pontos de embarque (P Emb), normalmente atrás da F Seg do Esc Sp, postos de controle de trânsito (PC Tran), nos pontos do itinerário críticos para o movimento, onde mais de uma unidade deva passar ou onde itinerários se entroncam ou se cruzam; e pontos de liberação (P Lib), nos locais onde os elementos enquadrados na coluna tomarão destino para nova missão.
 - Devem ser designados, quando possível, itinerários diferentes para cada elemento,

a fim de acelerar o movimento, bem como itinerários alternativos, como medida de segurança.

d) Zonas de retraimento e de retirada

- Normalmente, o Cmt Btl designa uma zona de retraimento para a Cia Fuz, coincidente com a Z Aç que lhe cabia defender.
- Designa, também, zonas de retirada para as Cia Fuz na ADA, por meio de limites que entrarão em vigor mediante ordem, ao longo de toda a zona de retirada do Btl. A zona de retraimento e de retirada da Cia Fuz será sua Z Aç caso o inimigo venha a atuar sobre o grosso.

e) Linhas de controle

- O Cmt Btl designa um número adequado de linhas de controle, para facilitar a coordenação da operação. Essas linhas devem ser de fácil identificação e normalmente são localizadas em linhas de interesse tático, tais como linhas de F Seg, linhas de PAC e LAADA das novas posições, cristas de compartimentos transversais, rios obstáculos e outros acidentes nítidos no terreno.
- Salvo ordem em contrário, o Cmt Cia Fuz deve informar ao Cmt Btl a ultrapassagem de cada uma dessas linhas. Também poderá estabelecer outras linhas, para a coordenação interna da SU.

7.6.6.15 Antes do início do retraimento, o Cmt Cia Fuz deve assegurar que o nível de suprimento seja adequado à operação. Os primeiros elementos a retrair podem, se necessário, transferir munição e outros suprimentos para o destacamento de contato. Durante o retraimento, a evacuação aérea pode ser limitada. Desse modo, um posto de socorro reduzido deve permanecer com o destacamento de contato.

7.6.6.16 As comunicações devem ser mantidas na antiga posição e estabelecidas na nova. Suficiente pessoal de comunicações da Seç Cmdo deve permanecer com o destacamento de contato, mantendo a continuidade das ligações, utilizando os sistemas já estabelecidos na posição.

- O sistema físico deve ser removido na ocasião do retraimento do destacamento de contato. Os mensageiros especiais são empregados em larga escala após o início do retraimento.

7.6.6.17 O retraimento é executado da seguinte forma:

- a) As instalações logísticas precedem o movimento, podendo até mesmo iniciar seu deslocamento durante o dia, se não comprometer o sigilo;
- b) As armas de apoio devem permanecer em posição até que os elementos do grosso já tenham alcançado a Z Reu;
- c) A Cia Fuz retrai pelos itinerários pré-estabelecidos, escalonados em GC ou Pel, até a Z Reu da SU. Quando a Cia Fuz opera em larga frente, é desejável que cada pelotão receba seu próprio itinerário;
- d) As viaturas da SU vão ao encontro de suas frações o mais à frente possível, sendo seu limite de avanço prescrito pelo Cmt Btl. As viaturas deslocam-se isoladamente ou em pequenos grupos e um número suficiente é deixado com o destacamento de contato para o transporte de suas armas de apoio;
- e) Tão logo o grosso abandona a ADA, o destacamento de contato reajusta seu dispositivo, para dar a impressão de que a posição se encontra totalmente ocupada. Priorizam-se as posições que bloqueiam as mais prováveis vias de acesso do inimigo e

se estabelece a segurança aproximada das armas de apoio;

f) O GC que permanece no núcleo do Pel Res patrulha a zona da retaguarda. As armas de apoio simulam os fogos normais, utilizando os diversos materiais e calibres; e

g) O destacamento de contato retrai protegido pela respectiva reserva, no momento prescrito pelo Btl. Após ter acolhido os elementos de primeiro escalão do destacamento de contato, a reserva desse retrai até ser acolhida.

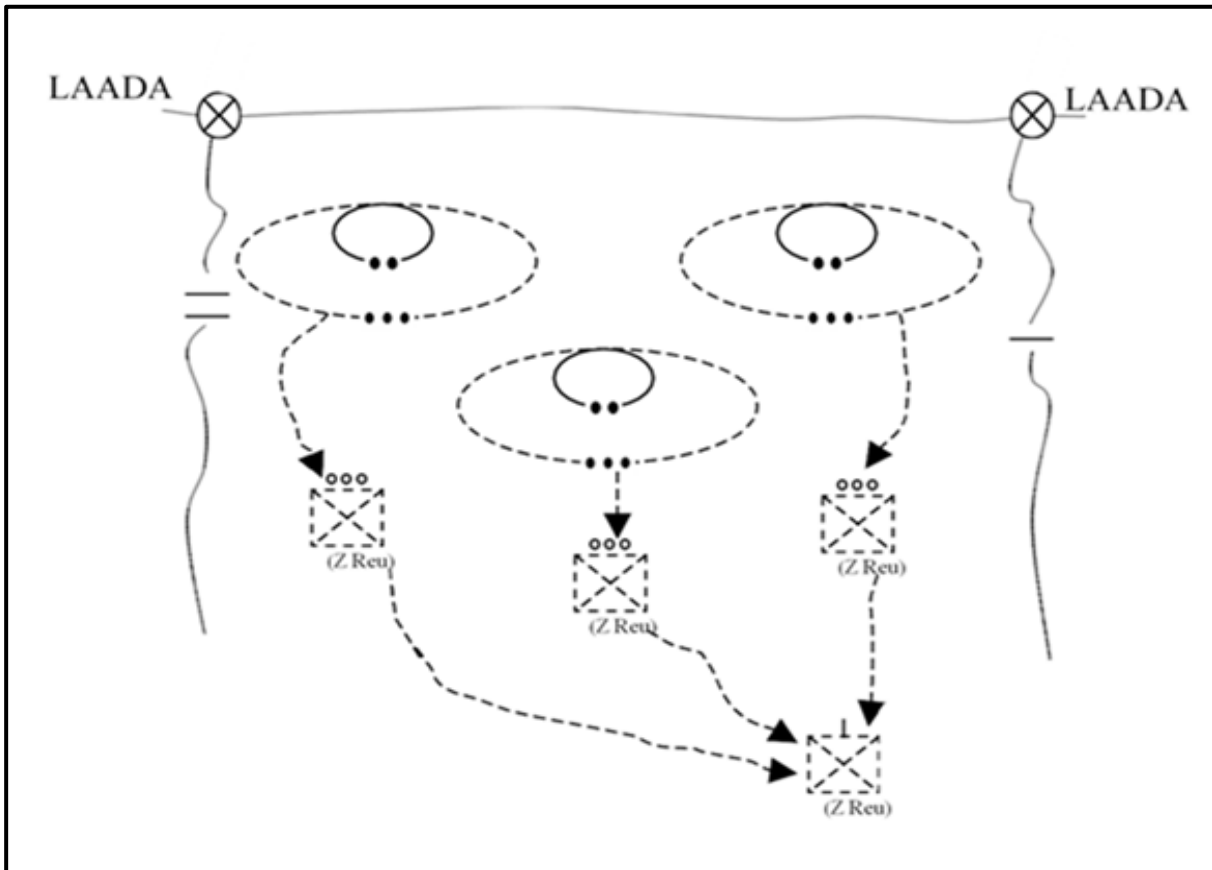


Fig 7-17 - Retraimento sem pressão

7.6.7 RETRAIMENTO SOB PRESSÃO DO INIMIGO

7.6.7.1 O retratamento sob pressão deve ser evitado, sempre que possível. Ocorre quando há séria interferência do inimigo, sendo desencadeado mediante autorização do Esc Sp.

7.6.7.2 O retratamento ocorre com o emprego de forças de segurança, as quais cobrem o retratamento da fração imediatamente à sua frente.

7.6.7.3 A Cia Res do Btl cobre o retratamento das Cia Fuz que ocupam a ADA. No âmbito da SU, o retratamento dos Pel Fuz em 1º escalão é coberto pelo Pel reserva.

7.6.7.4 O êxito do retratamento sob pressão, particularmente durante o dia, depende em grande parte da mobilidade, do apoio de fogo, da utilização de fumígenos, do controle e do emprego eficiente das forças de segurança.

7.6.7.5 A força de segurança é a parte dos elementos de manobra e de apoio que permanece em contato com o inimigo com o objetivo de, dentro de suas possibilidades,

prover segurança ao retraimento dos elementos de 1º Escalão.

- Essa força tem limitada possibilidade de resistência e retrairá em uma hora determinada, mediante ordem ou na ocorrência de uma contingência específica. Deve constantemente monitorar o inimigo, informando ao Esc Sp sobre suas ações.

7.6.7.6 A força de segurança da Cia Fuz é o Pel Res reforçado pelo Pel Ap. Sua missão principal é apoiar o retraimento dos Pel Fuz de primeiro escalão.

7.6.7.7 A Cia Res constituirá a força de segurança do Btl. Nesse caso, a missão principal é apoiar o retraimento das Cia Fuz de primeiro escalão, acolhê-las e cobrir-lhes a retirada.

- Se estiver reforçada com carros de combate, poderá executar contra-ataques de desferramento para criar condições de retraimento de um elemento engajado decisivamente com o inimigo.

- Para melhor cumprir sua missão, receberá em reforço elementos de apoio de fogo do batalhão.

7.6.7.8 Em princípio, a força de segurança ocupará as posições de aprofundamento já preparadas. Entretanto, poderá haver situações em que o dispositivo deva ser reajustado ou novas posições precisem ser preparadas de onde melhor se possa cumprir a missão

7.6.7.9 A fase inicial do retraimento sob pressão consiste em diminuir a densidade de tropa da área de defesa. Os trens da SU são os primeiros a retrain, seguidos dos Pel Fuz de 1º Escalão, das armas de apoio e do Pel Res

7.6.7.10 O retraimento dos Pel Fuz de 1º Esc é realizado diretamente para a retaguarda, sob a proteção de todos os fogos disponíveis.

- Quando o terreno e a situação o permitirem, os pelotões retraem simultaneamente. Podem deslocar-se inicialmente para as Z Reu de pelotão, designadas pela companhia, imediatamente à retaguarda do Pel Res, ou, de preferência, diretamente para a Z Reu da companhia, designada pelo batalhão, à retaguarda da posição da companhia reserva.
- Caso não seja possível o retraimento simultâneo, a fração menos engajada retrai primeiro e protege o retraimento do elemento mais engajado.

7.6.7.11 Caso a SU seja a força de segurança do batalhão, ela iniciará seu retraimento à hora determinada por este, mediante ordem, ou na ocorrência de uma contingência. Ela retrairá diretamente para a retaguarda da força de segurança do Esc Sp, ou por escalões, cobrindo seu próprio retraimento até ser acolhida por elementos amigos.

7.6.7.12 As medidas de coordenação e controle são, de modo geral, idênticas às estabelecidas para um retraimento sem pressão.

7.6.7.13 Todos os fogos disponíveis devem ser planejados contra alvos inimigos, particularmente as Z Reu, posições de ataque e reserva. O apoio de fogo deve ser planejado para impedir uma rápida reação se o inimigo identificar o retraimento.

7.6.7.14 Fumígenos são empregados para ocultar o dispositivo das forças amigas e o

movimento no retraimento, ou para desorganizar momentaneamente o inimigo, criando condições para desengajar os elementos em contato e impedir ou retardar sua perseguição.

7.6.7.15 As armas AC que estiverem junto aos Pel Fuz são colocadas em reforço aos mesmos, de modo a disparar sobre blindados inimigos que tentam adentrar as posições. Normalmente, passam a reforçar a força de segurança, após os pelotões serem acolhidos por ela.

7.6.7.16 Os elementos de primeiro escalão, ao retraírem, podem transferir suprimentos para a força de segurança, ao serem acolhidos por ela. Os suprimentos, exceto os de saúde, que não puderem ser evacuados, devem ser destruídos.

7.6.7.17 Durante as fases iniciais do retraimento, os meios de comunicações devem ser mantidos em operação por um período tão longo quanto possível.

- O itinerário de movimento do PC da companhia será prescrito nas ordens do Btl, de modo a facilitar a utilização dos sistemas físicos já existentes.
- As prescrições quanto à remoção e destruição dos circuitos são as mesmas do retraimento sem pressão; contudo, no retraimento sob pressão, o rádio é utilizado em larga escala.

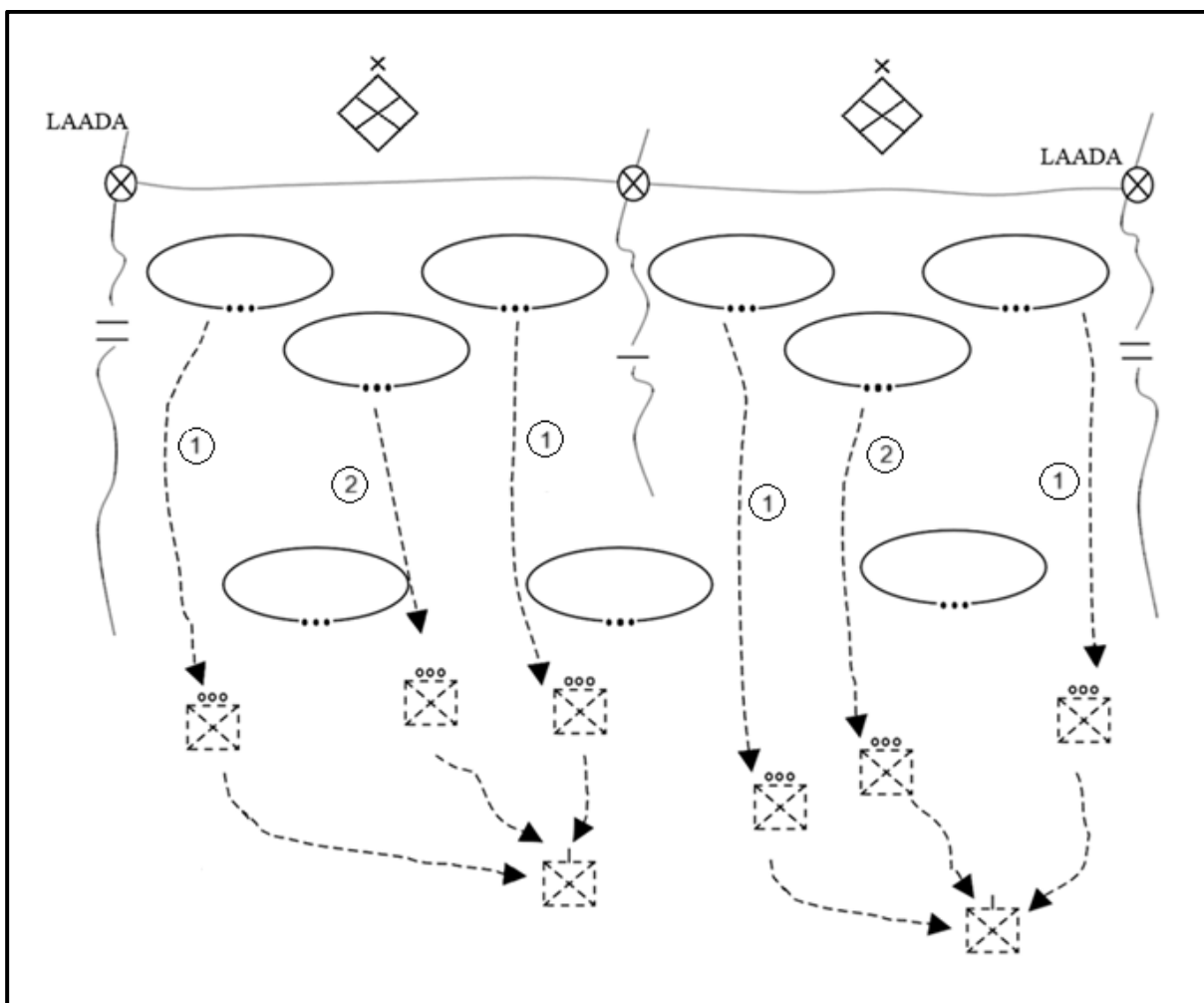


Fig 7-18 - Sequência do retraimento sob pressão

7.7 AÇÃO RETARDADORA

7.7.1 A ação retardadora é um movimento retrógrado no qual uma força troca espaço por tempo, infligindo o máximo de perdas e retardamento ao inimigo, sem se engajar cerradamente em ações decisivas, criando condições para que outras forças amigas se preparem ou executem outras operações. A ação retardadora é mais eficientemente executada por tropas com poder de choque (mobilidade, proteção blindada e potência de fogo), apoiadas por aviação.

7.7.2 É normalmente empregada como uma medida de economia de forças, podendo ser conduzida por forças de cobertura, forças de segurança e forças de retardamento.

7.7.3 Uma ação retardadora pode, também, ser empregada por parte dos elementos de defesa avançada na defesa móvel, embora esses elementos possam ter certas restrições em sua manobra e na Z Aç.

7.7.4 Uma unidade de infantaria do tipo leve, quando empregada em uma ação retardadora, pode ser reforçada por elementos mecanizados ou CC. Dessa forma, aproveita-se a maior capacidade das unidades de infantaria para manter o terreno, acrescentando-lhes melhor poder de fogo e maior mobilidade para o retardamento contínuo.

7.7.5 As formações dispersas, a liberdade de ação, o apoio de fogo eficaz e os movimentos, a fim de causar o máximo de perdas ao inimigo e evitar o combate aproximado, são as principais características de uma ação retardadora.

7.7.6 A Cia Fuz participará de uma ação retardadora integrando um Btl Inf ou uma FT com elementos Mec ou CC.

7.7.7 UMA AÇÃO RETARDADORA DIFERE DE UMA DEFESA DE ÁREA, PARTICULARMENTE PELAS SEGUINTE CARACTERÍSTICAS:

- a) o combate decisivo deve ser evitado;
- b) as posições são organizadas para serem mantidas por um período limitado;
- c) os contra-ataques são empregados, principalmente, para desengajar elementos amigos ou para manter temporariamente uma posição até que surjam condições mais favoráveis para o retraimento;
- d) o máximo poder de fogo é colocado à frente; e
- e) as posições possuem frentes maiores e profundidades menores.

7.7.8 PODE-SE EMPREGAR OS SEGUINTE PROCESSOS EM UMA AÇ RTRD:

- a) em uma única posição;
- b) em posições sucessivas;
- c) em posições alternadas; ou
- d) a adequada combinação de ambas.

7.7.9 RETARDAMENTO EM UMA ÚNICA POSIÇÃO

- Resume-se a uma defesa de área com tempo de permanência limitado.

7.7.10 RETARDAMENTO EM POSIÇÕES SUCESSIVAS

7.7.10.1 A tropa desenvolve-se como um todo em cada posição retardadora, ocupando-as sucessivamente após retrainr da anterior.

7.7.10.2 Oferece o máximo de resistência organizada na Posição Inicial de Retardamento (PIR) e continua a oferecer resistência em cada uma das posições de retardamento sucessivas. Permite concentrar o maior poder de combate em cada posição, demandando alta mobilidade e potência de fogo para sua execução.

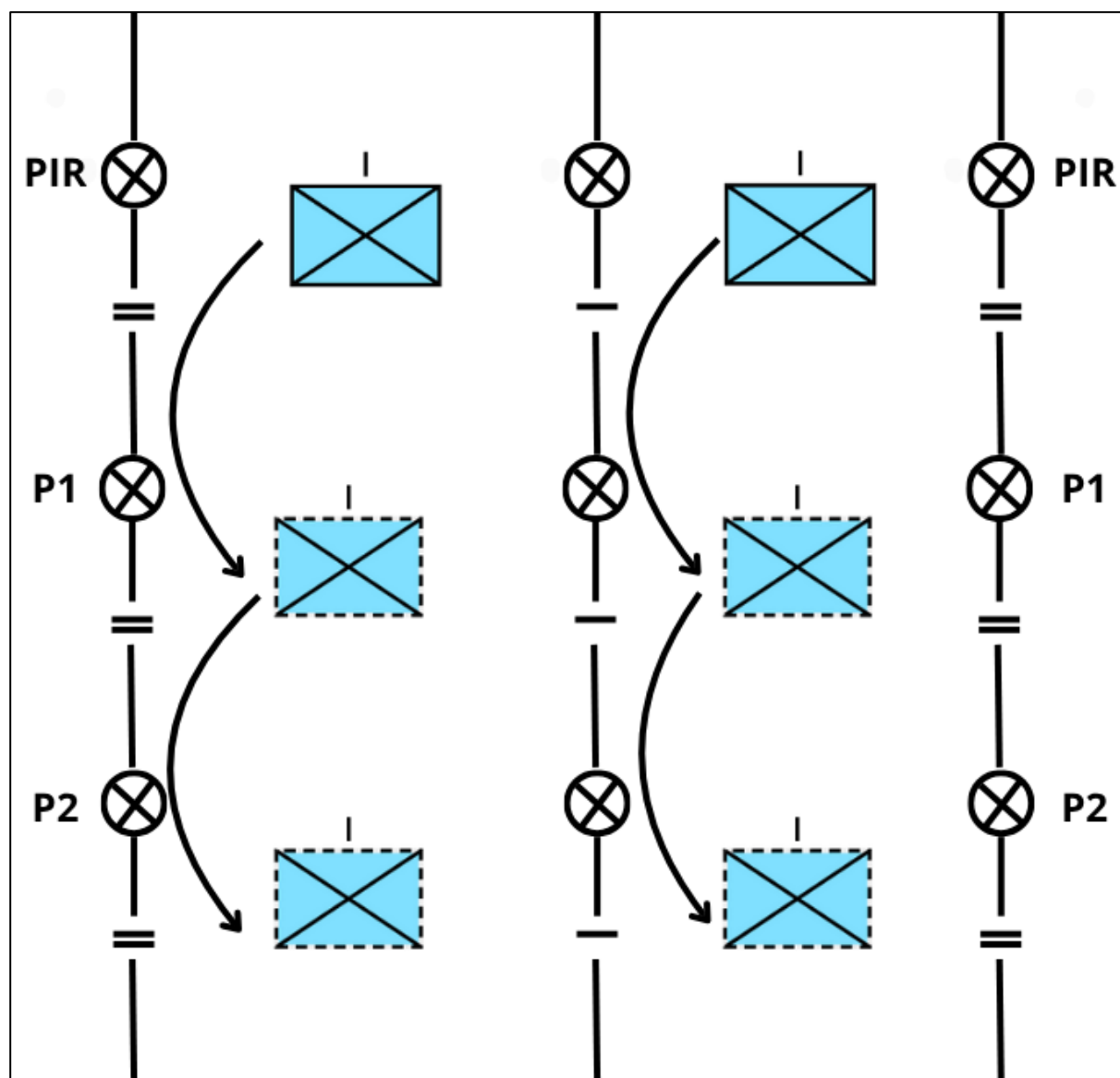


Fig 7-19 - Retardamento em posições sucessivas

7.7.11 RETARDAMENTO EM POSIÇÕES ALTERNADAS

7.7.11.1 No retardamento em posições alternadas, o Btl Inf ocupa simultaneamente duas posições de retardamento, empregando uma ou mais Cia Fuz em cada uma.

- A companhia que ocupa uma posição, após retrainr e se retirar coberta pelos elementos

da posição seguinte, ocupa uma terceira posição à retaguarda, e assim sucessivamente.

7.7.11.2 Esse tipo de ação retardadora tem a vantagem de proporcionar mais tempo para a preparação das posições, para a manutenção do material e para o descanso da tropa. Entretanto, como desvantagem, exige a repartição das forças ou a redução da frente a retardar, diminuindo o poder de combate disponível para a defesa de cada posição.

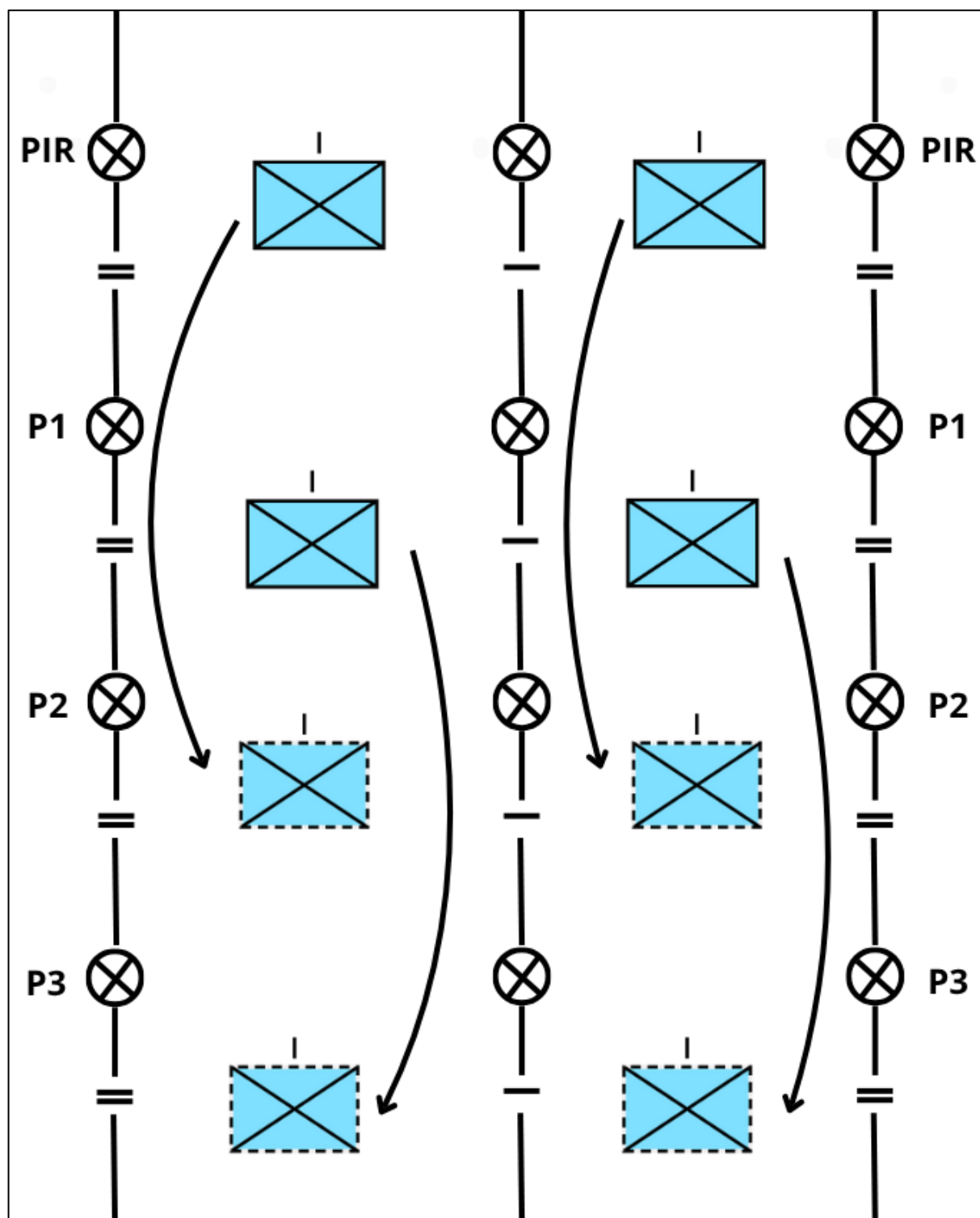


Fig 7-20 - Retardamento em posições alternadas

7.7.12 COMBINAÇÃO DE PROCESSOS

- Admite-se a combinação dos processos citados anteriormente.

7.7.13 ESCALONAMENTO DAS FORÇAS

7.7.13.1 Elementos de segurança

- Executam, em linhas gerais, as mesmas missões do escalão de segurança de uma defesa de área, por meio da ocupação de postos de observação, realização de patrulhas e lançamento de algumas frações à frente com a missão específica de dar o alerta oportuno da aproximação do inimigo, iludi-lo quanto à real localização da posição principal e retardar seu movimento.

- Na PIR, normalmente, esses elementos serão lançados pela reserva, pois esta não está cumprindo nenhuma ação tática. Nas demais posições, o encargo será, normalmente, da Cia Fuz de 1º Escalão, pois a reserva perderia em flexibilidade e poder de combate durante o retardamento contínuo.

7.7.13.2 Elementos de 1º escalão

- O grosso da força retardadora é, normalmente, empregado em 1º escalão, adotando um dispositivo linear semelhante ao da defesa em larga frente. As Cia Fuz de 1º escalão têm, normalmente, as seguintes missões:

- a) Retardar ou deter a progressão inimiga pela execução de fogos;
- b) Manter a posição de retardamento até que receba ordem de retrainir;
- c) Evitar um engajamento decisivo;
- d) Ser empregada no retardamento contínuo do inimigo, entre as posições de retardamento, caso a reserva não tenha condições de o executar.

7.7.13.1 Reserva

7.7.13.1.1 A reserva cumpre, normalmente, a mesma missão de uma defesa de área, exceto quanto à natureza dos contra-ataques, que podem ter as seguintes finalidades:

- a) Restabelecer a posição, quando a missão exige um tempode permanência maior na posição;
- b) Desaferrar um elemento de primeiro escalão (contra-ataque de desaferamento), quando um elemento se engajar decisivamente com o inimigo, criando condições para seu retraimento; e
- c) Desorganizar o inimigo, para ganhar mais tempo.

7.7.13.1.2 A reserva pode constituir uma força de segurança para apoiar, acolher e cobrir os elementos de primeiro escalão, no caso de o retraimento destes realizar-se sob pressão.

7.7.13.1.3 Após o retraimento dos elementos de primeiro escalão, a reserva ou parte dela, normalmente, constitui-se em destacamento retardador, com a missão de executar o retardamento contínuo do inimigo, até a próxima posição de retardamento do batalhão. Para essa missão, a reserva pode ser reforçada por elementos que estavam em primeiro

escalão, após o acolhimento desses. Ela ocupará linhas no terreno favoráveis, que possuam bons campos de tiro para suas armas. Normalmente, as tropas mais aptas ao retardamento contínuo serão as de Carros de Combate, Infantaria Blindada e Cavalaria Mecanizada.

7.7.14 ORGANIZAÇÃO DAS POSIÇÕES

7.7.14.1 A ordem de operações do Btl estabelecerá as posições de retardamento a serem ocupadas pelas Cia Fuz, o prazo para retardar o inimigo em cada posição, o processo de retardamento a ser empregado, o dispositivo do Batalhão em cada posição e a organização para o combate (Fig 7-21).

7.7.14.2 Normalmente, o Btl designará à Cia Fuz que retarda nas VA com maior probabilidade de uso pelo inimigo uma frente mais estreita. Essa SU também deve receber prioridade de reforço com meios Mec e Bld.

7.7.14.3 É admissível que a Cia Fuz disponha seus Pel Fuz de forma linear, sem construir núcleos de aprofundamento. Normalmente, isso ocorrerá quando a SU receber como Z Aç uma frente secundária, que não contenha eixos penetrantes e cujas VA sejam de terreno restritivo e/ou impeditivo.

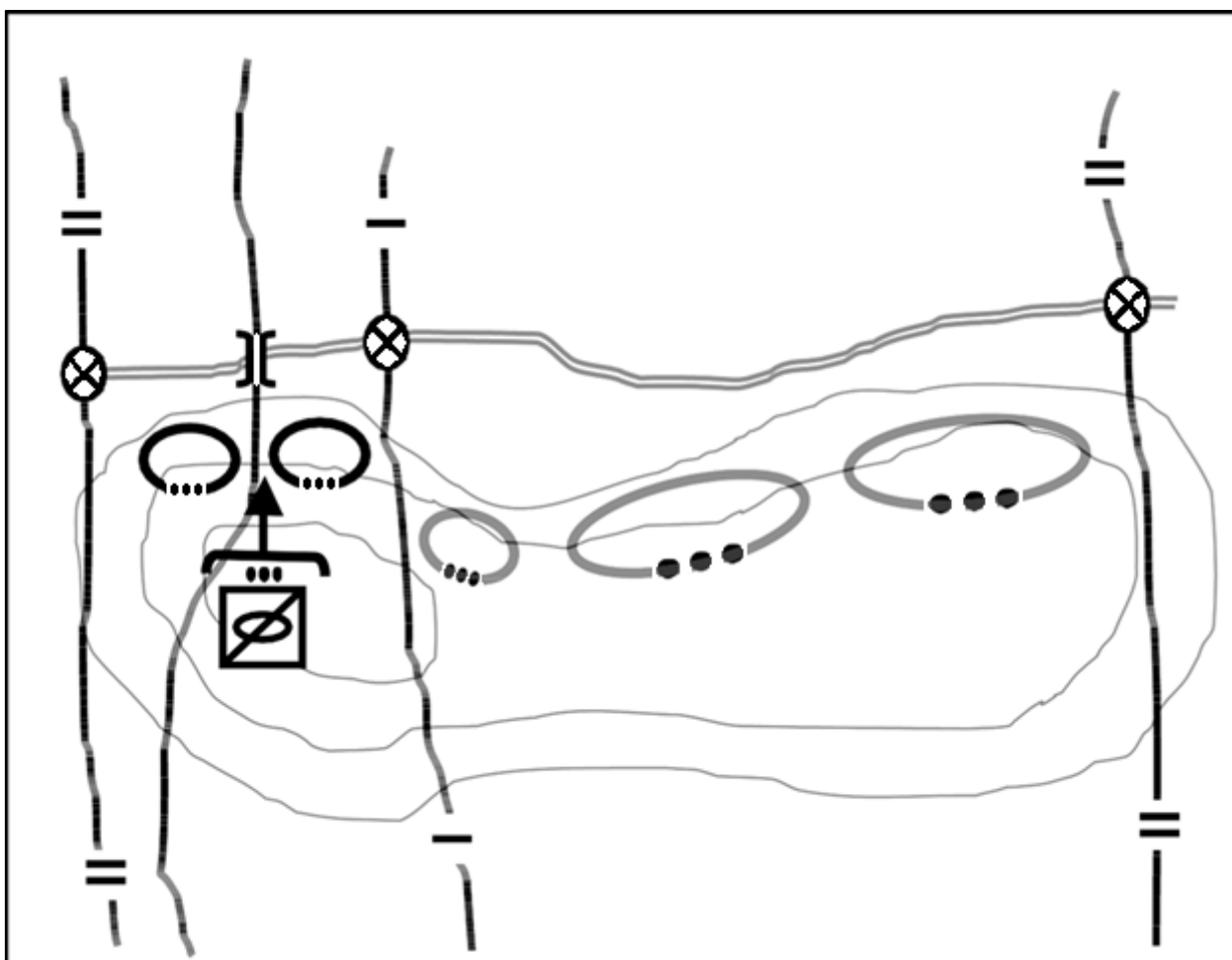


Fig 7-21 - Dispositivo das companhias em uma posição de retardamento

7.7.14.4 A Cia Fuz poderá receber a missão adicional de proteger um flanco. A situação ideal é que seja reforçada com os meios necessários para executar essa ação tática.

7.7.14.5 Caso a Cia Fuz seja reforçada por um Pel C Mec, poderá empregá-lo em 1º Escalão, barrando os principais eixos que, vindos da direção do inimigo, penetrem no dispositivo do batalhão.

7.7.14.6 Caso a Cia Fuz seja reforçada por um Pel CC, seu Cmt pode posicioná-los aprofundando a defesa junto aos eixos penetrantes. Entretanto, após analisar os fatores da decisão, o Cmt Cia Fuz pode decidir empregá-los em 1º Escalão, a fim de engajar o inimigo o mais à frente possível, obrigando seu desdobramento prematuro.

7.7.14.7 O Btl estabelecerá diversas medidas de coordenação e controle, como linhas de controle, pontos de liberação, zonas de reunião, itinerários e pontos de embarque e outras medidas que se façam necessárias seguem as mesmas prescrições do previsto para os retraimentos. O tempo a ser ganho em cada posição de retardamento também será especificado. Caso o Cmt Cia Fuz julgue necessário, pode estabelecer medidas complementares.

7.7.15 COMANDO E CONTROLE

7.7.15.1 Durante a ação retardadora, a continuidade das comunicações é o princípio mais importante na fase de execução dessa forma de manobra. O meio rádio deve, em princípio, permanecer com a prescrição livre para os elementos em contato, restrito para os elementos que se deslocam entre as posições retardadoras e em silêncio na próxima posição à retaguarda.

7.7.15.2 Os meios físicos devem ser estabelecidos nas posições retardadoras com a maior antecedência possível, aproveitando os recursos já existentes.

7.7.15.3 Quanto ao mensageiro, é empregado em maior número durante o deslocamento entre as posições retardadoras, principalmente o mensageiro especial. Meios visuais, acústicos e diversos podem ser empregados para suplementar quaisquer dos meios acima descritos.

7.7.15.4 As considerações a respeito de PC para cada posição retardadora seguem as mesmas prescrições estabelecidas para a defesa de área. O deslocamento do PC deve observar as mesmas prescrições previstas para as ações de retraimento.

7.7.16 APOIO DE FOGO

7.7.16.1 O planejamento de fogos na ação retardadora é semelhante ao que é realizado na defesa de área, devendo-se planejar os fogos nas proximidades de todas as passagens obrigatórias.

7.7.16.2 Normalmente, as Cia Fuz em 1º Esc recebem em reforço seções do Pel AC/Cia C Ap, com prioridade para aquelas que não tenham sido reforçadas por CC e que possuam, em sua Z Aç, VA favoráveis ao emprego de CC.

7.7.17 APOIO LOGÍSTICO

7.7.17.1 Na ação retardadora, o controle e a segurança dos elementos do apoio logístico são de vital importância. O planejamento da operação deverá prever um apoio adequado durante o deslocamento para cada posição de retardamento e em sua ocupação.

7.7.17.2 O completamento dos níveis de suprimento dos Pel deve ser executado imediatamente após sua chegada às posições de retardamento. A ATSU deve estar posicionada à retaguarda imediata da posição de retardamento para apoiar eficientemente a operação sem interferir com a manobra. O batalhão pode, conforme o caso, pré-posicionar suprimentos ao longo do itinerário de retraimento.

7.7.17.3 Normalmente, as cozinhas não estarão descentralizadas na ATSU.

7.7.17.4 O consumo de munição será elevado. Poderá ser recebida munição especificamente destinada à manutenção da posição inicial de retardamento (munição para consumo imediato), a fim de que a companhia aborde a próxima posição com sua dotação completa. Poderão ser estabelecidos postos de remuniamento do batalhão ao longo dos eixos ou nas posições de retardamento subsequentes.

7.7.18 EXECUÇÃO

7.7.18.1 Inicialmente, os elementos de reconhecimento inimigos devem ser destruídos ou neutralizados pelos fogos das armas de tiro indireto ou direto. O inimigo é batido por fogos longínquos e, à medida que se aproxima, é submetido a um crescente volume de fogo. Todo o esforço deve ser feito para infligir o máximo de perdas ao inimigo, desorganizá-lo, detê-lo e obrigá-lo a se reorganizar ou a emassar-se para um assalto.

7.7.18.2 As ações do inimigo devem ser constantemente monitoradas e o Cmt Cia Fuz deve manter o Cmt Btl informado, a fim de que este possa decidir convenientemente sobre o melhor momento para iniciar o retraimento até a próxima posição.

7.7.18.3 O combate decisivo deve ser evitado, exceto se indispensável para o cumprimento da missão, fazendo todo o possível para manter a integridade da SU.

7.7.18.4 Quando autorizado, a Cia Fuz em 1º Esc realiza seu retraimento, coberta pelo destacamento retardador ou F Seg. Caso a Cia Fuz tenha desdobrado núcleos de aprofundamento, estes realizarão a cobertura inicial do retraimento, até que os Pel Fuz em 1º Esc alcancem a Cia Res.

7.7.18.5 Durante o retraimento, o pessoal designado executa as destruições previstas, fecha as passagens nos campos de minas e prepara outros obstáculos, dentro das disponibilidades de tempo e material.

7.7.18.6 As Cia Fuz de 1º Esc, ao atingirem a próxima posição de retardamento, realizam a ocupação da mesma e ficam monitorando a aproximação do destacamento retardador.

CAPÍTULO VIII

ESTABILIZAÇÃO

8.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

8.1.1 As operações de estabilização compreendem o emprego do poder militar na defesa dos interesses nacionais, por meio de uma combinação de atividades cooperativas e coercitivas, a fim de manter ou restabelecer o controle e a segurança de uma determinada área, provendo os serviços essenciais e realizando a ajuda humanitária necessária.

8.1.2 AS OPERAÇÕES DE ESTABILIZAÇÃO OCORREM EM QUALQUER SITUAÇÃO DE EMPREGO DAS FORÇAS MILITARES, MAS ASSUMEM UM PROTAGONISMO DURANTE A FASE DE NORMALIZAÇÃO.

- Elas possuem os seguintes tipos:

- a) controle e segurança de área;
- b) apoio ao Estado;
- c) ajuda humanitária;
- d) combate ao terrorismo;
- e) segurança da área de retaguarda;
- f) contra forças irregulares; e
- g) evacuação de não combatentes.

8.1.3 NAS OPERAÇÕES DE ESTABILIZAÇÃO, PODEM SER UTILIZADAS 6 (SEIS) FORMAS DE EMPREGO:

- a) preventiva e repressiva (no controle e segurança de área);
- b) direta e indireta (no apoio ao Estado e na ajuda humanitária); e
- c) antiterrorismo e contraterrorismo (no combate ao terrorismo).

ESTABILIZAÇÃO	
TIPOS	FORMA DE EMPREGO
CONTROLE E SEGURANÇA DE ÁREA	PREVENTIVA
	REPRESSIVA
APOIO AO ESTADO	DIRETA
	INDIRETA
AJUDA HUMANITÁRIA	DIRETA
	INDIRETA
COMBATE AO TERRORISMO	ANTITERRORISMO
	CONTRATERRORISMO
SEGURANÇA DE ÁREA DE RETAGUARDA	-
CONTRA FORÇAS IRREGULARES	-
EVACUAÇÃO DE NÃO COMBATENTES	-

Tab 8-1 Formas de emprego nas Operações de Estabilização

8.1.3.1 A forma de emprego preventiva é aquela cujas principais tarefas executadas pela F Ter estão contidas nas funções de combate inteligência e C².

8.1.3.2 A forma de emprego repressiva é aquela cujas principais tarefas executadas pela F Ter estão contidas nas funções de combate proteção, fogos, movimento e manobra.

8.1.3.3 A forma de emprego direta é aquela cujas principais tarefas executadas pela F Ter estão contidas nas funções de combate logística, movimento e manobra.

8.1.3.4 A forma de emprego indireta é aquela cujas principais tarefas executadas pela F Ter estão contidas nas funções de combate inteligência e C².

8.1.3.5 A forma de emprego antiterrorismo consiste em ações para a proteção, caracterizadas pela presença ostensiva ou não, e de caráter ativo ou passivo, com a principal finalidade de dissuadir possíveis ameaças.

8.1.3.6 A forma de emprego contraterrorismo engloba as medidas ofensivas de caráter repressivo, a fim de antecipar, impedir ou limitar seus efeitos e responder às ações terroristas.

8.2 CARACTERÍSTICAS

8.2.1 SÃO CARACTERÍSTICAS DAS OPERAÇÕES DE ESTABILIZAÇÃO:

- a) uso limitado da força;
- b) grande coordenação com outros órgãos governamentais e/ou não governamentais;
- c) execução de tarefas atípicas à F Ter;
- d) combinação de esforços políticos, militares, econômicos, ambientais, humanitários, sociais, científicos e tecnológicos;
- e) interdependência dos trabalhos;
- f) grande interação com a população;
- g) influência de atores não oficiais e de indivíduos sobre as operações; e
- h) ambiente complexo.

8.2.2 USO LIMITADO DA FORÇA

- O emprego da força é cuidadosamente dosado, priorizando a dissuasão e a proteção, evitando-se os confrontos diretos. O Cmt Cia Fuz deve treinar a tropa conforme as regras de engajamento estabelecidas, empregando material, táticas, técnicas e procedimentos adequados à situação. As operações de estabilização, normalmente, ocorrem em áreas urbanas e densamente povoadas, o que demanda um detalhado gerenciamento dos riscos para evitar danos colaterais.

8.2.3 GRANDE COORDENAÇÃO COM OUTROS ÓRGÃOS GOVERNAMENTAIS E NÃO GOVERNAMENTAIS

- A interação com múltiplas agências exigirá do Cmt Cia Fuz flexibilidade e respeito às culturas organizacionais distintas, em prol do cumprimento da missão.

8.2.4 EXECUÇÃO DE TAREFAS ATÍPICAS À F Ter

- A Cia Fuz pode ser designada a realizar atividades fora do escopo tradicional do combate, como reconstrução de infraestruturas, organização de campos de deslocados ou apoio a eleições.

8.2.5 COMBINAÇÃO DE ESFORÇOS POLÍTICOS, MILITARES, ECONÔMICOS, AMBIENTAIS, HUMANITÁRIOS, SOCIAIS, CIENTÍFICOS E TECNOLÓGICOS

- Demanda do Cmt Cia Fuz uma visualização holística do ambiente operacional (incluindo as dimensões física, humana e informacional) e o entendimento da intenção do Cmt Btl, a fim de tomar as decisões adequadas durante o emprego da SU.

8.2.6 INTERDEPENDÊNCIA DOS TRABALHOS

- As operações conduzidas pela Cia Fuz transcendem o âmbito estritamente militar, gerando efeitos sistêmicos nas múltiplas dimensões do ambiente operacional. Suas ações repercutem de forma integrada, influenciando não apenas o cumprimento da missão do componente militar, mas também impactando diretamente a população civil e as atividades desenvolvidas por agências governamentais e organizações não governamentais presentes no teatro de operações.

8.2.7 GRANDE INTERAÇÃO COM A POPULAÇÃO

- Conquistar e manter a confiança e o apoio da população é fundamental para o sucesso das operações de estabilização. O Cmt Cia Fuz deve orientar a tropa a agir com respeito aos costumes locais, dialogar com lideranças comunitárias e evitar ações que alienem a população, como o uso excessivo da força. Cabe salientar que a população é uma relevante fonte de coleta de dados para qualquer tipo de operação militar.

8.2.8 INFLUÊNCIA DE ATORES NÃO OFICIAIS E INDIVÍDUOS

- A Cia Fuz deve identificar e mapear esses atores em sua área de responsabilidade, estabelecendo canais de comunicação e construindo relações de confiança que permitam a obtenção de informações vitais, a mediação de conflitos locais e a legitimação das operações militares perante a comunidade. Líderes comunitários, chefes religiosos, comerciantes locais e formadores de opinião exercem influência direta sobre a população, podendo facilitar ou obstruir as ações de pacificação e reconstrução. Grupos criminosos, milícias locais e redes informais de poder também demandam atenção especial, pois frequentemente controlam recursos, territórios e fluxos econômicos que impactam diretamente a segurança e a estabilidade da região. O Cmt Cia Fuz deve, portanto, desenvolver uma compreensão profunda dessas dinâmicas sociais complexas, adaptando suas táticas e procedimentos para neutralizar ameaças não convencionais enquanto conquista o apoio dos elementos construtivos da sociedade local.

8.2.9 AMBIENTE COMPLEXO

- A Cia Fuz deve estar preparada para atuar em cenários complexos, executando simultaneamente operações cinéticas de alta intensidade, ações de assistência

humanitária, mediação de conflitos étnicos ou religiosos e coordenação com múltiplas agências civis e militares que possuem objetivos por vezes divergentes. Essa realidade exige dos comandantes de Cia, Pel e GC não apenas proficiência técnico-tática, mas também competências culturais, linguísticas e sociais que os capacitem a transitar entre o emprego controlado da força e o estabelecimento de vínculos construtivos com a população local, mantendo a permanente consciência de que suas ações são submetidas a rigoroso escrutínio legal, midiático e político.

8.2.10 As características das operações de estabilização mostram que o Cmt Cia Fuz precisa ter múltiplas habilidades para enfrentar esse ambiente complexo. O sucesso nessas operações exige mais do que conhecimento militar tradicional. É necessária a combinação de competência tática com capacidade de diálogo, respeito pela cultura local e visão ampla da situação. O Cmt Cia Fuz deve ser flexível para entender as relações sociais da região, coordenar o trabalho com diferentes agências, usar a força de forma controlada e construir confiança com a população e grupos locais. Por isso, o sucesso nas operações de estabilização depende da formação de líderes que unam conhecimento tático, sensibilidade cultural e visão completa da situação, preparando-os para lidar com os diversos desafios do ambiente operacional atual.

8.3 TIPOS DE OPERAÇÕES

8.3.1 A versatilidade da Cia Fuz permite seu emprego em todos os tipos de operações de estabilização. Cada tipo de operação apresenta demandas específicas, exigindo do Cmt Cia Fuz planejamento detalhado e adaptação às particularidades do ambiente operacional.

OPERAÇÕES DE ESTABILIZAÇÃO	
TIPO	DESCRIÇÃO
CONTROLE E SEGURANÇA DE ÁREA	PRESERVA A ORDEM PÚBLICA E PROTEGE PESSOAS E PATRIMÔNIO.
APOIO AO ESTADO	GARANTE O FUNCIONAMENTO DE INSTITUIÇÕES E APOIA MISSÕES CONSTITUCIONAIS.
AJUDA HUMANITÁRIA	ALIVIA O SOFRIMENTO EM DESASTRES, COM FOCO EM IMPARCIALIDADE E NEUTRALIDADE.
COMBATE AO TERRORISMO	NEUTRALIZA AMEAÇAS TERRORISTAS POR AÇÕES PREVENTIVAS OU REPRESSIVAS.
SEGURANÇA DE ÁREA DE RETAGUARDA	PROTEGE A RETAGUARDA CONTRA INTERFERÊNCIAS INIMIGAS OU DESASTRES.
CONTRA FORÇAS IRREGULARES	NEUTRALIZA GRUPOS NÃO INSTITUCIONALIZADOS, ISOLANDO SEU APOIO LOCAL.
EVACUAÇÃO DE NÃO COMBATENTES	RESGATA CIVIS, GERALMENTE BRASILEIROS, EM CRISES INTERNACIONAIS.

Tab 8-2 - Os tipos de operações de estabilização

8.3.2 CONTROLE E SEGURANÇA DE ÁREA

8.3.2.1 O controle e a segurança de área são operações militares que tem por objetivo a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio.

8.3.2.2 As principais ações executadas pela Cia Fuz nesse tipo de operação são:

- a) Estabelecer pontos de bloqueio e/ou controle de vias terrestres e fluviais;
- b) Conduzir patrulhas motorizadas ou a pé;
- c) Proteger infraestruturas críticas;
- d) Realizar vasculhamentos; e
- e) Realizar escoltas.

8.3.3 APOIO AO ESTADO

8.3.3.1 As operações de apoio ao Estado visam atender às missões constitucionais e a outras atribuições estabelecidas por instrumentos legais, que determinam a garantia dos poderes constitucionais, o apoio à política exterior do país e o cumprimento das atribuições subsidiárias das Forças Armadas, compondo-se de atribuições gerais e particulares.

8.3.3.2 As principais ações executadas pela Cia Fuz nesse tipo de operação são:

- a) Realizar patrulhamento, revista de pessoas, de veículos, de embarcações e de aeronaves na faixa de fronteira terrestre; e
- b) Realizar a segurança aproximada da tropa de engenharia envolvida nas obras de cooperação.

8.3.4 AJUDA HUMANITÁRIA

8.3.4.1 Entende-se por operações de ajuda humanitária o conjunto de atividades desenvolvido pelo componente militar de um país, normalmente em ambiente conjunto e interagências, concebido especificamente para aliviar o sofrimento humano em resposta a desastres provocados ou não pelo homem, em território nacional ou no exterior, tanto em tempo de paz quanto em tempo de guerra.

8.3.4.2 As principais ações executadas pela Cia Fuz nesse tipo de operação são:

- a) Apoiar o resgate de pessoas feridas ou isoladas;
- b) Apoiar os serviços médicos oferecidos à população atingida pelo desastre;
- c) Distribuir alimentos, água, medicamentos, roupas, material de higiene e outros itens à população atingida pelo desastre;
- d) Realizar a escolta de comboios;
- e) Realizar o transporte de pessoal e/ou material; e
- f) Apoiar elementos de engenharia na desobstrução de vias de comunicação.

8.3.5 COMBATE AO TERRORISMO

8.3.5.1 O terrorismo é a forma de ação que consiste no emprego da violência física ou psicológica, de forma premeditada, por indivíduos ou grupos apoiados ou não por Estados, com o intuito de coagir um governo, uma autoridade, um indivíduo, um grupo ou até mesmo toda a população a adotar determinado comportamento.

8.3.5.2 O combate às ações terroristas deve ser conduzido por forças policiais e militares especializadas, com engajamento de todos os setores da segurança pública e

colaboração da sociedade. O combate ao terrorismo envolve ações preventivas (antiterrorismo) e repressivas (contraterrorismo) para neutralizar ameaças de indivíduos ou grupos que utilizam violência física ou psicológica para coagir governos ou populações.

8.3.5.3 As principais ações executadas pela Cia Fuz nesse tipo de operação são:

- a) Estabelecer pontos de bloqueio e/ou controle de vias terrestres e fluviais;
- b) Conduzir patrulhas motorizadas ou a pé;
- c) Proteger infraestruturas críticas;
- d) Realizar vasculhamentos;
- e) Realizar escoltas;
- f) Proteger edificações que possam constituir alvos compensadores (embaixadas, sedes de organismos internacionais, entre outros);
- g) Proteger autoridades ou outras pessoas que possam constituir alvos compensadores;
- e
- h) Realizar busca e apreensão.

8.3.6 SEGURANÇA DA ÁREA DE RETAGUARDA

8.3.6.1 Segurança da Área de Retaguarda (SEGAR) consiste nas ações executadas na área de retaguarda de um determinado escalão, para evitar a interferência do oponente ou para mitigar seus efeitos, além de controlar os efeitos de uma ameaça relacionada a catástrofes (naturais ou provocadas pelo homem).

8.3.6.2 A SEGAR compreende dois tipos de ação: a Defesa de Área de Retaguarda (DEFAR) e o Controle de Danos (C Dan):

- a) A DEFAR é o conjunto de ações executadas pelos elementos da F Ter que possuem responsabilidades territoriais. Destina-se a assegurar a normalidade no desempenho de atividades e de tarefas dos elementos de combate, de apoio ao combate e de apoio logístico, localizados nas respectivas áreas de retaguarda.
- b) O C Dan consiste em medidas preventivas e corretivas que visam minimizar os efeitos das ações do oponente ou das catástrofes em nossa área de responsabilidade.

8.3.6.3 O Cmt Cia Fuz deve planejar e fiscalizar as ações de SEGAR em sua Z Aç/ARP.

8.3.6.4 As principais ações executadas pela Cia Fuz na SEGAR são:

- a) Patrulhas a pé e motorizadas;
- b) Segurança aproximada do PC e ATSU;
- c) Lançamento de obstáculos;
- d) Medidas passivas e ativas de autodefesa antiaérea;
- e) Construção de abrigos; e
- f) Vigilância.

8.3.7 CONTRA FORÇAS IRREGULARES

8.3.7.1 As ações contra forças irregulares compreendem um conjunto abrangente de esforços integrados (civis e militares) desencadeados para derrotar forças irregulares

(com organização não institucionalizada), nacionais ou estrangeiras, dentro ou fora do território nacional. Tais ações contribuem para derrotar ou neutralizar militarmente as forças irregulares, permitindo iniciar ou retomar o funcionamento do Estado em áreas outrora contestadas ou controladas por essas forças.

8.3.7.2 Nas operações contra forças irregulares, a missão das forças militares (convencionais e de operações especiais) é erradicar a ameaça proveniente das forças irregulares, sobretudo seu braço armado, isolando-o de seus apoios locais, desmantelando sua infraestrutura e neutralizando seu poder de combate.

8.3.7.3 Para desarticular as forças irregulares, é necessário atender a duas premissas básicas: vencer a guerra da informação e conquistar o apoio da população.

8.3.7.4 As principais ações executadas pela Cia Fuz nesse tipo de operação são:

- a) Estabelecer pontos de bloqueio e/ou controle de vias terrestres e fluviais;
- b) Conduzir patrulhas motorizadas ou a pé;
- c) Proteger infraestruturas críticas;
- d) Realizar vasculhamentos;
- e) Realizar escoltas;
- f) Realizar busca e apreensão;
- g) Interditar áreas; e
- h) Apoiar as ações de elementos de Forças Especiais.

8.3.8 EVACUAÇÃO DE NÃO COMBATENTES

8.3.8.1 A Operação de Evacuação de Não Combatentes (Op Ev N Cmb) é decorrente de situações de crise no país anfitrião, as quais podem ter consequências em áreas humanitárias, militares ou políticas, como nos casos de conflitos regionais, instabilidade interna, catástrofes causadas por fenômenos naturais ou acidentes de grandes proporções ambientais

8.3.8.2 Os elementos de emprego da F Ter devem contribuir para a execução de tais operações, por meio de planejamentos flexíveis que contemplem planos de evacuação de contingentes, incluindo as tarefas previstas para a evacuação e o bem-estar do pessoal.

8.3.8.3 As principais ações executadas pela Cia Fuz nesse tipo de operação são:

- a) Mobilizar, operar e garantir a segurança de uma Área de Reunião de Evacuados (ARE), Centro de Controle de Evacuados (CCE) ou Base Intermediária de Apoio (BI Ap), com ou sem apoio de outros elementos; e
- b) Realizar a proteção dos evacuados nos locais de reunião e de deslocamentos.

8.3.8.4 Mais detalhes sobre o assunto estão disponíveis no manual MD33-M-08 OPERAÇÕES DE EVACUAÇÃO DE NÃO COMBATENTES (2ª edição, 2013).

CAPÍTULO IX

OPERAÇÕES COMPLEMENTARES

9.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

9.1.1 DEFINIÇÕES

- As operações complementares se destinam a ampliar, a aperfeiçoar e/ou a complementar as operações básicas, a fim de maximizar a aplicação dos elementos do poder de combate terrestre.
- Os elementos da F Ter executam tais operações no contexto das operações básicas.

9.1.2 INCLUEM AS SEGUINTE OPERAÇÕES:

- a) reconhecimento;
- b) segurança;
- c) substituição de unidades de combate;
- d) movimento de tropas;
- e) com características especiais (aeromóvel, aeroterrestre, operações especiais, abertura de brecha e transposição de curso d'água);
- f) dissimulação;
- g) informação; e
- h) junção.

9.2 RECONHECIMENTO

9.2.1 DEFINIÇÕES

- O reconhecimento é uma operação conduzida com o propósito de obter dados sobre o inimigo e a área de operações.
- Quando conduzido pela Cia Fuz, busca esclarecer a situação, reduzir incertezas e subsidiar a tomada de decisão, evitando, contudo, engajamentos decisivos que comprometam a missão.

9.2.2 NORMALMENTE, É EXECUTADO DE ACORDO COM OS SEGUINTE FUNDAMENTOS:

9.2.2.1 Orientar-se segundo os objetivos de informação - As ações devem priorizar as necessidades de inteligência definidas pelo Cmt Cia Fuz ou pelo Esc Sp.

9.2.2.2 Transmitir com rapidez e precisão todos os dados e informações obtidos - dados obtidos devem ser repassados imediatamente ao Esc Sp, utilizando meios de comunicação seguros e confiáveis.

9.2.2.3 Evitar engajamento decisivo - os Elm que realizam o reconhecimento devem privilegiar a segurança e a surpresa na execução das ações, engajando o inimigo apenas

quando essencial para cumprir a missão.

9.2.2.4 Manter o contato com o oponente - o contato deve ser buscado por todas as formas, de modo a evitar a surpresa.

9.2.2.5 Esclarecer a situação - o reconhecimento deve proporcionar uma visão clara e atualizada do ambiente operacional.

9.2.3 O reconhecimento e a segurança complementam-se e estão intimamente ligados.

- Uma missão de reconhecimento proporciona um certo grau de segurança, notadamente nas missões de reconhecimento que objetivem a busca de dados sobre o inimigo.

9.2.4 AS OPERAÇÕES DE RECONHECIMENTO EXECUTADAS PELA CIA FUZ APRESENTAM AS SEGUINTE CARACTERÍSTICAS:

9.2.4.1 Planejamento centralizado e execução descentralizada - por meio de um Plano de Obtenção do Conhecimento, o Cmt Cia Fuz estabelece as responsabilidades pelos reconhecimentos, enquanto as frações subordinadas operam com autonomia relativa na busca dos dados.

9.2.4.2 Atuação rápida e agressiva, evitando, tanto quanto possível, a interrupção do movimento - a fração deve atuar com velocidade, mantendo a impulsão e evitando pausas desnecessárias.

9.2.4.3 Segurança compatível, durante o movimento - a segurança dos Elm Rec deve ser estabelecida durante seu movimento de forma a evitar sua destruição, neutralização e/ou captura sem, no entanto, comprometer o sigilo da missão.

9.2.4.4 Ênfase na utilização dos itinerários mais adequados - os itinerários devem ser selecionados com base na detalhada análise do terreno, tempo, orientação para o objetivo e atividades do inimigo.

9.2.4.5 Máxima iniciativa dos comandos subordinados - os Cmt Pel Fuz e GC devem buscar, a todo momento, dados sobre o inimigo e o terreno, de forma a obter e manter a consciência situacional própria e do Esc Sp.

9.2.4.6 Rápida transmissão ao escalão superior dos dados obtidos - a comunicação imediata e regular com o Esc Sp garante que os dados coletados influenciem oportunamente as decisões.

9.2.4.7 Carência de informações sobre o inimigo e a área de operações - as operações de reconhecimento são planejadas e executadas com dados imprecisos sobre o terreno e inimigo, exigindo planejamento flexível de situações de conduta diversas.

9.3 OPERAÇÕES DE SEGURANÇA

9.3.1 DEFINIÇÕES

- A segurança consiste em uma operação militar que tem por objetivo geral a manutenção da liberdade de manobra e a preservação do poder de combate necessário ao emprego eficiente da força principal.

9.3.2 A OPERAÇÃO DE SEGURANÇA TEM POR FINALIDADES:

- a) negar ao inimigo o uso da surpresa e do monitoramento;
- b) impedir que o inimigo interfira de modo decisivo nas ações da força principal;
- c) restringir a liberdade de atuação do inimigo nos ataques a pontos sensíveis;
- d) manter a iniciativa das ações da força principal; e
- e) preservar o sigilo das operações.

9.3.3 A segurança é obtida, efetivamente, pela detecção antecipada de uma ameaça, assim como, pelo fornecimento de tempo e espaço que permitam à tropa manobrar para reagir àquela ameaça.

9.3.4 As Op Seg podem ser conduzidas à frente, flancos e à retaguarda de uma força e alcançarão sucesso se evitarem, neutralizarem ou mesmo diminuïrem a ameaça Ini.

9.3.5 GRAUS DE SEGURANÇA

- As operações de segurança podem ser executadas em diferentes graus, conforme a missão e o contexto tático:

9.3.5.1 Cobertura: Garante a segurança de uma região ou força por meio de elementos destacados, posicionados à frente ou em direção ao inimigo, com o objetivo de interceptá-lo, engajá-lo ou desorganizá-lo antes que ameace a força principal.

9.3.5.2 Proteção: Proporciona segurança imediata à força ou região, com elementos posicionados na frente, nos flancos ou na retaguarda, impedindo observação terrestre, fogo direto ou ataques surpresa do inimigo.

9.3.5.3 Vigilância: Estabelece uma rede de postos de observação, complementada por patrulhas e sensores, para detectar a presença do inimigo assim que ele entrar no alcance dos meios disponíveis.

9.3.6 A Cia Fuz pode integrar qualquer uma dessas forças; porém, é mais apta para operar como força de proteção (vanguarda, flancoguarda e retaguarda).

9.3.7 Quando a Cia Fuz atua em proveito da segurança do Btl ou de outro Esc Sp, ela fica enquadrada em uma operação de segurança, cujas ordens são emitidas em planos específicos, e a SU atua como um todo.

9.3.8 Nos casos em que a Cia Fuz realiza medidas de segurança em seu próprio proveito, essas medidas são consideradas ações comuns e são determinadas na própria ordem de operações da unidade.

9.4 SUBSTITUIÇÃO DE UNIDADES EM COMBATE

9.4.1 Quando as operações terrestres se estendem por períodos prolongados, torna-se necessária a substituição periódica de unidades empregadas.

9.4.2 Substituições requerem um planejamento detalhado, pois representam momentos críticos de emassamento temporário de tropas. Essa vulnerabilidade deve ser reduzida pela realização de uma estreita coordenação de planos e cerrada cooperação entre as tropas que executam a substituição.

9.4.3 PODEM TER UMA DAS SEGUINTE FINALIDADES:

- a) Conservar o poder de combate;
- b) Manter a eficiência combativa;
- c) atender às imposições de planos táticos; e
- d) reequipar, instruir e ensaiar forças para operações futuras.

9.4.4 OS TIPOS DE SUBSTITUIÇÕES SÃO OS SEGUINTE:

- a) substituição em posição;
- b) ultrapassagem; e
- c) acolhimento.

9.4.5 SUBSTITUIÇÃO EM POSIÇÃO

9.4.5.1 A substituição em posição é uma operação na qual uma força ou parte dela é substituída por outra em uma posição defensiva. É realizada para o prosseguimento da defesa ou para a preparação de uma operação ofensiva subsequente.

9.4.5.2 O comandante de uma força que está sendo substituída é responsável pela defesa de sua área até a passagem do comando. Normalmente, isso ocorre quando os comandantes das forças da Área de Defesa Avançada (ADA) assumem a responsabilidade pelas respectivas áreas e são estabelecidos os meios adequados de C² em toda a Z AÇ.

9.4.5.3 Quando realizada para continuar a defesa, a substituição realizar-se-á homem a homem e arma por arma. A SU que substitui utiliza o mesmo dispositivo daquela que está sendo substituída, realizando as alterações que julgar necessárias somente após a substituição ser concluída. Todo o esforço deve ser feito para realizar a substituição sem enfraquecer a integridade tática da posição.

9.4.5.4 Quando realizada para desencadear um ataque, será realizada por área e a subunidade que substitui poderá realizar alterações no dispositivo mesmo antes da substituição estar concluída.

9.4.5.5 As substituições devem ser realizadas em períodos de visibilidade reduzida, normalmente à noite, com o objetivo de manter o sigilo da operação.

9.4.5.6 O planejamento de uma substituição é centralizado, enquanto sua execução é descentralizada. A ordem de substituição do Btl prescreve a sequência e o processo de

substituição a serem empregados, o intervalo de tempo no qual a operação deva ser realizada, prescrições relativas a comando e controle, apoio de fogo e logística. Também são estabelecidas medidas de coordenação e controle, como itinerários de substituição, P Lib Pel, P Lib GC e Z Reu,

9.4.5.7 A decisão pela sequência de substituição dos Pel Fuz deve considerar a missão subsequente da subunidade que substitui, a capacidade combativa da subunidade que vai ser substituída, a possibilidade de interferência do inimigo, as características do terreno, a necessidade de variar o procedimento e a natureza e o valor dos elementos envolvidos na operação.

9.4.5.8 Os Pel Fuz em 1º Escalão podem ser substituídos simultaneamente ou sucessivamente. Na primeira opção, aumenta-se a concentração de tropas na área, mas diminui-se o período sob exposição ao fogo inimigo. Na segunda opção, ocorre o inverso.

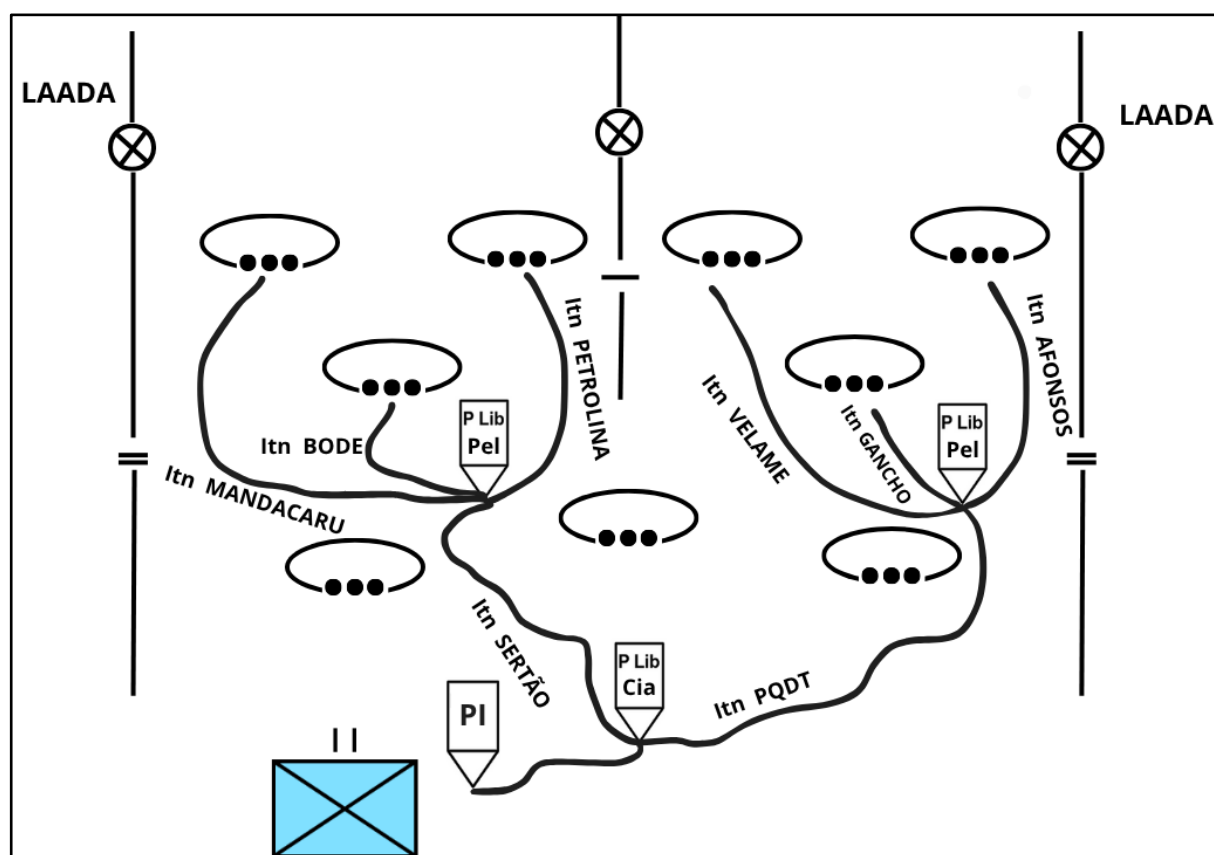


Fig 9-1 - Btl Inf realizando uma substituição em posição

9.4.5.9 Por ser uma operação complexa, exige uma ampla coordenação entre os comandos das subunidades substituída e substituta, principalmente nos seguintes assuntos:

- Troca dos planos de defesa ou ataque, do plano de apoio de fogo, do plano de barreiras e demais planos que estejam em vigor, assim como informações sobre eles.
- Itinerários de substituição - à exemplo das ultrapassagens, esses itinerários devem estar balizados e reconhecidos, com o estabelecimento dos pontos de liberação e zonas de reunião. Observa-se também a utilização de guias cedidos pela subunidade

substituída.

c) Apoio logístico - as subunidades envolvidas, conforme orientação do batalhão, devem coordenar medidas para transferência de suprimentos, uso das instalações, desdobramento dos órgãos de apoio, uso dos meios de transporte e controle de trânsito.

9.4.5.10 O reconhecimento é essencial para garantir a eficácia da substituição, permitindo que a Cia Fuz substituta assuma as posições com pleno conhecimento do ambiente operacional.

9.4.5.10.1 O Cmt Cia Fuz e os Cmt Pel, conforme necessário, devem realizar o reconhecimento diurno das seguintes áreas:

- a) Posições de defesa ocupadas pela companhia substituída;
- b) Itinerários de acesso e retirada;
- c) Zonas de reunião pré-determinadas;
- d) Posições de armas automáticas e coletivas; e
- e) Instalações de apoio logístico e comando.

9.4.5.10.2 As medidas de segurança são cruciais para manter o sigilo da operação e evitar a detecção pelo inimigo.

9.4.5.11 A Cia Fuz deve adotar as seguintes providências:

- a) Restringir o número de militares envolvidos nos reconhecimentos, limitando a exposição;
- b) Preservar a postura tática da frente, mantendo as rotinas da companhia substituída, como patrulhas, fogos defensivos e comunicações; e
- c) Impor silêncio nas comunicações por rádio da companhia substituta até a conclusão da substituição, utilizando meios alternativos, como sinais visuais ou comunicações por fio.

9.4.5.12 A substituição deve ser executada com precisão e coordenação para minimizar vulnerabilidades. As principais diretrizes são:

9.4.5.12 Deslocamento

- A companhia substituta, guiada por militares da companhia substituída, segue itinerários previamente balizados até as posições defensivas. A substituição ocorre conforme a sequência e os procedimentos estabelecidos pelo comando.

9.4.5.12 Controle de trânsito

- A companhia substituta tem prioridade no uso das vias de acesso, com o controle de trânsito sob responsabilidade da companhia substituída.

9.4.5.12 Retraimento

- Após a substituição, a companhia substituída utiliza itinerários de retirada (que podem coincidir com os de acesso) para alcançar uma Zona de Reunião (Z Reu) preestabelecida.

9.4.5.12 Passagem de comando

- A transferência de responsabilidade ocorre após a substituição completa dos pelotões de primeira linha e a instalação dos sistemas de comunicação da companhia substituta. Até esse momento, o comandante da companhia substituída mantém o controle operacional, inclusive sobre os elementos da substituta já posicionados.

9.4.5.12 Transferência de recursos

- A companhia substituída deixa nas posições suprimentos essenciais, como munição, materiais de fortificação e equipamentos de difícil transporte, além de circuitos telefônicos instalados.

9.4.5.12 Transmissão de informações

- A companhia substituída entrega à substituta todos os dados disponíveis sobre o inimigo, o terreno e as condições da área de operações, garantindo continuidade tática.

9.4.6 ULTRAPASSAGEM

9.4.6.1 A ultrapassagem é uma operação em que uma força ataca através de outra que se encontra em contato com o inimigo. É executada por uma força para substituir outra desfalcada, dispersa ou sem condições de prosseguir ou iniciar um ataque.

9.4.6.2 Os elementos da força em contato com o inimigo permanecem em posição e oferecem apoio à força que ultrapassa, até que seus fogos se tornem ineficazes. A força ultrapassada pode permanecer em posição ou ser empregada em outra ação.

9.4.6.3 A ultrapassagem pode ser realizada com uma das seguintes finalidades:

- a) manter a impulsão do ataque;
- b) realizar uma mudança de direção de ataque;
- c) explorar pontos fracos da posição do inimigo, por meio do emprego da reserva; e
- d) iniciar uma ofensiva em frente onde havia estabilização.

9.4.6.4 A realização de uma ultrapassagem exige um contato cerrado entre os Cmt das SU que participarão da operação.

9.4.6.4.1 Nesse contato, é realizada uma reunião de planejamento para que sejam acertados todos os detalhes da operação.

9.4.6.4.2 Também é realizada a troca de pessoal de ligação, até o nível Pel. Os assuntos a serem coordenados são:

- a) Troca de informações acerca do inimigo e do terreno, com localização de tropas, armamento coletivo, obstáculos e campos de minas;
- b) Medidas de segurança, a fim de evitar a vulnerabilidade nas horas de maior concentração de tropas;
- c) Planejamento de reconhecimento;
- d) Definição precisa dos locais de passagem - devem ser os intervalos e os flancos da

tropa em contato;

e) Fornecimento de guias pela tropa ultrapassada;

f) Apoio de fogo a ser proporcionado pela tropa que é ultrapassada e transmissão das listas de alvos;

g) Coordenação da utilização do terreno para zonas de reunião, posições de ataque, desdobramento do armamento coletivo e trens da SU; e

h) Coordenação das atividades logísticas.

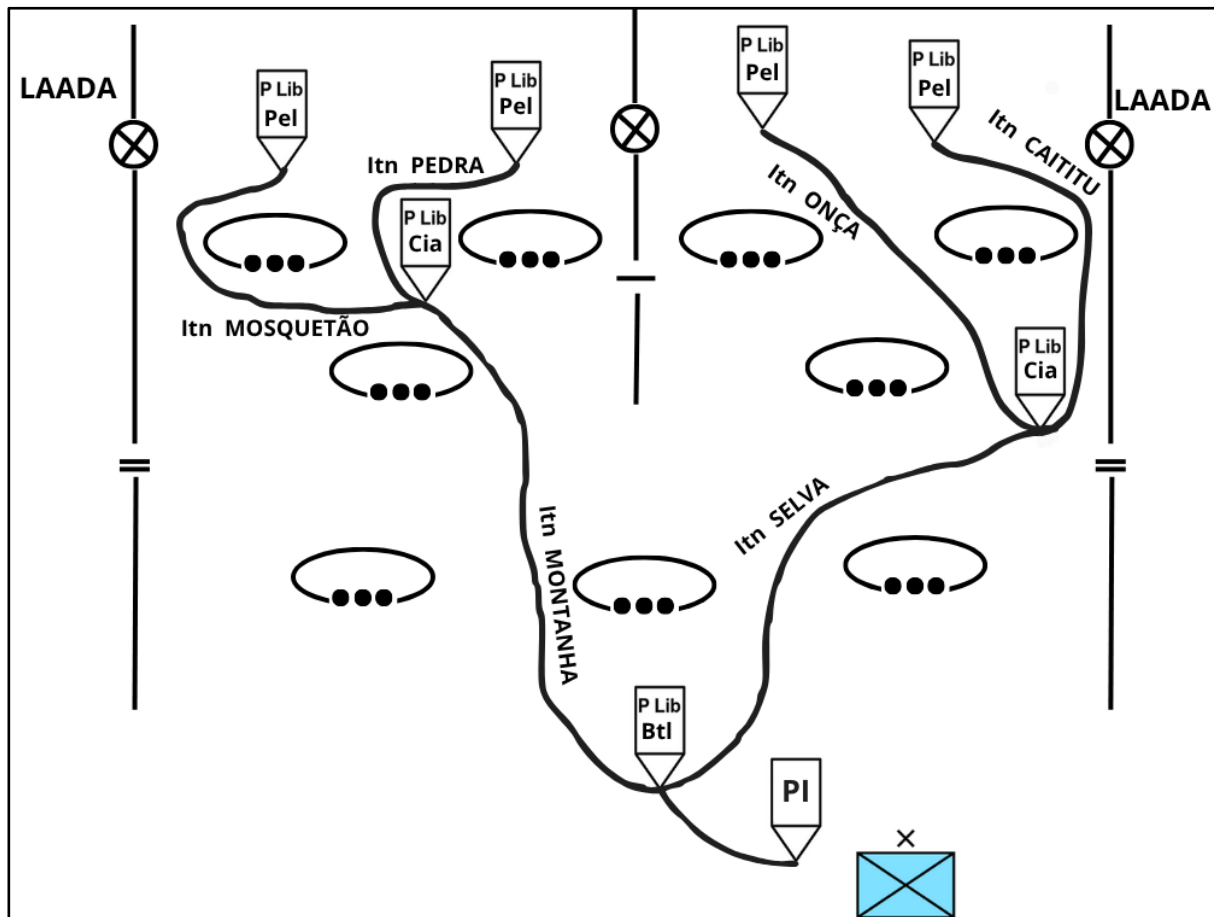


Fig 9-2 - Btl Inf sendo ultrapassado por uma Bda Inf

9.4.6.5 Normalmente, o Cmt Cia Fuz que ultrapassa assume a responsabilidade da Z Aç na hora do ataque, no momento do desencadeamento dos fogos de preparação, ou mais cedo, de acordo com as ordens do Cmt Btl.

- Essa assunção de comando implica assumir o controle operacional dos elementos dos pelotões substituídos que estiverem em contato naquele momento e a responsabilidade pela conduta frente a ações inimigas.

9.4.6.6 A execução da ultrapassagem segue a seguinte sequência de ações:

a) Os elementos da SU ultrapassada permanecem em posição e apoiam o ataque com fogos diretos e indiretos, dentro dos limites de segurança estabelecidos para evitar o fratricídio.

b) Os elementos da SU que ultrapassa se deslocam durante os períodos de visibilidade reduzida, das posições de retaguarda (Z Reu) para transporem a LP na hora prevista.

Com o objetivo de reduzir a concentração de tropas, cálculos de marcha são realizados visando que as unidades cheguem à LP na hora prevista, eliminando a necessidade de ocupação de posições de ataque.

c) Ao atingir o P Lib, a Cia Fuz deixa sua posição na ordem de movimento do Btl, recebe seus guias da tropa a ser ultrapassada e prossegue em seu deslocamento. Os guias e o balizamento empregados pela tropa a ser ultrapassada conduzem a SU pelos locais de passagem e brechas nos obstáculos à frente. Os guias podem ser empregados até a posição de ataque ou até a LP.

d) No caso de a companhia possuir blindados em reforço, estes devem permanecer na última posição coberta e abrigada, sem comprometer o sigilo da operação com o ruído. No momento oportuno e de acordo com o processo a ser empregado pelo combinado Infantaria - CC, os blindados cerrarão à frente, utilizando os itinerários balizados.

e) Ao atingir P Lib, os Pel Fuz deixam sua posição na ordem de movimento da SU e prosseguem ao encontro da LP, a qual devem atingir já desdobrados no terreno.

9.4.6.7 A tropa ultrapassada poderá auxiliar o ataque na execução dos trabalhos logísticos, podendo encarregar-se, por exemplo, da evacuação de pessoal, material e prisioneiros de guerra.

9.4.7 ACOLHIMENTO

9.4.7.1 O acolhimento é uma operação na qual uma força, ao realizar um movimento retrógrado, passa através da Z Aç de outra que ocupa uma posição defensiva.

9.4.7.2 No acolhimento, a força em posição apoia a força que retrai. Esta tem prioridade nos itinerários e nas instalações. As áreas ou os pontos selecionados para a passagem das tropas a serem acolhidas devem estar desocupados e localizados entre os elementos da força em posição ou em seus flancos.

9.4.7.3 Essa operação também é empregada pelas forças de segurança em retraimento para a ADA.

9.4.7.4 As medidas de coordenação e controle para o acolhimento são estabelecidas da mesma forma que na ultrapassagem, podendo-se considerar essa operação uma “ultrapassagem para retaguarda”. Deve ser estabelecido um sistema de identificação mútua entre as tropas.

9.4.7.5 O acolhimento perdura até que as forças que retraem se coloquem sob proteção dos fogos do elemento à retaguarda. A força em posição apoia ao máximo a força que retrai e assume a missão de defesa ou de retardamento desta última, quando o retraimento for completado.

9.4.7.6 Por ser uma operação complexa, é necessário que haja uma coordenação de todos os detalhes da manobra. As áreas ou pontos selecionados para a passagem da tropa que retrai devem estar desocupados, balizados e localizados entre os elementos da subunidade em posição, ou em seus flancos.

9.4.7.7 Os itinerários de retraimento, se possível, devem estar balizados. Porém, é importante lembrar que esse balizamento será feito visando uma tropa que virá da mesma direção que o inimigo, fato que obriga uma perfeita coordenação, de modo que

seja usado um sistema de balizamento discreto e que seja retirado, pela tropa que retrai, à medida que for sendo utilizado. Os itinerários podem ser balizados por fitas ou fios. A utilização de sinais luminosos (lanternas) torna-se ineficaz em virtude de a direção de aproximação ser a mesma do inimigo.

9.4.7.8 Quando o retraimento for sem pressão do inimigo, podem ser planejadas linhas de controle e pontos de ligação na A Seg da tropa que realizará o acolhimento. Essas medidas visam possibilitar que, nos pontos de ligação, sejam fornecidos guias para a unidade que realizará o retraimento.

9.4.7.9 Na hora prevista, elementos da força que retrai iniciam o deslocamento diretamente para retaguarda, dentro de sua Z Aç. Esses deslocamentos, preferencialmente, devem ser realizados durante os períodos de visibilidade reduzida.

9.4.7.10 O Cmt da força que retrai é responsável pela identificação do último elemento de sua tropa a passar através da unidade em posição.

9.4.7.11 Com o objetivo de reduzir a concentração de tropas durante o acolhimento, é conveniente retrair, em primeiro lugar, as unidades e instalações de Ap Log, a reserva e os elementos e instalações de C² não essenciais e, posteriormente, os elementos de combate e de outras forças em primeiro escalão.

9.4.7.12 A transferência de responsabilidade pela Z Aç deve ocorrer quando a unidade que retrai completa a passagem por uma determinada linha do terreno (linha de controle de fogo, LAADA ou linha de controle) ou a uma hora determinada.

9.4.7.13 Para o sucesso da operação é necessário que sejam utilizadas algumas medidas de coordenação e controle pela tropa que executa o retraimento:

a) Pontos de ligação

- São efetivados pelos elementos de ligação e são localizados dentro do alcance das armas do limite anterior da ADA e/ou posição de retardamento. Os elementos da ADA ou posição de retardamento enviam uma patrulha de ligação equipada com rádio e guias para o ponto de ligação.

b) Pontos de passagem

- São localizados no limite anterior da ADA ou posição de retardamento e, por meio deles, as forças são acolhidas. Devem ser reconhecidos pelas forças que retraem. Os guias da tropa que realiza o acolhimento, normalmente, encontrarão os elementos que executam o retraimento no ponto de ligação e os guiarão por meio dos pontos de passagem sobre o limite anterior da ADA ou posição de retardamento e, daí, para a retaguarda da unidade.

c) Itinerários de retraimento

- São caminhos designados por meio da posição à retaguarda e que facilitam um retraimento ordenado e contínuo. No interior da posição, é obrigatório que as tropas se mantenham sobre os itinerários prescritos.

d) Hora de passagem

- É designada pelo Cmt que ordenou a operação. Horas específicas são designadas para cada SU. Um representante da tropa que retrai, com rádio, precede a unidade de marcha (UM) no ponto de passagem. Esses representantes informam o número de veículos que estão retraindo e a identificação do último veículo a retrair.

e) Sinais de reconhecimento

- São incluídos na ordem de operações e devem ter como base as IE Com Elt e as NGA das tropas interessadas. Os sinais de reconhecimento são acertados por ambas as tropas. Normalmente, os sinais de reconhecimento cobrem tanto o retraimento diurno quanto o noturno.

9.5 MOVIMENTO DE TROPAS

- O movimento de tropas é tratado no capítulo V deste caderno de instrução.

9.6 OPERAÇÕES COM CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS

9.6.1 As operações com características especiais correspondem àquelas que, por sua natureza, pelas condições particulares em que podem ser conduzidas e pelas características da área de operações, exigem cuidados especiais em seu planejamento e execução, ou ênfase particular sobre outras considerações relativas às técnicas, à tática ou ao material empregado.

9.6.2 OPERAÇÃO AEROMÓVEL

9.6.2.1 Operação aeromóvel é aquela realizada por força de helicópteros ou força-tarefa aeromóvel (tropa embarcada em aeronaves de asa rotativa), visando o cumprimento de missões de combate, de apoio ao combate e de apoio logístico, em benefício de determinado elemento da Força Terrestre (F Ter).

9.6.2.2 Qualquer Cia Fuz deve estar apta para cumprir missões no contexto de uma operação aeromóvel.

9.6.2.3 As Cia Fuz Amv, orgânicas dos BI Amv, são vocacionadas para compor Força-Tarefa Aeromóvel (FT Amv) com aeronaves da Aviação do Exército e outras capacidades da Bda Inf Amv.

9.6.2.4 Mais informações sobre as peculiaridades de planejamento e emprego da Cia Fuz nas operações aeromóveis estão disponíveis nos manuais de campanha EB70-MC-10.218 OPERAÇÕES AEROMÓVEIS (3ª Edição, 2023), EB70-MC-10.319 BRIGADA DE INFANTARIA AEROMÓVEL (1ª Edição, 2023) e EB70-MC-10.335 BATALHÕES DE INFANTARIA (1ª Edição, 2023).

9.6.3 OPERAÇÃO AEROTERRESTRE

9.6.3.1 A Operação Aeroterrestre (Op Aet) consiste em uma operação militar que envolve o movimento aéreo para a introdução de forças de combate e seus respectivos apoios em uma área por meio de aterragem das aeronaves ou por meio de lançamento com paraquedas.

9.6.3.2 A Cia Fuz Pqdt, orgânica do BI Pqdt, é especialmente organizada, equipada e adestrada para a realização de operações aeroterrestres, podendo atingir a área de objetivos lançada em paraquedas, aerotransportada ou de forma mista.

9.6.3.4 A Cia Fuz Pqdt opera, normalmente, enquadrada pelo Btl. Contudo, pode operar isoladamente quando não for necessário ou viável o emprego de tropa de valor superior. Neste caso, poderá ser reforçada com elementos de cavalaria paraquedista, apoio de fogo, engenharia e apoio logístico, vindo a constituir uma força-tarefa SU paraquedista (FT SU Pqdt).

9.6.3.5 Mais informações sobre as peculiaridades de planejamento e emprego da Cia Fuz nas operações aeromóveis estão disponíveis nos manuais de campanha EB70-MC-10.217 OPERAÇÕES AEROTERRESTRES (1ª Edição, 2017) e EB70-MC-10.335 BATALHÕES DE INFANTARIA (1ª Edição, 2023).

9.6.4 OPERAÇÕES ESPECIAIS

9.6.4.1 As operações especiais (Op Esp) são aquelas conduzidas por forças militares especialmente organizadas, treinadas e equipadas, em ambientes hostis, negados ou politicamente sensíveis, visando atingir objetivos militares, políticos, informacionais ou econômicos, empregando competências e capacidades específicas, não encontradas nas forças convencionais.

9.6.4.2 As Op Esp são desencadeadas por Forças de Operações Especiais (F Op Esp) e estão relacionadas, principalmente, às ações diretas, ações indiretas e reconhecimento especial.

9.6.4.2 São características das operações especiais:

- a) Elevado grau de risco físico e político;
- b) Emprego de TTP operacionais peculiares;
- c) Emprego seletivo;
- d) Grande dependência da atividade de inteligência;
- e) Relativa independência de apoio de forças amigas;
- f) Expressiva utilização de recursos locais do TO/A Op;
- g) Baixa visibilidade;
- h) Elevado grau de precisão; e
- i) Dificuldade de coordenação e apoio.

9.6.4.3 A Cia Fuz pode participar de operações especiais apoiando as F Op Esp.

9.6.5 TRANSPOSIÇÃO DE CURSO DE ÁGUA

9.6.5.1 A operação de transposição de curso de água visa a levar o poder de combate para a margem oposta, transpondo um obstáculo aquático, assegurando a integridade e a impulsão das forças.

9.6.5.2 A operação de transposição de curso de água pode ser imediata ou preparada.

9.6.5.2.1 A transposição imediata é planejada e executada com um mínimo de perda de impulsão pela tropa que se defronta com o obstáculo. Aproveita a rapidez e a surpresa, utilizando meios disponíveis para cruzar o curso de água sem interrupção das operações, geralmente contra um inimigo fraco.

9.6.5.2.2 Na transposição preparada, a tropa atacante é obrigada a uma parada para a

concentração das forças e dos meios de travessia necessários, caracterizando perda de impulso. Ocorre após planejamento minucioso, com concentração de forças para enfrentar uma defesa forte na margem oposta, sendo empregada quando a ação imediata não é viável ou falhou.

9.6.5.3 Os principais conceitos específicos desse tipo de operação, são:

- a) Cabeça de ponte (C Pnt)
 - É uma área ou posição, na margem oposta de um curso d'água, que uma força conquista e mantém em uma ofensiva, ou mantém na defensiva, a fim de assegurar as melhores condições para o prosseguimento das operações.
- b) Linha de cabeça de ponte (LC Pnt)
 - É uma linha, balizada por acidentes no terreno, utilizada para delimitar uma C Pnt.
- c) Frente de travessia (Fr Tva)
 - A extensão da linha do curso d'água, selecionada na Z Aç de uma força que realiza a transposição. Normalmente, a frente de travessia da Cia Fuz coincide com sua própria Z Aç.
- d) Local de travessia (Loc Tva)
 - Local favorável à travessia à vau e à utilização dos meios de transposição (meios de assalto, passarelas, portadas, pontes e viaturas anfíbias), sujeito aos fogos inimigos.
- e) Local de travessia de assalto (Loc Tva Ass)
 - Local favorável à travessia em botes de assalto ou viaturas anfíbias.
- f) Zona de reunião inicial de material de engenharia (ZRIME)
 - Região onde a engenharia reúne seu material de transposição e seu equipamento para posterior utilização na operação.
- g) Zona de reunião final de material de engenharia (ZRFME)
 - Região na qual o material de engenharia (botes e passarelas), destinado à transposição dos elementos de assalto, é reunido e arrumado para uso imediato.

9.6.5.4 Os cursos d'água obstáculos impõem restrições ao movimento e à manobra nas operações ofensivas e constituem linhas naturais de resistência para o defensor nas operações defensivas.

9.6.5.5 A operação de transposição de curso de água possui as seguintes características principais:

- a) necessidade de grande quantidade de equipamento especializado e de pessoal especialmente instruído e treinado;
- b) complexidade de comando e de controle das unidades e das grandes unidades, em face das restrições de espaço, de trânsito e de comunicações;
- c) vulnerabilidade a ataques aéreos, aeronaves remotamente pilotadas e fogos de artilharia;
- d) número limitado de linhas de ação; e
- e) preparação na margem de desembarque, visando incapacitar o inimigo de impedir a operação.

9.6.5.6 A transposição de um curso d'água obstáculo, sem passagens utilizáveis e cuja segunda margem se encontra defendida pelo inimigo, comporta, normalmente, a conquista e a manutenção de uma cabeça de ponte. Nesse caso, a travessia em si do

curso de água é apenas um meio para o prosseguimento das operações na segunda margem.

9.6.5.7 A presença do obstáculo aquático exige equipamentos especializados, como botes de assalto ou pontes flutuantes, e pessoal treinado para seu uso. A coordenação é desafiada por restrições de espaço, tráfego e comunicações, enquanto o reconhecimento detalhado do terreno e do inimigo torna-se essencial para o sucesso.

9.6.5.8 Manobras desbordantes, buscando transpor o rio-obstáculo nos flancos da posição inimiga, devem ser preferidas a manobras frontais, que normalmente incidem sobre a parte mais forte do dispositivo inimigo.

9.6.5.9 Quando o rio não estiver defendido, serão realizadas travessias de oportunidade e, nesse caso, o planejamento ficará restrito normalmente aos aspectos técnicos do material empregado e de controle de trânsito.

9.6.5.10 As características de um curso de água obstáculo de grande vulto poderão inviabilizar a construção e a manutenção de uma passagem contínua sobre o rio. Nesse caso, o Cmt do mais alto escalão tático presente deverá considerar se a conquista e manutenção da cabeça de ponte serão viáveis sem contar com qualquer meio contínuo de travessia. Caso conclua por sua inviabilidade, a operação terrestre deverá evoluir para uma operação conjunta.

9.6.5.11 A Cia Fuz pode participar de uma operação de transposição de curso d'água integrando o Btl. O trabalho de comando do Cmt Cia Fuz para esse tipo de missão inclui as seguintes atividades:

- a) reconhecimento detalhado do terreno, se possível presencial, com apoio de elementos de engenharia;
- b) análise da composição e do dispositivo do inimigo, com ênfase na identificação das armas de apoio;
- c) reconhecimento e seleção dos itinerários entre a Z Reu, a P Atq e os locais de travessia, os quais devem privilegiar caminhos protegidos e de fácil acesso, especialmente para deslocamentos noturnos ou sob visibilidade reduzida;
- d) seleção da P Atq, que deverá estar próxima aos locais de travessia, oferecer ocultação e permitir a distribuição dos Pel Fuz paralelamente à frente de travessia;
- e) coordenação com os Elm engenharia, definindo locais de encontro, guias e meios de transposição, como botes ou passadeiras;
- f) planejamento e condução de ensaios em locais que simulem o ambiente da operação. A Cia Fuz deve praticar o embarque, desembarque e progressão, utilizando os mesmos equipamentos previstos, sob orientação da engenharia.

9.6.5.12 A execução da transposição de curso d'água é realizada na seguinte sequência:

- a) Deslocamento da Z Reu para a P Atq, sob controle do Btl. Guias previamente designados conduzem os grupamentos de embarque por itinerários balizados, garantindo proteção contra observação e fogos inimigos. Na P Atq, a tropa é organizada em turmas de embarque, mantendo a formação que será usada na travessia, e segue para os locais de travessia com o apoio da engenharia. Se necessário, a tropa passa na

ZRFME e conduz o material necessário para a travessia, como os botes de assalto, por exemplo.

b) Travessia ocorre de forma simultânea, com todas as embarcações da primeira vaga partindo na hora designada, evitando atrasos que comprometam a coordenação. A responsabilidade pela direção da progressão recai sobre o Fuz mais graduado em cada bote, enquanto a engenharia gerencia as embarcações. A correnteza é enfrentada apenas se causar desvios significativos, com ajustes coordenados entre o comandante e os engenheiros.

c) Ao alcançar a margem oposta, a tropa desembarca rapidamente, desenvolve-se em formação de combate e ataca o objetivo inicial designado pelo Cmt Cia Fuz, neutralizando resistências imediatas. Após a conquista, a Cia Fuz reorganiza-se brevemente e prossegue conforme o planejamento. Os engenheiros retornam com as embarcações para novas travessias ou iniciam trabalhos técnicos, como a construção de pontes.

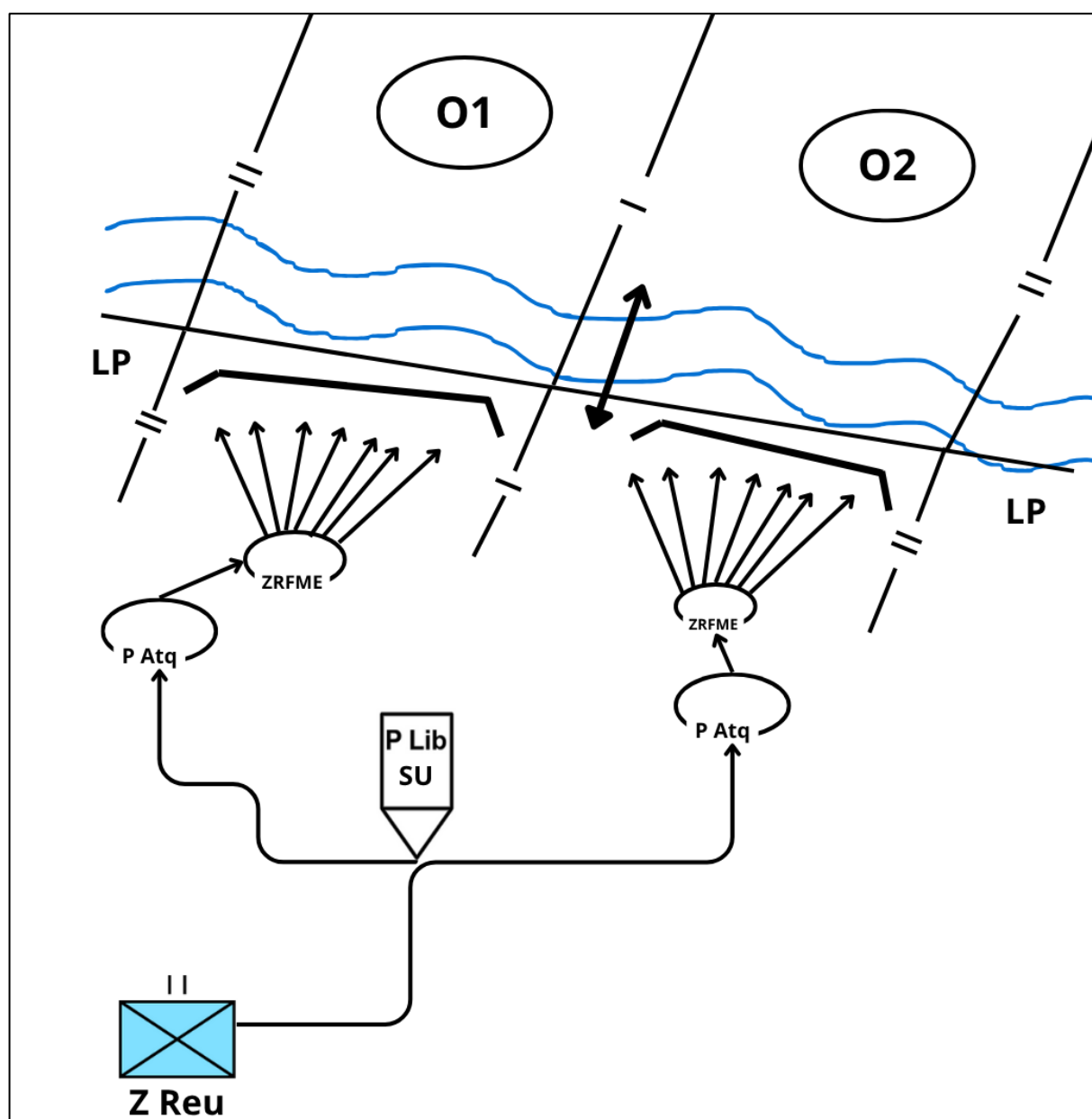


Fig 9-3 - Execução do Atq

9.6.5.13 O rádio é o principal sistema de ligação estabelecido entre a Cia Fuz e o Btl, sendo complementado por mensageiros e sinais visuais. O sistema físico é lançado assim que pontes ou passarelas estiverem disponíveis, exceto em rios largos com forte correnteza. Antes da travessia, o silêncio de rádio pode ser mantido para preservar o sigilo, sendo suspenso com o início da operação.

9.6.5.14 O apoio de fogo é planejado para neutralizar a resistência inimiga e proteger a travessia. Caso tenha condições técnicas, o Pel Ap se desdobra na margem amiga para apoiar a travessia e conquista dos objetivos iniciais da Cia Fuz. O mesmo se aplica aos CC, caso reforcem a Cia Fuz.

9.6.5.15 Durante o dia, cortinas de fumaça, lançadas por artilharia, morteiros ou unidades químicas, ocultam o movimento.

9.6.5.16 O fluxo logístico da Cia Fuz deve ser mantido durante toda a operação, utilizando, para isso, dos meios de travessia disponíveis.

9.6.5.17 Mais informações sobre as operações de transposição de curso de água poderão ser obtidas nos manuais C 31-60 OPERAÇÕES DE TRANSPOSIÇÃO DE CURSOS DE ÁGUA (2ª Edição, 1996) e EB70-MC-10.335 BATALHÕES DE INFANTARIA (1ª Edição, 2023).

9.6.6 OPERAÇÃO DE ABERTURA DE BRECHA

9.6.6.1 A operação de abertura de brecha consiste na preparação e execução de uma passagem ou caminho que se abre através dos obstáculos inimigos para permitir a progressão de pessoal ou tropas.

9.6.6.2 A operação de abertura de brecha é uma operação que apresenta as seguintes condicionantes:

- a) necessidade de grande quantidade de equipamento peculiar e de pessoal especializado;
- b) superioridade aérea nos momentos e locais escolhidos para a abertura de passagens;
- e
- c) maciça superioridade de poder de combate, particularmente no que se refere ao apoio de fogo e engenharia.

9.6.6.3 Os trabalhos realizados para permitir o desembocar do ataque, normalmente, incluem a abertura de trilhas e brechas em obstáculos, construção e balizamento de vaus e identificação de obstáculos.

9.6.6.4 Cabe à engenharia em apoio, inicialmente, a missão de abrir trilhas e brechas nos obstáculos de maior vulto que protegem a posição inimiga.

9.6.6.5 Os trabalhos correntes de fortificações de campanha, tais como a abertura de passagens nos obstáculos criados pelo inimigo, não são atribuições exclusivas da Engenharia, mas sim de toda a tropa. Cabem às frações de Engenharia aqueles trabalhos que exijam técnica ou equipamento especializado, a construção de abrigos para o comando e outros trabalhos de interesse geral.

9.6.6.6 Os principais conceitos específicos desse tipo de operação, são:

- a) Trilha - caminho livre por entre um obstáculo, destinado à passagem de tropas a pé, em coluna. Normalmente, possui 1,20m de largura;
- b) Brecha simples - passagem ou caminho que se abre através dos obstáculos inimigos para permitir a passagem de pessoal ou tropas. Normalmente, possui 7 metros de largura;
- c) Brecha dupla - passagem ou caminho que se abre através dos obstáculos inimigos para assegurar a dupla circulação dos veículos. Normalmente, possui 14 metros de largura; e
- d) Passagem tática - passagem suficientemente larga para permitir o trânsito de uma força amiga em formação tática, normalmente com largura superior a 100 (cem) metros.

9.6.6.7 Para fins de planejamento, podem ser tomados como base os dados abaixo:

- a) A Cia Fuz Mec ou Bld em 1º Esc recebe meios para abertura de uma brecha simples em sua Z Aç;
- b) A Cia Fuz combatendo a pé, integrando o Atq Pcp, recebe meios para abertura de uma trilha por pelotão em primeiro escalão; e
- c) A Cia Fuz combatendo a pé, integrando o Atq secundário, recebe meios para abertura de uma trilha em sua Z Aç.

9.6.6.8 A distância entre as passagens abertas será função do inimigo, do terreno, da necessidade de dispersão, do planejamento dos fogos diretos da força de apoio, do C² e do adensamento de tropas visualizado para o local de abertura.

9.6.6.9 O Cmt Cia Fuz deve, sempre que o tempo disponível permitir, planejar a abertura de passagens adicionais (ou alternativas), incrementando o conjunto de medidas que visam minimizar o risco de fratricídio.

9.6.6.10 Quando da execução das Op Ofs, a Cia Fuz poderá deparar-se com uma grande variedade de obstáculos artificiais e naturais, os quais deverão ser, o mais rapidamente possível, ultrapassados para conservar a iniciativa e manter a impulsão do ataque.

9.6.6.11 A operação de abertura de brechas é o emprego de TTP visando a projetar poder de combate para o outro lado de um obstáculo. É, em última análise, uma operação sincronizada envolvendo elementos de manobra e de apoio ao combate sob responsabilidade do comandante da arma-base. Sob vários aspectos, constitui uma das mais difíceis ações táticas entre as que podem ser executadas pela Cia Fuz e Pel Fuz.

9.6.6.12 É importante compreender que deparar-se inadvertidamente com obstáculos significa que o contato com o inimigo foi estabelecido, caso isso ainda não tenha efetivamente ocorrido por meio de outras formas (contato visual, fogos diretos, fogos indiretos, GE, aviação ou agentes químicos). A partir daí, portanto, todas as ações decorrentes devem ser executadas considerando esse aspecto.

9.6.6.13 Ao encontrar um obstáculo, haverá, preferencialmente, duas ações ou processos de ultrapassagem, aos quais o Cmt Cia Fuz decidirá por executar: desbordá-lo ou executar uma operação de abertura de brecha.

9.6.6.14 Os obstáculos devem ser, sempre que possível, desbordados. Os efeitos dos fogos ajustados inimigos podem ser minimizados e, apesar de um eventual comprometimento do fator tempo, a preservação do poder de combate normalmente justificará a decisão.

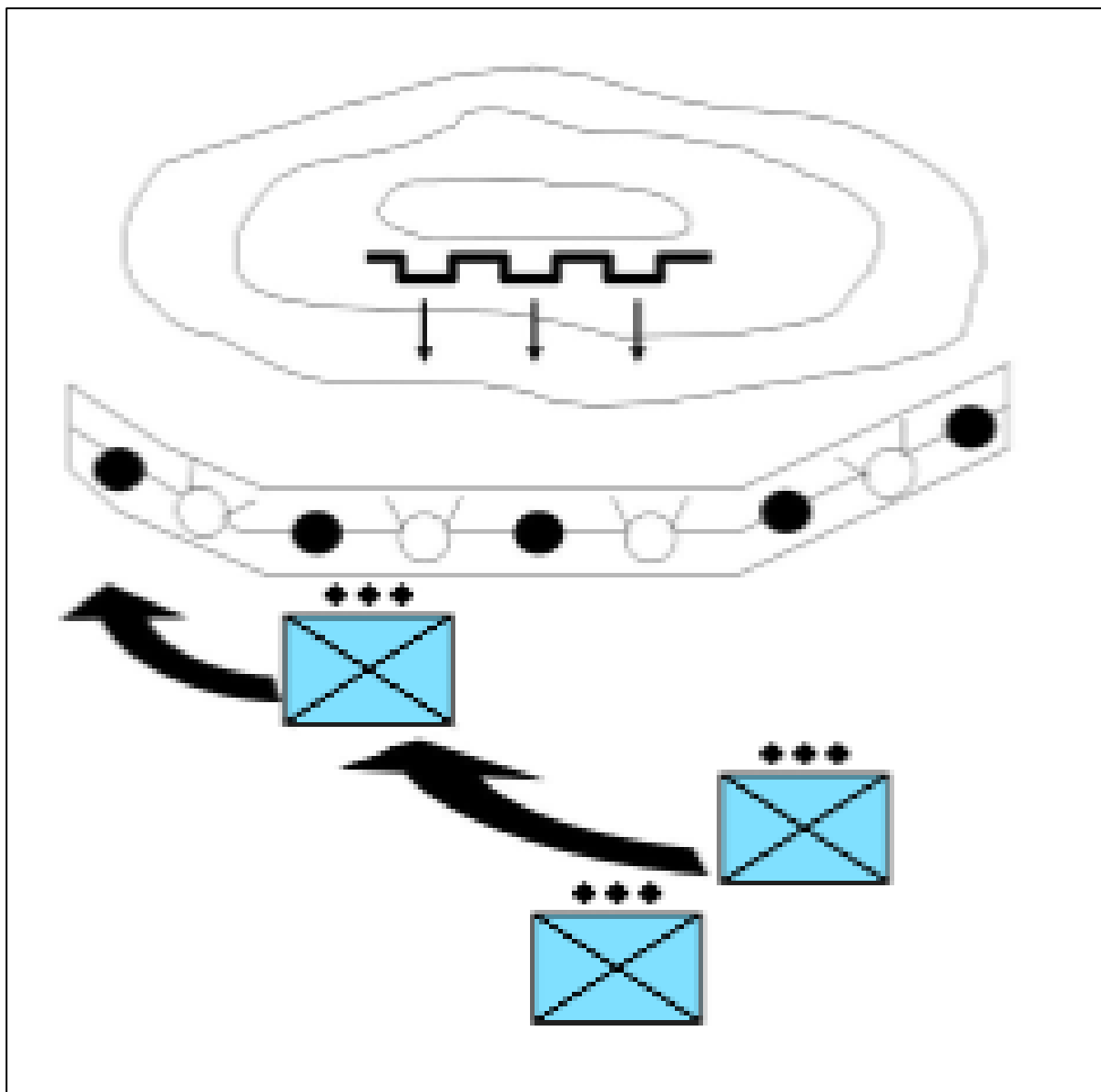


Fig 9-4 - Cia Fuz desbordando um obstáculo de proteção local

9.6.6.15 Em se tratando de uma operação de movimento, a missão de reconhecer os limites laterais do obstáculo a ser desbordado caberá aos elementos mais avançados, sempre que possível, apoiados por elementos de engenharia.

9.6.6.16 Durante um ataque coordenado

9.6.6.16.1 Durante um ataque coordenado, caso a Cia Fuz estabeleça contato com um obstáculo, particularmente campos de minas, armadilhas, construções de arame ou destruições, deverá informar ao Btl e imediatamente destacar uma ou mais frações de reconhecimento, se possível, integradas por elementos de engenharia.

9.6.6.16.2 Esse reconhecimento deverá levantar as possibilidades de desbordar o obstáculo, considerando:

- a) a natureza do terreno em que ele está estabelecido;
- b) os itinerários para desbordamento;
- c) a profundidade e comprimento (frente);
- d) as prováveis posições de armas que batem o referido obstáculo; e
- e) no caso de campo de minas, a localização do verdadeiro limite anterior e não do limite das minas esparsas à frente.

9.6.6.17 Ao decidir desbordar um obstáculo, o Cmt Cia Fuz deve considerar a hipótese de estar agindo exatamente conforme a intenção do inimigo, por exemplo, adentrando uma A Engj inimiga.

- O desbordamento de qualquer obstáculo, portanto, deve ser revestido do grau de cautela necessário à segurança do escalão de ataque ou dos elementos que o reconhecem, além de procurar ser realizado sob condições de pouca visibilidade e com a máxima preservação possível do sigilo.

9.6.6.18 Mesmo que o Cmt visualize a possibilidade de desbordar um obstáculo, elementos de reconhecimento visando uma possível abertura de brechas devem ser, sempre que possível, lançados simultaneamente.

- Apesar da semelhança em termos de características a serem reconhecidas, os objetivos de ambos os reconhecimentos e a composição das forças normalmente serão distintos.

9.6.6.19 Caso decida realizar a abertura da brecha, esta deverá ser conduzida com a execução de cinco ações básicas indispensáveis para o seu sucesso:

- a) neutralização,
- b) obscurecimento,
- c) segurança,
- d) redução e
- e) assalto (NOSRA).

9.6.6.20 Neutralização

- Consiste em engajar o Ini por fogos diretos e indiretos, evitando que seus sistemas de armas atuem eficazmente contra as forças encarregadas de realizar a abertura da brecha. Busca proporcionar as melhores condições de proteção para que, no prosseguimento, os elementos da força de assalto possam progredir através da brecha em direção aos seus objetivos.

- O Cmt Cia Fuz deve planejar a aplicação de um volume de fogos que seja esmagadoramente superior àquele apresentado pelo inimigo e cujo objetivo primordial será retirar os fogos diretos sobre o local escolhido para a brecha.

9.6.6.21 Obscurecimento

- Tem por finalidade reduzir a capacidade do inimigo em adquirir alvos e aumentar a

segurança da força de abertura de brechas, além de cobrir o movimento e desdobramento da força de assalto em direção aos seus objetivos. Inclui o emprego de agentes químicos fumígenos, a correta utilização do terreno e o aproveitamento dos horários com visibilidade reduzida.

- O obscurecimento deve ser cuidadosamente planejado para proporcionar máxima degradação da observação e dos fogos inimigos, mas, em contrapartida, preservar tanto quanto possível o C² e os fogos das nossas tropas. Encontrar esse equilíbrio é o aspecto mais sensível da execução dessa ação.

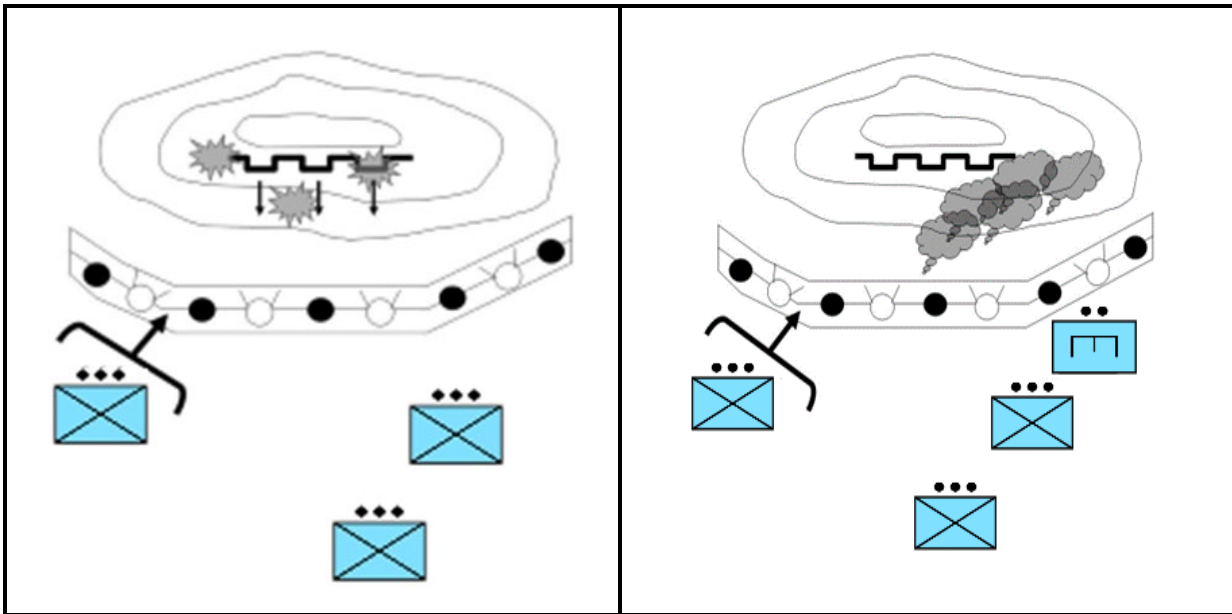


Fig 9-5 - Neutralização

Fig 9-6 - Obscurecimento

9.6.6.22 Segurança

- A Cia Fuz deve prover a segurança do local selecionado para a abertura da brecha, de modo a evitar interferência inimiga nos trabalhos de redução, apoiar o movimento da força de assalto e garantir a posse das passagens abertas.

- Pode ser proporcionada mediante uma efetiva conquista das posições inimigas que dominam o obstáculo ou que representem uma ameaça de interferência nas ações de redução.

- Em se tratando de obstáculos de proteção local - e em quaisquer outros nas quais não se possa garantir a segurança diretamente por meio de elementos de manobra.

- O desejável é o estabelecimento de bases de fogos nas imediações do local selecionado para a abertura (inicialmente no lado mais próximo e, após a redução, no mais afastado do obstáculo), a partir das quais será proporcionada uma segurança aproximada por meio de fogos.

9.6.6.23 Redução

- É a abertura de passagens através do obstáculo, de modo a permitir que as forças atacantes prossigam no ataque.

- As técnicas empregadas para a redução estarão condicionadas aos meios disponíveis, particularmente os elementos de engenharia equipados com detectores de minas, bastões de sondagem, alicates e equipamentos portáteis de abertura de trilhas, tais

como cargas explosivas lineares lançadas por foguetes, torpedo *bangalore* ou similar.

9.6.6.24 Assalto

- É a ação decisiva de uma operação de abertura de brecha, sendo também a fase final de um ataque.

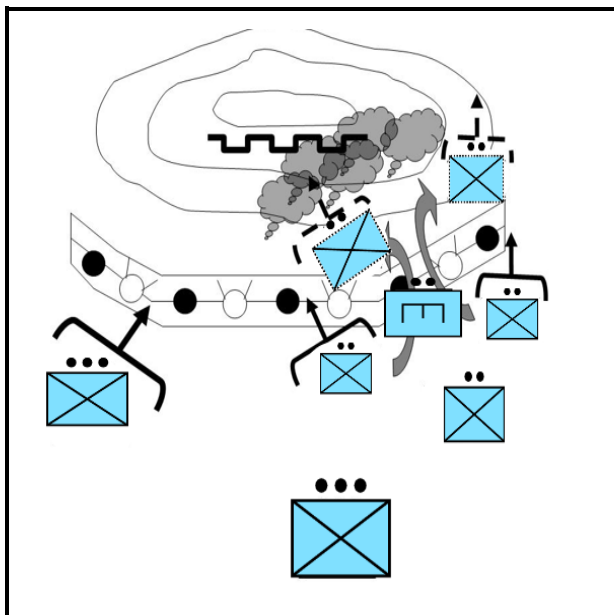


Fig 9-7 - Redução

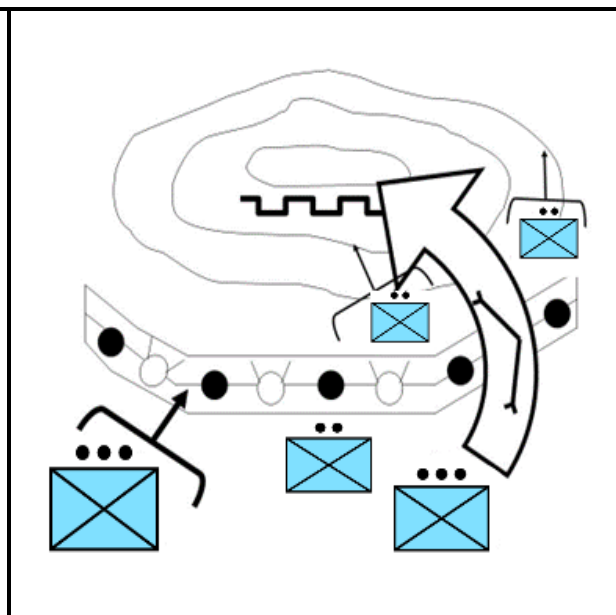


Fig 9-8 - Assalto

9.6.6.25 A Cia Fuz deve organizar-se adequadamente para desencadear uma operação de abertura de brecha. Para isso, a SU poderá ser dividida da seguinte forma:

a) Força de Apoio

- Sua principal atribuição consiste em eliminar a capacidade do inimigo de interferir na operação, particularmente sobre o local selecionado para a brecha.
- Deve isolar o local selecionado para abertura de brecha por meio de fogo e/ou manobra, bem como neutralizar os sistemas de armas inimigos que se encontram batendo o obstáculo com fogo direto e/ou indireto.
- Para isso, deve ser priorizada na distribuição dos meios de apoio de fogo e blindados.

b) Força de Abertura de Brecha

- A missão dessa força é criar as passagens que possibilitarão à força de assalto transpor o obstáculo e prosseguir no ataque em direção aos seus objetivos.
- É dela também a responsabilidade de balizar a brecha aberta e seus pontos de entrada e saída.
- É composta por fuzileiros e engenheiros.
- Os fuzileiros estabelecem base de fogos para cooperar com a neutralização, obscurecimento e segurança.
- Os engenheiros identificam e reconhecem o obstáculo, selecionam o local exato para abrir a brecha, aproximam os meios de abertura, reduzem o obstáculo, balizam a passagem e os pontos de entrada/saída e informam a localização da(s) brecha(s) abertas.

c) Força de Assalto

- A missão dessa força é ultrapassar o obstáculo através da brecha aberta para conquistar o(s) objetivo(s) estabelecido pelo Cmt Cia Fuz.
- É composta basicamente por fuzileiros, podendo ser apoiada por elementos de engenharia que serão empregados na continuação do ataque.

9.6.6.26 Operações de abertura de brechas necessitam de estreita sincronização das ações a serem realizadas (NOSRA) pelas forças de apoio, abertura de brechas e assalto.

- Uma sincronização precisa é fundamental para que a operação obtenha êxito. Falhas nesse processo podem determinar perdas consideráveis à Cia Fuz, podendo, inclusive, tornar inviável a continuação da manobra ofensiva.

9.6.6.27 A adequada sincronização será obtida por meio do estabelecimento de medidas de coordenação e controle adequadas e, principalmente, com a execução de ensaios.

9.6.6.28 Mais informações sobre as operações de abertura de brecha poderão ser obtidas nos manuais EB70-MC-10.335 BATALHÕES DE INFANTARIA (1ª Edição, 2023), MC 3.56-50 OPERAÇÕES DE ABERTURA DE BRECHA (2025) e EB70-MC-10.237 A ENGENHARIA NAS OPERAÇÕES (1ª Edição, 2018).

9.7 DISSIMULAÇÃO

9.7.1 A dissimulação é uma operação que se destina a iludir o inimigo, levando-o a levantar, de forma incorreta ou incompleta, o dispositivo das tropas amigas, suas possibilidades e intenções, de tal forma que reaja de uma maneira que lhe seja desvantajosa.

9.7.2 A dissimulação contribui para a segurança e para a surpresa e aumenta a probabilidade de sucesso, no contexto de uma operação de maior vulto.

- Ela pode ser usada para compensar um poder relativo de combate desfavorável e permitir o emprego judicioso de meios e tempo.

9.7.3 A Cia Fuz pode participar de uma operação de dissimulação planejada pelo Esc Sp, empregando, para isso, seus meios orgânicos.

9.7.4 As medidas ativas e passivas tomadas pela Cia Fuz que, por sua envergadura, não caracterizam uma operação de dissimulação, são consideradas ações comuns às operações militares.

- São exemplos dessas medidas: camuflagem, dispersão dos meios, disciplina de luzes e ruídos, reconhecimento em força, ataque limitado, demonstrações e fintas.

9.7.5 Para mais informações sobre as operações de dissimulação consulte o manual de campanha EB20-MC-10.215 Operações de Dissimulação.

9.8 OPERAÇÕES DE INFORMAÇÃO

9.8.1 As operações de informação (Op Info) consistem no emprego sincronizado de capacidades e de recursos dos diversos sistemas do Exército, em ações cinéticas e não cinéticas, para moldar o ambiente informacional e/ou alcançar objetivos informacionais específicos, de forma a alterar percepções e influenciar determinadas audiências, e/ou atores relevantes, em seus respectivos processos de tomada de decisão. As Op Info têm o objetivo de proteger os processos decisórios próprios, neutralizando ou prevenindo os efeitos das ações adversas na dimensão informacional, tudo com a finalidade de obter superioridade de informações em operações, definidas no espaço e tempo, no amplo espectro dos conflitos.

9.8.2 Dentre as capacidades e os recursos que contribuem para a condução das operações de informação, destacam-se: Comunicação Social (Com Soc); Op Psc; GE; G Ciber; Ass Civ e Intl.

9.8.3 A Cia Fuz pode participar da execução das Op Info, executando ações previstas na base doutrinária do Btl ao qual pertence, dentro do planejamento do mais alto escalão da F Ter presente no TO/A Op.

9.8.4 Mais informações sobre as operações de informações estão disponíveis no Manual de Campanha EB70-MC-10.213 OPERAÇÕES DE INFORMAÇÃO (2ª Edição, 2019).

9.9 JUNÇÃO

9.9.1 A junção é uma operação que envolve a ação de duas forças terrestres amigas que buscam se ligar diretamente. Pode ser realizada entre uma força em deslocamento e outra estacionária, ou entre duas forças em movimentos convergentes.

9.9.2 Tal ligação pode ocorrer nas seguintes situações: em operações aeroterrestres ou aeromóveis, na substituição de uma força isolada, em um ataque para juntar-se à força de infiltração, na ruptura do cerco a uma força, no auxílio a uma força dividida, na convergência de forças independentes e no encontro com forças de guerrilha amigas.

9.9.3 Quando uma operação de junção ocorre entre uma força estacionária e uma força móvel (força de junção), ela decorre de uma ação ofensiva da força de junção que procura o contato físico entre as forças.

- Tal ação é executada simultaneamente a uma ação predominantemente defensiva, realizada pela força estacionária, com a finalidade de manter a posse da região onde será feita a junção.

9.9.4 O PLANEJAMENTO DE UMA OPERAÇÃO DE JUNÇÃO DEVE PRIVILEGIAR O DETALHAMENTO DAS MEDIDAS DE COORDENAÇÃO E CONTROLE, CONSIDERANDO O ELEVADO RISCO DE FRATRICÍDIO EM OPERAÇÕES DESSA NATUREZA.

- Serão adotadas, dentre outras, as seguintes medidas:

9.9.4.1 Ponto de junção

- Local onde ocorre o contato físico entre as duas forças. Deve ser facilmente identificável no terreno e localizado no cruzamento do eixo de progressão da força de junção com a linha das forças de segurança da força estacionária.
- Caso as forças de segurança já tenham retraído, o ponto de junção pode ser estabelecido no próprio LAADA. Deverão ser estabelecidos pontos de junção alternativos.

9.9.4.2 Linhas de controle

- Empregadas para facilitar o controle, a localização e a aproximação da força de junção pela força estacionária. Devem ser estabelecidas a uma distância que permita a abertura das diversas redes-rádio, compatível com os meios de comunicações disponíveis para as duas forças; e

9.9.4.3 Eixos de progressão

- Devem ser estabelecidos para a força de junção, possibilitando que ela evite engajamentos decisivos antes da junção.

9.9.5 AS IECOMELT PARA A JUNÇÃO DEVEM SER ESTABELECIDAS PELO ESC SP QUE DETERMINOU A REALIZAÇÃO DA OPERAÇÃO.

- No documento devem constar, entre outras, as seguintes informações de reconhecimento mútuo para todas as forças envolvidas na operação para evitar a possibilidade de fratricídio:

- a) Senhas e contra-senhas;
- b) Códigos de mensagens pré-estabelecidas;
- c) Autenticação de redes rádio e mensagens;
- d) Identificação terra-terra de viaturas e de pessoal (diurno e noturno) e ar-terra de viatura (diurno);
- e) Sinalização dos pontos de junção e dos itinerários que a eles conduzem; e
- d) Utilização de fumígenos, painéis e artifícios pirotécnicos.

9.9.6 Para a junção, são estabelecidas diferentes redes-rádio para a ligação entre as forças, as quais são ativadas e desativadas de acordo com o deslocamento da força de junção.

9.9.7 O escalão que determinou a realização da junção deve estabelecer MCAF para garantir o apoio de fogo necessário, reduzindo o risco de fratricídio.

9.9.8 A JUNÇÃO DE UMA FORÇA EM DESLOCAMENTO COM UMA FORÇA ESTACIONÁRIA É EXECUTADA NA SEGUINTE SEQUÊNCIA:

- a) Quando a força de junção atinge as linhas de controle, as redes-rádio são abertas e são realizadas as medidas de reconhecimento mútuo, até o(s) ponto(s) de junção;
- b) No ponto de junção, a força estacionária fornece guias que conduzirão a força de

junção até as Z Reu;

c) A localização dos campos de minas, locais de passagem e barreiras são informados aos Cmt que compõem a força de junção;

d) Cada força passa a executar a missão subsequente que lhe cabe.

9.9.9 Caso o inimigo estabeleça posições de bloqueio que venham a dificultar a progressão da força de junção, a força estacionária poderá empreender ações ofensivas para apoiar o movimento.

9.9.10 A junção de duas forças em movimento é bastante complexa, principalmente em função do alto risco de fratricídio. Assim, o êxito da operação depende do estabelecimento de medidas de coordenação e controle adequadas e da manutenção da comunicação.

9.9.11 A Cia Fuz pode executar a junção, como força estacionária ou força de junção, de maneira isolada ou integrando o Btl Inf.

CAPÍTULO X

OPERAÇÕES DE MOLDAGEM

10.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

10.1.1 As operações de moldagem destinam-se a ampliar, aperfeiçoar e/ou complementar as operações básicas, a fim de maximizar a aplicação dos elementos do poder de combate terrestre. Os elementos da Força Terrestre (F Ter) executam tais operações no contexto das operações básicas. Elas visam, principalmente, a criar vantagens para as forças amigas e impedir que o adversário alcance a iniciativa estratégica. Variam em magnitude, tempo, intensidade e forças empregadas, ajustando-se conforme as fases da operação.

10.1.2 Essas operações integram-se de forma sinérgica à manobra geral, influenciando o ambiente operacional, os adversários e os demais atores relevantes, por meio de efeitos deliberados e coordenação precisa. Seu foco está em impactar diretamente o inimigo, o terreno e os demais atores relevantes, degradando suas capacidades e maximizando as chances de sucesso nas fases críticas da operação.

10.1.3 As operações de moldagem são conduzidas com o objetivo geral de modelar e influenciar o ambiente operacional, criando condições favoráveis às operações básicas, dissuadindo potenciais adversários e desestabilizando suas capacidades.

10.1.4 No nível tático, as operações de moldagem visam moldar o ambiente operacional de maneira que favoreça a execução das operações de forma coordenada e eficaz, minimizando as vantagens táticas do inimigo e reduzindo sua liberdade de ação.

10.1.5 As operações de moldagem podem ser divididas em fases, dependendo do momento e do impacto desejado na campanha. Podem começar muito antes da fase decisiva e continuar até a conclusão das operações principais.

10.1.6 FASE DE PREVENÇÃO

- As operações de moldagem ocorrem durante períodos de paz ou antes do conflito direto, onde ações cibernéticas e de inteligência buscam criar vulnerabilidades no sistema inimigo.

10.1.7 FASE INICIAL DE CONFLITO

- Durante o início das hostilidades, as forças amigas realizam ataques cirúrgicos e desestabilizadores em alvos críticos, como centros logísticos, defesa antiaérea e redes de C², para preparar o terreno para os ataques principais.

10.1.8 FASE DE OPERAÇÕES BÁSICAS

- Durante o confronto decisivo, as operações de moldagem continuam a apoiar o avanço das forças amigas, protegendo as linhas de comunicação e limitando os reforços do

inimigo.

10.1.9 FASE PÓS-CONFLITO OU ESTABILIZAÇÃO

- As operações de moldagem concentram-se em consolidar os ganhos estratégicos, impedir a reemergência de ameaças e estabelecer condições de estabilidade duradoura.

As ações incluem:

- a) reabilitação de infraestruturas críticas danificadas durante o conflito;
- b) apoio a governos locais e reconstrução de instituições civis;
- c) integração de esforços interagências para promover a paz e o desenvolvimento; e
- d) implementação de programas de Desmobilização, Desarmamento e Reintegração (DDR).

10.1.10 A Cia Fuz, integrada ao Btl Inf e à Bda Inf, participará ativamente das duas últimas fases das operações de moldagem, executando as missões previstas na base doutrinária do Btl ao qual está incorporada.

10.1.11 Mais detalhes sobre as operações de moldagem estão disponíveis no manual de campanha MC 3.0 OPERAÇÕES (6ª edição, 2025).

CAPÍTULO XI

AÇÕES COMUNS ÀS OPERAÇÕES TERRESTRES

11.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

11.1.1 No contexto das operações terrestres, observa-se uma série de ações comuns às operações terrestres, que podem ser realizadas por tropas de qualquer natureza desde que estas tenham as capacidades necessárias. Elas se relacionam às funções de combate, às atividades e às tarefas a serem conduzidas pelos elementos da Força Terrestre (F Ter) e apresentam um grau de intensidade variável, de acordo com a operação militar planejada e conduzida.

11.1.2 CONSIDERANDO O GRAU DE COORDENAÇÃO QUE REQUEREM E SUA ABRANGÊNCIA, SERÃO ABORDADAS AS SEGUINTE AÇÕES:

- a) controle de danos;
- b) IRVA;
- c) proteção de civis; e
- d) busca, resgate e salvamento.

11.2 CONTROLE DE DANOS

11.2.1 Controle de danos é o conjunto integrado de medidas preventivas e corretivas que visam minimizar os impactos de ações do oponente, acidentes, desastres naturais ou catástrofes em nossa área de responsabilidade. Essas medidas têm a finalidade de assegurar a continuidade das funções de combate, a preservação de vidas humanas, a proteção de recursos e infraestruturas críticas, e a manutenção das instalações e equipamentos.

11.2.2 As ações do controle de danos são classificadas em três fases: medidas preventivas, respostas imediatas e ações corretivas.

11.2.3 Durante o trabalho de comando, o Cmt Cia Fuz deve planejar ações para as três fases, dentro da Z Aç sob sua responsabilidade. Para isso, é necessário considerar os fatores da decisão, com especial atenção ao terreno, às condições meteorológicas e ao inimigo.

11.2.4 Especificamente na fase de medidas preventivas, a correta realização do gerenciamento de risco auxiliará o Cmt Cia Fuz a visualizar possíveis riscos e como mitigá-los. As atividades de manutenção preventiva também são uma excelente ferramenta nessa fase.

11.2.5 As respostas imediatas serão melhor executadas se o Cmt Cia Fuz planejar as condutas para cada situação de contingência. O estabelecimento de Normas Gerais de Ação também facilita as ações de resposta.

11.2.6 As ações corretivas no âmbito da Cia Fuz têm ligação estreita com a recuperação das vias de comunicação com o Btl e com os Pel subordinados, bem como com o restabelecimento do fluxo logístico e de comunicação.

11.3 INTELIGÊNCIA, RECONHECIMENTO, VIGILÂNCIA E AQUISIÇÃO DE ALVOS (IRVA)

11.3.1 As ações de IRVA são fundamentais e devem ocorrer em todas as operações militares, com o objetivo de proporcionar suporte crítico à obtenção da consciência situacional, ao planejamento e à execução de missões. Esse conceito integra Inteligência, Reconhecimento, Vigilância e Aquisição de Alvos, por meio de uma abordagem coesa e contínua, na medida em que a Inteligência realiza a análise de informações para apoiar decisões operacionais e táticas, o Reconhecimento age na coleta direta de informações do campo de batalha, a Vigilância atua no monitoramento contínuo para detectar e acompanhar atividades relevantes inimigas e a Aquisição de Alvos realiza a identificação e priorização de alvos para engajamento.

11.3.2 INTELIGÊNCIA

11.3.2.1 A Inteligência é o componente central, sendo responsável por reunir, processar e interpretar informações sobre o ambiente operacional, os inimigos e as ameaças potenciais. Enfatiza a fusão de dados coletados por múltiplas fontes, como a Tropa como Sensor, Inteligência Humana (HUMINT), Inteligência de Sinais (SIGINT) e Inteligência por Imagens (IMINT). Esse processo analítico é vital para antecipar ações adversárias e apoiar o planejamento operacional e tático.

11.3.2.2 A Cia Fuz participa ativamente da coleta de dados, executando o Plano de Obtenção de Conhecimento estabelecido pelo Cmt Btl, por meio de seus meios orgânicos, especialmente os fuzileiros. Os dados coletados devem ser oportunamente repassados ao Btl. A tropa deve ser treinada para reportar informações precisas e oportunas, reforçando o conceito de “tropa como sensor”.

11.3.2.3 Normalmente, a Cia Fuz não executa o processamento de dados de inteligência. O trabalho de comando é realizado com apoio dos produtos de inteligência processados pelo Btl.

11.3.2.4 Os dados recebidos do Esc Sp devem ser disseminados aos Pel subordinados, de modo a garantir que todos os níveis tenham uma adequada compreensão da situação.

11.3.3 RECONHECIMENTO

11.3.3.1 O reconhecimento é a atividade que busca reduzir as incertezas do ambiente operacional por meio de observações diretas ou indiretas. Essa função é integrada à coleta de inteligência, utilizando observadores ou tropas especializadas e plataformas tecnológicas, como drones e veículos terrestres não tripulados.

11.3.3.2 O reconhecimento é parte do trabalho de comando do Cmt Cia Fuz. O risco de detecção pelo inimigo ou quebra prematura do sigilo durante os reconhecimentos

demanda um detalhado planejamento, bem como a autorização do Cmt Btl para sua realização.

11.3.3.3 A Cia Fuz pode empregar fuzileiros ou Sistemas de Aeronaves Remotamente Pilotadas (SARP) orgânicos para buscar dados que respondam às suas necessidades de Inteligência, principalmente em relação ao terreno e ao inimigo.

11.3.3.4 Os Pel Fuz ou GC designados para a execução de reconhecimentos deverão empregar as técnicas de patrulha detalhadas no caderno de instrução EB70-CI-11.450 PATRULHAS (1ª Edição, 2021).

11.3.4 VIGILÂNCIA

11.3.4.1 A vigilância é a atividade contínua de monitoramento do ambiente operacional, focando na detecção de atividades inimigas e mudanças significativas.

- Na atualidade, a vigilância é conduzida por sistemas autônomos, sensores avançados e observadores humanos, garantindo uma cobertura persistente com o objetivo crítico de fornecer alertas antecipados.

11.3.4.2 A Cia Fuz realizará a vigilância em diversas situações, como quando ocupando um PAC, monitoramento de RIPI designada pelo Btl, entre outras.

11.3.4.3 Os sensores de movimento, SARP e equipamentos optrônicos complementam a capacidade de vigilância da Cia Fuz.

11.3.4.4 A camuflagem dos postos de observação, a rotação de pessoal e o uso de comunicações seguras são práticas recomendadas para a execução de vigilância.

11.3.5 AQUISIÇÃO DE ALVOS

11.3.5.1 A aquisição de alvos, integrada ao processo de *targeting*, é uma evolução que conecta as atividades de coleta de informações ao engajamento de alvos. Essa função consiste na identificação, na priorização e na designação de alvos críticos para engajamento.

- No contexto da F Ter, a aquisição de alvos é essencial para conectar o ciclo de inteligência às operações táticas, garantindo o uso preciso do poder de combate.

11.3.5.2 A aquisição de alvos é central para as operações ofensivas e defensivas, permitindo que a Cia Fuz mantenha a iniciativa no campo de batalha.

11.3.5.3 Os AAC, sejam designados pelo Btl ou pela Cia Fuz, devem ser buscados durante todo o combate. Para isso, é necessário que todos os integrantes da Cia Fuz conheçam a LAAC, saibam identificá-los e tenham condições de designá-los (direção - distância - situação - natureza - particularidades) com oportunidade.

11.3.5.4 Na LAAC é estabelecida a prioridade de engajamento dos AAC adquiridos.

11.4 PROTEÇÃO DE CIVIS

11.4.1 A Proteção de Civis consiste no conjunto de esforços para reduzir os riscos de violência física contra civis, garantir o direito de acesso a serviços e recursos essenciais e contribuir para o estabelecimento de um ambiente seguro e estável. Além de favorecer a opinião pública, em meio à campanha informacional de uma operação.

11.4.2 É o conjunto de esforços coordenados, destinados a neutralizar ou mitigar as ameaças que causem danos a civis.

11.4.3 A CIA FUZ PODERÁ PARTICIPAR DA PROTEÇÃO DE CIVIS, ENQUADRADO NOS ESFORÇOS DO ESC SP, EXECUTANDO AÇÕES COMO:

- a) Controle e segurança de área;
- b) Escolta de comboios;
- c) Patrulhamento ostensivo;
- d) Ajuda humanitária; e
- e) Evacuação de não combatentes.

11.4.4 Mais detalhes estão disponíveis no manual de campanha EB70-MC-10.250 PROTEÇÃO DE CIVIS (2021).

11.5 BUSCA, RESGATE E SALVAMENTO

11.5.1 A Busca, Resgate e Salvamento consiste no emprego de todos os meios disponíveis, a fim de localizar, resgatar e recuperar aeronaves abatidas ou acidentadas, bem como embarcações, materiais e instalações diversas, avariadas ou sinistradas e, também, socorrer suas tripulações ou pessoas em perigo.

11.5.2 As características desse tipo de operação tornam as tropas de Operações Especiais e Aviação do Exército as mais capacitadas para conduzi-las.

11.5.3 Eventualmente, a Cia Fuz poderá ser empregada para apoiar, ou mesmo conduzir esse tipo de operação.

11.5.4 NESSE CASO, O CMT CIA FUZ DEVE CONSIDERAR EM SEU TRABALHO DE COMANDO OS SEGUINTE ASPECTOS:

- a) Inteligência e Vigilância - reunir informações detalhadas sobre o local e a situação para reduzir incertezas;
- b) Coordenação de Forças - integrar capacidades disponíveis;
- c) Procedimentos Padrão - estabelecer protocolos claros para cada etapa da operação, desde a localização até a reintegração.

CAPÍTULO XII

PELOTÃO DE APOIO

12.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

12.1.1 MISSÃO - O pelotão de apoio (Pel Ap) é uma fração orgânica da Cia Fuz. Sua missão é prover apoio de fogo contínuo e imediato aos Pel Fuz.

12.1.2 ORGANIZAÇÃO - O Pel Ap é constituído por um grupo de comando, uma seção de morteiro (Seç Mrt) e uma seção anticarro (Seç AC) (Fig 12-1).

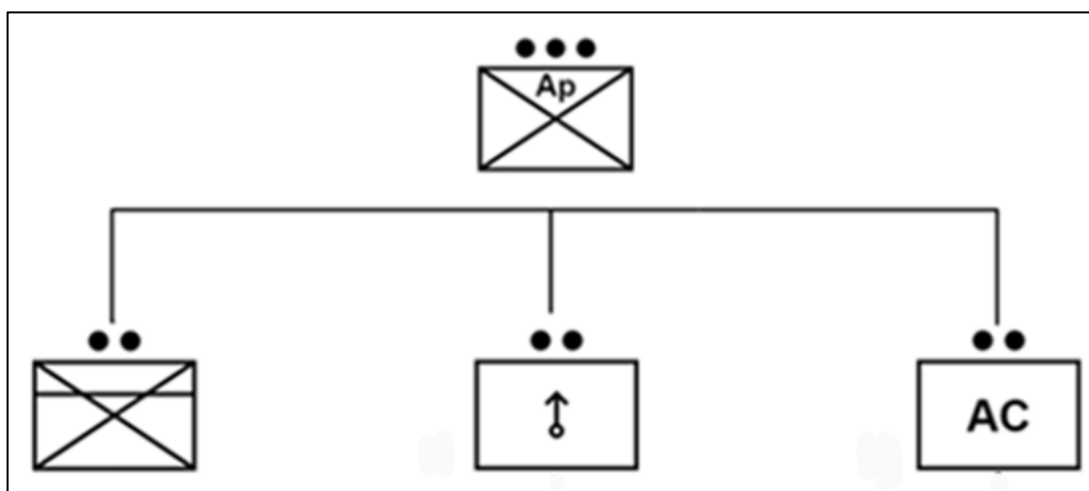


Fig 12-1 - Estrutura Organizacional do Pel Ap

12.1.3 O Pel Ap é o principal componente do sistema de apoio de fogo da SU. O emprego de suas seções será determinado pelo Cmt Cia Fuz, assessorado pelo Cmt Pel Ap.

12.1.4 Este capítulo apresentará a concepção de emprego do Pel Ap, independentemente do armamento de dotação. Informações detalhadas sobre a organização, atribuições dos componentes e maneabilidade encontram-se no manual C 7-5 EXERCÍCIOS PARA A INFANTARIA (1ª Edição, 1980). As informações sobre o armamento serão encontradas nos manuais técnicos específicos

12.2 COMANDANTE

12.2.1 O COMANDO DO PEL AP É EXERCIDO POR UM TENENTE, QUE POSSUI AS SEGUINTE ATRIBUIÇÕES:

- a) controlar, instruir e disciplinar os integrantes do Pel;
- b) assessorar o Cmt Cia Fuz no planejamento do apoio de fogo, integrando o CCAF/SU;
- c) realizar o trabalho de comando relativo ao Pel Ap; e
- d) supervisionar a logística referente ao Pel Ap, principalmente as funções logísticas suprimento e manutenção.

12.3 GRUPO DE COMANDO

12.3.1 O grupo de comando é integrado pelo Adj Pel e outros auxiliares, conforme o QO do Btl.

12.3.2 A missão do grupo de comando é apoiar o Cmt Pel Ap nas atividades de logística, comando e controle.

12.3.3 AO ADJ PEL CABE:

- a) substituir, eventualmente, o Cmt Pel Ap;
- b) assessorar o Cmt Pel Ap no seu trabalho de comando;
- c) processar o fluxo logístico do Pel Ap; e
- d) supervisionar a manutenção do material distribuído ao Pel Ap.

12.3.4 AO OBSERVADOR CABE:

- a) Solicitar, observar e ajustar os fogos da seção de morteiro; e
- b) Auxiliar o Cmt Pel Ap e Ch Seq Mrt na confecção da lista de alvos de Mrt;

12.4 SEÇÃO DE MORTEIRO

12.4.1 ORGANIZAÇÃO

- A Seção de Morteiro é composta por seu comandante, uma Turma de Comando e duas Peças de Morteiro.

12.4.2 SÃO ATRIBUIÇÕES DO Cmt Seq Mrt:

- a) conduzir sua fração em todos os deslocamentos;
- b) dentro da área atribuída à Seq, designar o local exato de cada Pç Mrt;
- c) desempenhar o comando da linha de fogo;
- d) regular o tiro da Seq;
- e) solicitar o remuniamento; e
- f) realizar o trabalho de comando relativo à Seq Mrt.

12.4.3 A GUARNIÇÃO DE CADA PEÇA DE MORTEIRO É COMPOSTA POR CHEFE DE PEÇA, ATIRADOR, AUXILIAR DO ATIRADOR E MUNICIADOR. SÃO ATRIBUIÇÕES DO Ch Pç Mrt:

- a) encarregar-se do deslocamento de sua peça para os locais designados;
- b) selecionar o local exato e preparar a posição de tiro;
- c) conduzir a entrada em posição da peça;
- d) manter-se informado sobre os elementos de tiro, verificando o registro dos dados no aparelho de pontaria;
- e) identificar o ponto de pontaria;
- f) inspecionar a munição, antes do tiro, na posição da peça; e
- g) supervisionar a manutenção da peça e seus acessórios.

12.4.4 SÃO ATRIBUIÇÕES DO ATIRADOR:

- a) registrar as elevações e derivas no aparelho de pontaria;
- b) ocupar posição à lateral do tubo, onde se encontra o aparelho de pontaria; e
- c) apontar o morteiro em direção e alcance, corrigindo a pontaria após cada tiro.

12.4.5 SÃO ATRIBUIÇÕES DO AUXILIAR DO ATIRADOR:

- a) auxiliar o atirador em todas as suas atividades, ficando ECD substituí-lo;
- b) ocupar posição à lateral do tubo, no lado oposto ao atirador;
- c) receber a granada do municionador e, ao comando de “fogo” do Ch Pç, introduzir a granada no tubo e estender os braços para receber outra granada; e
- d) limpar o tubo a cada 5 (cinco) tiros, utilizando o escovão de limpeza adequado e limpo.

12.4.6 SÃO ATRIBUIÇÕES DO MUNICIADOR:

- a) preparar e entregar a munição ao Aux At, conforme determinado pelo Ch Pç; e
- b) ficar ECD de substituir os demais integrantes da guarnição.

12.4.7 POSIÇÕES DE MORTEIRO**12.4.7.1 Os tipos de posições ocupadas pela Seq Mrt são:**

- a) posição principal de tiro - posição da qual a Seq Mrt cumpre em melhores condições sua missão principal;
- b) posição de muda - posição da qual a Seq Mrt também pode executar sua missão principal, caso a posição principal seja comprometida, ou se deseje obter maior segurança;
- c) posição suplementar - posição da qual a Seq Mrt pode executar missões de tiro que não podem ser cumpridas das posições principais ou de muda;
- d) posição de abrigo - são escolhidas próximas às posições de tiro, oferecendo desenfiamento e abrigo aos integrantes da seção não empregados diretamente na execução do tiro; e
- e) posição de descarregamento - local onde as armas, seus acessórios e munição são descarregados das viaturas - ou outro meio de transporte - e conduzidos a braço pela Seq Mrt até a posição de abrigo ou de tiro.

12.4.7.2 As posições são aprovadas pelo Cmt Cia Fuz, após sugestão do Cmt Pel Ap. Devem atender aos seguintes requisitos:

- a) assegurar o desenfiamento e ocultação, evitando a observação aérea e os tiros diretos do inimigo;
- b) permitir o estabelecimento de enlaces de comunicação entre a Seq Mrt, o OA e o PC Cia Fuz;
- c) possuir solo firme para suportar as placas-base;
- d) estar próximo a bons itinerários, trilhas ou estradas que facilitem as mudanças de posição e a manutenção do fluxo logístico, inclusive com viaturas;
- e) aproveitar a segurança fornecida por outras tropas;
- f) não interferir na manobra;
- g) estar próximo a locais que ofereçam postos de observação;

- h) permitir o máximo aproveitamento do alcance dos morteiros nos seus limites máximo e mínimo;
- i) possibilitar a dispersão entre as peças, desde que permita a condução do tiro pelo comandante de seção por voz ou gestos; e
- j) não ser referenciada por pontos notáveis.

12.4.7.3 As posições de tiro devem distar, no mínimo, 200 metros uma da outra.

12.4.8 SELEÇÃO DE ALVOS

12.4.8.1 Os alvos apropriados para morteiros são:

- a) Armas coletivas e fuzileiros inimigos, particularmente os que ocupam posições desenfiadas;
- b) Alvos-zona, utilizando o tiro com ceifa em profundidade;
- c) Alvos desenfiados que, pela DER, não podem ser batidos pela artilharia; e
- d) Postos de observação e seteiras de casamatas (granadas fumígenas).

12.4.8.2 Os morteiros também podem ser empregados para realizar o tiro iluminativo.

12.4.9 CLASSIFICAÇÃO DOS TIROS

12.4.9.1 Os tiros de morteiro são classificados quanto à sua finalidade tática (ou efeito), forma, observação e grau de previsão.

12.4.9.2 Quanto à finalidade, podem ser:

- a) de regulação;
- b) de destruição;
- c) de neutralização;
- d) de inquietação; e
- e) de interdição.

12.4.9.3 Quanto à forma, podem ser:

- a) concentração; ou
- b) barragem.

12.4.9.4 Quanto ao grau de previsão, podem ser:

- a) previstos; ou
- b) inopinados.

12.4.9.5 Quanto à observação, podem ser:

- a) observados; ou
- b) não-observados.

12.4.9.6 Mais detalhes sobre a classificação dos tiros estão disponíveis no manual de campanha C 7-15 - COMPANHIA DE COMANDO E APOIO (3ª Edição, 2002).

12.4.10 DESLOCAMENTO

12.4.10.1 Quando a Cia Fuz realiza um deslocamento a pé ou Mtz, a Seç Mrt deve posicionar-se em local que permita o rápido desdobramento e apoio imediato aos fuzileiros.

12.4.10.2 Normalmente, a Seç Mrt não adentra o mesmo compartimento do terreno do(s) Pel Fuz em 1º Esc.

12.4.11 FORMAS DE EMPREGO

12.4.11.1 O Cmt Cia Fuz selecionará as formas de emprego da Seç Mrt após a análise dos fatores da decisão.

12.4.11.2 Ação de conjunto

12.4.11.2.1 A Seç Mrt atua como um todo em proveito da Cia Fuz, sob o comando do Cmt Pel Ap.

12.4.11.2.2 O Cmt Cia Fuz pode determinar que seja atribuída a prioridade de fogos a um Pel Fuz. A Seç Mrt pode desencadear fogos em apoio a outros Pel Fuz quando não estiver executando fogos de prioridade.

12.4.11.2.3 Os pedidos de fogos são desencadeados mediante ordem do CCAF/SU.

12.4.11.2.4 É a forma de emprego que possibilita maior flexibilidade, facilidade para realização da atividade de suprimento e manutenção, coordenação e controle dos fogos.

12.4.11.3 Apoio direto

12.4.11.3.1 A Seç Mrt como um todo ou uma de suas peças recebem suas missões de tiro diretamente de um dos Pel Fuz.

- Raramente, a Seç Mrt como um todo será empregada em Apoio Direto a um dos Pel Fuz, a menos que o Cmt Cia Fuz considere sua missão imprescindível ou quando este for o único Pel em 1º Escalão.

12.4.11.3.2 Possibilita a manutenção do apoio quando a Z Aç da Cia Fuz é muito extensa, impedindo tecnicamente o apoio centralizado a todas as peças de manobra.

12.4.11.3.3 Quando a Seç Mrt perde alguma de suas peças (que passa em Apoio Direto a um Pel Fuz), diminui-se o volume de fogos e a capacidade de continuidade do apoio.

12.4.11.3.4 Os pedidos de fogos são desencadeados mediante ordem do Pel Fuz apoiado.

12.4.11.3.5 As posições de tiro e os deslocamentos são planejados pelo Cmt Pel Ap, alinhado à manobra do elemento apoiado.

12.4.11.3.6 Dificulta a realização da atividade de suprimento e manutenção, as quais

permanecem a cargo do Cmt Pel Ap.

12.4.11.4 Reforço

12.4.11.4.1 A Seq Mrt como um todo ou uma de suas peças passam a fazer parte do Pel Fuz reforçado.

12.4.11.4.2 Possibilita o apoio quando o Pel Fuz executa ações descentralizadas, quando não é possível ao Cmt Cia Fuz manter o efetivo controle, assegurar o fluxo logístico ou quando as comunicações forem deficientes.

12.4.11.4.3 O Cmt Pel Fuz reforçado é responsável pelo comando tático e pela logística da fração que reforça.

12.5 SEÇÃO ANTICARRO

12.5.1 ORGANIZAÇÃO - a Seção Anticarro é composta por seu comandante, uma Turma de Comando e três peças de Canhão Sem Recuo (CSR).

12.5.2 SÃO ATRIBUIÇÕES DO Cmt Seq AC:

- a) conduzir sua fração em todos os deslocamentos;
- b) dentro da área atribuída à Seq, designar o local exato de cada Pç CSR;
- c) controlar as ações da Seq AC;
- d) solicitar o remuniamento; e
- e) realizar o trabalho de comando relativo à Seq AC.

12.5.3 A GUARNIÇÃO DE CADA PEÇA DE CSR É COMPOSTA POR CHEFE DE PEÇA, ATIRADOR E MUNICIADOR. SÃO ATRIBUIÇÕES DO Ch Pç CSR:

- a) encarregar-se do deslocamento de sua peça para os locais designados;
- b) selecionar o local exato e preparar a posição de tiro;
- c) conduzir a entrada em posição da peça;
- d) observar, controlar, regular e comandar o tiro;
- e) prover a segurança e camuflagem da peça;
- f) estar ECD substituir o atirador;
- g) inspecionar a munição, antes do tiro, na posição da peça; e
- h) supervisionar a manutenção da peça e seus acessórios.

12.5.4 SÃO ATRIBUIÇÕES DO ATIRADOR:

- a) realizar a pontaria e o tiro, sob comando do Ch Pç; e
- b) executar a manutenção do CSR.

12.5.5 SÃO ATRIBUIÇÕES DO MUNICIADOR:

- a) preparar a munição, conforme determinado pelo Ch Pç; e
- b) realizar o remuniamento do CSR, sob comando do Ch Pç.

12.5.6 POSIÇÕES DE TIRO

12.5.6.1 Os tipos de posições ocupadas pela Seção Anticarro (Seç AC) são:

- a) posição principal de tiro;
- b) posição de muda;
- c) posição suplementar;
- d) posição de abrigo; e
- e) posição de descarregamento.

- As definições destas encontram-se no parágrafo 12.4.7.1 deste documento.

12.5.6.2 As posições são selecionadas pelo Cmt Cia Fuz, após sugestão do Cmt Pel Ap. Devem atender aos seguintes requisitos:

- a) assegurar a execução do tiro direto sobre os alvos ou setor de tiro designados, sem interferência de tropas amigas, vegetação e outros obstáculos;
- b) permitir tiro de flanco nas VA para blindados;
- c) permitir o estabelecimento de enlaces de comunicação entre a Seç AC e o PC Cia Fuz;
- d) estar próximo a bons itinerários, trilhas ou estradas que facilitem as mudanças de posição e a manutenção do fluxo logístico, inclusive com viaturas;
- e) permitir o máximo aproveitamento do alcance dos CSR;
- f) não ser referenciada por pontos notáveis; e
- g) permitir a execução técnica do tiro (inexistência de obstáculos ou tropa amiga à retaguarda).

12.5.7 SELEÇÃO DE ALVOS

12.5.7.1 Os alvos apropriados para CSR são:

- a) Viaturas blindadas leves (granadas alto-explosivas);
- b) Armas coletivas (granadas alto-explosivas);
- c) Seteiras de casamata (granadas alto-explosivas);
- d) Pessoal inimigo em reunião, sem proteção (granadas alto-explosivas e espoleta de tempo); e
- e) Postos de observação e seteiras de casamatas (granadas fumígenas).

12.5.7.2 Os CSR também podem ser empregados para realizar o tiro iluminativo.

12.5.8 MISSÕES DE TIROS

12.5.8.1 As missões de tiro cumpridas pela Seç AC são desencadeadas para atingir os seguintes efeitos:

- a) destruição - destruir alvos materiais; e
- b) neutralização - interromper movimentos ou diminuir a eficiência combativa do inimigo.

12.5.9 FORMAS DE EMPREGO

12.5.9.1 O Cmt Cia Fuz selecionará as formas de emprego da Seq AC após a análise dos fatores da decisão.

12.5.9.2 Ação de conjunto

12.5.9.2.1 A Seq AC atua como um todo em proveito da Cia Fuz, sob o comando do Cmt Pel Ap.

12.5.9.2.2 Permite a continuidade e o volume de fogos sobre a(s) VA com maior probabilidade de emprego de Bld pelo inimigo.

12.5.9.2.3 Possibilita maior flexibilidade, facilidade para realização da atividade de suprimento e manutenção, coordenação e controle dos fogos.

12.5.9.3 Apoio direto

12.5.9.3.1 A Seq AC como um todo ou alguma(s) de suas peças recebem suas missões de tiro diretamente de um dos Pel Fuz.

12.5.9.3.2 Possibilita a manutenção do apoio quando a Z Aç da Cia Fuz é muito extensa ou possui obstáculos que dificultem o deslocamento da Seq AC como um todo.

12.5.9.3.3 Quando a Seq AC perde alguma de suas peças (que passa em Apoio Direto a um Pel Fuz), diminui-se o volume de fogos e a capacidade de continuidade da proteção AC fornecida.

12.5.9.3.4 Dificulta a realização da atividade de suprimento e manutenção, as quais permanecem a cargo do Cmt Pel Ap.

12.5.9.4 Reforço

12.5.9.4.1 A Seq AC como um todo ou alguma(s) de suas peças passam a fazer parte do Pel Fuz reforçado.

12.5.9.4.2 Possibilita o apoio quando o Pel Fuz executa ações descentralizadas, quando não é possível ao Cmt Cia Fuz manter o efetivo controle, assegurar o fluxo logístico ou quando as comunicações forem deficientes.

12.5.9.4.3 O Cmt Pel Fuz reforçado é responsável pelo comando tático e pela logística da fração que reforça.

12.6 COMANDO E CONTROLE

12.6.1 POSTO DE OBSERVAÇÃO

12.6.1.1 Normalmente, o Cmt Pel Ap utiliza o posto de observação do Cmt Cia Fuz, onde pode manter uma consciência situacional da manobra da SU e ficar ECD atender qualquer demanda imediata.

12.6.1.2 O Cmt Seç AC estabelece seu posto de observação em local de onde possa observar as VA mais adequadas para Bld e controlar as peças.

12.6.1.3 Normalmente, o OA da Seç Mrt permanece junto ao Cmt Cia Fuz, de onde pode observar toda a Z Aç da SU.

12.6.1.4 Devem ser previstos postos de observação alternativos, que serão ocupados caso o principal seja cegado ou receba fogos inimigos.

12.6.2 TRABALHO DE COMANDO DO COMANDANTE DO PELOTÃO DE APOIO

12.6.2.1 O Cmt Pel Ap assessora o Cmt Cia Fuz durante o trabalho de comando, especialmente quanto ao apoio de fogo orgânico.

12.6.2.2 Durante o trabalho de comando, o Cmt Pel Ap deve:

- a) Sugerir ao Cmt Cia Fuz as posições de tiro e forma de emprego mais adequadas;
- b) Selecionar os itinerários para ocupação e mudança das posições e remuniciamento;
- c) Selecionar os setores de tiro da Seç AC, mediante coordenação com os Pel Fuz e Pel AC/Cia C Ap; e
- d) Definir os gatilhos para abertura/suspensão/alongamento de fogos e mudança de posição da Seç AC e Seç Mrt, mediante coordenação com os Pel Fuz e CCAF/SU; e
- e) Confeccionar o plano de fogos de morteiro e o plano de defesa anticarro da SU.

12.6.2.3 Plano de fogos específicos

12.6.2.3.1 Os planos de fogos específicos de morteiro e o plano de defesa anticarro da Cia Fuz são confeccionados pelo Pel Ap e remetidos ao CCAF/SU.

12.6.2.3.2 As listas e calcos de alvos, roteiros de tiro e cartões de alcance devem constar desses planos. Esses documentos são preparados pelos comandantes de fração durante os preparativos da operação. Eles têm por finalidade:

- a) possibilitar à guarnição determinar rapidamente os dados necessários à execução de qualquer missão de tiro, inclusive à noite ou em condições de pouca visibilidade;
- b) transmitir dados em caso de substituição ou re completamento; e
- c) informar ao Esc Sp os detalhes da instalação das posições e dos alvos a serem batidos.

12.6.2.3.3 A documentação é confeccionada em duas vias, a primeira é enviada ao Cmt Pel Ap e a segunda permanece com a Seç ou Pç que a confeccionou.

12.6.2.3.4 Roteiro de tiro é o documento que contém todos os dados necessários ao desencadeamento das missões de tiro da Seç AC. Consiste em um calco ou um esboço, confeccionado pelo Cmt Seç para cada posição. Deverá conter:

- a) localização das posições principais, de muda e suplementares;
- b) setor de tiro da seção e/ou peça;
- c) localização de obstáculos AC, no caso da seção AC;
- d) prescrições quanto à conduta do tiro;

- e) prioridade dos trabalhos de organização do terreno; e
- f) outras informações importantes.

12.6.2.3.5 O cartão de alcance das armas AC é um esboço gráfico do setor de tiro de cada arma, onde estão designados os limites, a LEM e os PRA, com as respectivas distâncias e direções. É confeccionado por cada Ch Pç.

12.6.2.3.6 O plano de fogos específico da Seç Mrt é confeccionado pelo Cmt Seç e deve incluir:

- a) a localização das posições principais, de muda e suplementares;
- b) lista de alvos;
- c) calco de alvos;
- d) prescrições quanto à conduta do tiro;
- e) prioridade dos trabalhos de organização do terreno; e
- f) outras informações importantes.

12.7 LOGÍSTICA

12.7.1 A Cia Fuz é responsável por todo o suporte logístico ao Pel Ap. Cabe ao Adj Pel realizar os contatos e a coordenação para execução desse apoio.

12.7.2 A atividade logística mais sensível no âmbito do Pel Ap é o suprimento classe V (Mun).

12.7.3 A munição necessária a cada operação é distribuída para as frações ainda na Z Reu. Devido ao peso e volume da munição de morteiros e armas AC, as viaturas são empregadas o máximo possível nessa atividade.

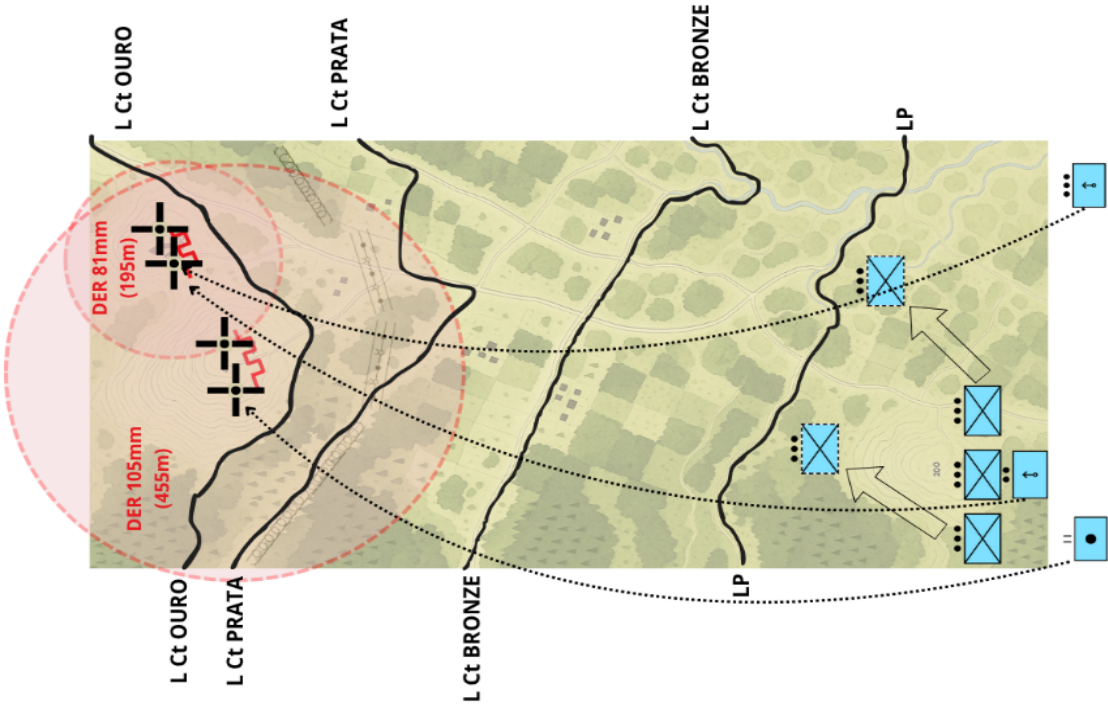
12.7.4 Normalmente, o furriel é responsável por transportar a munição da ATSU até as posições de descarregamento do Pel Ap. A partir desse ponto, a munição é transportada a braço.

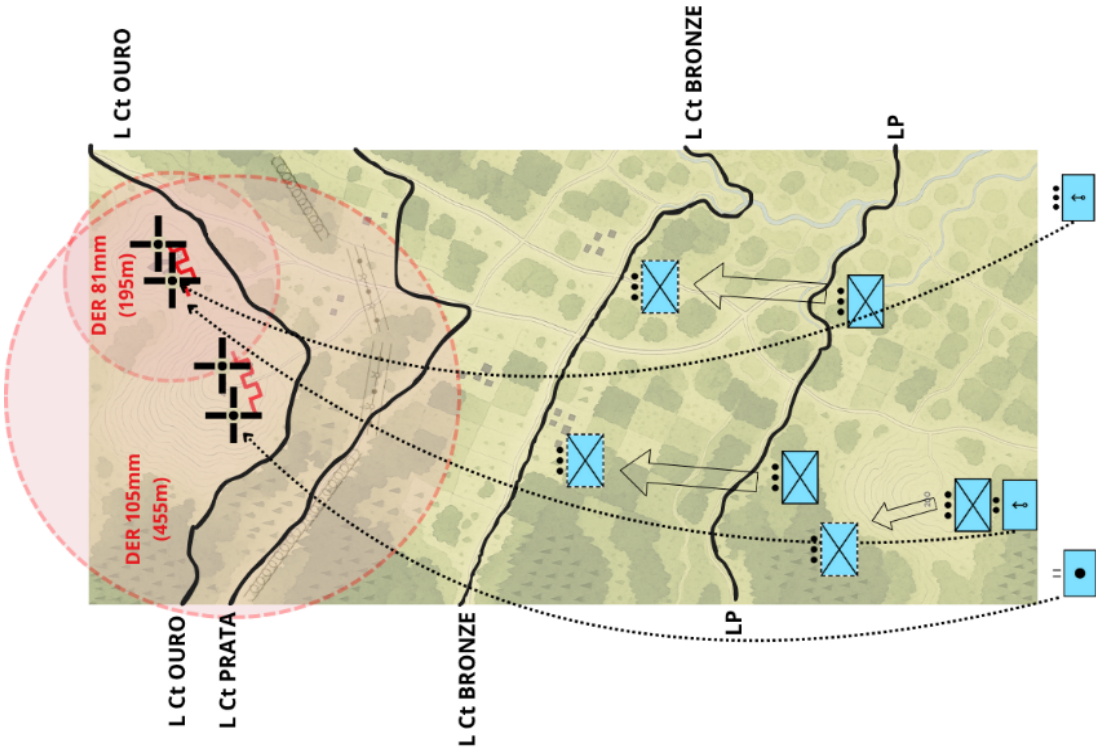
12.7.5 Os municiaadores e motoristas, coordenados pelo Adj Pel, podem compor turmas de remuniciamento para realizarem o transporte da munição até as posições de morteiro e/ou CSR. Essa situação é mais adequada quando o Pel Ap realiza o apoio em conjunto à Cia Fuz.

ANEXO A

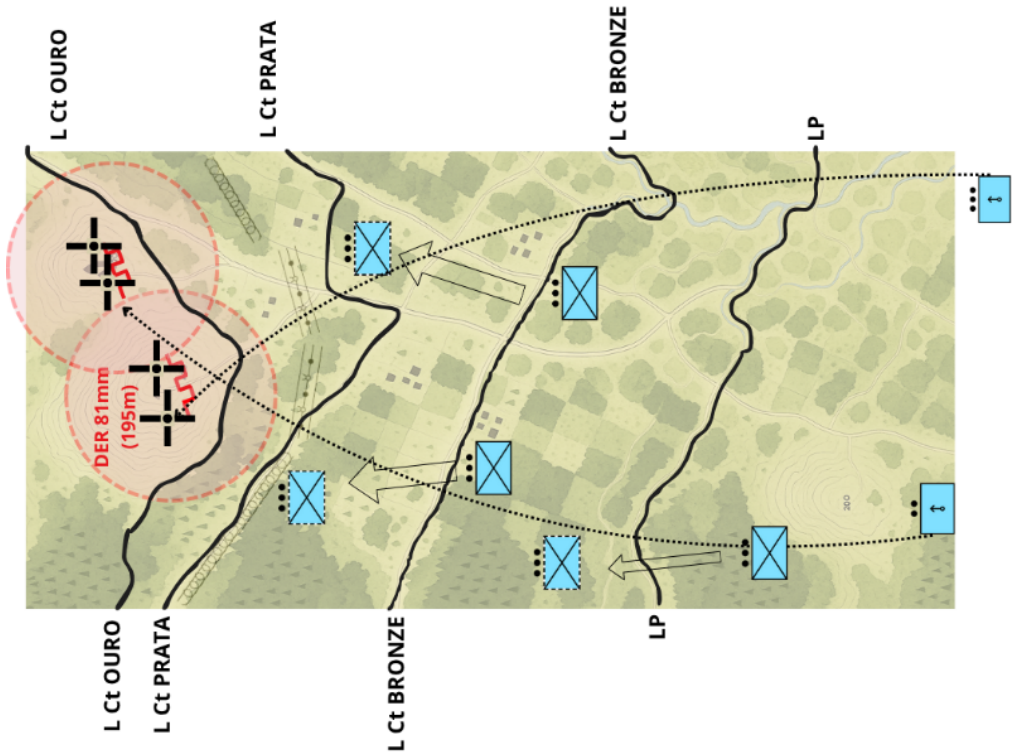
EXEMPLO DE ESCALONAMENTO DOS FOGOS NO ATAQUE

POSIÇÃO DE ATAQUE À LINHA DE PARTIDA	
Movimento e Manobra	2 Pel Fuz + Gp Eng em 1º Esc (E e W) 1 Pel Fuz em reserva (SW)
TEAF	Tarefa: Neutralizar as armas de apoio do 1º/1º/1º RI Mec (Ini). Propósito: Possibilitar o desdobramento do Esc Atq. Efeito: 50% armas de apoio neutralizadas.
Abertura dos fogos	Ultrapassagem da P Atq
Suspensão dos fogos	Mdt O
Quem atira	Art, Pel Mrt e Seq Mrt
Quem observa	Pcp: OA Art, OA Pel Mrt e OA Seq Mrt Altn: Cmt Pel e Cmt GC

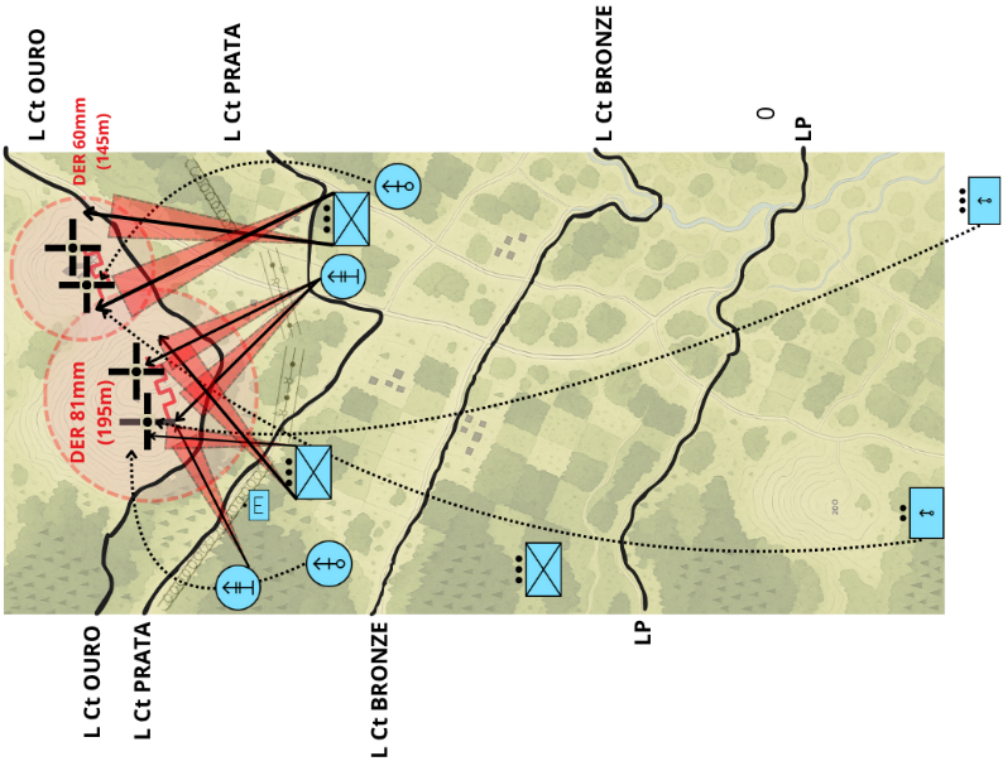




LINHA DE PARTIDA À LINHA DE CONTROLE BRONZE	
Movimento e Manobra	2 Pel Fuz + Gp Eng em 1º Esc (E e W) 1 Pel Fuz em reserva (SW)
TEAF	Tarefa: Neutralizar as armas de apoio do 1º/1º/1º RI Mec (Ini). Propósito: Possibilitar o avanço do Esc Atq. Efeito: 70 % armas de apoio neutralizadas.
Abertura dos fogos	Ultrapassagem da LP
Suspensão dos fogos	L Ct BRONZE
Quem atira	Art, Pel Mrt e Seq Mrt
Quem observa	Pcp: OA Art, OA Pel Mrt e OA Seq Mrt Altn: Cmt Pel e Cmt GC

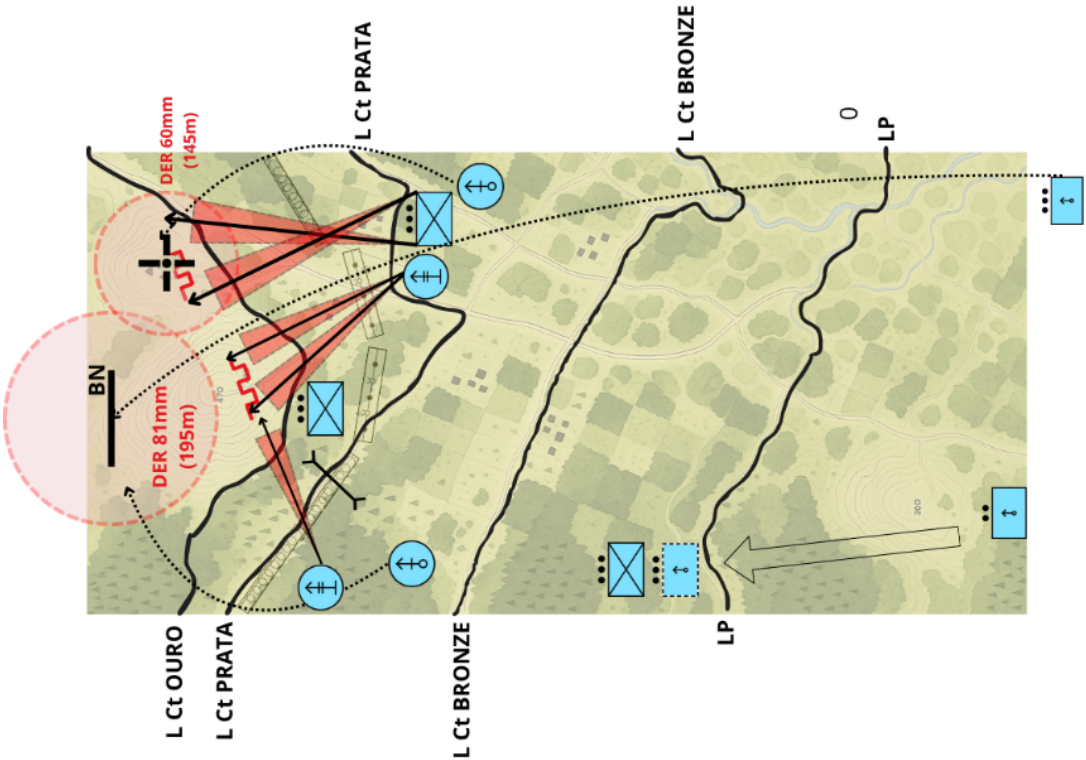


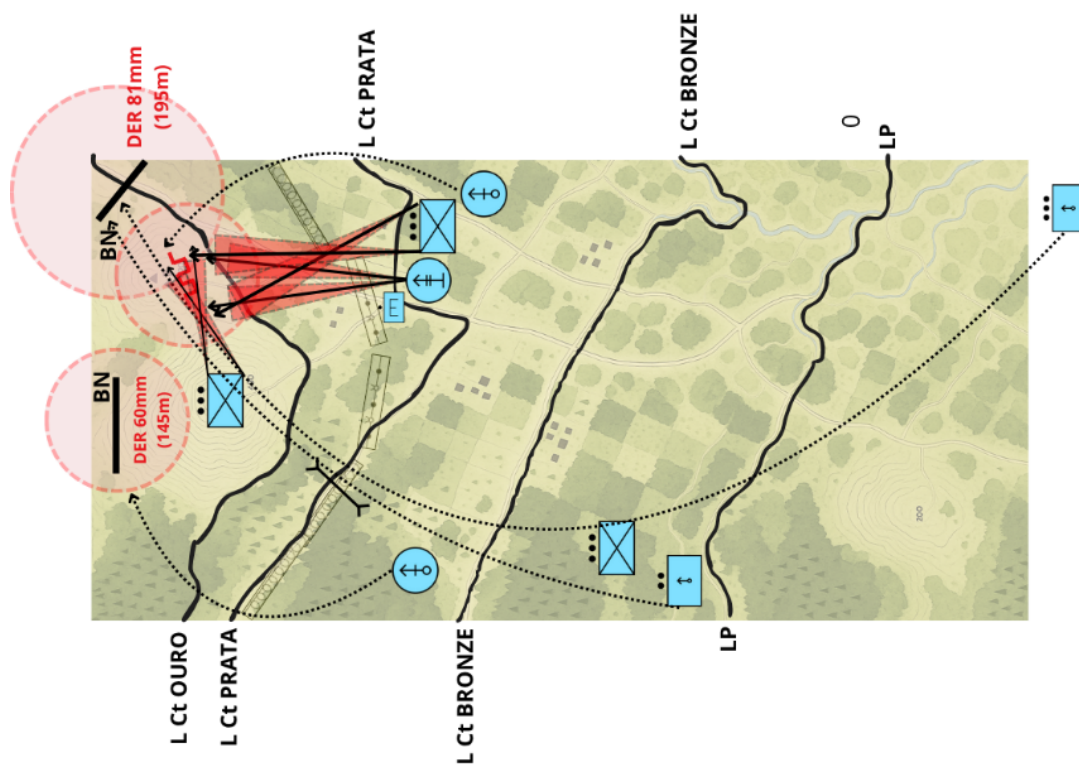
LINHA DE CONTROLE BRONZE À LINHA DE CONTROLE PRATA	
Movimento e Manobra	2 Pel Fuz + Gp Eng em 1º Esc (E e W) 1 Pel Fuz em reserva (SW)
TEAF	Tarefa: Neutralizar os Fuz e Mtr do 1º/1º/1º RI Mec (Ini). Propósito: Possibilitar o avanço do Esc Atq. Efeito: 50% do 1º/1º/1º RI Mec neutralizado.
Abertura dos fogos	Ultrapassagem da L CT BRONZE
Suspensão dos fogos	Ultrapassagem da L Ct PRATA
Quem atira	Pel Mrt e Seq Mrt
Quem observa	Pcp: OA Art, OA Pel Mrt e OA Seq Mrt Altn: Cmt Pel e Cmt GC



REDUÇÃO DO OBSTÁCULO 1	
Movimento e Manobra	Pel Fuz a W apoia redução da brecha Gp Eng reduz o obstáculo a W Pel Fuz a E fixa Ini 1 Pel Fuz em reserva (SW)
TEAF 1	Tarefa: Neutralizar os Fuz e Mtr do 1º/1º/1º RI Mec (Ini). Propósito: Possibilitar o avanço do Esc Atq. Efeito: 50% do 1º/1º/1º RI Mec neutralizado.
TEAF 2	Tarefa: Obscurecer P Def do 1º/1º/1º RI Mec (Ini). Propósito: Facilitar os trabalhos de redução do obstáculo. Efeito: Observação do 1º/1º/1º RI Mec neutralizada.
Abertura dos fogos	Desde já
Suspensão dos fogos	Mrt 81mm: Ultrapassagem da L Ct PRATA. Mrt 60mm: Ultrapassagem da L Ct OURO. Mtr: Mdt O.
Quem atira	Pel Mrt, Seq Mrt, Mrt 60mm e Mtr.
Quem observa	Pcp: OA Art, OA Pel Mrt e OA Seq Mrt Altn: Cmt Pel e Cmt GC

ASSALTO	
Movimento e Manobra	Pel Fuz a W assalta. Gp Eng alarga a brecha. Pel Fuz a E fixa Ini 1 Pel Fuz em reserva (SW)
TEAF 1	Tarefa: Neutralizar os Fuz e Mtr do 1º/1º/1º RI Mec (Ini). Propósito: Possibilitar o avanço do Esc Atq. Efeito: 80% do 1º/1º/1º RI Mec neutralizado.
TEAF 2	Tarefa: Bloquear reforços da 1º/1º RI Mec (Ini). Propósito: Possibilitar a consolidação da porção W do Obj. Efeito: Reforço bloqueado.
Abertura dos fogos	Mrt 81mm: Mdt O Mrt 60mm e Mtr: Desde já
Suspensão dos fogos	Mrt 81mm: Ultrapassagem da L Ct OURO. Mrt 60mm: Ultrapassagem da L Ct OURO. Mtr: Pel Fuz adentrar o DRS.
Quem atira	Pel Mrt, Mrt 60mm e Mtr.
Quem observa	Pcp: OA Art, OA Pel Mrt e OA Seq Mrt Altn: Cmt Pel e Cmt GC





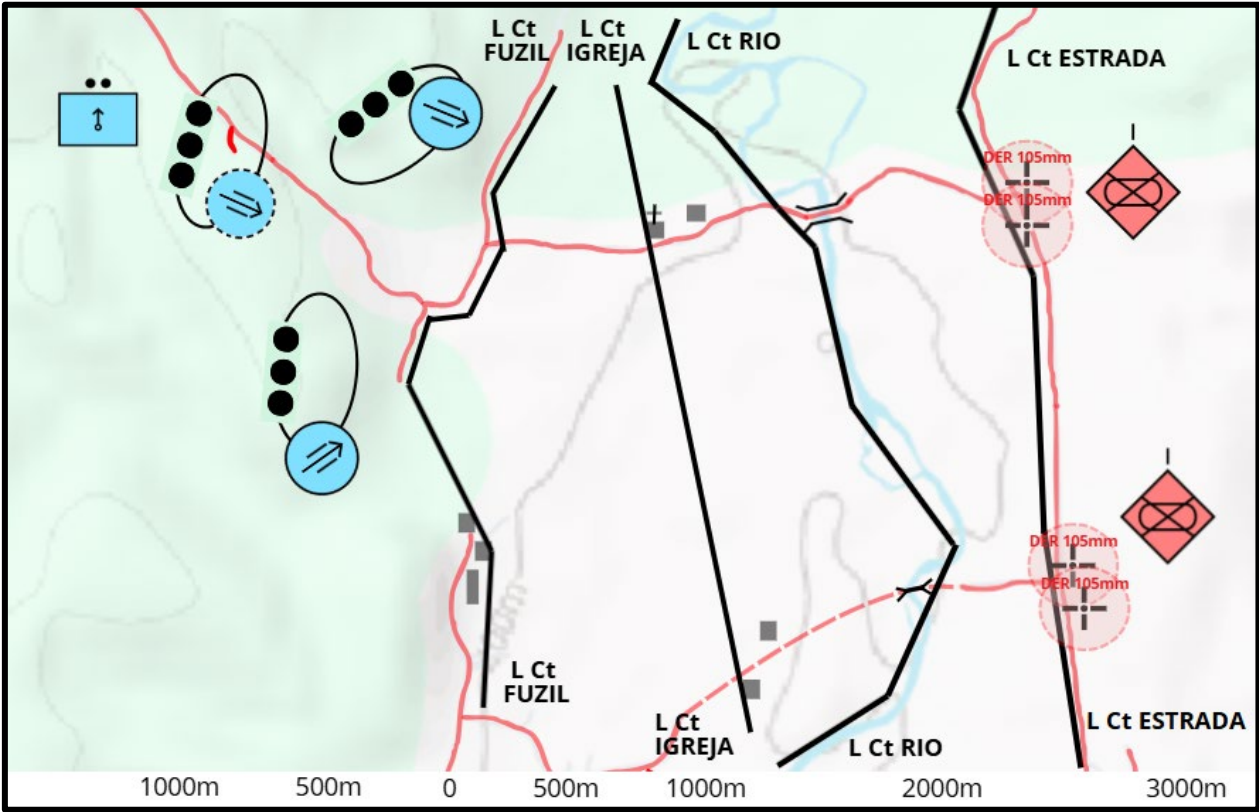
REDUÇÃO DO OBSTÁCULO 2	
Movimento e Manobra	Pel Fuz a W fixa o Ini Gp Eng reduz o obstáculo a W Pel Fuz a E apoia redução da brecha 1 Pel Fuz em reserva (SW)
TEAF 1	Tarefa: Obscurecer P Def do 1º/1º/1º RI Mec (Ini). Propósito: Facilitar os trabalhos de redução do obstáculo. Efeito: Observação do 1º/1º/1º RI Mec neutralizada.
TEAF 2	Tarefa: Bloquear reforços da 1º/1º RI Mec (Ini). Propósito: Possibilitar a consolidação da porção W do Obj. Efeito: Reforço bloqueado.
Abertura dos fogos	Barragem Mrt 81mm e 60mm: Mdt O Mrt 60mm Fumigeno: desde já Mtr: desde já
Suspensão dos fogos	Barragem Mrt 81mm e 60mm: Mdt O Mrt 60mm Fumigeno: Mdt O Mtr: Pel Fuz adentrar o DRS.
Quem atira	Pel Mrt, Seç Mrt, Mrt 60mm e Mtr.
Quem observa	Pcp: OA Art, OA Pel Mrt e OA Seç Mrt Altn: Cmt Pel e Cmt GC

CONSOLIDAÇÃO	
Movimento e Manobra	2 Pel Fuz consolidam o Obj Gp Eng reduz demais obstáculos 1 Pel Fuz em reserva (SW)
TEAF	Tarefa: Bloquear reforços da 1º/1º RI Mec (Ini). Propósito: Possibilitar a consolidação da porção do Obj. Efeito: Reforço bloqueado.
Abertura dos fogos	Mdt O
Suspensão dos fogos	Mdt O
Quem atira	Art, Pel Mrt, Seç Mrt, Mrt 60mm e Mtr.
Quem observa	Pcp: OA Art, OA Pel Mrt e OA Seç Mrt Altn: Cmt Pel e Cmt GC

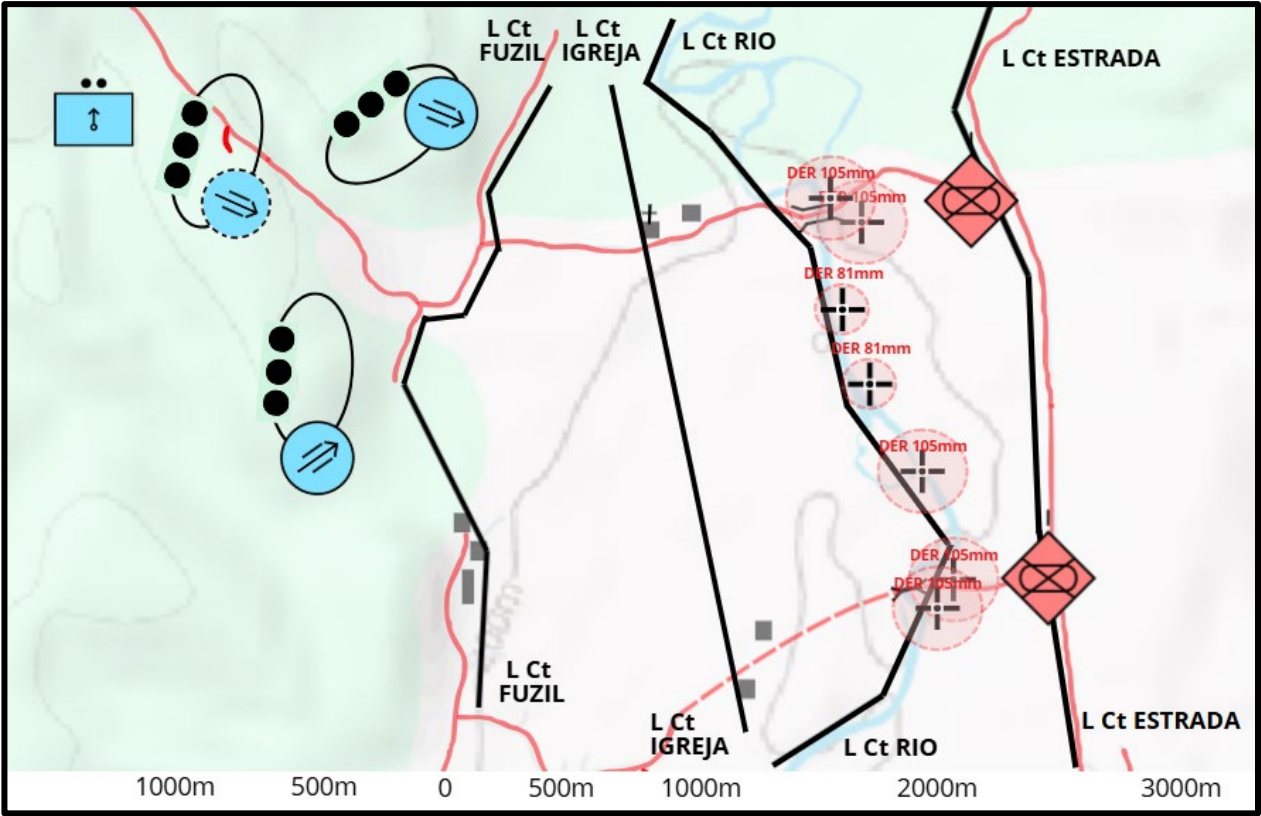


ANEXO B

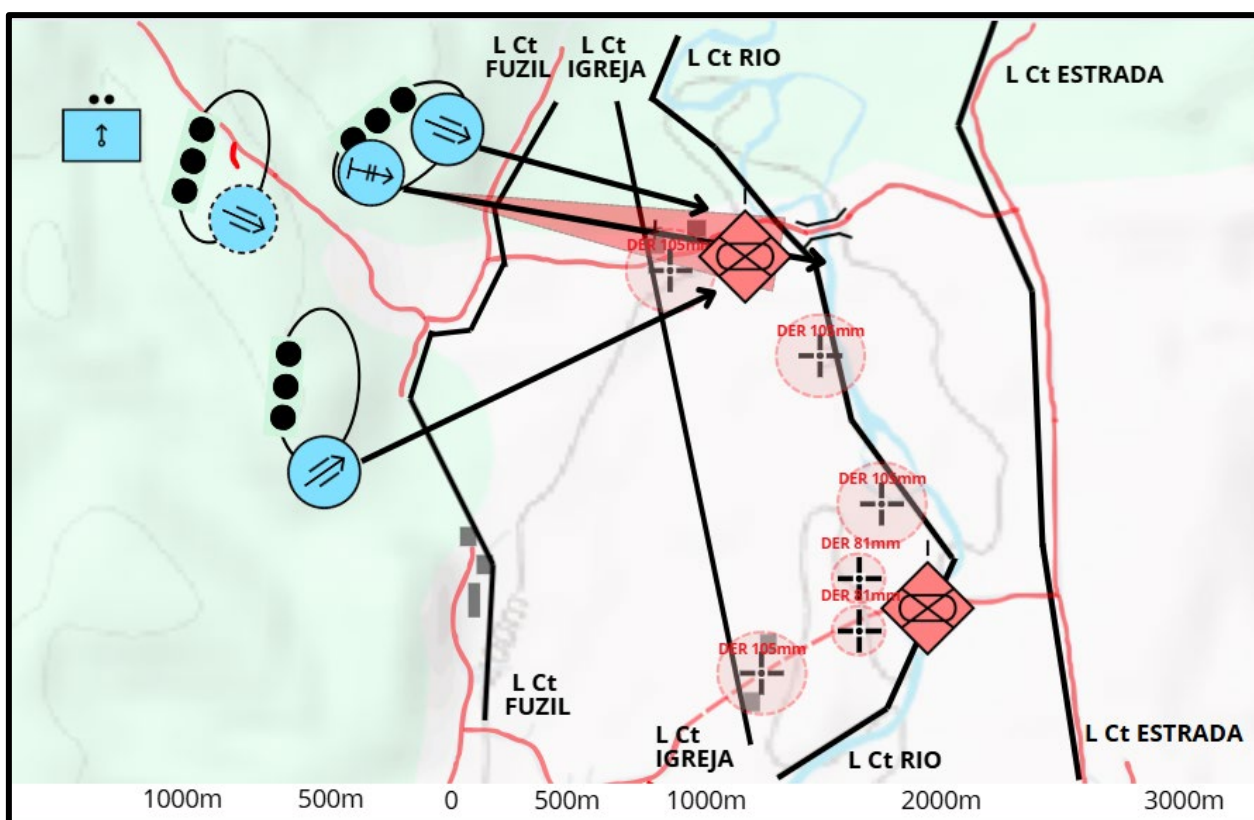
EXEMPLO DE ESCALONAMENTO DOS FOGOS NA DEFESA



INIMIGO ANTES DA LINHA DE CONTROLE ESTRADA FOGOS LONGÍNQUOS	
Movimento e Manobra	2 Pel Fuz em 1º Esc 1 Pel Fuz aprofundando a defesa
TEAF	Tarefa: Dificultar a tomada do dispositivo de ataque do 1º RI Mec (Ini). Propósito: Possibilitar a manutenção da P Def. Efeito: Esc Atq Ini desorganizado.
Abertura dos fogos	Mdt O
Suspensão dos fogos	Mdt O
Quem atira	Art
Quem observa	Pcp: OA Art Altn: OA Pel Mrt, OA Seq Mrt, Cmt Pel e Cmt GC

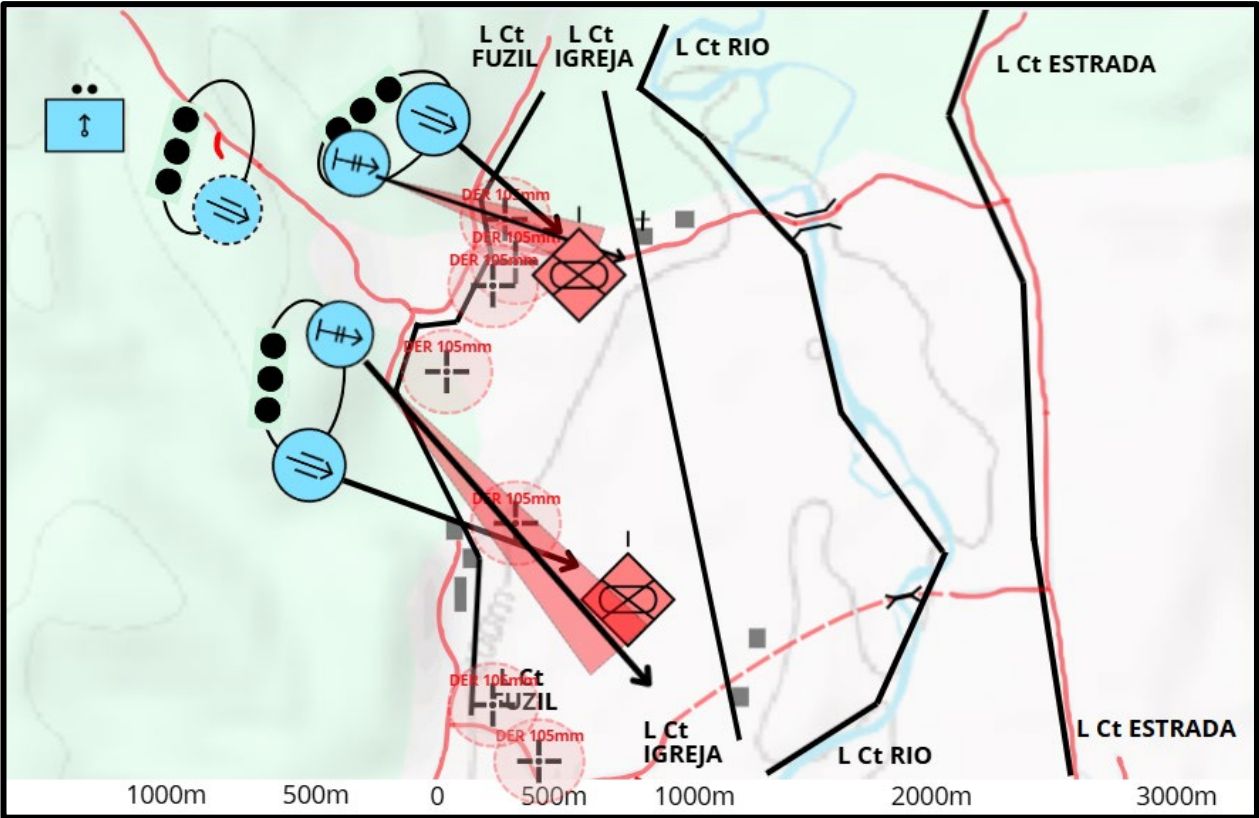


INIMIGO ENTRE AS LINHAS DE CONTROLE ESTRADA E RIO FOGOS DEFENSIVOS APROXIMADOS	
Movimento e Manobra	2 Pel Fuz em 1º Esc 1 Pel Fuz aprofundando a defesa
TEAF	Tarefa: Neutralizar as Vtr Bld do 1º RI Mec (Ini). Propósito: Possibilitar a manutenção da P Def. Efeito: 30% Vtr Bld Ini neutralizadas.
Abertura dos fogos	Ini ultrapassa a L Ct ESTRADA
Suspensão dos fogos	Mdt O
Quem atira	Art, Mrt 81mm
Quem observa	Pcp: OA Art, OA Pel Mrt e OA Seq Mrt Altn: Cmt Pel e Cmt GC

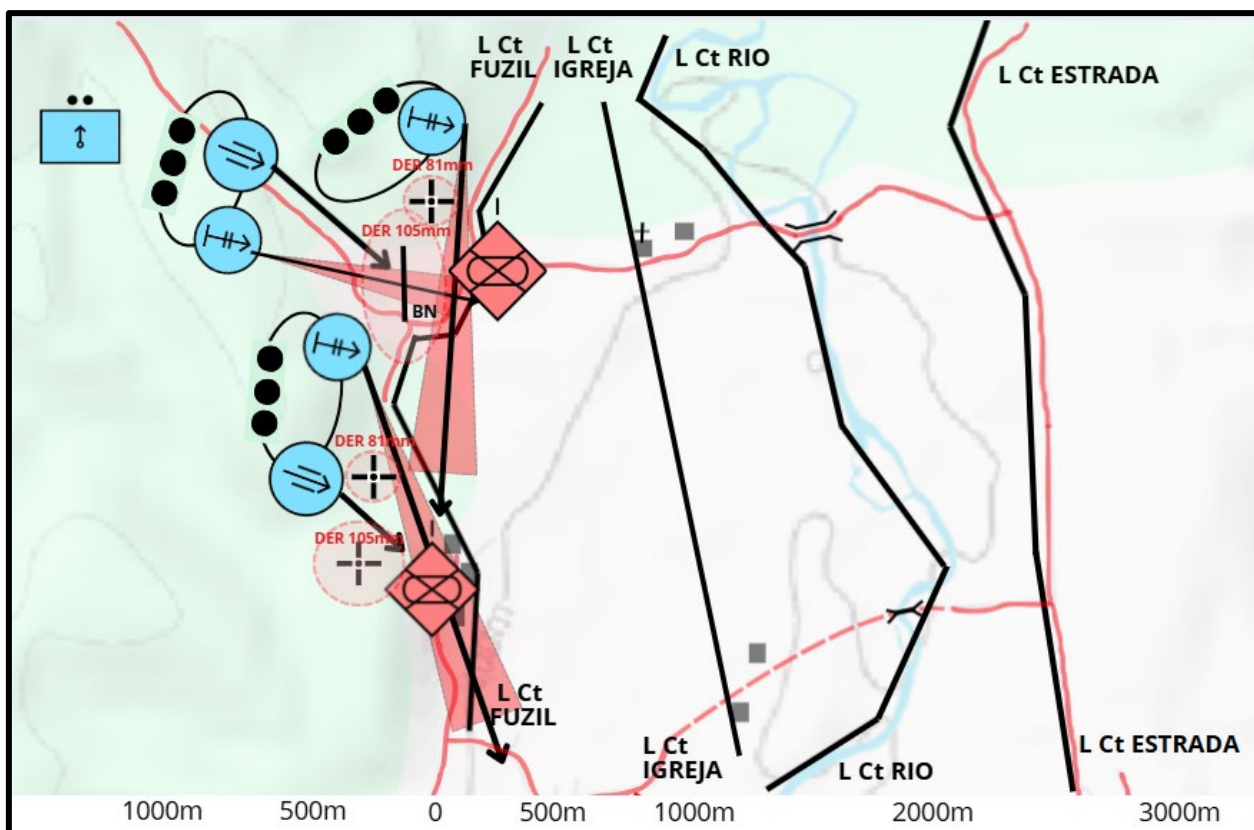


INIMIGO ENTRE AS LINHAS DE CONTROLE RIO E IGREJA FOGOS DEFENSIVOS APROXIMADOS

Movimento e Manobra	2 Pel Fuz em 1º Esc 1 Pel Fuz aprofundando a defesa
TEAF	Tarefa: Neutralizar as Vtr Bld do 1º RI Mec (Ini). Propósito: Possibilitar a manutenção da P Def. Efeito: 50% Vtr Bld Ini neutralizadas.
Abertura dos fogos	Ini ultrapassa a L Ct RIO
Suspensão dos fogos	Mdt O
Quem atira	Art, Mrt 81mm, CSR (Pel N) e Mtr (Pel N)
Quem observa	Pcp: OA Art Altn: OA Pel Mrt, OA Seq Mrt, Cmt Pel e Cmt GC



INIMIGO ENTRE AS LINHAS DE CONTROLE IGREJA E FUZIL FOGOS DEFENSIVOS APROXIMADOS	
Movimento e Manobra	2 Pel Fuz em 1º Esc 1 Pel Fuz aprofundando a defesa
TEAF	Tarefa: Neutralizar as Vtr Bld do 1º RI Mec (Ini). Propósito: Possibilitar a manutenção da P Def. Efeito: 80% Vtr Bld Ini neutralizadas.
Abertura dos fogos	Ini ultrapassa a L Ct IGREJA
Suspensão dos fogos	Mdt O
Quem atira	Art, Mrt 81mm, CSR, Mtr e Fuz (dentro do alcance)
Quem observa	Pcp: OA Art Altn: OA Pel Mrt, OA Seç Mrt, Cmt Pel e Cmt GC



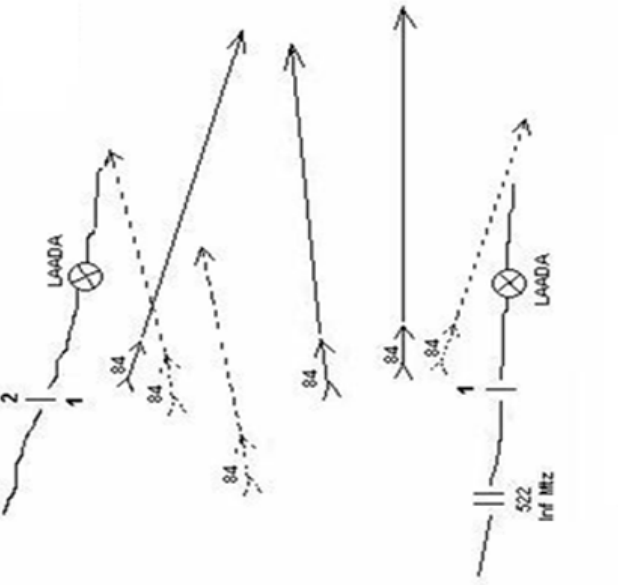
INIMIGO NA LINHA DE CONTROLE FUZIL FOGOS DE PROTEÇÃO FINAL

Movimento e Manobra	2 Pel Fuz em 1º Esc 1 Pel Fuz aprofundando a defesa
TEAF	Tarefa: Bloquear o 1º RI Mec (Ini). Propósito: Possibilitar a manutenção da P Def. Efeito: 1º RI Mec (Ini) bloqueado na L Ct FUZIL.
Abertura dos fogos	Ini ultrapassa a L Ct FUZIL
Suspensão dos fogos	Mdt O
Quem atira	Art, Mrt 81mm, CSR, Mtr e Fuz
Quem observa	Pcp: OA Art Altn: OA Pel Mrt, OA Seq Mrt, Cmt Pel e Cmt GC

ANEXO C
MODELO DE ROTEIRO DA SEÇÃO ANTICARRO

1. MISSÃO <i>Apoiar pelo fogo a defesa da 1ª Cia Fuz.</i> <i>Seç AC: Aç Cj à Cia.</i>	3. LOGÍSTICA 3.a. P Rem Cia: <i>Enc W Mo BORBOLETA</i> 3.b. Refúgio feridos: <i>Enc W Mo ALTO</i> 3.c. Alimentação: <i>Por faxina um homem por peça.</i> Local de distribuição: <i>Enc W Mo ALTO</i> 4. COMUNICAÇÕES 4.a. PC Cia: <i>Enc W Mo BORBOLETA</i> 4.b. PC/PO Pel Ap: <i>Árvore seca Mo ALTO</i> 4.c. Sinais convencionados: c.1. Senha: <i>RATO</i> c.2. Contra-senha: <i>AVIÃO</i> c.3. Sinal de Reconhecimento: <i>7 por adição</i> c.4. Indicativo: <i>DRAGÃO 2</i> 4.d. Meios de Com: <i>01 ERC-107, um Tif 202 e quatro Tif AF-1</i> <i>01 Falcon III, 01 Falcon II e 4 XTS</i>		ROTEIRO DA SEÇÃO AC <i>Pel/Cia/ Btl: Pel Ap / 1ª / 522º BI</i> <i>Mtz</i> <i>Cmt: 3º Sgt GUSTAVO</i> <i>Efetivo: 12 homens</i> <i>Discriminação: 01 3º Sgt, 03 Cb,</i> <i>08 Sd</i>	
	Elementos	1ª Peça	2ª Peça	3ª Peça
	Posições	<i>N de Mo ALTO</i>	<i>C de Mo ALTO</i>	<i>S de Mo ALTO</i>
	Sector de Tiro	<i>Dir: Vau</i> <i>Esg: Esquerda da Cerca</i>	<i>Dir: Esquerda do Bosque</i> <i>Esg: Bambual</i>	<i>Dir: Direita do Curral</i> <i>Esg: Vau</i>
Direção principal de Tiro (DPT)		<i>Direita Bambual</i>	<i>Vau</i>	<i>Direita Charco</i>

Missões		Aç Cj à Cia	Aç Cj à Cia
5. PRIORIDADE DOS TRABALHOS DE OT			
1 - Limpeza dos Campos de Tiro			
2 - Preparação das tocas e espaldões			
3 - Preparação das posições suplementares			
4 - Preparação das posições de muda			
5 - Preparação de Itn de Sup, Ev e Com			
6 - Ligação entre as posições			
7 - Construção de obstáculos			
6. CONDUTA DO TIRO			
a. Abertura de fogo: Mdt O			
b. Barragem geral: Fgt vermelho			
c. Suspensão do fogo: Mdt O			
7. LIGAÇÃO			
a. Com Cmt Pel Ap: Tlf 202 XTS			
b. Com as peças: Tlf AF-1 XTS			
c. Com Elm Pel Fuz: a voz			
8. SEGURANÇA			
a. Um homem ECD próximo à peça (rodízio de 1h em 1)			
b. Ligação com Elm Seg Pel Fuz por fio de nylon (à noite)			
9. OUTRAS PRESCRIÇÕES			

CROQUIS DA FRENTE			
			
OBSERVAÇÕES 1 - Pto F para o 1º Pel Fuz 2 - Suspensão de fogos - NGA 3 -			

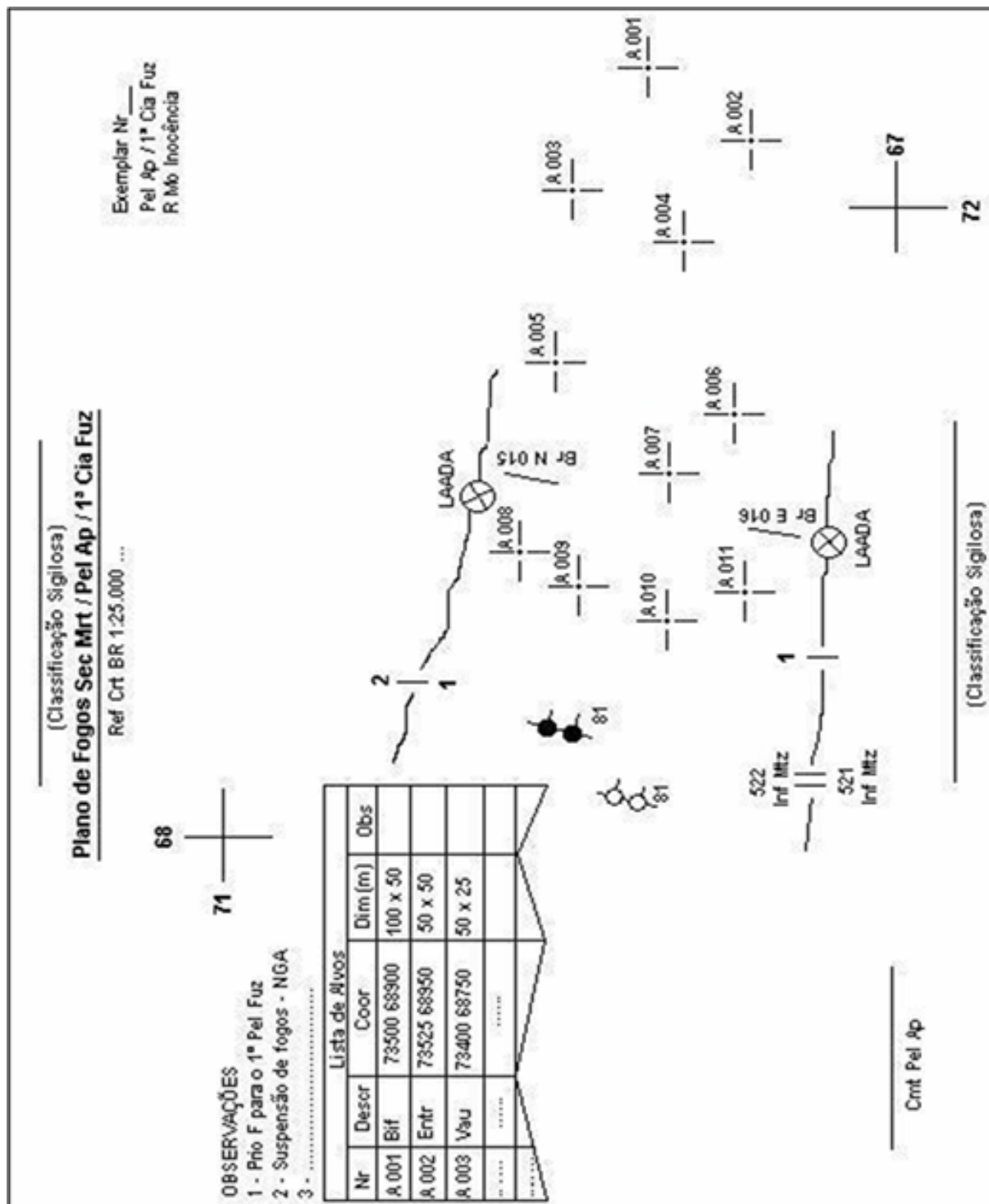
ANEXO D

TABELA DE DISTÂNCIA ESTIMADA DE RISCO

ARMAMENTO	CALIBRE	TIPO DA MUNIÇÃO	ALCANCE MÁXIMO	DISTÂNCIA ESTIMADA DE RISCO (DER)	
				Tropa em pé	Tropa deitada
Morteiro Leve	60 mm	IMBEL AE M4 (Mrt AGR ou Mrt 60 TDA Mortar Brandt)	2.100 m	145 m	145 m
		RJC TIR 60 AE M3 (Tipo Brandt)	1.800 m	145 m	145 m
Morteiro Médio	81 mm	IMBEL AE M5 (Mrt AGR; Mrt RO I16 ou Mrt US M252)	5.600 m	195 m	185 m
		RJC TIR 81 AE M4	4.050 m	195 m	185 m
Morteiro Pesado	120 mm	IMBEL AE PR (Mrt 120 M2 raiado ou Mrt 120 Rifled Towed RT Mortar TDA)	8.150 m	430 m	410 m
		IMBEL AE Conv (Mrt 120 M2 raiado ou Mrt 120 Rifled Towed RT Mortar TDA)	6.600 m	430 m	410 m
Obuseiro	105 mm	IMBEL AE (Obus 105 M2, M2 AI, M2A2 e Obus 105 Oto Melara)	11.200 m	455 m	435 m
	155 mm	IMBEL AE M107 (Obus 1500, M109 e M114)	9.700 m (carga 5) 14.600 m (carga 7)	695 m	665 m

ANEXO E

MODELO DE LISTA E CALCO DE ALVOS DE MORTEIRO



ANEXO F

MODELO DE CARTÃO DE ALCANCE DO CSR

Cartão de Alcances CSR 84 mm					
Peça:	<i>2ª/Seç AC/1ª Cia</i>			Posição:	<i>Pcp Centro Mo ALTO</i>
Data:	<i>06 Set 23</i>	Cmt:	<i>Cb Pedro</i>		
Nr	Descrição	Direção	Distância (m)	Elevação	Munição
<i>01</i>	<i>Casa</i>	<i>352°</i>	<i>250</i>	<i>---</i>	<i>---</i>
<i>02</i>	<i>Vau</i>	<i>315°</i>	<i>500</i>	<i>---</i>	<i>---</i>
<i>03</i>	<i>Bambual</i>	<i>290°</i>	<i>600</i>	<i>---</i>	<i>---</i>
<i>04</i>	<i>Bifurcação</i>	<i>297°</i>	<i>700</i>	<i>---</i>	<i>---</i>
<i>05</i>	<i>Casebre</i>	<i>320°</i>	<i>850</i>	<i>---</i>	<i>---</i>
<i>06</i>	<i>Duas árvores</i>	<i>295°</i>	<i>900</i>	<i>---</i>	<i>---</i>
<i>07</i>	<i>Bosque</i>	<i>355°</i>	<i>800</i>	<i>---</i>	<i>---</i>

ANEXO G**EXEMPLO DE ORDEM DE OPERAÇÕES DE ATAQUE**

EXEMPLAR Nr 5 de ____ cópias
 1ª Cia Fuz
 R P Cot 549 (8239) D-1/2200
 RJG - 32

ORDEM DE OPERAÇÕES Nr 7

Ref: Crt MG, Esc 1/25.000, FI RIO COLORADO

1. SITUAÇÃO**a. Forças Inimigas**

1) O Ini presente em nossa Z Aç tem valor aproximado de um Pelotão de Infantaria Leve, orgânico da Cia Inf L/ RIL.

2) Foram levantadas 4 posições de metralhadoras 7,62 M60 em nossa zona de ação, duas a mais que a dotação normal do Ini, estas armas batem eficazmente obstáculos de proteção local na porção N de R Altu P Cot 515 (8039).

3) O Inimigo encontra-se a 5 dias na posição e encontra-se bastante adiantado na preparação de suas posições.

b. Forças Amigas

1) A intenção do Cmt 84º BI Mtz é

2) A 2ª Cia Fuz atacará no nosso flanco N;

3) A 1ª/ 82º BI Mtz atacará no nosso flanco S;

4) A 1ª/83º BI Mtz encontram-se em contato com o inimigo e apoiará o desembarcar de nosso ataque.

2. MISSÃO

a. Ultr Elm da 1ª/ 83º BI Mtz, atacar em D/0700, na direção P Cot 526 (8238) - P Cot 599 (8039), para conquistar a R Altu P Cot 564 (8039), ficando ECD Pross para W ou Mnt para Ap Ultr. Tudo com a finalidade de permitir ao 84º BI Mtz a conquista da região de Altu de P Cot 564 (8039) - P Cot 537 (8040) - P Cot 576 (8040).

3. EXECUÇÃO**a. Conceito da operação**

1) Manobra

a) A 1ª Cia Fuz, Ultr Elm do 83º BI Mtz, realizará um Atq, na direção P Cot 526 (8238) - P Cot 599 (8039), com o 1º Pel Fuz ao S, realizando o Atq Pcp, para Conq porção S de R Altu P Cot 515 (8039) (O1) e com o 2º Pel Fuz ao N para Conq porção N de R Altu P Cot 515 (8039) (O2).

b) Após a Conq de O1 e O2, a SU prosseguirá no Atq, com o 1º Pel Fuz ao S, para Conq porção S de P Cot 564 (8039) (O3) e com o 2º Pel Fuz ao N, Rlz o Atq Pcp, para Conq porção N de P Cot 564 (8039) (O4).

c) Após a Conq de O3 e O4, a SU ficará ECD Pross para W ou Mnt para Ap Ultr.

d) Anexo "B" - Calco de Operações

2) Fogos

a) Haverá fogos de preparação entre D/0645 e D/0700;

b) Prio F

(1) Até a Conq de O1 e O2: 1º Pel Fuz

(2) Após a Conq de O1 e O2: 2º Pel Fuz

b. 1º Pel Fuz

c. 2º Pel Fuz

d. Apoio de Fogo

1) Pel Ap

a) Seç AC

(1) Seç AC (-2ª e - 3ª Pç CSR): Rfr ao 1º Pel Fuz

(2) 2ª Pç CSR: Rfr 2º Pel Fuz

(3) 3ª Pç CSR: Rfr 3º Pel Fuz

b) Seç Mrt Me: Aç Cj

2) An C: Plano de fogos da SU (omitido)

e. Reserva

1) 3º Pel Fuz.

- Limpar a R Altu P Cot 515, após a conquista de O1 e O2 pelo Esc Atq SU.

- Limpar a R Altu P Cot 564, após a conquista de O3 e O4 pelo Esc Atq SU.

- Lançar um destacamento de ligação para manter a ligação com elementos do 82º BI Mtz.

h. Prescrições Diversas

1) A 1ª Cia Fuz do 83º BI Mtz e seus Elm Ap apoiará o desembocar do nosso ataque.

2) Durante a progressão entre a LP e a P Ass, a SU adotará a formação em escalão com o 2º Pel Fuz a NW, com o 1º Pel Fuzao centro e com o 3º Pel Fuz a SE.

3) Mvt para a P Atq: An D (Q Mvt) (omitido).

4) Hora de assunção do comando da Z Aç: D/0500.

5) An E: Plano de ultrapassagem (omitido).

6) Os Pel Fuz deverão informar a abordagem e a ultrapassagem do Rio COLORADO (8138).

7) EEI:

- Existem obstáculos no corte do Rio COLORADO?

- Existem Pa Ini patrulhando o vale do COLORADO?

- Foi identificada alguma outra fração Ini que não esteja constante no item de possibilidades do Ini?

4. LOGÍSTICA

a. Generalidades

1) Organização do apoio

a) ATE/ 84º BI Mtz desdobrado na R Faz POLACA (7636)

b) ATC/ 84º BI Mtz desdobrado na R Rancho ESTRELA (7935)

2) Desdobramento do apoio

a) Área de Trens de Subunidade

(1) Localização

- R Enc E P Cot 577 (8038)

(2) Composição

- Área de Manutenção de Viaturas e Armamentos, Posto de Remuniciamento, Refúgio de Feridos, Área de Cozinha e Posto de Distribuição de Suprimentos.

b. Suprimento

1) Classe I

a) Posto de Distribuição de Suprimento Classe I

- Localizado na ATE, na Região de Enc E P Cot 504 (7045)
- Aberto a partir de D-1/ 1800

2) Classe III

a) Posto de Distribuição de Suprimento Classe III

- Localizado na ATC, na Região de Enc E P Cot 678 (7440)
- Aberto a partir de D-1/ 1800

3) Classe V

a) Posto de Remuniciamento Avançado

- Localizado na ATC
- Aberto a partir de D-1/ 1800

c. Transporte

1) Circulação e Controle de Trânsito

a) P C Tran Nr 1/ 52ª Bda

b) Restrições

(1) Linha de Escurecimento Parcial

(2) Linha de Escurecimento Total

(3) Velocidades

(4) Prioridades: Tropa, suprimento e evacuação.

c) Eixo de Suprimento e Evacuação/ 84º BI Mtz: Rdv 01.

d. Saúde

1) Posto de Socorro/ 84º BI Mtz

- Localizado na ATC

2) Posto de Refúgio

- Localizado na R Enc E P Cot 599 (8039)

e. Manutenção

1) Prio Mnt

- Armamento leve, armamento pesado e Vtr.

2) Material Salvado e capturado

- Informar a Cia C Ap sobre o material que tenha excedido às possibilidades de evacuação do Btl.

3) Posto de Coleta de Material Salvado e Capturado

- Localizado na ATE

f. Pessoal

1) Controle de efetivos

- Mensagem diária de efetivo (MDE) para o S1 até 1900 horas, com término do período às 1800.

- Deverá ser informado imediatamente ao S1 quando a perda de efetivo dos pelotões for superior a 30%.

g. Diversos

5. COMANDO E COMUNICAÇÕES

a. Comunicações

1) Índice das IECOM ELT: 1-1

2) Rádio

a) An _____ - QRR

b) Prescrições Rádio

(1) Silêncio

(2) Restrito

- Para o Pel Ap, 1º Pel Fuz, 2º Pel Fuz a partir de D/0630.

(3) Livre

- Para o Pel Ap, 1º Pel Fuz, 2º Pel Fuz após o desembocar do

ataque.

- Para a reserva, quando empregada.

- Demais Elm Mdt O

3) Meios Físicos

a) An _____ - D Cirt

b) Explorar ao máximo antes do Dbc ataque.

c) As Tu Cnst devem ser Ref quando estiverem trabalhando a noite.

4) Mensageiros

a) An _____ - Crt ltn Msg Esc

b) Os Msg deverão ser duplos, percorrerem ltn diferentes e escoltados quando próximos a Loc e a noite.

c) As Msg ultra-secretas e secretas e as volumosas que tenham precedência U e UU poderão ser conduzidas por Msg Mtz, Mdt solicitações dos Elm responsáveis.

d) Durante a montagem do ataque deverão ser utilizados Msg de Escala

e) Após o início do Atq deverão ser utilizados Msg especiais.

5) Outros Meios

a) Proibido o uso de artifícios pirotécnicos até D/0530.

b) Liberado a utilização de meios acústicos somente para alarme nas áreas de PC e nos Esc SU e Infr a partir de D/0530.

c) O emprego de meios diversos está liberado antes de D/0530 só a mais de 4 Km da LP/LC

6) Recursos Locais

- Telefônicos: autorizada a utilização Mdt O

7) Prescrições Diversas

a) P Obs 1 - MACUCO (8137)

- Abertura: D/0600

- Fechamento: Mdt O

b. Postos de Comando

- PC 1ª Cia Fuz: R IGREJA (8340)

c. Outras Prescrições

1) MPE/Com

- NGA Com Elt

2) Dispc Com pronto em D/0300.

ANEXO H**EXEMPLO DE ORDEM DE OPERAÇÕES DE DEFESA**

EXEMPLAR Nr 4 de ____ cópias
 1ª Cia Fuz
 Mo do AÇUCAR (4009) D-4/0800
 GJR - 55

ORDEM DE OPERAÇÕES Nr 2

Ref: Crt SP, Esc 1/25.000, FI RINCÃO

1. SITUAÇÃO**a. Forças Inimigas**

1) Linha de Ação provável do inimigo: o Ini abordará nossa posição com uma FT RI Mec apoiado por fogos de morteiros 120 mm e artilharia 155 mm. Inicialmente deverá lançar uma forte preparação, enquanto aproxima suas VBC YW 531 H e seus CC AMX 13 da contra-encosta da elevação a nossa frente. Terminada a preparação as VBC e os CC já ocupando posições de ataque pelo fogo iniciarão os fogos diretos sobre nossas posições enquanto a engenharia tentará abrir passagens nos obstáculos lançados a frente do rio ALTANEIRO. Caso a engenharia inimiga obtenha sucesso, será inicialmente lançado um assalto com tropa a pé apoiada pelos fogos diretos das VBC e CC.

2) O Ini poderá abordar nossa posição a partir de D/ 2100.

3) O Ini possui dificuldade de ressuprimento principalmente CI III e V; suas tropas perderam aproximadamente 10% de sua dotação de pessoal e material.

b. Forças Amigas

1) A intenção do Cmt 84º BI Mtz é

.....

2) A 2ª Cia Fuz encontra-se a N de nossa posição;

3) A 3ª Cia Fuz mobiliza o PAC

4) A 2ª/ 82º BI Mtz encontra-se a S de nossa posição;

5) Elm da 21ª Bda C Mec encontram-se em contato com o Ini.

2. MISSÃO

a. Defender no corte do rio ALTANEIRO (4108), a frente compreendida entre Corg do ALTO (4008), inclusive e o Corg do VALE (4009), inclusive. Acolher Elm da 21ª Bda C Mec (F Cob) e da 3ª Cia Fuz (PAC) que retraírem em sua Z Aç. Tudo com a finalidade de impedir, em sua Z Aç, o acesso Ini às R De Altu P Cot 363 (3909) - P Cot 366 (3909) e Mo do CURRAL (3910).

3. EXECUÇÃO**a. Conceito da Operação**

1) Manobra

a) A 1ª Cia Fuz RIz uma Def A, no corte do rio ALTANEIRO, na frente compreendida entre o Corg do ALTO (4008), inclusive, e o Corg do VALE (4009), inclusive; com o 1º Pel Fuz a E e com o 2º Pel Fuz a W.

b) Acolherá Elm da 21ª Bda C Mec (F Cob) e da 3ª Cia Fuz que retraírem em

sua Z Aç.

c) Anexo “B” - Clc Op.

2) Fogos

a) Prio F para o 1º Pel Fuz.

b) Distribuição das barragens:

- 1º Pel Fuz: 1 Br N GAC 105

- 2º Pel Fuz: 1 Br N Mrt Me

3) Barreiras

- Anexo “C” - Extrato do Plano de Barreiras.

b. 1º Pel Fuz

c. 2º Pel Fuz

- Retardar na frente compreendida entre o Corg AMARGO (4008), exclusive, e o Corg do VALE, inclusive.

d. Apoio de fogo

1) Pel Ap

a) Seç AC: Aç Cj

b) Seç Mrt Me: Aç Cj

2) An C: Plano de fogos da SU (omitido)

e. Reserva

1) 3º Pel Fuz

- Preparar e ocupar Nu Def à retaguarda do Nu Def do 2º Pel Fuz.

- Preparar Nu Def à retaguarda do Nu Def do 1º Pel Fuz.

- Ficar ECD ocupar Nu Def à retaguarda do Nu Def do 1º Pel Fuz.

- Apoiar pelo fogo os pelotões do LAADA, batendo o intervalo existente entre estes.

f. Prescrições diversas

1) Dispositivo pronto no LAADA em D/1800.

2) Após o dispositivo realizado, os Pel Fuz deverão lançar Pa Lig entre seus Nu Def e promover intenso patrulhamento à frente do LAADA.

3) Os Elm de 1º Esc devem acolher Elm do PAC que retraírem em sua Z Aç.

4) Durante a noite e nos períodos de visibilidade reduzida os pelotões do LAADA devem patrulhar o C Mna para impedir o trabalho da engenharia inimiga.

5) Anexo “E” - Plano de acolhimento

6) Anexo “F” - Q Mvt (omitido)

7) Os Pel Fuz de 1º Esc deverão estabelecer P Vig/PE, no valor de uma esquadra por pelotão.

8) EEI:

- Quando o Ini atuará?

- Qual a natureza e o valor do Ini abordando os PAC?

- Qual a natureza e o valor do Ini abordando o LAADA?

- O Ini emprega carros no Esc Atq?

- Existem civis auxiliando como força adversa?

9) Prio Trab:

- Estabelecimento Pa Rec e Seg.

- Estabelecimento Seg local para os trabalhos.

- Entrada em Pos das armas coletivas e designação dos setores de tiro.

- Designação da LPF.

- Limpeza dos campos de tiro.

- Estabelecimento das ligações fio.
- Construção de abrigos e espaldões.
- Lç de obstáculos e campo de minas.
- Preparação das Pos de muda e suplementar.
- Estabelecimento de medidas de Ct que se fizerem necessárias.

4. LOGÍSTICA

a. Generalidades

1) Organização do apoio

- a) ATE/ 84º BI Mtz desdobrado na R Faz ITALIANA (3207)
- b) ATC/ 84º BI Mtz desdobrado na R Enc W P Cot 601 (3609)

2) Desdobramento do apoio

a) Área de Trens de Subunidade

(1) Localização

- R IGREJA (3807)

(2) Composição

- Área de Manutenção de Viaturas e Armamentos, Posto de Remuniciamento, Refúgio de Feridos, Área de Cozinha e Posto de Distribuição de Suprimentos.

b. Suprimento

1) Classe I

a) Posto de Distribuição de Suprimento Classe I

- Localizado na ATE
- Aberto a partir de D-1/ 1800

2) Classe III

a) Posto de Distribuição de Suprimento Classe III

- Localizado na ATC
- Aberto a partir de D-1/ 1800

3) Classe V

a) Posto de Remuniciamento Avançado

- Localizado na ATC
- Aberto a partir de D-1/ 1800

c. Transporte

1) Circulação e Controle de Trânsito

a) P C Tran Nr

.....

b) Restrições

(1) Linha de Escurecimento Parcial

.....

(2) Linha de Escurecimento Total

.....

(3) Velocidades

.....

(4) Prioridades: Tropa, suprimento e evacuação.

c) Eixo de Suprimento e Evacuação/ 84º BI Mtz: Estrada do LODO (3508).

d. Saúde

1) Posto de Socorro/ 84º BI Mtz

- Localizado na ATC

2) Posto de Refúgio

- Localizado na R Enc W P Cot 623 (3909)

e. Manutenção

1) Prio Mnt

- Armamento leve, armamento pesado e Vtr.

2) Material Salvado e capturado

- Informar a Cia C Ap sobre o material que tenha excedido às possibilidades de evacuação do Btl.

3) Posto de Coleta de Material Salvado e Capturado

- Localizado na ATE

f. Pessoal

1) Controle de efetivos

- Mensagem diária de efetivo (MDE) para o S1 até 1900 horas, com término do período às 1800.

- Deverá ser informado diretamente ao S1 quando a perda de efetivo dos pelotões for superior a 30% .

g. Diversos

5. COMANDO E COMUNICAÇÕES

a. Comunicações

1) Índice das IECOM ELT: 1-1

2) Rádio

a) An _____ - QRR

b) Prescrições Rádio

(1) Silêncio

- Até o contato com o inimigo

(2) Restrito

- Durante as ações dos Postos Avançados de Combate e acolhimento destes.

(3) Livre

- Após o retraimento dos Postos Avançados de Combate.

3) Meios Físicos

a) An _____ - D Cirt

b) Explorar ao máximo antes do Dbc ataque.

c) As Tu Cnst devem ser Ref quando estiverem trabalhando a noite.

4) Mensageiros

a) An _____ - Crt ltn Msg Esc

- b) Os Msg deverão ser duplos, percorrerem ltn diferentes e escoltados quando próximos a Loc e a noite.

- c) As Msg ultra-secretas e secretas e as volumosas que tenham precedência U e UU poderão ser conduzidas por Msg Otz, Mdt solicitação dos Elm responsáveis.

d) Durante a montagem do ataque deverão ser utilizados Msg de Escala.

e) Após o início do Atq deverão ser utilizados Msg especiais.

5) Outros meios

a) Proibido o uso de artifícios pirotécnicos até D/1800.

- b) Liberado a utilização de meios acústicos somente para alarme nas áreas de PC e nos Esc SU e Infr a partir de D/0530.

6) Recursos Locais

- Não está autorizada a utilização.

7) Prescrições Diversas

a) P Obs 1 - P Cot 363 (3909)

- Abertura: D-2/0600

- Fechamento: Mdt O

b) Postos de Comando

- PC 1ª Cia Fuz: R PALHOÇA (3807).

c) Outras Prescrições

- Dispc Com pronto em D/1600.

CI 3.7-100

ANEXO I**EXEMPLO DE MATRIZ DE SINCRONIZAÇÃO**

I.1 A ausência do sistema operacional DAA em nível de Companhia de Fuzileiros (Cia Fuz) de um Batalhão de Infantaria (BI) se deve principalmente à estrutura orgânica, foco de atuação e nível de responsabilidade tática dessa unidade.

I.2 É um documento empregado na visualização e ensaio de todas as ações a serem realizadas antes, durante e após a operação. Esse documento não é padronizado, podendo ser adaptado de acordo com a operação a ser conduzida.

I.3 A matriz de sincronização pode ser utilizada para suplementar o calco de operações e ordens verbais. O preenchimento da planilha não substitui a ordem de operações para o cumprimento da missão.

I.4 O quadro a seguir (próxima folha) apresenta um exemplo de matriz com os principais elementos a serem observados na sincronização de cada sistema operacional. Conforme a operação considerada, alguns elementos podem ser incluídos ou retirados. No preenchimento da matriz deve-se procurar o maior detalhamento possível das ações dentro de cada sistema, a fim de que a sincronização dos mesmos possa ser rigorosamente observada

Fase		Z Reu - P Atq	P Atq - LP	LP - Z Obt	Z Obt - Pos Ass	Assalto	Csld e Reo
INIMIGO	Sistema Operacional	Vig pode Exe F Longinquos	Inicia F Defensivos Aproximados	Desencadeia F no Vau da CASA	Desencadeia F nos C Mna e redes táticas	Desencadeia F Ptg	Riz C Atq Dir BORBOLETA - ALTO
		Em coluna Mvt contínuo P Lib Cia Entr NW PCot 567	Inicia desdobramento Assume Z Aç em 0530h	Cunha invertida Ut Psg 300m S Vau	Ultr Obt	Cunha invertida	Cunha invertida
		Lidera Mvt Ut guias 2º/52º Esqd C Mec	Posiciona-se à Dir. Segue balizamento azul Psg vau.	Dslc à Dir (Atq Pcp)	- Base de fogos e Seg Aprox para Elm E; - Ultr Psg após abertura da trilha na CERCA.	Ass Mvt N Obj (Atq Pcp) em linha	Sector de 9-12
		À Rtg Eng	Posiciona-se à Esq. Segue balizamento amarelo Psg vau	Dslc à Esq	- Base de fogos e Seg Aprox para Elm E; - Ultr Psg após abertura da trilha na VALA.	Ass Mvt S Obj Em linha	Sector de 12-3
Ap F	3º Pel Fuz VENTO	À Rtg Seç Mrt	Aguarda na P Atq até Pel 1º Escatinqiem LP	Reserva (Rtg 1º Pel)	- Manter Pos; - Ap F Psg 1º e 2º Pel.	Reserva (Rtg Cia) Limpeza Obj	Reserva (Rtg Cia) Dst Elm Ev PG e Fer
	Seç AC DADO	À Rtg 2º Pel	Dirige-se para Pos Inicial em Enc W TRIGÊMEAS	Pos Enc W TRIGÊMEAS	Idt e Destr Pos Mtr Ini	Pos Barranco W Rio Destr Mtr Ini	Pos Enc W Mo ALTO Prio Estr SAIBREIRA
	Seç Monteiros DRAGÃO	À Rtg Seç AC	Dirige-se para Pos Inicial em Enc E TRIGÊMEAS	Dsc Con 001 Pos Enc ETRIGÊMEAS	Con 002 e 006 sobre as Pos Mtr e GC Ini de W Mo ALTO	Dsc Con 004	Pos R MATA E Mo ALTO
	OA Art	Junto ao Cmt Cia	Junto ao Cmt Cia	Con AA 1102 (Fum R Vau) após Rio Con AA 1104	Con AA 1106 sobre as Pos Mtr e GC Ini de W Mo ALTO	Con AA 1108	Con AA 1112 ECD BN A 1120 A
MCP	OA Mrt Btl	Junto ao Cmt Cia	Junto ao Cmt Cia	Sol Con AA 1103 (Fum 300m S Vau)	Sol Con AA 1105 (Fum P Obs Ini)	Con AA 1107	Con AA 1111 ECD BE A 1117 A
	Eng em Ap	À Rtg PC	À Rtg 1º Pel	À Rtg 1º Pel	Abrir 01 trilha Prox a CERCA e outra Prox à VALA	Balizar trilhas e cerrar à Rtg Pel Res	Lç Arame Fr 1º Pel, 2º Pel
Logística	ATSU	Na Z Reu até H Atq	200 m E TRIGÊMEAS	200 m E TRIGÊMEAS	200 m E TRIGÊMEAS	200 m E TRIGÊMEAS	300m E MORROALTO
	PC	A Rtg 1º Pel	Ao centro da Cia Fuz	Ao centro da Cia Fuz	Ao centro da Cia Fuz	Ao centro da Cia Fuz	Enc E MORRO ALTO
Comando e Controle	Com	SU: 54.30/40.00 Btl: 12.500/ 16700 Senha: RATO C Senha: AVIAO	---	---	---	Pirotec VERMELHO (Along Fogos)	Pirotec LARANJA (F Prot do Obj)

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Defesa. **Doutrina Militar de Defesa**. MD51-M-04. 2. ed. Brasília, DF: Secretaria de Política, Estratégia e Assuntos Internacionais, 2007.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Diretrizes para organização e Funcionamento do Sistema de Doutrina Militar Combinada- SIDOMC**. MD35-D-02. 1. ed. Brasília, DF: Estado-Maior de Defesa, 2008.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Glossário das Forças Armadas**. MD35-G-01. 5. ed. Brasília, DF: Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas, 2015.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Doutrina de Operações Conjuntas**. MD30-M-01. Vol. 01. 1. ed. Brasília, DF: Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas, 2020.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Doutrina de Operações Conjuntas**. MD30-M-01. Vol. 02. 2. ed. Brasília, DF: Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas, 2020.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Manual de Operações Ribeirinhas**. MD33-M-15. 1. ed. Brasília, DF: Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas, 2020.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Catálogo de Símbolos e Convenções Cartográficas das Forças Armadas**. MD33-C-01. 1. ed. Brasília, DF: Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas, 2021.

BRASIL. Ministério da Defesa. Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas. **Manual de Abreviaturas, Siglas, Símbolos e Convenções Cartográficas das Forças Armadas**. MD33-M-02. 4. ed. Brasília, DF: MD, 2021.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Companhia de Fuzileiros**. C 7-10. 5. ed. Brasília, DF: EME, 1973.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Exercícios para a Infantaria**. C 7-5. 1. ed. Brasília, DF: EME, 1980.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Fortificações de Campanha**. C 5-15. 6. ed. Brasília, DF: EME, 1996.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Operações de Transposição de Cursos de Água**. C 31-60. 2. ed. Brasília, DF: EME, 1996.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **O Batalhão de Infantaria Leve**. IP 7-35. 1. ed. Brasília, DF: EME, 1996.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Emprego das Pequenas Frações do Batalhão de Infantaria Leve**. IP 7-36. 1. ed. Brasília, DF: EME, 1997.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **O Batalhão de Infantaria de Selva**. IP 72-

20. 1. ed. Brasília, DF: EME, 1997.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Comando e Controle**. EB20-MC-10.205. 1. ed. Brasília, DF: EME, 2015.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Fogos**. EB20-MC-10.206. 1. ed. Brasília, DF: EME, 2015.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Inteligência**. EB20-MC-10.207. 1. ed. Brasília, DF: EME, 2015.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Movimento e Manobra**. EB20-MC- 10.203. 1. ed. Brasília, DF: EME, 2015.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Proteção**. EB20-MC-10.208. 1 ed. Brasília, DF: EME, 2015.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Glossário de Termos e Expressões para Uso no Exército**. EB20-MF-03.109. 5. ed. Brasília, DF: EME, 2018.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Comanhia de Comando e Apoio**. C 7-15. 3. ed. Brasília, DF: EME, 2002.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Doutrina Militar Terrestre (DMT)**. EB20-MF-10.102. 3. ed. Brasília, DF: EME, 2022.

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **Conceito Operacional do Exército Brasileiro - Operações de Convergência 2040**. EB20-MF-07.101. 1. Ed. Brasília, DF: EME, 2023.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Movimento e Manobra**. EB20-MC-10.203. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2015.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Defesa Antiaérea**. EB70-MC-10.231. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2017.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Defesa Antiaérea nas Operações**. EB70-MC-10.235. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2017.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Defesa Química, Biológica, Radiológica e Nuclear nas Operações nas Operações**. EB70-MC-10.234. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2017.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Operações Aeromóveis**. EB70-MC-10.218. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2017.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Operações Ofensivas e Defensivas**. EB70-MC-10.346. 3. ed. Brasília, DF: COTER, 2017.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Planejamento e Coordenação**

de Fogos. EB70-MC-10.202. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2017.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **A Cavalaria nas Operações.** EB70-MC-10.222. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2018.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **A Infantaria nas Operações.** EB70-MC-10.228. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2018.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Operação em Área Edificada.** EB70-MC-10.303. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2018.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **A Logística nas Operações.** EB70-MC-10.216. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2019.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Artilharia de Campanha nas Operações.** EB70-MC-10.224. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2019.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Batalhão de Infantaria Mecanizado.** EB70-MC-10.306. Edição experimental. Brasília, DF: COTER, 2019.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Brigada de Cavalaria Mecanizada.** EB70-MC-10.309. 3. ed. Brasília, DF: COTER, 2019.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Marchas a Pé.** EB70-MC-10.304. 3. ed. Brasília, DF: COTER, 2019.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Operações de Informações.** EB70-MC-10.213. 2. ed. Brasília, DF: COTER, 2019.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **A Guerra Eletrônica nas Operações.** EB70-MC-10.247. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2020.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **As Comunicações nas Operações.** EB70-MC-10.246. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2020.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Forças-Tarefas Blindadas.** EB70-MC-10.355. 4. ed. Brasília, DF: COTER, 2020.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Regimento de Cavalaria Mecanizado.** EB70-MC-10.354. 3. Ed. Brasília, DF: COTER, 2020.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Forças-Tarefas Subunidades Blindadas.** EB70-MC-10.376. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2021.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Brigada de Infantaria de Montanha.** EB70-MC-10.324. Edição experimental. Brasília, DF: COTER, 2022.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Companhia de Fuzileiros de Selva.** EB70-CI-11.472. Edição experimental. Brasília, DF: COTER, 2022.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Logística Militar Terrestre**. EB70-MC-10.238. 2. Ed. Brasília, DF: COTER, 2022.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Subunidade Anticarro**. EB70-MC-10.323. Edição experimental. Brasília, DF: COTER, 2022.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Batalhões de Infantaria**. EB70-MC-335. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2023.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Brigadas de Infantaria**. EB70-MC-10.334. 1.ed. Brasília: COTER, 2023.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Brigadas de Infantaria de Selva**. EB70-MC-10.350. 1.ed. Brasília: COTER, 2023.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Operações na Selva**. EB70-MC-10.210. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2023.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Operações**. MC 3.0. 6. ed. Brasília, DF: COTER, 2025.

BRASIL. Exército. Departamento de Educação E Cultura do Exército. **Dados Médios de Planejamento Escolar**. EB60-ME-11.401. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: DECEX, 2017.

COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES

Brasília, DF, 17 de outubro de 2025

<https://portaldopreparo.eb.mil.br>

